

Christiane Maria Nunes de Souza

**A ALTERNÂNCIA ENTRE *TU* E *VOCÊ* NA
CORRESPONDÊNCIA DE FLORIANOPOLITANOS ILUSTRES
NO DECORRER DE UM SÉCULO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Izete
Lehmkuhl Coelho
Coorientadora: Profa. Dra. Célia
Regina dos Santos Lopes

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Nunes de Souza, Christiane Maria

A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século / Christiane Maria Nunes de Souza ; orientador, Izete Lehmkuhl Coelho, coorientador, Célia Regina dos Santos Lopes, 2015.

210 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2015.

Inclui referências.

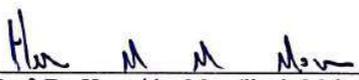
1. Linguística. 2. Sociolinguística Histórica. 3. Pronomes de segunda pessoa do singular. 4. Cartas pessoais. I. Coelho, Izete Lehmkuhl. II. Lopes, Célia Regina dos Santos. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

Christiane Maria Nunes de Souza

**A ALTERNÂNCIA ENTRE TU E VOCÊ NA CORRESPONDÊNCIA
DE FLORIANOPOLITANOS ILUSTRES NO DECORRER DE UM SÉCULO**

Esta tese foi julgada adequada para obtenção do Título de Doutora em Linguística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 15 de setembro de 2015

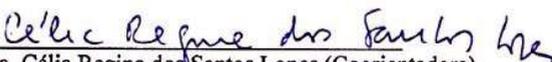


Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso

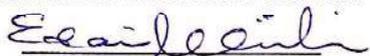
Banca examinadora:



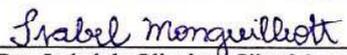
Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho (Orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina



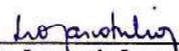
Prof. Dra. Célia Regina dos Santos Lopes (Coorientadora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro



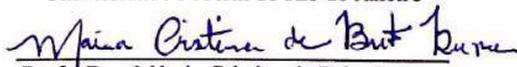
Prof. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina



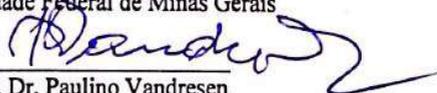
Prof. Dra. Isabel de Oliveira e Silva Monguillott
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Leonardo Lennertz Marcotulio
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu
Universidade Federal de Minas Gerais



Prof. Dr. Paulino Vandresen
Universidade Católica de Pelotas

A Lili e Luizão,
Meus informantes preferidos
Dedico.

AGRADECIMENTOS

À Izete, orientadora e diva, por todo incentivo, por todas as oportunidades, por todo puxão de orelha, pelo ombro amigo, pelo exemplo, pela parceria nos últimos dez anos, pela incansável paciência e disposição para me receber em sua casa (do café da manhã até o vinho da noite) nos últimos dias que precederam a entrega desta tese

À Célia, pela atenciosa orientação no período de Doutorado-Sanduiche, pelas indicações que mudaram totalmente o meu olhar sobre a tese, pelos almoços e pelas caronas

À Eda, pelo diálogo, pelas críticas construtivas, pela sempre pronta ajuda, pela leitura atenta, pelas risadas bem gostosas (adorei milhões!)

Aos professores Leonardo Lennertz Marcotulio, Edair Maria Görski e Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, que, na ocasião da defesa do projeto desta tese, me abriram os olhos para problemas da pesquisa (e me fecharam os olhos para outros)

Ao Leonardo Marcotulio e ao Tiago Oliveira, que também orientaram meus estudos no Rio de Janeiro e me receberam com muito carinho e atenção na UFRJ

Aos professores da Pós-graduação em Linguística da UFSC, em especial a Heronides Moura, Adair Bonini e Izabel Seara, pela compreensão em momentos críticos do caminho percorrido ao longo do doutorado

Ao grupo de pesquisadores do VARSUL-SC e do PHPB-SC, pela cessão das amostras de cartas

À Zilma Gesser Nunes, pela ajuda na busca por material biográfico sobre os florianopolitanos ilustres cuja correspondência é analisada nesta tese

À Érica Zibetti, pela ajuda na captação de material

À Janéth, que, mesmo sendo uma canceriana apegada, cedeu suas cartas ao PHPB-SC

Ao Toninho, que, junto com a Izete, me recebeu em sua casa tantas vezes, especialmente na reta final da escrita da tese

À família VARSUL: Adriana, Ciça, Érica, Fabrícia, Fernanda, Gabi, Letícia, Ju, Pati, Sueli, Tati e Wagner, pela convivência ao longo desses anos, pelos cafés, pelas festas juninas e não juninas, pela amizade

Aos amigos dentro e fora da academia: Carla Valle, Diego Vogt, Juliana Fermino e Lucas Lacerda, que tornaram o doutorado um tempo-espço mais leve

À Carol, ao Luiz e ao Borges, que me acolheram em sua casa durante o período de Doutorado-Sanduiche no Rio, pela atenção, pela paciência, pelo carinho, pelo sofá-cama

Ao Pedro e ao Chico, que, nos últimos meses do doutorado, receberam a mim e ao Becha muito generosamente em sua casa

Ao Menan, companheiro e trocador de ideias, pela inspiração, pelo amor

À Raquel, pela parceria para além da academia, pela companhia nos estudos, pelas viagens, pela troca, por coisas que eu não conseguiria explicar nem com um emoticon aleatório, nem com uma vinheta, mas talvez com um rastro de purpurina

Ao Becha, meu *doutor honoris causa*, que me acompanha aonde vou

À minha família querida: Eliana, Luiz Carlos, Andréa, Christian, Luiz, Camila, Maria, Gabriel, Iara e Aninha, que até hoje podem não ter compreendido exatamente o que faço, mas fazem o possível para aceitar com relativa normalidade o fato de eu estar há dez anos na universidade e ter precisado me ausentar inúmeras vezes

Agradeço.

Prólogo: Pronomes, uma causa pessoal

Na ocasião da qualificação do projeto desta tese, me foi solicitado que escrevesse ao leitor as motivações pessoais para a escolha do objeto de minha pesquisa, os pronomes de segunda pessoa.

Me vi entre a cruz e a caldeirinha, como escreveu um famoso português, porque já assisti a algumas defesas e, na maioria delas, duas situações se repetiram com certa frequência: quando não havia uma justificativa pessoal quanto à escolha do tema, a banca pedia para que se trouxesse essa informação; e quando havia, a banca pedia para retirar, por aquilo ser *pessoal demais* para uma tese.

A Izete (que aqui vou chamar só de Izete, porque isso aqui é pessoal) me disse que o caminho era encontrar o equilíbrio, não ser muito objetiva e nem muito melodramática. Me recomendou, também, que fizesse a tal justificativa pessoal na Introdução da tese.

Eu costumo escrever em terceira pessoa (a não pessoa, segundo Benveniste), uma estratégia impessoal (portanto!), e acrescentar à Introdução um trecho muito pessoal não seria condizente com meu estilo. Em dez anos de iniciação científica, estágios, mestrado e doutorado, me familiarizei com regras mais ou menos explícitas de escrita acadêmica que acabaram se refletindo no meu gosto pela impessoalidade, de modo que já não me sinto à vontade escrevendo em primeira pessoa – a menos que seja a do plural, porque assim me diluo entre autora e leitora, no mínimo. Mas também acredito que a ciência, ou, melhor dizendo, a academia, está precisando de um pouco de sentimento, e por essas e outras escrevi este prólogo – aviso aos navegantes: a parte mais pessoal de uma tese sobre pronomes pessoais.

Quando entrei no mestrado na UFSC, em 2009, tinha um projeto sobre gerundismo. Izete, por uma série de razões, me sugeriu que trabalhasse com formas de tratamento, um filão pouco explorado em Santa Catarina. Reticente, pra não dizer cética, comecei a ler sobre o tema para ver se me reconhecia nele.

“Reconhecer” foi pouco. Vi nesse objeto o vínculo que havia se perdido entre mim e minha língua, entre mim e minha terra, entre mim e minhas raízes, e mesmo entre mim e minha família. Passei, começando pelo pronome *tu*, a identificar cada vez mais traços de manezisse na fala dos que me rodeiam, e de alguma forma isso me fez os amar mais.

Como boa mané que tornei a ser, me recusei a usar o pronome *você*, em defesa da minha identidade. Passei por poucas e boas por “não ter o que usar”, numa extensão da famosa metáfora entre a língua e a moda que usamos quando queremos explicar questões de adequação linguística.

Como linguista que estou me tornando, entretanto, e sobretudo como sociolinguista, me proponho a descrever a língua como ela é, a despeito de preferir um pronome a outro. E, como linguista, não posso ter alegria maior do que ver e documentar a língua mudando. Entre essas mudanças, está a chegada do pronome *você* a Florianópolis.

Esta tese sobre pronomes pessoais é, afinal, um exercício. Nela, encaro a tarefa de contrapor a tradição à inovação, deixando de lado, na medida do possível, questões pessoais.

Novamente, entre a cruz e a caldeirinha.

RESUMO

O objetivo principal desta tese, orientada pelos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1982), é descrever a alternância entre os pronomes *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos em 149 cartas de florianopolitanos ilustres datadas de fins do século XIX a fins do século XX. De modo complementar, são analisadas 17 cartas assinadas por florianopolitanas não ilustres produzidas na década de 1960 e 22 cartas de missivistas lageanos não ilustres produzidas entre as décadas de 1950 e 1980, a fim de discutir a representatividade da escrita epistolar de ilustres. Considerando-se o universo dessas amostras, observam-se as seguintes tendências: (i) no século XIX, o uso de *tu* é categórico, e no século XX, há variação entre *tu* e *você*, e essa distribuição parece mostrar alguma relação com a sócio-história da cidade de Florianópolis; (ii) o pronome *tu* é majoritariamente associado a sujeitos nulos, enquanto o pronome *você* é majoritariamente associado a sujeitos plenos; (iii) na correlação entre sujeito e complementos verbais, em cartas de sujeito categoricamente realizado por *tu*, os complementos verbais são, predominantemente, formas pronominais associadas a *tu*, em cartas de sujeito categoricamente realizado por *você*, os complementos verbais são, predominantemente, formas pronominais associadas a *você*, e em cartas de sujeito misto, os complementos são realizados de acordo com as preferências gerais observadas em cada amostra; (iv) há preponderância do uso do clítico *te* como complemento acusativo no século XIX, enquanto no século XX, o clítico passa a competir, sobretudo, com os clíticos *o/a* e com a forma *você*; (v) no século XIX, o complemento dativo é realizado majoritariamente por *te*, ao passo que, no século XX, as variantes *lhe* e *zero* são também bastante produtivas; (vi) o complemento verbal oblíquo é realizado basicamente pela forma *zero* e por sintagmas preposicionados de *tu* no século XIX, e no século XX, é também realizado por *zero*, além de sintagmas preposicionados de *você*; (vii) o uso de *tu* parece estar relacionado a cartas de teor mais pessoal, ao passo que o uso de *você* parece estar relacionado a cartas de teor mais profissional; e (viii) há preferência pelo uso de *tu* em Florianópolis e de *você* em Lages na escrita epistolar da segunda metade do século XX, o que pode ser explicado pelo fator ‘colonização’. Tais resultados são discutidos teoricamente à luz dos problemas de transição e de encaixamento, e são explorados, também, problemas que se colocam ao pesquisador que investiga a língua em uma perspectiva diacrônica (Cf. CONDE SILVESTRE, 2007). Acredita-se que os resultados evidenciados neste estudo possam contribuir para a descrição do uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no português escrito no Brasil e, mais especificamente, em Santa Catarina.

Palavras-chave: Pronomes de segunda pessoa do singular. Cartas pessoais. Florianópolis. Diacronia. Sociolinguística.

ABSTRACT

Based on the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1982), this study aims to describe the alternation between *tu* and *você* as subject pronoun and as accusative, dative and oblique verbal complements in 149 personal letters written by famous people from Florianópolis from the last decades of the 19th century to the last decades of the 20th century. In addition, in order to discuss the representativeness of these samples, 17 personal letters written by non famous people from Florianópolis in the 1960's and 22 personal letters written by non famous people from Lages throughout the second half of the 20th century were analyzed. Considering the five samples examined in this study, some tendencies may be signalized: (i) in the 19th century *tu* is largely used, while in the 20th century variation between *tu* and *você* is observed, and it seems that this change is somehow related to the social history of Florianópolis; (ii) *tu* is mostly correlated to null subjects, and *você* is mostly correlated to explicit subjects; (iii) letters with categorical subject *tu* show pronouns related to *tu* as verbal complements mostly, letters with categorical subject *você* show pronouns related to *você* as verbal complements mostly, and letters with "mixed" subject show complements related to both pronouns depending on the general tendencies observed in each sample; (iv) as accusative complement, *te* is the only variant in the 19th century, while in the 20th century variation among *te*, *o/a* and *você* is noted; (v) as dative complement, in the 19th *te* was the most productive form, and in the 20th *lhe* and *zero* are also productive; (vi) as oblique complements, in the 19th there were *zero* and *prepositional syntagma related to tu*, and in the 20th century besides those forms there are also *zero* and *prepositional syntagma related to você*; (v) *tu* seems to be associated to personal issues and *você* seems to be associated to professional issues; (vi) in Lages *você* is the most productive pronoun, while in Florianópolis *tu* is the most productive pronoun, and it seems that these preferences have some relation to the colonization of these cities. These results are discussed based on the transition and embedding problem on problems faced by researchers who investigated language use in a diachronic perspective (CONDE SILVESTRE, 2007), and may contribute to the second person singular pronouns description concerning written Portuguese in Brazil and in Santa Catarina specifically.

Keywords: Second person singular pronouns. Personal letters. Florianópolis. Diachrony. Sociolinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Padrão de hipercorreção da classe média.....	57
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variação estilística e social da realização de (r) na fala de Nova Iorque.....	56
Gráfico 2 – Distribuição das formas pronominais de P2 por período na Amostra Maura de Senna	152
Gráfico 3 – Distribuição de formas pronominais associadas a tu e formas pronominais associadas a você nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus em função da temática	168
Gráfico 4 – Complementos verbais de P2 em função do sujeito da carta nas Amostras Maura de Senna (MS) e Harry Laus (HL)	169
Gráfico 5 – Distribuição de sujeitos nulos e plenos nas três amostras de cartas de florianopolitanos ilustres	170

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Distribuição das variantes tu e você no Brasil, segundo Scherre et al. (2009)	92
Mapa 2 – Localização das cidades de Florianópolis e Lages	181

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Preocupações metodológicas em estudos sincrônicos e diacrônicos	51
Quadro 2 – Seis subsistemas brasileiros relativos à alternância pronominal de P2 como sujeito e à frequência de concordância verbal com o pronome tu, com base em Scherre et al. (2009) e Lopes e Cavalcante (2011)	93
Quadro 3 – Três subsistemas brasileiros relativos à alternância pronominal de P2 na posição de sujeito, com base em Scherre et al. (2009)	99
Quadro 4 – Controle das partes das cartas	132

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População da Ilha de Santa Catarina, por freguesias, segundo a condição jurídica e sexo (1810)	64
Tabela 2 – Distribuição dos pronomes de P2 e da concordância verbal com <i>tu</i> nas cidades de Florianópolis e Lages, conforme Oliveira (2004).....	98
Tabela 3 – Frequência do pronome <i>tu</i> em relação a <i>você</i> em Florianópolis, no Ribeirão da Ilha e em Lages, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘sexo’ e ‘localidade’, de acordo com Loregian-Penkal (2004).....	102
Tabela 4 – Frequência do pronome <i>tu</i> em relação a <i>você</i> em Florianópolis, no Ribeirão da Ilha e em Lages, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘localidade’, de acordo com Loregian-Penkal (2004).....	103
Tabela 5 – Ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> em cartas escritas por Carlos Aguiar a Rui Barbosa, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Lopes e Marcotulio (2011).....	107
Tabela 6 – Ocorrências de formas associadas a <i>tu</i> em cartas da família Pedreira Ferraz-Castro Magalhães entre 1877 e 1948, segundo a variável ‘combinação de formas’ ou ‘paralelismo discursivo’, de acordo com Rumeu (2008).....	109
Tabela 7 – Ocorrências de formas associadas a <i>tu</i> em cartas da família Pedreira Ferraz-Castro Magalhães entre 1877 e 1948, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Rumeu (2008).....	109
Tabela 8 – Ocorrências de formas associadas a <i>tu</i> em 13 bilhetes amorosos cariocas de 1908, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011).....	113
Tabela 9 – Ocorrências de formas associadas a <i>você</i> em 146 cartas norte-rio-grandenses do século XX, segundo a variável ‘contexto morfossintático, de acordo com Moura (2013).....	114
Tabela 10 – Ocorrências de formas associadas a <i>você</i> em 146 cartas norte-rio-grandenses do século XX, segundo a variável ‘formas verbo-pronominais antecedentes ao dado coletado’, de acordo com Moura (2013).....	115
Tabela 11 – Pronomes encontrados na posição de sujeito (nulos e plenos) em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX, divididas por década.....	116

Tabela 12 – Formas variantes em função de complemento verbal ocorridas com sujeitos <i>tu</i> e <i>você</i> em cartas pessoais catarinenses do século XX.....	117
Tabela 13 – Ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> (sujeito) em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, segundo a variável ‘século’, de acordo com Coelho e Görski (2011).....	119
Tabela 14 – Ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> (sujeito) em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘século’ e ‘relações entre os interlocutores’, de acordo com Coelho e Görski (2011).....	120
Tabela 15 – Ocorrências de <i>tu</i> e <i>você</i> em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘século’ e ‘preenchimento do sujeito’, de acordo com Coelho e Görski (2011).....	120
Tabela 16 – Distribuição das formas pronominais de P2 na Amostra Cruz e Sousa.....	134
Tabela 17 – Formas pronominais de P2 na Amostra Maura de Senna.....	143
Tabela 18 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Maura de Senna.....	143
Tabela 19 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Maura de Senna.....	145
Tabela 20 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 na Amostra Maura de Senna.....	146
Tabela 21 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Maura de Senna.....	147
Tabela 22 – Distribuição do clítico <i>te</i> na correlação com o sujeito pronominal de P2 na Amostra Maura de Senna.....	149
Tabela 23 – Correlação entre sujeito e complemento verbal oblíquo de P2 na Amostra Maura de Senna.....	149
Tabela 24 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Maura de Senna.....	150
Tabela 25 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a parte da carta em que se encontram as ocorrências na Amostra Maura de Senna.....	151
Tabela 26 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o destinatário das cartas na Amostra Maura de Senna.....	151
Tabela 27 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o cruzamento entre ‘período’ e ‘destinatário’.....	153
Tabela 28 – Distribuição das formas pronominais de P2 na Amostra Harry Laus.....	157

Tabela 29 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Harry Laus.....	158
Tabela 30 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Harry Laus.....	159
Tabela 31 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Harry Laus.....	160
Tabela 32 – Distribuição do clítico <i>te</i> na correlação com o sujeito pronominal de P2 na Amostra Harry Laus.....	161
Tabela 33 – Correlação entre sujeito e complemento verbal oblíquo de P2 na Amostra Harry Laus.....	162
Tabela 34 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Harry Laus.....	163
Tabela 35 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a parte da carta em que se encontram as ocorrências na Amostra Harry Laus.....	164
Tabela 36 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Vale/FLN.....	172
Tabela 37 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Vale/FLN.....	173
Tabela 38 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 na Amostra Vale/FLN.....	175
Tabela 39 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Vale/FLN.....	176
Tabela 40 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Vale/FLN.....	176
Tabela 41 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com as remetentes da Amostra Vale/FLN.....	177
Tabela 42 – Sujeitos pronominais de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	184
Tabela 43 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	185
Tabela 44 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	185
Tabela 45 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	186
Tabela 46 – Distribuição das formas pronominais de P2 por período nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	187
Tabela 47 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o remetente das cartas nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.....	187

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PB – Português Brasileiro
PE – Português Europeu
P2 – Pronomes de segunda pessoa do singular
P5 – Pronomes de segunda pessoa do plural
TVM – Teoria da Variação e Mudança
WLH – Weinreich, Labov e Herzog

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
1 PRESSUPOSTOS DE ANÁLISE.....	31
1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	32
1.1.1 Problemas empíricos	34
1.1.2 Outros problemas: os desafios de se conduzir um estudo diacrônico.....	44
1.2 O TEMPO E O ESPAÇO: DA DESTERRO DE CRUZ E SOUSA À FLORIANÓPOLIS DE HARRY LAUS.....	60
2 CATEGORIAS EM JOGO: SUJEITO E COMPLEMENTOS VERBAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR.....	81
2.1 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS INVESTIGADAS	81
2.2 UM PANORAMA DE ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO ENTRE TU E VOCÊ.....	90
2.2.1 Estudos sobre a variação entre tu e você na atualidade.....	91
2.2.1 Estudos sobre a variação entre tu e você na diacronia e em sincronias passadas.....	106
2.3 OBJETIVOS E HIPÓTESES	123
3 A ALTERNÂNCIA ENTRE TU E VOCÊ EM CARTAS DE FLORIANOPOLITANOS ILUSTRES.....	129
3.1 AMOSTRA CRUZ E SOUSA.....	129
3.1.1 Caracterização da Amostra Cruz e Sousa.....	129
3.1.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Cruz e Sousa	133
3.2 AMOSTRA MAURA DE SENNA.....	139
3.2.1 Caracterização da Amostra Maura de Senna.....	139
3.2.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Maura de Senna	142
3.3 AMOSTRA HARRY LAUS.....	155

3.3.1 Caracterização da Amostra Harry Laus.....	155
3.3.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Harry Laus...157	
4 O QUE FAZER COM ESSES NÚMEROS.....	167
4.1 UM BALANÇO DAS TRÊS AMOSTRAS DE CARTAS DE ILUSTRES.....	167
4.2 CONTRAPONTO 1: AMOSTRA VALE/FLN	171
4.3 CONTRAPONTO 2: AMOSTRAS DE SENA-MEDEIROS/LGS	179
4.3.1 Uma nota sobre a sócio-história de Lages.....	179
4.3.2 As Amostras de Sena-Medeiros/LGS	182
4.4 REVENDO PROBLEMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	195
REFERÊNCIAS.....	199

INTRODUÇÃO

A comunicação, habilidade fundamental para a evolução da humanidade e ferramenta de (sobre)vivência diária no mundo, é um ato primário do ser humano que envolve, ao menos, dois exemplares da espécie: um falante e um ouvinte. Evidentemente, a classificação dos envolvidos nesse ato não é simples; falante e ouvinte não se alternam mecanicamente e tampouco constituem categorias estanques, uma vez que o falante também ouve e o ouvinte também fala, revezando-se nas funções de falar e ouvir. No Brasil, em se tratando de língua portuguesa, o ouvinte atende por dois pronomes: *tu* e *você*. Os brasileiros podem usar uma das duas formas categoricamente ou ambas, selecionando-as em virtude de determinados critérios, como a familiaridade do falante com o ouvinte ou a região de origem do falante, mas não há brasileiro cuja língua nativa seja o português que seja chamado de *tu* ou de *você* que não compreenda que se trata do ouvinte, a segunda pessoa do discurso, portanto.

Esse é um sinal de que estamos diante de um caso de *variação linguística*. E observando o quadro de pronomes do português brasileiro (PB) em um ângulo apenas um pouco mais alargado, podemos dizer que o que vemos se operar no paradigma pronominal é uma *mudança* – *eu, tu, ele, nós, vós, eles*, verso que recitamos ainda hoje sob a perspectiva de uma gramática de, pelo menos, cem anos atrás, serve tão somente, se é que serve, para responder à prova de português na escola. Na vida real, somos proficientes em uma gramática (ou em mais de uma, a depender da abordagem teórica) que comporta dois pronomes para a segunda pessoa do singular na categoria morfossintática de sujeito, sem contar outras formas de tratamento – rótulo por trás do qual ainda encontramos, em determinados compêndios gramaticais, o pronome *você* – que também podem ser invocadas nesse contexto. Essa não é a única ressalva a se fazer ao *eu, tu, ele, nós, vós, eles*: há ainda a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* como primeira pessoa do plural e o uso bastante limitado do pronome *vós*, já praticamente substituído por *vocês*, como segunda pessoa do plural. E isso porque estamos considerando somente a categoria de sujeito.

A despeito da complexidade desses processos, o objeto de análise desta tese é, no entanto, apenas um recorte das mudanças operadas no paradigma pronominal do português, mais especificamente, do português escrito na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, ao longo de um pouco mais de cem anos. O objetivo central desta pesquisa é descrever a alternância entre os pronomes *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas

de sujeito, complemento verbal acusativo, complemento verbal dativo e complemento verbal oblíquo em 149 cartas pessoais de florianopolitanos ilustres¹ escritas entre fins do século XIX e fins do século XX. As missivas estão divididas em três conjuntos: a Amostra Cruz e Sousa, que abarca 20 cartas, escritas pelo poeta a sua noiva, Gavita, bem como por Araújo Figueiredo e Virgílio Várzea (ambos também escritores atuantes no cenário artístico e político de Desterro/Florianópolis²) a Cruz e Sousa, entre os anos de 1882 e 1897; a Amostra Maura de Senna, formada por 93 cartas enviadas pela escritora a colegas também escritores entre os anos de 1932 e 1990; e a Amostra Harry Laus, constituída por 36 cartas remetidas pelo escritor a sua tradutora e amiga, Claire Cayron, entre os anos de 1984 e 1992. As amostras, caracterizadas nas Subseções 3.1.1, 3.2.1 e 3.3.1., pertencem ao banco de dados do Projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC), uma vertente estadual do Projeto PHPB, que, em âmbito nacional, busca coletar, editar e catalogar materiais referentes a gêneros textuais diversos, como cartas pessoais, cartas ao redator, peças teatrais, anúncios de jornais etc., a fim de documentar a história do português escrito no Brasil³.

Dadas as categorias morfossintáticas em análise, o exame aqui proposto vai além das formas *tu* e *você* propriamente e se estende para aquelas que optamos por denominar *formas associadas a tu* e *formas associadas a você*, a saber: *te*, *ti*, *para ti*, *a ti* e outros sintagmas preposicionados de *tu* (associadas a *tu*), e *ola* (com suas variações *lolla*, *no/na*), *lhe*, *se*, *para você*, *a você* e outros sintagmas preposicionados de *você* (associadas a *você*), com o acréscimo do chamado *pronomeforma zero*, que pode aparecer como forma associada tanto a *tu* quanto a *você*. A seguir, são apresentados dados extraídos das amostras analisadas. Observe-se que as variantes não são elencadas, neste momento, à exaustão; são priorizadas, aqui, as categorias morfossintáticas em que

1 Ao longo de todo o texto, incluindo o título, o termo “ilustre” – já abonado entre estudos de perspectiva diacrônica – designa pessoas que tiveram uma vida pública reconhecida, sem considerar que elas sejam, de alguma forma, superiores a qualquer outra parcela da população. Interessante notar que, em se tratando de pesquisas diacrônicas, os materiais mais facilmente encontrados na fase de coleta são justamente aqueles que dizem respeito a figuras ilustres, uma vez que museus e institutos, comumente, preocupam-se em guardar um acervo organizado de material relacionado a pessoas públicas.

2 Desterro era o nome oficial de Florianópolis até o ano de 1894. As circunstâncias em que ocorreu o novo batismo da cidade são delineadas na Seção 1.2.

3 Mais informações sobre o Projeto PHPB nacional podem ser encontradas no endereço <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>. Acerca do PHPB-SC, podem-se obter informações na página do projeto estadual, <<http://www.varsul.org.br/?modulo=secao&id=3>>, vinculada ao endereço do núcleo de pesquisas Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), <<http://www.varsul.org.br/>>.

aparecem os pronomes a serem investigados. Cada amostra, examinada separadamente, irá revelar determinadas variantes em detrimento de outras. A distribuição das formas pronominais que concorrem pela expressão das categorias morfossintáticas em análise é apresentada no decorrer do Capítulo 2.

Nos trechos (1) e (2), a seguir, é posta em destaque a categoria morfossintática de sujeito.

(1) *Quanto mais te vejo mais te desejo ver, olhar muito, reparar bem no teu rosto, nos teus modos, nos teus movimentos, nas tuas palavras, nos teus olhos, e na tua voz, para sentir bem se tú és firme, fiél, se Ø me tens verdadeira estima, verdadeira amizade bem do fundo do teu coração virgem, bem do fundo do teu sangue.* (Cruz e Sousa, 1892)

(2) *Ø Deve lembrar-se de meu ingresso na Federação das Academias de Letras quando você presidia a Catarinense. Daquele discurso meu, publicado no suplemento literário de “Jornal do Comércio” e que você transcreveu em “O Estado”. Mas o ambiente da Federação nunca me agradou (como desagradara a Othon d’Eça quando lá estive) e cheguei a conclusão de que a principal causa era uma permanente liderança errada.* (Maura de Senna, 1971)

A categoria morfossintática de complemento verbal acusativo é destacada nos excertos (3) e (4).

(3) *Mandar-te o livro desde já não quer dizer que te apresso: é que tenho agora muito tempo disponível, ainda sem disposição para mergulhar numa história que me perturba desde o ano passado.* (Harry Laus, 1987)

(4) *Lembro-me de que, na ocasião o felicitei pela sua fotogenia e acusando o recebimento de sua carta, comuniquei que não viera o recorte de uma nota que escrevi sôbre o inesquecível Othon d’Eça e que você gentilmente transcreveu em “O Estado”.* (Maura de Senna, 1960)

As formas em destaque nos trechos (5) e (6) correspondem à categoria morfossintática de complemento verbal dativo.

(5) *Minha estremecida Vivi. A’hora em que te escrêvo tenho diante de mim o teu retrato, que trago sempre comigo, que é o meu melhor companheiro e amigo.* (Cruz e Sousa, 1892)

(6) *Caríssimo Nereu Corrêa, Não queria escrever-lhe sem enviar Ø o recorte do meu discurso no suplemento do “Jornal do Comércio” e eis*

que você já o leu e, sobre ele, me envia louvores que tanto me envaideceu.
(Maura de Senna, 1960)

Por fim, a categoria de complemento verbal oblíquo é destacada nos excertos (7) e (8).

(7) *A todas as horas o meu pensamento vôa para onde tu estás, vejo-te sempre, sempre e nunca me esqueço **de ti** em toda a parte onde estou.*
(Cruz e Sousa, 189-)

(8) *Gostaria muito de conversar **com você** na sua próxima visita ao Rio. Será mesmo em princípios de maio?* (Maura de Senna, 1967)

A descrição da variação entre *tu* e *você* nessas categorias não seria possível se se considerasse a língua como uma entidade estanque, imutável. A análise proposta parte, assim, da perspectiva da Teoria da Variação e Mudança – TVM – (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1972, 1982, 1994, 2001, 2010), que concebe a língua como um sistema organizado e dotado de heterogeneidade. Não se está sugerindo, no entanto, que essa seja uma teoria pronta e acabada: objetiva-se, além de identificar a pesquisa como enquadrada epistemologicamente na teoria fundada por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, também “retroalimentar” a TVM com os resultados encontrados, sobretudo no que diz respeito aos problemas de *transição* e de *encaixamento* – problemas elencados pelos autores no texto fundador de 1968 e desenvolvidos e reformulados até os dias de hoje – e a questões relacionadas a dificuldades encontradas por pesquisadores que se dedicam a estudar a língua em uso, em diferentes épocas, sob o enfoque diacrônico – considerando-se, sobretudo, os desafios apontados por Conde Silvestre (2007).

O texto está organizado para que o leitor possa, linearmente, acompanhar o desenvolvimento desta pesquisa. No Capítulo 1, são evidenciados os pressupostos de análise, sem os quais a descrição apresentada nos capítulos mais adiante perde parte de seu sentido. O primeiro capítulo abarca a teoria que norteia o estudo proposto, já referida, bem como o tempo e o espaço em que foram produzidas as cartas investigadas – a Desterro/Florianópolis dos séculos XIX e XX. No capítulo seguinte, o objeto de estudo é delineado, através da exposição de determinadas características das categorias morfossintáticas de sujeitos e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos de segunda pessoa do singular, e da retomada de estudos cujos autores já se preocuparam em investigar tal objeto. Os resultados desses estudos

orientam as hipóteses de pesquisa, que aparecem ao fim do Capítulo 2, acompanhando os objetivos geral e específicos da análise. O terceiro capítulo, por sua vez, traz a análise propriamente dita. Em cada uma de suas três seções, uma amostra é caracterizada e são relatados os aspectos que puderam ser sistematicamente controlados no exame do respectivo conjunto de cartas para, em seguida, proceder à análise da distribuição das formas de segunda pessoa do singular nas já mencionadas categorias morfossintáticas em cada uma das três amostras de cartas pessoais de florianopolitanos ilustres.

O quarto e último capítulo é guiado pela preocupação em se relativizarem os resultados obtidos nas análises conduzidas no Capítulo 3. Inicia-se com um balanço geral dos resultados encontrados no total dos três conjuntos de cartas de ilustres. São, em seguida, apresentadas duas breves análises complementares cujo objetivo é problematizar a questão da *representatividade* das três primeiras amostras de cartas e dos resultados que elas desvelam no que diz respeito à expressão pronominal da segunda pessoa do singular. A primeira dessas análises privilegia a escrita epistolar de florianopolitanas não ilustres na década de 1960. A segunda análise complementar diz respeito a amostras de cartas pessoais de lageanos⁴ não ilustres situadas em diferentes décadas da segunda metade do século XX. Procura-se, assim, problematizar tanto a noção de que a escrita epistolar de ilustres florianopolitanos *representa* a escrita epistolar de Florianópolis quanto a noção de que a escrita epistolar de Florianópolis *representa* a escrita epistolar do estado de Santa Catarina. Ainda dentro do quarto capítulo, busca-se questionar como os resultados obtidos no total das análises realizadas, considerando-se a análise central e as análises complementares, podem ser interpretados à luz dos problemas de transição e de encaixamento, e em que medida a pesquisa realizada evidencia as dificuldades encontradas na condução de um estudo sociolinguístico no âmbito da diacronia. Por fim, são tecidas considerações acerca dos resultados, das limitações e dos possíveis desdobramentos desta pesquisa.

4 O termo *lageano* designa a pessoa nascida na localidade de Lages, cidade situada no planalto serrano do estado de Santa Catarina.

1 PRESSUPOSTOS DE ANÁLISE

As primeiras seções desta pesquisa apresentam informações fundamentais para que o leitor acompanhe a análise desenvolvida a seguir. O ponto de partida, introduzido na Seção 1.1, é a Teoria da Variação e Mudança (TVM), erguida sobre a obra *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*⁵ (2006 [1968]), de Weinreich, Labov e Herzog (WLH), e desenvolvida desde então por Labov e por outros sociolinguistas dentro e fora dos Estados Unidos. Dentre aqueles que deram continuidade aos trabalhos da área fora do território norte-americano, destaca-se Juan Camilo Conde Silvestre, cujas considerações acerca da investigação sociolinguística no âmbito da diacronia são aqui observadas. É sob a perspectiva da TVM, portanto, que se deve ler esta tese.

Um dos axiomas dessa teoria é o de que a língua a ser estudada é a língua de uma comunidade de fala. Não é objetivo deste trabalho esmiuçar os limites de uma comunidade de fala⁶ – poderia se questionar, inclusive, o que uma comunidade *de fala* tem a ver com uma pesquisa *sobre escrita* –, mas é possível traduzir a preocupação dos autores, em 1968, em uma preocupação com a língua *usada e avaliada* por determinados sujeitos, situados em um determinado espaço, estando essa língua submetida, portanto, a fatores tanto de natureza interna quanto de natureza externa a ela. Investigar cientificamente a língua em uso implica, nessa perspectiva, enfrentar teoricamente problema de natureza empírica. WLH (2006 [1968]) postularam cinco problemas empíricos a que o pesquisador deve atentar: restrição, encaixamento, transição, avaliação e implementação – que são o tema da Subseção 1.1.

Ao pensar a aplicação da metodologia da Teoria da Variação e Mudança a materiais históricos (diacronicamente), Conde Silvestre (2007) aponta para outros problemas, de ordem metodológica. Esses problemas são explorados na Subseção 1.1.2. Uma das discussões centrais alavancadas pelo autor diz respeito à reconstrução do contexto social do *corpus* examinado. Sob esse prisma, na Seção 1.2 é apresentada uma caracterização sócio-histórica do espaço compartilhado pelos três ilustres que dão nome às amostras investigadas nesta pesquisa, a Desterro/Florianópolis de fins do século XIX a fins do século XX – lugar que não apenas figura como pano de fundo para as mudanças por

5 No original: *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*.

6 Sobre comunidade de fala, consultar Guy (2001) e Severo (2008), entre outros.

que passou e passa a língua dos florianopolitanos, mas que está a elas correlacionado, conforme prevê a TVM.

Finalizando este primeiro capítulo, são tecidas algumas considerações acerca dos pressupostos dessa análise e são estabelecidas correlações entre esses pressupostos e as decisões que conduziram a investigação que aqui se apresenta.

1.1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Toda análise, seja científica ou leiga, traz consigo pressupostos e crenças. Ainda que na superfície revele resultados numéricos ou uma simples opinião acerca de um objeto, um fenômeno ou uma pessoa, uma análise é construída, com maior ou menor consciência, sobre alicerces de preferências, recortes, e até vícios e preconceitos. No fazer científico, a construção desses alicerces costuma ser clara, com pouco espaço para crenças que não sejam devidamente fundamentadas, preferencialmente conscientes. O resultado de um trabalho científico está, portanto, inevitavelmente atrelado aos pressupostos teóricos que o baseiam, e é à luz deles que deve ser interpretado.

O pressuposto primeiro desta tese é o de que a língua é um sistema heterogêneo, e é sobre ele basicamente que versa, por meio da exploração de alguns axiomas da Teoria da Variação e Mudança (WLH, 2006 [1968]; LABOV, 1982), esta seção. A TVM é inaugurada na década de 1960, conforme já mencionado, com a publicação do clássico *Fundamentos Empíricos para uma Teoria de Mudança Linguística*, organizado após a realização de encontros, nos Estados Unidos, entre pesquisadores para discussões vinculadas à Linguística Histórica. O objetivo desse volume era dar novos rumos aos estudos da linguagem, que vinham marcados pela epistemologia das subáreas da Linguística de maior adesão em fins do século XIX⁷ e primeira metade do século XX, dentre elas, as teorias neogramática, estruturalista e gerativista.

Os autores dedicam o primeiro capítulo de sua obra a dialogar com essas teorias, em especial com a neogramática, contrapondo-se a alguns de seus conceitos-chave e pressupostos básicos, visando à construção de seus próprios paradigmas. Assim, discutem e questionam especialmente

7 Embora comumente se compreenda que a Linguística Moderna tenha se constituído como campo de estudos científicos apenas em 1916, com a publicação do Curso de Linguística Geral, organizado por discípulos de Ferdinand Saussure, aqui se atribui o título de “linguistas” aos neogramáticos, estudiosos da linguagem anteriores a essa data.

as concepções de *língua como sistema homogêneo* e de *idioleto*, termo este que reconhecem atribuir de forma anacrônica aos estudos neogramáticos.

Weinreich, Labov e Herzog situam seu diálogo em oposição a Hermann Paul e sua publicação *Princípios fundamentais da história da língua*⁸ (1980 [1920]), entendendo que o estudioso tem ideias diferenciadas em relação às de Osthoff e Brugmann, autores do Manifesto Neogramático⁹ (1881). Embora num primeiro momento privilegie-se a divergência observada entre os postulados teóricos da obra de 1968 e algumas das premissas básicas da teoria neogramática de Paul, em textos posteriores, Labov valoriza a influência do estudioso alemão sobre sua obra e a relevância das ideias dos neogramáticos para a Sociolinguística – entre elas certamente a mais notável é a *regularidade mecânica* da mudança sonora¹⁰ (Cf. LABOV, 1994).

Na construção de uma nova base epistemológica, WLH (2006 [1968]) propõem que a língua seja entendida como uma estrutura dotada de *heterogeneidade ordenada*, ou seja, uma estrutura que comporte a “*variável linguística* – um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (p. 105). Dessa forma, sua visão de língua incluiria tanto regras categóricas – que se aplicam sempre de um mesmo modo, como a ordem entre artigo e substantivo no português – quanto regras variáveis – que se aplicam ora de uma forma, ora de outra, mas que não deixam de ser regras, como a expressão pronominal de P2 no português, que compreende as variantes *tu* e *você*.

O conceito de *heterogeneidade ordenada* é contraposto ao de *sistema homogêneo*, atribuído por WLH (2006 [1968]) às teorias formais que visitam. Para os autores,

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. Veremos as sementes deste conflito em Saussure (§1.21) e seu agravamento nos trabalhos dos descritivistas, que se debatem com o fenômeno da mudança. Pois quanto mais os lingüistas têm

8 No original: Prinzipien der Sprachgeschichte.

9 Título original: Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der Indogermanischen Sprachen.

10 Acerca da regularidade mecânica, uma explicação enxuta é encontrada em Coelho et al. (2015, p. 85): “O princípio da regularidade mecânica prevê que a unidade da mudança é o som, condicionado por fatores fonéticos. Todas as palavras que contenham determinado som são atingidas do mesmo modo e ao mesmo tempo. Nesse sentido, as mudanças seriam foneticamente graduais e lexicalmente repentinas.” (grifos dos autores).

ficado impressionados com a existência da estrutura da língua, e quanto mais eles têm apoiado essa observação com argumentos dedutivos sobre as vantagens funcionais da estrutura, mais misteriosa tem se tornado a transição de uma língua de um estado para outro. Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Em outras palavras, se pressões esmagadoras forçam uma língua à mudança e se a comunicação é menos eficiente neste ínterim (como seria forçoso deduzir da teoria), por que tais ineficiências não têm sido observadas na prática? (WLH, 2006 [1968], p. 35)

Admitindo que a língua *não* passa por períodos de menor sistematicidade, uma vez que a variação e a mudança linguística são sistemáticas, os autores conciliam “os fatos da heterogeneidade” – inegáveis para quem investiga a língua em uso – com a noção de sistema, garantindo uma visão de língua tanto estruturalmente ordenada quanto variável. Em grande parte, a noção de língua como sistema homogêneo está associada à de *idioleto*, que seria a língua do falante-ouvinte *ideal*. Em coerência com sua proposta, os autores postulam que o objeto de estudo da (Socio)Linguística é o *dialeto*, a língua *em uso* por falantes-ouvintes *reais* em uma *comunidade de fala* – uma noção de língua, por definição, heterogênea, como se vê na passagem: “Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional” (WLH, 2006 [1968], p. 36).

Baseados nesses conceitos e em estudos sociolinguísticos e dialetológicos, que oferecem suporte empírico para seus postulados, os autores propõem cinco problemas para uma teoria de mudança que leve em consideração não apenas fatores linguísticos, mas também fatores sociais, como mecanismos associados à variação e à mudança linguística.

1.1.1 Problemas empíricos

Os cinco problemas – restrição, encaixamento, transição, avaliação e implementação – são o foco das próximas discussões. Cada um deles aparece, nos textos de WHL (2006 [1968]) e de Labov (1982), relacionado a uma questão. O conjunto das cinco questões é entendido

pelos autores como um guia para o estabelecimento de uma teoria de mudança amparada em fundamentos empíricos.

Normalmente apresentado como o primeiro dos cinco problemas, o de **restrição** está diretamente relacionado ao estabelecimento de princípios gerais de mudança. A questão a ele associada diz respeito ao “conjunto de mudanças possíveis e de condições possíveis para mudanças que podem ocorrer numa estrutura de determinado tipo” (WLH, 2006 [1968]).

No que tange à entrada da forma *você* no quadro de pronomes do português brasileiro, pode-se pensar o estabelecimento de uma direção de mudança quando se compara a trajetória desse pronome com a de outro – a forma *a gente*. Especialmente no que diz respeito a traços semânticos e a contextos morfossintáticos, o percurso desses dois pronomes na língua encontra paralelos significativos.

Quanto ao traço de (in)determinação do referente, observa-se que tanto *você* quanto *a gente* entram na língua com caráter [-determinado], e à medida que passam a coocorrer com suas variantes (*tu* e *nós*, respectivamente), vão adquirindo traço [+determinado] (Cf. OMENA, 1996; LOPES, 2009). Além disso, o contexto morfossintático de adjunto adnominal, em especial como pronome possessivo, é considerado como restritivo à entrada desses pronomes, favorecendo a manutenção das formas mais antigas (*teu(s)/tua(s)* e *nosso(s)/nossa(s)*) (Cf. OMENA, 1996; RUMEU, 2008; LOPES et al., 2009; MACHADO, 2011; entre outros).

Embora se possa intuir que uma abordagem universalista, que busque princípios gerais, esteja na contramão de uma teoria baseada em, além de fatores linguísticos, também fatores sociais, que são específicos a cada sociedade, Labov esclarece que o problema empírico em questão centra-se em

[...] descobrir as possíveis restrições que estariam atuando sobre a forma, a direção ou o caráter estrutural das mudanças linguísticas. Essa definição do problema da restrição não é incompatível com a busca de uma “gramática universal”, eixo central de investigação da linguística formal na atualidade. A extensão desse programa para o estudo da mudança linguística procuraria estabelecer um conjunto de princípios que definem o conceito de “mudanças linguísticas possíveis”, e que distinguem tais mudanças possíveis de mudanças impossíveis. No cerne dessa

abordagem universalista, reside a ideia de que há princípios abstratos de linguagem presentes em todos os seres humanos, que definem ou permitem certos tipos de mudança e proíbem outros: em outras palavras, que há algumas ações linguísticas que os seres humanos nunca realizam porque são incapazes, e que as mudanças que dependem dessas ações nunca acontecerão. (LABOV, 1994, p. 115, tradução nossa).¹¹

Em seu texto de 1982, Labov reconhece que o estabelecimento de princípios associado ao problema de restrição foi mal conduzido, acabando por ser entendido como fruto de uma faculdade da linguagem isolada. Assim, defende que o problema de restrição seja tratado juntamente ao problema de **encaixamento**, possivelmente para que as direções de mudança encontradas sejam situadas em contextos linguísticos e sociais específicos.

Os problemas empíricos são bastante relacionados entre si, sendo sua separação de acordo com questões e temas, por vezes, apenas resultado de um recurso teórico-metodológico. Em geral, a chave para a compreensão de todos eles pode ser atribuída ao estabelecimento de *condicionamentos* (covariação) e *correlações* entre variáveis linguísticas e sociais (Cf. COELHO et al., 2015). Isso se torna particularmente visível quando se divide o problema de encaixamento entre *encaixamento linguístico* e *encaixamento social*, divisão provavelmente associada à natureza dos grupos de fatores controlados em uma pesquisa sociolinguística. Para Labov,

Em qualquer divisão entre fatores internos e externos ou sociais, o aspecto bipartite do problema do encaixamento se tornará evidente. De um lado, qualquer mudança é encaixada na matriz estrutural de formas que são mais proximamente relacionadas a ela, e a mudança será restringida, redirecionada,

11 No original: is to discover whatever constraints may exist on the form, direction, or structural character of linguistic changes. This definition of the constraints problem is not inconsistent with the search for a “universal grammar” that is the central thrust of formal linguistics today. The extension of this program to the study of language change would seek to establish a set of principles that define the concept “possible linguistic change” and that distinguish possible from impossible changes. At the heart of this universalistic approach is the idea that there are abstract principles of language present in all human beings, which define or permit certain types of language change and prohibit others: in other words, that there are some possible linguistic actions that human beings never perform, since they are incapable of doing so, and that changes that depend on such actions will never be found.

ou acelerada por sua relação com outras formas. Nesse sentido, o problema do encaixamento é um aspecto implícito do problema de restrição. De outro lado, uma mudança é encaixada na estrutura da comunidade de fala. Para entender as causas da mudança, é necessário entender onde na estrutura social a mudança se originou, como ela se disseminou para outros grupos sociais, e quais grupos mostraram maior resistência a ela. Uma vez que o encaixamento numa estrutura maior inevitavelmente envolve causação múltipla, a solução para qualquer [aspecto do] problema de encaixamento requer uma análise multivariada. (LABOV, 1994, p. 2-3, tradução nossa).¹²

Ao problema do encaixamento é correlacionada a seguinte questão:

Como as mudanças observadas estão *encaixadas* na matriz de concomitantes lingüísticos e extralingüísticos das formas em questão? (Ou seja, que outras mudanças estão associadas a determinadas mudanças de um modo que não pode ser atribuído ao acaso?) (WLH, 2006 [1968], p. 36).

O que vai revelar de que forma um dado fenômeno está encaixado na estrutura lingüística e na estrutura social serão exatamente os fatores que se mostrarem relevantes em sua análise. Como revelam os estudos retomados na Seção 2.2, no caso da alternância entre *tu* e *você*, de modo geral, além do traço [+determinado] e dos contextos morfossintáticos de sujeito nulo e pronome possessivo – fatores lingüísticos –, também as situações de menor monitoramento e maior familiaridade – fatores

¹² No original: In any division into internal and external or social factors, the bipartite aspect of the embedding problem will become evident. On the one hand, any given change is embedded in the structural matrix of linguistic forms that are most closely related to it, and the change will be restrained, redirected, or accelerated by its relation to other forms. In this sense, the embedding problem is an implicit aspect of the constraints problem. On the other hand, a change is embedded in the structure of the speech community. To understand the causes of change, it is necessary to know where in the social structure the change originated, how it spread to other social groups, and which groups showed most resistance to it. Since embedding in larger structure inevitably involves multiple causation, the solution to any embedding problem requires multivariate analysis.

extralinguísticos – mostram-se como instâncias de “resistência” da forma mais antiga.

As pesquisas sobre diferentes fenômenos em variação numa mesma língua e o controle de grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos podem levar, ainda, a outro aspecto do problema do encaixamento, a identificação de mudanças correlacionadas entre si – que pode ser o caso da entrada do pronome *você* no sistema pronominal do PB. De acordo com Duarte (1995), entre outros autores, a entrada de *você* no sistema está relacionada a um maior preenchimento do sujeito pronominal, uma vez que, estando *você* (um pronome de segunda pessoa), *ele* (um pronome de terceira pessoa) e *a gente* (um pronome de primeira pessoa) associados a uma mesma conjugação verbal (*você anda*, *ele anda*, *a gente anda*), apenas através da explicitação formal do pronome é que seria possível identificar o sujeito das orações.

Também as mudanças sociais que levaram à entrada da forma *você* no PB devem ser relevantes para o estudo da mudança no sistema de tratamento e no paradigma pronominal. A Seção 1.2 trata do contexto sócio-histórico em que se inserem Cruz e Sousa, Maura de Senna e Harry Laus (séculos XIX e XX), além do período de colonização açoriana (século XVIII), tendo como cenário a capital catarinense. De modo mais abrangente, com relação ao encaixamento da variação nos pronomes de P2 no estado de Santa Catarina, segundo Coelho (2011), podem ser enumeradas as seguintes considerações:

Os pronomes *tu* e *você* conservam, ainda, em Santa Catarina vestígios da colonização açoriana e paulista, sendo distribuídos diferentemente nas regiões litorâneas e do planalto do estado;

O pronome *tu* nas regiões litorâneas vem preferencialmente relacionado a mais sujeito nulo, com morfema verbal de segunda pessoa do singular;

Se o pronome *tu* é explicitado, o verbo que o acompanha em geral é de terceira pessoa do singular. Essa sintaxe é mais recorrente nas regiões do planalto, reflexo da colonização gaúcha;

O pronome *você* vem preferencialmente relacionado a mais sujeito preenchido e se combina com verbo de terceira pessoa do singular. (COELHO, 2011, p. 281)

Coelho (2011) aponta para, além de aspectos relacionados ao encaixamento linguístico dos pronomes de P2 – *tu* majoritariamente nulo (*Ø andas*) e, quando expresso, relacionado a verbos sem marca de pessoa (*tu anda*); e *você* predominantemente expresso e relacionado a verbos sem marca de pessoa (*você anda*) –, também para questões de ordem diatópica. Tais questões são consideradas nesta pesquisa, mais especificamente na Seção 4.3, que evidencia uma breve análise comparativa levando em consideração como o fenômeno variável da expressão da segunda pessoa do singular se manifesta na cidade de Lages (localizada no planalto), em relação à forma como se manifesta no município de Florianópolis (localizada no litoral).

Assim como o problema de encaixamento, o problema de **transição** está relacionado tanto a aspectos internos quanto a aspectos externos envolvidos numa mudança linguística. No texto inaugural de 1968, a transição através de estruturas gramaticais não é contemplada na formulação do problema, embora perpassasse boa parte das discussões aventadas pelos autores ao longo do volume. Ao problema de transição, naquela ocasião, foi relacionada a seguinte preocupação: “indagar sobre os estágios intervenientes que devem ser observados, ou que devem ser postulados, entre quaisquer duas formas de uma língua definida para uma comunidade lingüística em épocas diferentes” (WLH, 2006 [1968], p. 36) – preocupação essa associada pelos autores de modo recorrente ao estudo de mudanças *em tempo aparente*.

O método de análise de mudanças em tempo aparente consiste em fazer um recorte sincrônico de um determinado fenômeno e controlar a faixa etária dos informantes. *Grosso modo*, se os informantes mais velhos apresentarem um comportamento linguístico diferenciado do dos informantes mais jovens, há indícios de uma mudança em tempo aparente. Já um estudo de mudança *em tempo real*, como o apresentado nesta pesquisa, é realizado controlando-se amostras de diferentes sincronias e verificando-se o comportamento de determinado fenômeno no decorrer do tempo – ou seja, realizando-se um estudo diacrônico. Análises desse último tipo não eram incomuns antes do estabelecimento da TVM; o estudo de mudanças em tempo aparente, no entanto, é apontado pelos autores como uma das maiores vantagens da teoria que propõem, pois concilia, em um único olhar, *sincronia* e *diacronia* – perspectivas que haviam sido dicotomizadas pelo estruturalismo saussureano na virada do século XIX para o século XX.

De fato, parece que é no problema de transição que se encontra o ponto inicial para a resolução da questão central que a TVM se propõe a desvendar:

“[...] soluções para o problema de transição podem ser reformuladas como soluções para o problema ‘Como pode a língua mudar de um estado a outro sem interferir na comunicação entre membros de uma comunidade de fala?’” (LABOV, 1982, p. 28, tradução nossa).¹³

Em análises de tipo tempo aparente, é possível identificar estágios de mudança, evidenciando, assim, que a língua passa por mudanças continuamente, e não abruptamente, de modo que, em nenhum momento, seus falantes percam a capacidade de se comunicarem entre si.

Já no texto de 1982, a formulação do problema de transição parece alcançar outras dimensões. Nesse texto, as questões associadas ao problema são as seguintes:

Como (por qual percurso) a língua muda? Se nossa visão de estágios históricos foca-se em estágios discretos, o problema é como se passa de um estágio a outro; numa perspectiva mais dinâmica, a questão é traçar o caminho do desenvolvimento linguístico através de um espaço, fonológico ou gramatical, multidimensional. (LABOV, 1982, p. 27, tradução nossa).¹⁴

Nesta pesquisa, contemplam-se diferentes preocupações relacionadas ao problema de transição: (i) com respeito à transição no tempo, a expectativa é de se compararem os índices de uso das formas associadas ao pronome *você* em diferentes períodos ao longo dos séculos XIX e XX; (ii) no que tange à transição no espaço geográfico, espera-se, com uma análise comparativa de pequenas proporções, identificar diferentes estágios de mudança nas cidades de Florianópolis e de Lages; e (iii) com relação à transição por contextos gramaticais, a expectativa é de se verificarem que categorias morfossintáticas (sujeito, complemento acusativo, complemento dativo e complemento oblíquo) favorecem ou

13 No original: [...] solutions to the transition problem can be restated as solutions to the problem, “How can language change from one state to another without interfering with communication among members of the speech community?”

14 No original: How (by what route) does language change? If our view of historical stages focuses on discrete states, the problem is how to get from one state to another; in a more dynamic perspective, the issue is to trace the path of linguistic development through a multidimensional phonological or grammatical space.

inibem a entrada de formas associadas ao pronome *você* em cartas pessoais de florianopolitanos ilustres.

O problema da **avaliação**, por sua vez, está relacionado às questões a seguir:

[...] como as mudanças observadas podem ser *avaliadas* – em termos de seus efeitos sobre a estrutura lingüística, sobre a eficiência comunicativa (tal como relacionada, por exemplo, com a carga funcional), e sobre o amplo espectro de fatores não-representacionais envolvidos no falar? (WLH, 2006 [1968], p. 36)

A avaliação dos falantes sobre fatores não representacionais pode ser detectada por métodos específicos previstos pela Teoria da Variação e Mudança, como os testes de avaliação subjetiva (Cf. LABOV, 2001). Em estudos diacrônicos, como o aqui apresentado, essa possibilidade se perde e o valor social das formas variantes precisa ser deduzido por outros meios. Em geral, aceita-se que, se uma forma substituiu outra no tempo, é porque em algum momento a forma nova foi bem avaliada pelos falantes. No caso do pronome *você*, no entanto, apesar de sua origem como forma de deferência (*Vossa Mercê*), não se pode dizer que, em sua fase de entrada no sistema pronominal do PB, tenha sido sempre associado a alto *status* – é comum, inclusive, que uma mudança em estágio inicial não sofra qualquer tipo de avaliação por parte dos falantes (Cf. LABOV, 2001). Uma avaliação relativamente negativa da forma *você*, como a que se vê logo adiante, pode se dever à própria reinterpretação de *Vossa Mercê* como forma de tratamento para o povo em geral, depois de adotadas outras formas de tratamento às classes mais altas da sociedade, como *Vossa Excelência* (Cf. FARACO, 1996, entre outros).

Nunes de Souza (2011), ao analisar peças teatrais de autores florianopolitanos escritas nos séculos XIX e XX, já identifica, ainda que em baixo número, ocorrências do pronome *você* na segunda metade do século XIX, em geral associadas a relações assimétricas descendentes. O trecho (9), a seguir, um dos três dados com o pronome *você* encontrados pela autora no referido período, ilustra a fala de um patrão para uma empregada doméstica na peça *Brinquedos de Cupido*, da autoria de Antero Reis Dutra, datada de 1898.

(9) *O' sua serigaita, **você** demora-se tanto tempo para abrir uma porta!*
(Brinquedos de Cupido – Antero Reis Dutra, 1898)

Outra forma de captar, em estudos diacrônicos, a avaliação dos informantes sobre determinada forma linguística é reconhecer, por meio de depoimentos espontâneos, sua opinião a respeito do uso das variantes, como se observa no trecho (10), em que uma missivista florianopolitana¹⁵, na década de 1960, expressa considerações acerca dos usos de tu e você em diferentes situações.

(10) *Você também deve ter notado a diferença de tratamento que lhe dispensei. Vou explicar-lhe: considero o tratamento **você** muito impessoal por isso prefiro-o para cartas ou para pessoas totalmente desconhecidas. O mais costume usar **tu**. Como vê, a gramática e eu não nos damos.* (E, 1965)

Com respeito à avaliação em termos funcionais, é possível que seja mais difícil reconhecer a opinião dos informantes, uma vez que, se duas formas são consideradas variantes, é porque podem ser usadas em um mesmo contexto, sem prejuízo do significado representacional, e então não haveria por que serem avaliadas diferentemente no que diz respeito a sua função. A adoção de uma nova forma para realização de uma variável pode, contudo, passar por etapas em que ocorrem *misunderstandings* (mal-entendidos) (Cf. LABOV, 2010), o que indicaria que determinadas formas podem não ser bem avaliadas simplesmente porque não são bem entendidas.

Sabe-se que o pronome *você* “trouxe” consigo outros pronomes, oblíquos e possessivos, que são associados formalmente à terceira pessoa, como *lhe*, *o/a* e *seu/sua*. Assim, esses pronomes passaram a compartilhar traços de segunda e de terceira pessoa, gerando, em alguns casos, ambiguidades. Um exemplo do uso ambíguo de um desses pronomes é verificado a seguir. Em (11), é reproduzido o título de uma matéria jornalística datada de 13 de setembro de 2013, extraída de uma página de notícias na Internet.

(11) *Humorista Fábio se separa de sua mulher*¹⁶

No trecho (11), o pronome possessivo *sua* refere-se a Fábio Porchat e está sendo usado, portanto, como estratégia de terceira pessoa.

15 A remetente E, autora do dado (10), é uma florianopolitana não ilustre cujas cartas constituem, juntamente a cartas de outras missivistas, a Amostra Vale, que será objeto de uma breve análise comparativa na Seção 4.2.

16 Fonte: <http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2013/09/1341499-humorista-fabio-porchat-se-separa-de-sua-mulher.shtml>

Em um espaço reservado para comentários de leitores na página de notícias, lê-se a seguinte apreciação:

(12) *Humorista Fábio Porchat se separa de sua mulher???? Minha mulher? Caia fora, minha!!! Não seria se separa da mulher dele...*

O leitor sugere que o jornalista possa estar se referindo à segunda pessoa e o aconselha a desfazer a ambiguidade utilizando o pronome *dele* no lugar de *seu*. Não se sabe se o comentário foi feito a sério ou se foi apenas uma brincadeira, mas fato é que a apreciação do leitor incomodou o suficiente o redator para que, três dias depois, ao se acessar o mesmo *link*, se visualizasse o seguinte título para a mesma matéria:

(13) *Humorista Fábio Porchat se separa da mulher*

O jornalista não acatou a sugestão do leitor, mas substituiu o pronome *seu* por um artigo determinado, dando menor margem à ambiguidade. O que se evidencia na sequência dos três últimos exemplos é que o processo de *reanálise* (Cf. LABOV, 2010) do pronome *seu* de terceira para segunda pessoa não se dá abruptamente, mas de modo gradual, inclusive com a ocorrência de mal-entendidos entre falantes.

Por fim, o problema da **implementação** está relacionado às questões: “a que fatores se pode atribuir a implementação das mudanças? Por que as mudanças num aspecto estrutural ocorrem numa língua particular numa dada época, mas não em outras línguas com o mesmo aspecto, ou na mesma língua em outras épocas?” (WLH, 2006 [1968], p. 37). Esse problema parece claramente relacionado a todos os demais, de modo que os autores postulam que provavelmente a implementação de uma mudança só poderá ser analisada depois que a mudança for completada.

Chamado de “enigma” por WLH (2006 [1968], p. 124), o problema de implementação aparenta ser o mais complexo dos cinco propostos pelos autores. Ao se considerar a língua como constantemente em mudança, como avaliar a completude de um processo? Pode-se aplicar esse questionamento ao caso da variação/mudança nos pronomes de P5, *vós* e *vocês*, no português brasileiro. Sabe-se que, embora *vocês* tenha praticamente substituído *vós* na fala de modo geral, em alguns contextos, como o eclesiástico e o jurídico, ainda figura o antigo pronome de segunda pessoa do plural. Face ao problema da implementação, pode-se supor que a mudança operada na expressão da segunda pessoa do plural no português brasileiro já esteja implementada; no entanto, como ainda

há ocorrências do pronome *vós* em contextos bastante específicos, é possível considerar um caso de *especialização* de formas, sem apontar, necessariamente, para uma futura implementação de *vocês* em todos os contextos – incluindo o jurídico e o eclesiástico – antes ocupados por *vós*.

Na publicação de 2001, Labov passa a tratar do problema de *incrementação*, uma versão do problema da implementação aparentemente mais relacionada às mudanças em progresso, e não completadas. Pode-se entender essa nova abordagem como um reconhecimento da dificuldade em se lidar com o conceito de implementação, ou mesmo com as implicações que o termo *implementação* (*actuation*) pode gerar. Nesta pesquisa, está-se entendendo a implementação da forma *ocê* como um processo em andamento, e não uma mudança finalizada.

A TVM, como se pode perceber, nasce como um projeto de teoria permeado por questionamentos que devem guiar (desafiar?) aqueles que se propõem a investigar a variação/mudança linguística. Os cinco problemas empíricos continuam sendo revistos, reconsiderados e reformulados, como pode ser observado na obra de Labov (2010), *Princípios de mudança linguística – fatores cognitivos e culturais*¹⁷. Essas não são, entretanto, as únicas questões ligadas à Teoria da Variação e Mudança a sofrer revisitas; outras preocupações, relacionadas à aplicabilidade da metodologia variacionista a estudos diacrônicos, são alvo de revisões constantes. Tais preocupações são o tema da próxima subseção.

1.1.2 Outros problemas: os desafios de se conduzir um estudo diacrônico

Conde Silvestre (2007) aponta para o fato de que a Sociolinguística, embora se constitua como uma disciplina relativamente recente, apresenta métodos e resultados bem sedimentados, aplicados a diversas línguas. O autor atribui ao seu objeto, a relação entre língua e sociedade, a razão de seu caráter multidisciplinar, que favoreceu o desenvolvimento de várias frentes de investigação sob seu escopo. A variedade de enfoques abrigada pela área, dentre as quais se podem destacar a Antropologia Linguística e a Sociologia da Linguagem, é, para Conde Silvestre, um sintoma da maturidade da disciplina.

Enquanto no Brasil se compreende, comumente, que o texto fundador de WLH (2006 [1968]) tenha marcado o início de uma série de

¹⁷ No original: Principles of linguistic change – cognitive and cultural factors.

estudos enquadrados teoricamente sob o rótulo de Teoria da Variação e Mudança, ou Sociolinguística Variacionista, ou Sociolinguística Laboviana, ou Sociolinguística Quantitativa (Cf. COELHO et al., 2015), para a tradição hispanista, em que se situa Conde Silvestre (2007), o trio de autores inaugurou uma disciplina no interior da (Sócio)Linguística intitulada *Sociolinguística Histórica*¹⁸. Amparado em Romaine, o autor caracteriza a Sociolinguística Histórica como uma conciliação das preocupações da Sociolinguística sincrônica com as da Linguística Histórica:

A partir do momento em que a sociolinguística sincrônica trata das relações entre as estruturas linguísticas e sociais e sua inserção particular em determinadas comunidades linguísticas em certos períodos, seu objetivo é a descrição e a explicação de sistemas simbólicos situados historicamente. Um objetivo semelhante interessa à linguística histórica, embora em seu caso explore o desenvolvimento dessas relações ao longo do tempo. Por outro lado, sua própria inscrição no âmbito das ciências humanas torna inevitável que ambas compartilhem sua vinculação com a sociedade. Sua proposta [de Romaine] é o entrelaçamento das duas disciplinas em uma linguística sócio-histórica que investigue e explique as diversas manifestações da variação linguística em uma comunidade ao longo do tempo e também o modo como essa variação – seus distintos usos, funções e tipos – se desenvolvem em línguas e comunidades específicas, dentro de determinados grupos e redes sociais ou em indivíduos concretos. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 33, grifo do autor, tradução nossa).¹⁹

18 As diferenças apontadas entre a nomenclatura adotada por pesquisadores brasileiros e por Juan Camilo Conde Silvestre podem parecer indicar uma despreocupação da Sociolinguística brasileira com uma perspectiva histórica sobre a língua – o que não é verdadeiro. Já na década de 1980, quando houve significativo desenvolvimento de pesquisas na área, destacam-se, no país, trabalhos como os de Fernando Tarallo e Rosa Virgínia Mattos e Silva, dedicados não somente ao estudo do português brasileiro em seu aspecto sincrônico, mas também à sua trajetória histórica.

19 No original: [...] desde el momento en que la sociolingüística sincrónica trata de las relaciones entre las estructuras lingüísticas y sociales y su particular inserción en determinadas comunidades lingüísticas en ciertos periodos, su objetivo es la descripción y explicación de sistemas simbólicos situados históricamente. Un objetivo semejante atañe a la lingüística histórica, aunque em su caso explore el desarrollo de esas relaciones a lo largo del tiempo. Por

Embora se possa considerar inovadora a forma como a TVM fundamentou princípios teórico-metodológicos para o estudo da mudança linguística, não se pode atribuir a WLH (2006 [1968]) pioneirismo quando se considera a preocupação com o caráter evolutivo²⁰ da língua. Aos comparativistas dos séculos XVIII e XIX e aos neogramáticos dos séculos XIX e XX, por exemplo, também interessava investigar a língua sob uma perspectiva histórica. A tradição rompida por Weinreich, Labov e Herzog é outra, que pode ser sintetizada na dicotomia entre sincronia e diacronia.

Ainda amparados em paradigmas históricos, conforme argumenta Conde Silvestre (2007), tanto o comparativista August Schleicher (1865) quanto o neogramático Hermann Paul (1880) já haviam antecipado a necessidade de se estudarem as “condições gerais” (p. 21)²¹ do objeto da Linguística, para além de sua perspectiva evolutiva. É na obra póstuma de Ferdinand de Saussure (1916) que se instaura, contudo, a separação entre linguística descritiva – perspectiva privilegiada no estruturalismo saussureano – e linguística histórica.

[...] Resumindo uma classificação clássica, amplamente conhecida, a *linguística descritiva* analisa e descreve o modo como opera a linguagem e tem como correlato prático a descrição de uma língua, a saber, o estudo de seu funcionamento em uma comunidade de falantes no momento atual. A *linguística histórica* estuda o desenvolvimento das línguas no curso do tempo e presta especial atenção para os modos como estas mudam e as condições das mudanças; para isso se serve da comparação entre manifestações textuais de uma mesma variedade ou de variedades relacionadas pertencentes a épocas distintas, buscando a compreensão dos fatores que explicam as mudanças, sua representação e explicação de forma

otro lado, su própria inscripción em el ámbito de las ciencias humanas hace ineludible que ambas compartan su vinculación con la sociedad. Su propuesta es la imbricación de ambas disciplinas en una lingüística socio-histórica que investigue y explique las diversas manifestaciones de la variación lingüística en una comunidad a lo largo del tiempo y también el modo en que esa variación - sus distintos usos, funciones y tipos - se desarrolla em lenguas y comunidades específicas, en el seno de ciertos grupos y redes sociales o em individuos concretos.

²⁰ A noção de evolução, nesta tese, deve ser entendida como desvinculada de avaliações que remetem a “melhoramentos” ou “maior eficiência” das línguas; trata-se, tão somente, de um sinônimo para modificações que se observam no decorrer do tempo.

²¹ No original: condiciones generales.

universal. O aspecto prático da linguística histórica é ocupado pela *história da língua*, a qual serve à análise concreta de como as mudanças afetaram uma dada língua e de como foram verificadas, e intenta descobrir suas transformações no período compreendido entre a produção de amostras distintas, uma vez que busca reconstruir as etapas não atestadas de seu desenvolvimento (Robins, 1969: 19-25; Gimeno, 1995: 11). (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 22-23, grifos do autor, tradução nossa).²²

A predileção pelos estudos sincrônicos favoreceu o desenvolvimento teórico de algumas vertentes do século XX, como o Gerativismo – que elegeu como objeto de análise, ao menos inicialmente, a língua destituída de seus fatores externos, dentre os quais se incluem os de natureza histórica. O principal prejuízo da interpretação da proposta saussureana é, entretanto, o de se atribuir a dois enfoques que, para Conde Silvestre, amparado em Meillet e Coseriu, são “rótulos com conteúdo exclusivamente *metodológico*” (p. 29, grifo nosso)²³, o estatuto de *essência* do objeto da Linguística. Isso implicaria reconhecer a língua *ou* como um objeto homogêneo, estático – em uma perspectiva sincrônica –, *ou* como objeto mutável e evolutivo – em uma perspectiva diacrônica; duas perspectivas, portanto, inconciliáveis.

A dicotomia sincronia-diacronia, conforme observa Conde Silvestre, dificulta o entendimento de como uma língua passa de um estágio a outro – crítica que retoma de WLH (2006 [1968]):

Esta opção [saussureana, de privilegiar a sincronia à diacronia,] foi criticada de forma coerente ao

22 No original: [...] resumiendo una clasificación clásica, ampliamente conocida, la lingüística descriptiva analiza y describe el modo en que opera el lenguaje y tiene como correlato práctico la descripción de una lengua, es decir, el estudio de su funcionamiento en una comunidad de hablantes en el momento actual. La lingüística histórica estudia el desarrollo de las lenguas en el curso del tiempo y presta especial atención a los modos en que éstas cambian y a las condiciones de los cambios; para ello se sirve de la comparación entre manifestaciones textuales de una misma o de variedades relacionadas pertenecientes a distintas épocas, persiguiendo la comprensión de los factores que explican los cambios, surepresentación e explicación de forma universal. La vertiente práctica de la lingüística histórica la ocupa la historia de la lengua, la cual atiende al análisis concreto de cómo los cambios han afectado y se han verificado en una lengua dada e intenta descubrir sus transformaciones en el período comprendido entre la producción de distintas muestras, a la vez que busca reconstruir las etapas no atestiguadas de su desarrollo (Robins, 1969: 19-25; Gimeno, 1995: 11).

23 No original: etiquetas com conteúdo exclusivamente metodológico.

longo do século XX. Em princípio porque poderia supor a substituição da perspectiva historicista por uma linha de investigação meramente descritiva. Por outro lado, porque a extensão de distinções *metodologicamente* úteis para a definição do objeto de investigação poderia obscurecer sua natureza e pulverizá-lo em uma variedade de aspectos isolados, apenas relevantes segundo o prisma adotado pelo pesquisador. Finalmente, pela impossibilidade de que uma teoria projetada para tratar de estados de língua homogêneos e simultâneos dê conta do fenômeno de mudança linguística. Se a língua é entendida como um sistema coerentemente estruturado, constituído de maneira homogênea em estados autônomos ao longo do tempo, como parece indicar a concepção sincrônica, então se torna difícil explicar os períodos de transição entre um estágio e outro, os quais somente podem ser vistos como rupturas assistemáticas dessa homogeneidade. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 28, grifos nossos, tradução nossa).²⁴

A TVM, ao considerar a língua como dotada de heterogeneidade ordenada, rompe com a dicotomia saussureana e concilia sincronia e diacronia em uma única perspectiva. A instância máxima em que se pode observar essa conciliação, conforme já assinalado na subseção precedente, é o estudo de mudança em tempo aparente – em que uma amostra sincrônica dá indícios do caráter dinâmico e evolutivo da língua. Já os estudos de mudança em tempo real – que, segundo Labov (1994), devem ser combinados a estudos em tempo aparente – são dificultados por inúmeras questões – questões essas que norteiam as considerações de Conde Silvestre (2007).

24 No original: Esta opción fue criticada de forma coherente a lo largo del siglo XX. En principio porque podría suponer la sustitución de la perspectiva historicista por una línea de investigación meramente descriptiva. Por otro lado, porque la extensión de distinciones *metodológicamente* útil es hacia la definición del objeto de investigación podría oscurecer su naturaleza y atomizarlo en una variedad de aspectos aislados, sólo relevantes según el prisma que adopte el estudio. Finalmente, por la imposibilidad de que una teoría diseñada para tratar estados de lengua homogéneos y simultáneos dé cuenta del fenómeno del cambio lingüístico. Si la lengua se entiende como un sistema coherentemente estructurado, construido de manera homogénea en estados autónomos a lo largo del tiempo, como parece indicar la concepción sincrónica, entonces resulta difícil explicar los periodos de transición entre un estadio y otro, los cuales solo podrán verse como rupturas asistemáticas de esa homogeneidad.

No Brasil, há à disposição de pesquisadores de Sociolinguística Histórica bancos de dados de fala que possibilitam a realização de estudos de mudança em tempo real, como a Amostra Censo-Peul (1980/2000), considerando-se uma geração de intervalo entre uma coleta de dados e outra. Estudos sobre fala que levem em consideração mais de duas gerações ainda não podem ser realizados, uma vez que bancos de dados brasileiros dessa natureza começaram a ser formados na década de 1980. Assim, as evidências linguísticas para aqueles que se dedicam a pesquisas diacrônicas passam a ser os materiais escritos, que, como se sabe, apresentam tantas fragilidades que chegam a ser tachados por Labov (1994) como “maus dados”.

Ao sistematizar princípios e métodos da investigação em Sociolinguística Histórica, Conde Silvestre debate os problemas que surgem quando se aplicam os métodos da Sociolinguística a materiais históricos:

Por um lado a pressão de «fazer o melhor uso possível de materiais defeituosos» – ‘to make the best use of bad data’ (Labov 1994: 11) – comum a todas as especialidades que enfrentam o passado das línguas e se veem obrigadas a estudar materiais isolados, que sobreviveram por acaso e são difíceis de conectar com seus contextos comunicativos originais; por outro lado, a dificuldade com respeito à reconstrução, com plena confiabilidade, das variáveis históricas independentes (estruturas socioeconômicas, redes de relações interpessoais, comportamentos diferenciados em relação ao fator sexo, etc.) que podem estar relacionadas com a variação e a mudança linguísticas em estágios anteriores de evolução de um idioma. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 13, tradução nossa).²⁵

Para o autor, em comparação com os dados de que dispõem aqueles que se comprometem com uma descrição linguística sincrônica, a

25 No original: Por un lado la presión de «hacer el mejor uso posible de materiales defectuosos» – ‘to make the best use of bad data’ (Labov 1994: 11) – común a todas las especialidades que se enfrentan al pasado de las lenguas e se ven obligadas a estudiar materiales aislados, que han sobrevivido por azar y son difíciles de conectar con sus contextos comunicativos originales; por otro lado, la dificultad que atañe a la reconstrucción, con fiabilidad plena, de las variables históricas independientes (estructuras sócio-económicas, redes de relaciones intepersonales, comportamentos diferenciados em relación con el fator sexo, etc.) que pudieron estar conectados com la variación y el cambio lingüísticos em estádios anteriores de evolución de un idioma.

informação disponível a análises diacrônicas é, em geral, “fragmentada, escassa e dificilmente vinculável à produção real de seus falantes” (p. 35)²⁶. Primeiramente, porque se encontra em meio escrito, o que dificulta a acessibilidade ao contexto em que a produção linguística ocorreu. Depois, porque os materiais históricos constituem, muitas vezes, apenas excertos de produções linguísticas mais amplas, das quais dão apenas uma amostra. Além disso, por inúmeras circunstâncias, dados de determinados períodos históricos estão mais disponíveis do que de outros períodos, em termos de qualidade de conservação, diversidade de gêneros e estilos e quantidade de documentos. O autor acrescenta, ainda, que até muito pouco tempo atrás, somente homens de *status* social elevado tinham acesso à língua escrita, de forma que não há muito material histórico representativo de outros estratos da sociedade.

Essas questões, conclui, fazem com que um estudo diacrônico não seja tão controlado experimentalmente quanto um estudo sincrônico. Não é possível, por exemplo, garantir a *representatividade* das amostras, tão cara à formação de bancos de dados de fala, usualmente aproveitados para pesquisas de natureza sincrônica. Também Coelho e Nunes de Souza (2014), ao buscar alternativas metodológicas para o controle da variação estilística em textos escritos, apontaram para essa dificuldade.

Diferentemente do que ocorre na formação de um banco de dados de fala na atualidade, em que os pesquisadores buscam preencher todas as células sociais com informantes que se enquadrem no perfil desejado, no trabalho com dados de sincronias passadas o pesquisador, em geral, não pode fazer muitas escolhas e precisa trabalhar com o material de que dispõe, que na maioria das vezes deixa lacunas no que diz respeito à estratificação social e estilística. (COELHO; NUNES DE SOUZA, 2014, p. 198).

A fim de, ao menos, relativizar a questão da representatividade das três amostras de cartas analisadas nesta pesquisa, propõem-se, posteriormente à investigação principal deste estudo, duas breves análises comparativas auxiliares. O objetivo dessas análises é contrastar a escrita de florianopolitanos ilustres com a de florianopolitanos não ilustres, bem

26 No original: fragmentaria, escasa y difícilmente vinculable con la producción real de sus hablantes.

como contrastar a escrita epistolar produzida na cidade de Florianópolis com a produzida na cidade de Lages.

Conde Silvestre (2007) considera, ainda, que o contexto social dos dados produzidos seja bem mais acessível a um pesquisador da sincronia do que a um pesquisador da diacronia. Os grupos de fatores sociais, num estudo sincrônico, comumente são considerados variáveis independentes estáveis, ao passo que, em um estudo diacrônico, fatores que se mantêm relativamente invariáveis na sincronia mudam, como o papel da mulher, o acesso à escrita, o *status* social dos informantes (e o *status* social do dialeto que usam) etc.

O Quadro 1, a seguir, sistematiza as preocupações de ordem metodológica envolvidas em um estudo sincrônico e em um estudo diacrônico.

Quadro 1 – Preocupações metodológicas em estudos sincrônicos e diacrônicos

Aspectos divergentes e complementares da investigação em sociolinguística sincrônica e diacrônica (baseada em Raumolin-Brunberg, 1996, p.18)		
	Sociolinguística sincrônica	Sociolinguística diacrônica
Material	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dados procedentes do meio oral ✓ Material autêntico (paradoxo do observador) ✓ Dados relativos a todos os membros da comunidade e de todos os estilos e registros 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Dados procedentes do meio escrito ✓ Material tendencioso, que sobreviveu por acaso ✓ Dados relativos aos grupos alfabetizados da comunidade (geralmente homens, de status médio a alto) e somente de determinados estilos e registros
Objeto de investigação	Variação e mudança no nível de análise fonológico	Variação e mudança no nível de análise gramatical
Contexto social	Conhecimento de primeira mão, disponibilidade de dados suficientes	Desconhecido, deve ser reconstruído a partir da investigação histórica
Disciplina vinculada	Sociologia	História social
Influência do padrão	Muito significativa	Variável, de acordo com o período investigado
Amplitude e resultados das mudanças linguísticas	Desconhecidos	Conhecidos

Fonte: Adaptado de Conde Silvestre (2007, p. 38)

Em sua sistematização, embora evidencie mais dificuldades do que facilidades em se trabalhar com diacronia, o autor se preocupa em acentuar um o bônus de se realizar uma investigação numa perspectiva diacrônica: a possibilidade de fazer um estudo em tempo real, de saber o “resultado final” da investigação e de elucubrar sobre um caminho de mudança. É comum que, em um estudo diacrônico, parta-se de resultados da atualidade para se reconstituir, na medida do possível, o percurso da mudança de determinado fenômeno variável. Nesta pesquisa, o ponto de partida é a configuração da alternância entre os pronomes tu e você na Florianópolis de fins do século XX e início do XXI, retratada nas pesquisas de Loregian (1996), Loregian-Penkak (2004), Oliveira (2004), Rocha (2012) e Davet (2013).

Diante dos problemas elencados, Conde Silvestre (2007) apresenta princípios de ordem metodológica que podem garantir ao pesquisador alguma segurança na condução de um estudo diacrônico. Tais princípios baseiam-se, sobretudo, na Uniformidade Linguística, na reconstrução do material linguístico histórico e na reconstrução do contexto social das produções linguísticas que se constituem como corpus para a investigação em Sociolinguística Histórica.

O princípio da Uniformidade Linguística (ou do Uniformitarismo) foi adotado da área da Geologia e, aplicado aos estudos linguísticos, significa basicamente que “a explicação e a compreensão dos processos que afetaram historicamente as línguas deve assumir a influência de (alguns) fatores observáveis em seus desenvolvimentos atuais” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 41, tradução nossa)²⁷. Não há exata confluência com relação à interpretação desse princípio à luz da Linguística: conforme evidencia o autor, há desde interpretações que consideram simplesmente que, se a língua é estruturada e apresenta covariação com fatores internos e externos no presente, no passado deve ter sido igualmente estruturada e ter apresentado covariação; até interpretações que asseveram que os fatores (psicológicos, fisiológicos e estruturais) que atuam no presente devem ser os mesmos que atuaram no passado – essa última posição é atribuída por Conde Silvestre a Labov.

O movimento de ida e volta ao passado para se compreenderem os mecanismos da mudança, proposto por Labov (1994) e retomado por Conde Silvestre (2007), deve ser feito cuidando-se das limitações com

27 No original: la explicación y comprensión de los procesos que han afectado históricamente a las lenguas debe asumir la influencia de (algunos de) los factores que es posible observar en sus desarrollos actuales.

relação à descrição linguística e social de épocas distintas, sob pena de incorrer em análises anacrônicas, conforme aponta o autor hispanista: “Sem chegar ao extremo de negar a possibilidade de existência da disciplina, todos os que investigaram em sociolinguística diacrônica são conscientes de que a projeção direta de padrões e resultados obtidos no âmbito atual para o passado pode cair no anacronismo.” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 40, tradução nossa)²⁸. Assim, nesta pesquisa se considera que existe uma relação entre os condicionadores da variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular na atualidade e os condicionadores da mudança desses pronomes, que, como será visto, de alguma forma se opera no português escrito por florianopolitanos ilustres entre o fim do século XIX e o fim do século XX. Cabe, ainda, refletir sobre a extensão e a natureza dessa relação.

No que tange à reconstrução de material linguístico histórico, Conde Silvestre (2007) aponta alguns caminhos para lidar com os “maus dados”. Primeiramente, destaca a validade do material escrito, inicialmente um coadjuvante nas pesquisas desenvolvidas a partir da década de 1960 pela escola laboviana, e, em seguida, aborda como a Linguística de *Corpus* tem contribuído para o fomento de pesquisas no âmbito da diacronia.

Segundo o autor, as diferenças que se sabem existir entre fala e escrita – a presença de um interlocutor imediato e a efemeridade, no caso da primeira, e a ausência de um interlocutor imediato e o tempo de planejamento, no caso da segunda, entre tantas outras que se poderiam enumerar – podem resultar em diferenças estruturais, gramaticais e lexicais, como as hesitações, as repetições e o apelo ao uso de dêiticos, na fala, e o caráter normalmente mais formal, na escrita²⁹. Essas diferenças são invocadas pelo autor como argumentos para defender a ideia de que a escrita e a oralidade são meios mais ou menos independentes, e que a escrita não é um mero registro da fala ou uma fonte secundária de dados. A variação estruturada se manifestaria, dessa forma, nos dois meios, mas de modo complementar.

Nessa perspectiva, um texto escrito é válido por si mesmo no estudo da variação/mudança linguística. Apesar disso, nem todos os

28 No original: Sin llegar al extremo de negar la posibilidad de existencia de la disciplina, todos los que han investigado em sociolingüística diacrónica son conscientes de que la proyección directa de patrones y resultados obtenidos em el ámbito actual hacia el pasado puede caer em el anacronismo.

29 Certamente as diferenças entre o meio oral e o meio escrito vão muito além das aqui apontadas. As características atribuídas a cada um desses meios poderiam ser facilmente relativizadas ou mesmo neutralizadas por meio de inúmeras exceções e contraexemplos.

gêneros da escrita irão exibir o mesmo grau de variabilidade. Idealmente, os textos com mais alto grau de variação são aqueles que apresentam alguma correlação com um ato falado. Conde Silvestre (2007) retoma uma série de autores que, em fins do século XX e início do século XXI, elencam alguns gêneros escritos mais favoráveis para o estudo da variação/mudança: atas (registros feitos no mesmo momento do ato comunicativo), relatos (registros feitos tempo depois do ato comunicativo), cartas pessoais e diários, julgamentos prescritivos acerca da língua e obras literárias que envolvam diálogo entre personagens.

Não obstante a atestada legitimidade do texto escrito como fonte de dados para análise linguística, os problemas que se colocam com relação à natureza do material linguístico histórico, a saber, sua fragmentação e seu isolamento, persistem. Nesse sentido, Conde Silvestre (2007) aponta para a Linguística de *Corpus* como uma aliada para os estudos variacionistas de perspectiva diacrônica, uma vez que um dos objetivos daquela área é agrupar textos isolados no tempo e no espaço. Com o advento da Internet, as ferramentas de busca, a disponibilização dos dados e os categorizadores morfossintáticos também vieram a facilitar o desenvolvimento de pesquisas no âmbito da Sociolinguística Histórica.

O autor destaca alguns *corpora* de língua inglesa – *The Helsinki Corpus of English Texts*, *Corpus of Middle English Prose and Verse*, *Michigan Early Modern Materials*, *The Oxford Text Archive* e *The British National Corpus* – e de língua espanhola – *Corpus of Historical Spanish Texts*, *Corpus Diacrónico del Español*, *Archivo de Textos Hispánicos* (ARTHUS), *Archivo Gramatical de la Lengua Española* e *Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes*. Com relação à língua portuguesa do Brasil, além do Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR)³⁰, há, em formação, o Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), que visa a coletar, catalogar, editar e disponibilizar textos históricos de diversos gêneros da escrita. As amostras de cartas analisadas nesta pesquisa são parte do banco de dados do Projeto Para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC), vinculado ao PHPB, que tem domínio nacional.

A formação de *corpora* certamente auxilia o pesquisador no que diz respeito ao isolamento e à fragmentação do material histórico, mas a reconstrução do contexto social dessas produções, em certos casos, pode continuar prejudicada. Em geral, salienta Conde Silvestre, os projetos de compilações de dados se iniciam com o agrupamento de textos literários,

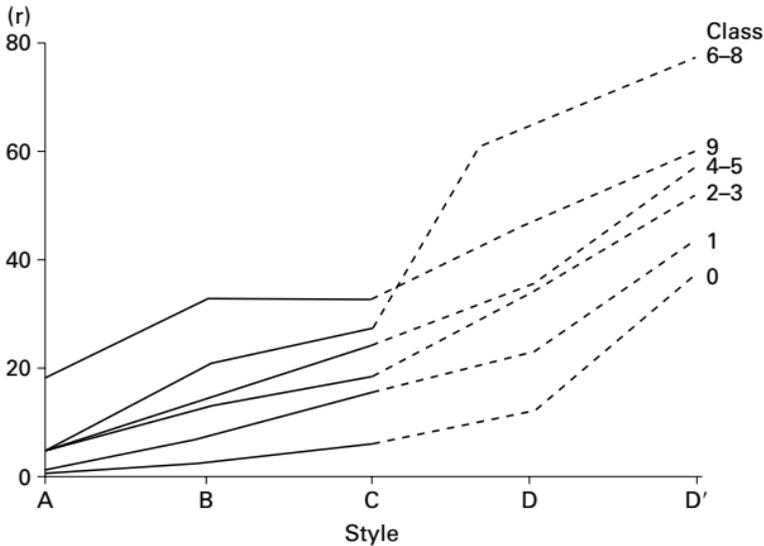
30 Acerca do PROHPOR, ver mais informações em <<http://www.prohpor.org>>.

por vezes formais, anônimos ou com informação restrita sobre autoria, de modo que a identificação das variáveis sociais “clássicas” (idade, classe social, profissão) pode ser uma tarefa trabalhosa. Somente em etapas posteriores, normalmente, é que se incluem nesses projetos cartas pessoais ou públicas – mais difíceis de serem encontradas e coletadas, sobretudo por fatores relacionados à privacidade dos sujeitos –, que podem apresentar maior variedade estilística e são assinadas. Nesse sentido, o autor destaca o banco *The Corpus of Early English Correspondence (1410-1681)*. No PHPB também são coletadas, transcritas e editadas cartas pessoais, mas mesmo o trabalho com esse gênero encontra dificuldades para a reconstituição do contexto social das produções, já que cartas desse tipo são doadas ao Projeto, muitas vezes, sem identificação de autoria, ou com uma identificação que não esclarece o pesquisador quanto ao perfil social dos missivistas.

Para orientar o sociolinguista dedicado à diacronia na reconstrução do contexto social do material histórico, Conde Silvestre (2007) destaca um recurso no interior da própria TVM, o *continuum* estilístico-social estabelecido por Labov, bem como as contribuições de uma disciplina afim, a História Social. O referido *continuum* estilístico-social é derivado da estreita relação entre variação estilística e variação social, detectada por Labov em seus estudos sobre o inglês falado em Nova Iorque. O Gráfico 1, a seguir, ilustra o *continuum* com relação à realização da variável (r)³¹.

31 Legenda para leitura do Gráfico 1: 0-1= Classe baixa; 2-5 = Classe operária; 6-8 = Classe média-baixa; 9 = Classe média-alta. A = Fala casual; B = Fala cuidada; C = Leitura de texto; D = Leitura de lista de palavras; D' = Leitura de pares mínimos.

Gráfico 1 – Variação estilística e social da realização de (r) na fala de Nova Iorque



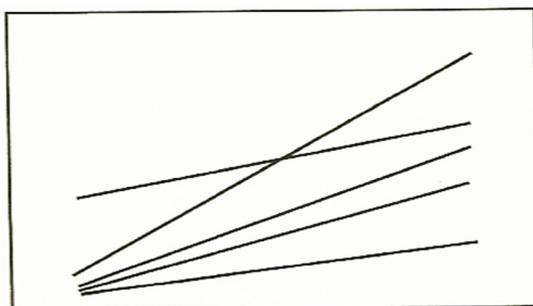
Fonte: Labov (2006 [1966], p. 152)

O *continuum* estilístico-social de Labov baseia-se em uma correlação entre as variantes utilizadas mais frequentemente por classes sociais mais baixas e as variantes utilizadas por praticamente todas as classes em situações mais informais. Em outras palavras, as variantes usadas em situações de maior informalidade correspondem, de modo geral, àquelas usadas por classes mais baixas da pirâmide social, ao passo que as variantes utilizadas em situações de maior formalidade correspondem, em grande parte, àquelas utilizadas pelas camadas mais altas da pirâmide.

A proposta de Conde Silvestre (2007) consiste em projetar o *continuum* estilístico-social para o passado, de forma a deduzir condicionamentos sociais por meio da identificação dos condicionadores estilísticos. Assim, ao identificar padrões estilísticos no material histórico, seria possível elucidar sobre o contexto social do material e sobre o significado social das variantes na época da produção. O autor alerta, contudo, que essa transposição não é direta e precisa ser considerada com cuidado. É necessário atentar, por exemplo, para a “hipercorreção da classe média-baixa” (LABOV, 1972), que faz com que a curva desenhada pelas variáveis sociais não seja espelhada de forma

absoluta nas variáveis estilísticas. É possível notar que a classe média-alta, representada no Gráfico 1 pelo número 9, não é aquela que realiza mais frequentemente a variante padrão (no caso, a presença de -r em coda, como em *car*) nos contextos de leitura de texto (C), de leitura de lista de palavras (D) e de leitura de pares mínimos (D'), e sim a classe média-baixa, representada pelos números 6-8. O comportamento de hipercorreção da classe média-baixa, verificado também para as variáveis (ing) e (th) no trabalho de Labov (2006 [1966]), é sintetizado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 – Padrão de hipercorreção da classe média-baixa



Fonte: Labov (1972, p. 283)

Além de se observar a possibilidade de um padrão de hipercorreção, ao se estenderem os padrões estilísticos para padrões sociais, é preciso considerar que a variação estilística tem caráter multidimensional. Conde Silvestre (2007) avalia que a noção de estilo adotada por Labov, relacionada ao grau de atenção que o informante presta a sua fala, não é a mais adequada para analisar o estilo no material histórico. Entretanto, saliente-se que, embora se saiba que o método laboviano tenha sido desenvolvido majoritariamente com base no grau de atenção à fala e tenha tomado como unidade de análise a entrevista sociolinguística, Labov reconhece que a variação estilística é condicionada por mais fatores do que o pesquisador consegue isolar: as relações de poder e solidariedade que se estabelecem entre locutor e interlocutor e entre eles e a audiência, bem como o contexto social mais amplo (escola, casa, igreja, vizinhança) e o tópico da comunicação são fatores a serem levados em consideração na análise do estilo (Cf. LABOV, 2003).

A interpretação do *continuum* estilístico-social laboviano em análises diacrônicas também depende, segundo Conde Silvestre (2007), de que se entenda que as formas linguísticas em jogo realmente tenham valor referencial equivalente. Nos estudos diacrônicos, especialmente em virtude da natureza do material histórico, variáveis morfossintáticas são privilegiadas em detrimento de variáveis fonológicas, como já indicado no Quadro 1. Desse modo, é necessário recorrer ao conceito de variável como “estado de coisas”, conforme definido por Labov (1978) após o famoso embate com a sociolinguista argentina Beatriz Lavandera, na década de 1970.

A essa discussão, o autor espanhol acrescenta que se podem identificar, em sua concepção (amparado nos pensadores que menciona no trecho a seguir), três tipos de variáveis linguísticas.

De fato, caberia distinguir, tanto no meio oral quanto no escrito, variáveis de até três tipos (Martín Butragueño, 1999; em Blas Arroyo, 2005: 68): (a) variáveis, geralmente fonológicas e morfofonêmicas, cujas variantes não mostram diferenças significativas em nenhum contexto e frequentemente estão em correlação com fatores sociais e estilísticos; (b) variáveis do tipo categorial, geralmente léxicas e sintáticas, como a alternância entre a voz ativa e a voz passiva, cujo uso pode estar condicionado por fatores semânticos, pragmáticos ou discursivos e que dificilmente se relacionam com fatores extralinguísticos; (c) variáveis morfossintáticas que se opõem de forma significativa em determinadas esferas e em alguns contextos de uso, mas que em outras esferas e em outros contextos são equivalentes, de maneira que se pode então verificar covariação com fatores sociais e estilísticos comuns. (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 57, tradução nossa).³²

32 De hecho cabría distinguir, tanto en el medio oral, como en el escrito, variables de hasta tres tipos (Martín Butragueño, 1999; en Blas Arroyo, 2005: 68): (a) variables, generalmente fonológicas y morfofonémicas, cuyas variantes no muestran diferencias significativas en ningún contexto y suelen estar en correlación con factores sociales y estilísticos; (b) variables de tipo categorial, generalmente léxicas y sintáticas, como la alternancia de voz activa y passiva, cuyo uso respectivo puede estar condicionado por factores semánticos, pragmáticos o discursivos y que dificilmente se relacionam con los extralingüísticos; (c) variables morfossintáticas que se oponem de forma significativa en determinadas zonas y em algunos contextos de uso, pero que

Tal classificação encontra respaldo em pesquisas empíricas realizadas com dados de Florianópolis. A palatalização de <t>, por exemplo, é de natureza fonológica e é condicionada por fatores sociais, como idade (Cf. PAGOTTO, 2004); a ordem do sujeito em relação ao verbo é uma variável sintática que não apresenta covariação com fatores de natureza extralinguística (Cf. COELHO, 2000); e a expressão pronominal de segunda pessoa do singular ora se apresenta como um contexto de variação entre *tu* e *você*, ora se apresenta como um contexto em que os dois pronomes não concorrem (Cf. NUNES DE SOUZA, 2011).

O *continuum* estilístico-social, assim, apresenta parâmetros firmes o suficiente para serem aplicados nesta pesquisa. Para cada conjunto de cartas, algumas variáveis de natureza estilística poderão ser testadas e outras não. A relação estabelecida entre remetente e destinatário, a temática e a parte da carta em que se encontram os dados são fatores levados em consideração sempre que possível. O “espelhamento” entre variação estilística e variação social não é garantido; devem-se considerar, além dessa, outras evidências acerca do valor social das formas variantes, mas é um norte para o pesquisador que se dedica à pesquisa diacrônica.

Por fim, Conde Silvestre (2007) aborda a importância da História Social para a reconstituição do contexto social do material histórico. Segundo o autor, ao conciliar interesses das disciplinas Sociologia e História, “a história social trata da configuração de distintos grupos sociais no passado, incluindo sua estrutura, as relações e conflitos entre eles, etc.” (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 63, tradução nossa)³³. O estudo da História Social pode auxiliar, portanto, na delimitação das variáveis sociais independentes, como os papéis sociais dos envolvidos na interação, as relações familiares estabelecidas entre os sujeitos, a estrutura e a mobilidade social da época retratada, as relações entre gêneros, a construção de um gênero, as relações de poder e solidariedade etc.

No entanto, o autor alerta, novamente, para o perigo do anacronismo e aconselha o pesquisador a evitar uma transferência direta do modelo de sociedade atual para o período investigado. Como exemplo, são citadas pesquisas conduzidas por Terttu Navalainen e Helena

em otras y otros resultan equivalentes, de manera que puede entonces verificarse su covariación respectiva con los factores sociales y estilísticos comunes.

33 No original: La historia social trata de la conformación de distintos grupos sociales en el pasado, incluyendo su estructura, las relaciones y conflictos entre ellos, etc.

Raumolin-Brunberg acerca da língua em uso na Inglaterra nos séculos XV e XVI, em que as autoras levam em consideração, como primeiro quesito para a classificação do material, o fato de os sujeitos possuírem ou não possuírem terras. Veja-se que a aplicação do modelo de sociedade de classes conforme se configura na atualidade em grande parte dos países do Ocidente seria inapropriada para a reconstrução do contexto social do material histórico produzido na Inglaterra dos séculos XV e XVI.

Com a finalidade de reconstruir, na medida do possível, o contexto social do material investigado nesta pesquisa, a próxima seção trata do período histórico em que foram produzidos os três conjuntos de cartas analisados, evidenciando fatos sócio-históricos que se configuram como pano de fundo para a produção linguística dos missivistas. Trata-se de um período de pouco mais de 100 anos (de 1882 a 1992), em que a Desterro de Cruz e Sousa passa a ser a Florianópolis como Harry Laus conheceu.

1.2 O TEMPO E O ESPAÇO: DA DESTERRO DE CRUZ E SOUSA À FLORIANÓPOLIS DE HARRY LAUS

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁴, Florianópolis, no ano de 2014, contava com 461.529 habitantes distribuídos em 675,409 quilômetros quadrados, o que resulta em uma densidade demográfica de 623,68 habitantes/km². O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade, em 2010, era de 0,847, um dos maiores do país e o maior entre as capitais brasileiras. Florianópolis, atualmente, é uma cidade cujas principais atividades econômicas se dividem entre o turismo, o setor de informática, o comércio, a maricultura e o funcionalismo público³⁵. Não é exatamente sobre essa localidade, no entanto, que versa esta seção.

As missivas que compõem as três amostras analisadas nesta pesquisa foram produzidas por florianopolitanos ilustres entre os anos de 1882 e 1992. Aqui são evidenciados acontecimentos históricos, portanto, situados nesse período de tempo, que podem ter influenciado a vida e a produção escrita desses ilustres, destacando-se, quando possível, observações de historiadores acerca de aspectos relacionados ao perfil social desses missivistas: Cruz e Sousa, um escritor negro, filho de libertos, que, num período que coincide com a abolição da escravatura,

34 Disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420540>. Acesso em 27 de jun de 2015.

35 Na Subseção 4.3.1 é apresentado um mapa do estado de Santa Catarina em que são destacadas as localizações geográficas das cidades de Florianópolis e Lages.

produz obras que anos mais tarde o tornarão o maior poeta simbolista do Brasil; Maura de Senna Pereira, uma mulher escritora, a primeira a ocupar uma cadeira de imortal em uma academia de Letras no país, conhecida por seus ideais feministas; e, por fim, Harry Laus, um escritor e crítico de arte, ex-membro do exército, que atravessa a abertura política brasileira no final do século XX, após a ditadura militar.

Fatos históricos anteriores a 1882, como a colonização açoriana, são também levados em conta, uma vez que vários estudiosos da linguagem já atribuíram à presença desses colonizadores alguns traços linguísticos do falar florianopolitano, entre eles Furlan (1989), Loregian-Penkál (2004), Pagotto (2004), Oliveira (2004), Coelho e Górski (2011) e Severo e Nunes de Souza (2015). Questões que contrapõem a cidade a outras localidades do estado de Santa Catarina e mesmo a municípios de outros estados são, também, eventualmente mencionadas, para que se compreendam as particularidades da língua usada em Florianópolis.

A região que hoje corresponde à capital catarinense já era, antes da chegada do homem branco, sucedida no século XVI, habitada por índios carijós. Mesmo depois de aportados os portugueses no território brasileiro, durante o século XVI e parte do século XVII, a Ilha de Santa Catarina foi aproveitada apenas como porto de passagem de exploradores europeus. É consenso entre historiadores que somente por volta de 1673, com a concessão de uma sesmaria ao bandeirante paulista Francisco Dias Velho, o povoamento de Desterro é efetivamente iniciado. Em 1726, a Freguesia de Nossa Senhora do Desterro é elevada à categoria de Vila e recebe uma Câmara Municipal. Poucos anos mais tarde, em 1738, a Capitania de Santa Catarina se separa da de São Paulo³⁶.

Desse período em diante, em vista do posicionamento estratégico da Ilha, a Metrópole passa a investir militarmente no território, construindo fortalezas que, supostamente, evitariam um ataque da Espanha – país que fazia frente a Portugal na exploração e na colonização das terras sul-americanas. Tais fortificações não foram suficientes para garantir a segurança da localidade, invadida por espanhóis na segunda metade do século XVIII e somente devolvida a Portugal por meio de inúmeros tratados.

Entre 1748 e 1756, chega ao litoral catarinense a maior leva de colonizadores europeus até então. São entre 5.000 e 6.000 açorianos trazidos pelo governo português para firmar posse das terras e garantir o

36 Interessa notar que, nesse período, ainda que Santa Catarina tenha sido desmembrada da Capitania de São Paulo, a vila de Lages, que será alvo de uma análise complementar na Seção 4.3, mantém-se sob o domínio paulista, vindo a se configurar como um território catarinense apenas em 1820.

abastecimento das tropas militares. De acordo com Santos (2004), Portugal, ao trazer para o Brasil casais do arquipélago situado no Oceano Atlântico, tentava resolver dois problemas em suas colônias: o da superpopulação nos Açores, onde o alimento já não era suficiente para todos, e o da ausência de povoamento em Desterro, que poderia ser tomada por espanhóis a qualquer momento. Segundo o autor, aos casais foram prometidos transporte, animais, ferramentas, terras e farinha, bem como a isenção do serviço militar. Algumas dessas promessas, no entanto, tardaram a ser cumpridas, e outras nunca foram, de forma que há relatos de que açorianos tenham lutado nas batalhas entre Portugal e Espanha. Houve, também, episódios em que os colonos tiveram seus mantimentos confiscados para abastecer as tropas.

A capital catarinense é reconhecidamente marcada pela colonização açoriana, ainda presente na arquitetura, na culinária, nas festas e na língua. Os costumes que derivaram desse povoamento são mais facilmente verificáveis nas localidades que um dia se constituíram como freguesias, como Santo Antônio de Lisboa, Ribeirão da Ilha e Lagoa da Conceição. Mesmo historiadores que, a princípio, não buscam investigar como tal colonização afetou a variedade do português falada pelos florianopolitanos reconhecem os traços açorianos no dialeto ilhéu, conforme se vê na passagem:

Caracterizadas como tendo o seu centro numa praça em quadro, onde um dos lados era ocupado pela igreja, essas freguesias ainda hoje apresentam características particulares quanto à arquitetura das construções, propriedades, sistema econômico, tradições, folclore e *maneiras de falar*. (SANTOS, 2004, p. 51, grifo nosso).

Importa notar que, a despeito de a colonização açoriana se fazer marcante na capital e a presença de alguns povos, como portugueses, alemães e italianos, ter sido privilegiada na reconstituição da história catarinense de modo mais geral, um número bastante significativo de indígenas e africanos compõe o mosaico étnico do estado, conforme atesta Santos (2004):

Quando ocorreram as primeiras tentativas de povoamento em Desterro, São Francisco e Laguna, os escravos índios e negros faziam parte do contingente populacional que participava da fundação das novas vilas. Em Lages, ao ocorrer a

fundação, negros e índios escravos também estavam presentes. (SANTOS, 2004, p. 54).

Também Wagner (2004) destaca a participação de africanos e afrodescendentes na formação da população catarinense e, mais especificamente, na formação da população de Desterro.

[E]stas pessoas constituíam, nos anos finais do século XVIII e no início do século XIX, uma população de africanos e de afrodescendentes que se fazia presente na capitania de Santa Catarina. Uma população que, em 1796, correspondia a 30% dos moradores de Desterro. Em 1810, esta porcentagem sobe para 36% e se mantém estável até os primeiros anos da segunda metade do século XIX. Estes números atestam a presença de homens e mulheres procedentes do continente africano e de descendentes destes, juntamente com as relações que tal população construiu no interior da sociedade em que estava inscrita. Vale dizer, a presença deste contingente populacional no território catarinense precisa ser levada em conta no momento de construção de uma identidade coletiva para o estado de Santa Catarina. Isso porque se tem privilegiado apenas outros grupos étnicos, como alemães, italianos e portugueses, descaracterizando, nesse processo de construção de identidade a existência e a participação de africanos na história e formação da sociedade catarinense. (WAGNER, 2004, p. 173).

Santos (2004) reforça, contudo, que o regime de escravidão a que africanos e indígenas foram submetidos na capital era de natureza mais doméstica.

A escravidão ocorrida nas povoações litorâneas [de Santa Catarina] foi essencialmente doméstica. Isto é, os escravos estavam mais vinculados aos serviços da casa e a uma economia de subsistência do que sujeitos às atividades que caracterizavam uma economia de exportação. No Sul, não ocorreu o estabelecimento de grandes fazendas destinadas à produção de matérias-primas para o mercado

européu, como, por exemplo, aconteceu com o açúcar no Nordeste.

Não havendo uma economia destinada a atender ao mercado europeu, não surgiu também nenhum grande mercado de escravos. A maior parte dos escravos negros que veio para Santa Catarina, já era nascida no Brasil. (SANTOS, 2004, p. 55).

Na Tabela 1, a seguir, é evidenciada a divisão social da Ilha de Santa Catarina entre livres, libertos e escravizados, em quatro freguesias, no ano de 1810.

Tabela 1 - População da Ilha de Santa Catarina, por freguesias, segundo a condição jurídica e sexo (1810)

Freguesias	Livres		Libertos	Escravos	
	Homens	Mulheres	Ambos os sexos	Homens	Mulheres
Desterro ³⁷	1.468	1.916	177	955	734
Ribeirão	516	457	48	325	98
Lagoa	876	918	37	412	187
Santo Antônio	1.224	1.467	54	405	197
Total	4.084	4.758	316	2.097	1.216

Fonte: Brito (1932 [1829], apud WAGNER, 2004, p. 155)

A Ilha de Santa Catarina, em 1810, detinha 41% da população da capitania. A parcela de 29% dos habitantes da Ilha era formada por escravizados e ex-escravizados. Somente na Freguesia de Desterro, que corresponde ao que hoje é o Centro da cidade de Florianópolis, cativos e libertos somavam 36% da população – um número bastante alto para ser desconsiderado. De acordo com Wagner (2004), os libertos não encontravam muitas dificuldades em se ocupar profissionalmente no início do século XIX, o que não significava, entretanto, igualdade: as funções que vieram a desempenhar estavam majoritariamente relacionadas às práticas que vivenciaram nos tempos de cárcere.

O núcleo urbano de da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro, por exemplo, era um espaço em que viviam pequenos agricultores, pescadores, militares, burocratas, comerciantes, artesãos,

37 Desterro, na Tabela 1, corresponde à freguesia que se estabeleceu onde hoje é o Centro da cidade de Florianópolis. Em outros pontos desta tese, quando não há ressalva, Desterro corresponde sempre ao antigo nome da cidade de Florianópolis como um todo.

sobressaindo uma posição de núcleo administrativo e comercial. Nesse ambiente de funções urbanas, os libertos poderiam sobreviver materialmente se fossem alfaiates, carpinteiros ou sapateiros. Também podiam exercer ofícios como o de mascate, ama-de-leite, cozinheira, marinheiro, armador, mestre de embarcações, canoeiro, lavrador, chacareiro, quitandeira, pedreiro, entre outras ocupações. Conforme já mencionado, as vivências e contatos estabelecidos durante a permanência em cativo vincaram as relações deste grupo social, não sendo, portanto, desprezadas tais experiências. Uma ocupação ainda no período de cativo viria a significar um instrumento de sobrevivência material quando do ingresso no mundo da liberdade. (WAGNER, 2004, p. 155).

A população negra em Santa Catarina não se constituía como um grupo homogêneo. Como se sabe, assim como em diferentes regiões do Brasil, os africanos escravizados no estado vieram de diferentes países, pertenciam a diferentes etnias e falavam diferentes línguas. Essa era uma das estratégias da Coroa portuguesa para se evitarem motins e fugas, pois a falta de comunicação entre os grupos de escravizados dificultaria sua organização. Os africanos e afrodescendentes que se fixaram no território catarinense, a despeito da diversidade de suas origens, encontrava no grupo Banto seu maior contingente. Também heterogênea era a participação dos libertos na sociedade desterrense, de modo que aqueles que chegaram a se casar perante a Igreja Católica constituíam um grupo menor, que poderia escolher o parceiro e arcar com as despesas das núpcias (Cf. WAGNER, 2004).

Não obstante as profundas marcas que o período de escravidão deixou registradas na sociedade brasileira e até os dias de hoje, nesse caso, mais especificamente, na sociedade desterrense/florianopolitana, no decorrer do século XIX, o regime de escravatura foi, aos poucos, abolido. Em 1872, passou a vigor em território nacional a Lei do Ventre Livre, que desonerava os filhos de escravizados de permanecerem cativos. Em 1888, finalmente é assinada a abolição da escravatura. Na primeira das amostras de cartas pessoais investigadas nesta pesquisa, encontra-se uma missiva assinada por Virgílio Várzea, escritor desterrense, endereçada a Cruz e Sousa no ano de 1889, que evidencia que os pais do poeta simbolista, ex-escravizados, eram ainda vivos nesse ano – o que dá indícios de que a

vida de Cruz e Sousa deve ter sido marcada por sua origem africana e por sua história pregressa de marginalização. Tal informação pode ser observada no excerto (14), a seguir.

(14) *Hontem estive com tua mãe e teu pae duas horas, talvez. Teu pae está velhinho, mas bom; tua mãe rija e divertida. Paestrei sobre ti com eles sofregamente, como se te esperasse ver entrar derepente ali.* (Virgílio Várzea, 1889)

Em Desterro, a causa abolicionista encontrou inúmeros simpatizantes, conforme observa Cherem (2001). Da Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro, mencionada pela historiadora no trecho adiante, fazia parte Cruz e Sousa.

Inúmeras entidades sociais e recreativas da cidade procuraram demonstrar apoio à causa da abolição. Constituem-se em exemplos, além dos associados do Clube Doze de Agosto, a Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro, a Sociedade Carnavalesca Bons Arcanjos, a Sociedade Dramática Fraterna Beneficente, a Sociedade Dramática Amadores da Arte e a Sociedade Musical União Artística. [...] Em 24 de março de 1888, segundo informações do ofício do presidente da Câmara Municipal, Elyseu Guilherme, encaminhado ao presidente provincial, já não havia mais escravos nos limites urbanos de Desterro. (CHEREM, 2001, p. 301).

Já adeptos da causa republicana, em período próximo, não eram muitos, diferentemente do que se poderia supor. Os habitantes da capital catarinense viam-se, em muitos casos, insatisfeitos com o regime monarquista e com as condições de vida locais. Ansiavam, pois, por uma guinada que superasse o atraso econômico em que viviam. De acordo com o *Jornal do Commercio*, em fins da década de 1880, essa era a configuração da Vila:

Conta a cidade de Desterro 8 praças, 47 ruas e 4 travessas e 8 becos, sendo dividida em dois distritos: a freguesia de Nossa Senhora do Desterro e a de São Sebastião da Praia de Fora. A sua população pelo último recenseamento é de 8.608 habitantes. Tem 8 igrejas , 13 próprios gerais, 5

provinciais e 2 municipais, 1 Hospital do Menino Deus e 1 cemitério evangélico, 1.750 prédios urbanos, dos quais 126 de sobrado e 1.625 térreos. Possui 2 bons ancoradouros: a baía do Sul e a do Norte, diante da Praia de Fora, que os navios procuram quando reina o vento sul. Separada do continente pelo estreito, cuja entrada é defendida pelos dois fortes de Sant'Anna e São João. (JORNAL DO COMMERCIO, apud CHEREM, 2001, p. 298).

Alguns, deslumbrados pelo imaginário de uma burguesia industrial europeia, queriam deixar Desterro. Uma carta integrante da Amostra Cruz e Sousa dá, uma vez mais, mostras de como a história social pode ser reconhecida na produção escrita dos missivistas. Novamente, é Virgílio Várzea quem oferece evidências que corroboram as observações dos historiadores, ao indicar seu desejo de deixar Desterro e de unir-se a Cruz e Sousa, que já se encontrava no Rio de Janeiro, ou de partir para qualquer outro lugar:

(15) *Isto aqui dia a dia, ordinarisa-se mais. Já nem tenho geito para viver. Derepente embarca-me aqui sem destino, para ahi, para todos os pontos do mundo, porque sei eu! Estou farto de choldra, meu Cruz, estou farto. Esta terra está abaixo da merda e o seu povo muito mais ainda. Não sei em que irá parar isto. E não apparecer um terremóto para acabar com este chiqueiro! Miseria!... Adeus. Deito-me nos teus braços Virgilio Varzea.* (Virgílio Várzea, 1889)

Também Araújo Figueiredo, escritor que se corresponde com Cruz e Sousa, em 1888, já morando em outra localidade, vai à capital de Santa Catarina, onde nasceu, e de lá escreve, expressando sua indignação com o lugar:

(16) *Meu Cruz Escrevo-te desta cidade impossível, estúpida, húmida de burrice, onde vim passar dois dias.* (Araújo Figueiredo, 1888)

Para aqueles que almejavam uma reviravolta social, a mudança de regime político – de Monarquia para República – poderia ser vista como uma possibilidade de melhoria em sua qualidade de vida. Contudo, não foi assim que os fatos se desenrolaram. Embora a República tenha sido proclamada em 15 de novembro de 1889, no dia seguinte em Desterro

nada mudou (Cf. CHEREM, 2001; SANTOS, 2004)³⁸, permanecendo o local em seu habitual marasmo. Dos anos seguintes, no entanto, já não se pode dizer o mesmo. A violência, o medo e a insatisfação dominaram o cenário da capital catarinense de fins do século XIX e início do XX.

Testemunhando violentos enfrentamentos entre os interesses estaduais e federais, o novo regime caracterizou-se por uma complicada luta entre facções e lideranças pouco articuladas e, na maioria dos casos, pouco embasadas ideologicamente, com uma noção muito vaga sobre o sentido da República, da democracia ou da federação. Assim, por exemplo, durante os cinco primeiros anos republicanos, instalaram-se governos paralelos em várias cidades brasileiras. No Rio Grande do Sul, Bagé foi capital dos federalistas e Porto Alegre, dos castilhistas. Em junho de 1893, Desterro foi a capital catarinense para os federalistas e Blumenau, para os republicanistas. No ano seguinte, Ponta Grossa tornou-se a capital do Partido Republicano Paranaense. No Amazonas a ousadia parece ter sido maior: em apoio aos desterrados da Armada e contra Floriano Peixoto, Manaus chegou a aclamar em praça pública como novo presidente da República o marechal José de Almeida Barreto. (CHEREM, 2001, p. 305).

A República instaura em Desterro um período descrito por Santos (2004, p. 79) como “convulsão política”. Em 1893, no Rio Grande do Sul, eclode a Revolução Federalista, um movimento armado que visava a separar o Sul do restante do país. A esse movimento associaram-se outros que, mesmo sem apoiar a causa separatista, hostilizavam o comando de Floriano Peixoto. O descontentamento cresceu e, com ele, a violência. Para conter os vários levantes, o governo nacional tomou medidas severas, resultando em eventos que marcaram para sempre a história da capital catarinense.

38 É comum que historiadores ressaltem o atraso com que Desterro recebia as notícias da Coroa e da administração da colônia brasileira. Conforme observa Falcão (2004), em 1822, quando proclamada a independência do Brasil perante Portugal, a emancipação política do território brasileiro foi recebida com um mês de atraso pelos habitantes de Desterro. Alguns, inclusive, fugiram para as matas, temendo represálias da (ex-)metrópole.

Depois de vários combates, com vitórias e derrotas de parte a parte, as forças legais começam a apertar o cerco contra os sediciosos. À frente de uma força militar, foi enviado para Desterro o coronel Antônio Moreira César, que assumiu o governo. A repressão aos participantes da revolta ou simples simpatizantes foi imediata. Quase duas centenas de pessoas foram sumariamente fuziladas na fortaleza de Anhatomirim. A derrota final dos federalistas demorou pouco. Mas em Santa Catarina, em particular na capital, Desterro, a violência da repressão comandada por Moreira César deixou profundas seqüelas e abalou profundamente a população local. (SANTOS, 2004, p. 80).

O fuzilamento sumário ocorrido em 1893 é, também, retratado em carta de Araújo Figueiredo endereçada a Cruz e Sousa, dois anos depois, quando o missivista relembra um amigo finado no massacre da Ilha de Anhatomirim e dá detalhes acerca da crueldade com que a reprimenda de Moreira César foi conduzida:

(17) Illuminem-me você o espirito com os seus escriptos e [?]- não-me assim o veo roxo da tristeza que me cae pelo coração sempre que tenho occasião de pensar na amizade dos amigos nobres, dos amigos altamente sinceros.

Sim, meu Cruz, porque eu seria um urso, seria uma panthera si, lembrando-me, principalmente da tua amizade, amizade essa immaculada como velludo de um lyrio, e como as ladainhas dos velados corações das freiras, não recordasses agora, nesta carta que não é mais do que paginas de missaes, de um amigo que tive e que foi um dos fuzilados de Santa Cruz.

Era elle o meu juiz, o homem que, depois de ti, mais soube ser meu amigo, e chamava-se Doutor Joaquim Vicente Lopes de Oliveira. Era um irmão – não, era mais do que isso – era o teu coração, amantissimo, generoso, franco, embora lhe faltasse espirito disciplinado, isto é, espirito de artista da escripta. Fuzilaram-no impiedosamente, deshumanamente, como a um ladrão desses que usam espada e que fizeram a Republica... Arrancaram-n'o, primeiro, dos braços da esposa a quem se ligára há dias; depois cortaram-lhe a língua, depois furiavam-n'o ... Atravessão-me o coração as sete Espadas de Maria Santissima, e pela alma grasnã-me corvos de melancolia, ao lembrar-me dessa inclemencia de Caim. Que as felicidades, que esse amigo tanto desejava para mim, e as esperanças e os sonhos, que transformem todos em pássaros côr de rosa que lhe cantem eternamente sobre a sepultura as canções do Mysterio. Lyrios de todas as côres e de todos os perfumes os que lhe nascerem das mãos e do peito. Na

taciturnidade em que às vezes me vejo, alanceado ainda de fresco com a morte desse grande amigo, é preciso que vocês não me deixem sem litteratura, único pallio de ouro da Extrema-Unção das minhas dôres. (Araújo Figueiredo, 1895)

Em 1894, o então governador de Santa Catarina, Hercílio Luz, muda o nome da cidade para Florianópolis, em homenagem ao comandante que ordenou o assassinato de quase duzentos catarinenses um ano antes. Cerca de trinta anos depois, em 1926, a ponte que hoje é cartão-postal da cidade é inaugurada, levando o nome de Hercílio Luz. Tais homenagens sedimentam a opressão sofrida pela população florianopolitana, que até hoje vê registrada em seu batismo o fruto de um ato arbitrário e violento. O período de repressão foi marcado, também, pela instabilidade na classe governista, como aponta Cherem (2001).

Confusos, muitos indivíduos partilhavam um desconforto e um pessimismo que apontavam para o caos das lutas e o vazio da existência. Com efeito, entre os anos de 1889 e 1902 sucederam-se 24 alternâncias no cargo de governador de Santa Catarina. Além de dez interinos, vice-governadores, representantes legislativos e governadores que reassumiram, incluem-se dois interventores, dez governadores e duas juntas governativas, sendo que nos anos entre 1893 e 1894, quando ocorreram os enfrentamentos antiflorianistas, a cadeira de governador mudou seis vezes. (CHEREM, 2001, p. 337).

A população local compreendeu a mensagem silenciadora do governo, e nas décadas seguintes, permaneceu apática e letárgica. Historiadores (CHEREM, 2001; SANTOS, 2004) caracterizam o tempo que sucedeu a Revolução Federalista como assinalado por uma absoluta falta de mobilização social³⁹.

Após Moreira César, com as elevadas punições, numa sucessão de violências e medos, evidenciou-se um tipo de comportamento que, de um lado,

39 É interessante notar que os pesquisadores do PHPB-SC, ao procurarem material sobre o período inicial do século XX, encontraram grandes dificuldades. Existe uma lacuna, por exemplo, entre a produção de peças teatrais na Desterro do fim da Monarquia e a Florianópolis após abertura da Ponte Hercílio Luz, em 1926. Tal ausência pode encontrar justificativa no medo e na falta de mobilização descritos pelos historiadores.

confirmava as práticas em busca de favores e proteções e, de outro, definia a ausência de qualquer mobilização em torno de alguma causa para além da individual. (CHEREM, 2001, p. 333).

O medo e a opressão fizeram com que os moradores da pacata Florianópolis desenvolvessem um sentimento voltado para as causas individuais. As dificuldades de sobrevivência eram muitas para aqueles que viviam do comércio, da pequena agricultura e da pescaria. A República trouxe consigo ideais de modernidade e desenvolvimento, mas esses ideais não se refletiram nas reivindicações de melhores condições para a população florianopolitana como um todo. Vivia-se de acordo com aparências e, na elite local, revezavam-se indicados do governo nacional que pouco se identificavam com a cidade e oligarquias regionais, que permaneceram no poder ao longo de todo o século XX.

Os jornais da época, documentos oficiais e mesmo as fontes historiográficas permitem entrever os riscos e as possibilidades de perseguições e exonerações, decorrentes da ascensão ou queda de grupos ou facções partidárias. Do mesmo modo, o comércio, reduzido e sem recursos, via-se constantemente tendo que fechar suas portas ou trocar de dono. Até mesmo a acanhada área rural sofria, tendo que ceder seus braços para o alistamento militar e o recrutamento de batalhões ou tendo sua produção prejudicada pelo confisco das tropas, além de toda uma situação adversa que dificultava sua chegada ao pequeno mercado. Ou seja, as mudanças e os enfrentamentos traziam mais dissabores do que vantagens. Eis porque, após as duras experiências, um vasto segmento social parece ter assimilado a derrota e juntado forças para continuar vivendo para além das tramas que não lhe pertenciam ou que, quando lhe atingiam, mais deixavam prejuízos do que benefícios. Assim, em vez de movidos por ações, motivações ou interesses como cidadãos e habitantes coletivos da cidade, a lógica triunfante foi a das lealdades relacionais, sem compromisso legal ou ideológico, onde ‘a idéia do indivíduo como cidadão está contraposta à idéia de pessoa ou ser relacional’, maximizando as relações e priorizando as inclusões.

[...] Assim, aquelas linhas impressas [os jornais] acabavam representando, antes de tudo, um meio eficiente para criar e difundir valores sobre os mais diversos assuntos, mas sempre associado aos interesses e projetos dos indivíduos e grupos apoiados na máquina política. Tomando a dimensão particular e a vida individual, investiam no recolhimento e na ausência de mobilização. (CHEREM, 2001, p. 332-333).

O progresso e a modernidade anunciados no advento da República chegam a Florianópolis com atraso e encontram na inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926, seu ápice. O estado de Santa Catarina se desenvolveu com a abertura de uma ferrovia ligando São Paulo ao Rio Grande do Sul, e houve avanços na agricultura e, posteriormente, nas agroindústrias. Nas primeiras décadas do século XX, o estado também atraiu imigrantes que fugiam da Primeira Guerra Mundial. A capital catarinense, entretanto, nunca foi articulada à malha ferroviária, e as ligações entre Florianópolis e o interior do estado eram de chão batido.

Na década de 1930, a economia catarinense crescia e se diversificava, mas a capital se estabeleceu mesmo como centro político e administrativo. A corrupção e o apadrinhamento político eram conhecidos dos moradores e houve um famoso caso em que o jornalista Crispim Mira foi assassinado por fazer um jornalismo de cunho mais crítico, evidenciando que as sequelas da violência de décadas atrás permaneciam vivas não apenas na memória dos florianopolitanos (Cf. SANTOS, 2004).

Em 1937, há a implementação, em nível nacional, do Estado Novo de Getúlio Vargas e, concomitantemente aos eventos políticos que se desenrolavam no país, estava a Segunda Guerra Mundial. Essa conjuntura levou a uma campanha de nacionalização, que afetou o comportamento linguístico de muitos habitantes de Santa Catarina. Escolas comunitárias, muitas das quais ministravam aulas em italiano e em alemão devido à leva de imigrantes recebida no interior do estado, foram fechadas e essas línguas não podiam ser faladas. Catarinenses foram recrutados para o serviço militar para lutar ao lado dos Aliados, em oposição às Nações do Eixo – precisavam, portanto, lutar contra seus países de origem. Assim, muitos deixaram de falar línguas europeias e mesmo retiraram dos filhos o sobrenome estrangeiro. Vivia-se, novamente, em um contexto extremamente autoritário.

Embora se possa pensar que Florianópolis, colonizada majoritariamente por portugueses e açorianos, pouco tivesse a temer em relação à campanha de nacionalização, cabe ressaltar que descendentes de alemães se encontravam na Ilha de Santa Catarina, que contou, inclusive, com campos de concentração, conforme assinala Filgueira (2007).

No bairro da Trindade, onde hoje encontra-se a Prefeitura da Universidade Federal de Santa Catarina, foi instalado o Presídio Político da Trindade, um campo de concentração de presos políticos, como fruto do processo de nacionalização empreendido pelo governo estadonovista e, claro, da guerra contra o niponazifascismo. (FILGUEIRA, 2007, p. 60).

A autora aponta, também, para o fato de os moradores da capital terem que enfrentar treinamentos para eventuais ataques de guerra.

Os tempos de guerra trouxeram algumas situações bastante peculiares com as quais a população florianopolitana, em geral, teve de conviver. Como exemplo, cito os exercícios do Sistema de Defesa Passiva Antiaérea, implantado pelo governo. O primeiro aconteceu em 22 de setembro de 1942. O exercício iniciava com sirenes dando o sinal de alarme para que todos procurassem abrigo. Em seguida, aviões simulavam um bombardeio utilizando sacos de cal. Cito esses exercícios por acreditar que podem revelar outras nuances do impacto da guerra sobre o cotidiano das pessoas, como o medo, que certamente permeou o seu imaginário. (FILGUEIRA, 2007, p. 68).

Dissemina-se pelo país, ao fim da Primeira Guerra e do Estado Novo, a imagem de Santa Catarina como um estado ordeiro e promissor, cujo povo é trabalhador e autossuficiente. Santos (2004) atribui a essa “fama” a falta de investimento nacional no território catarinense. Nos anos de 1950, destaca o autor, o estado tinha uma infraestrutura atrasada em termos de viação e energia, uma vez que as ferrovias estavam mal-conservadas e não havia rodovias em bom estado que cortassem o território. Foi o primeiro momento em que houve a necessidade de

planejamento, em termos de infraestrutura, no estado, em consonância com o desenvolvimento preconizado em âmbito nacional.

Em 1964, estoura a ditadura militar e a repressão retorna a Santa Catarina, deflagrada com maior relevo na Operação Barriga Verde, em 1975, que prendeu 42 artistas, intelectuais e estudantes, entre outros militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no território catarinense (Cf. GARCIA, 2011). Essas pessoas foram presas, torturadas e algumas delas buscaram o exílio. Em 1979, quando já vigorava a Lei da Anistia e o país voltava a se abrir politicamente, Florianópolis foi palco da Novembrada, uma manifestação popular em oposição a João Figueiredo, último dos militares na presidência, que veio à capital justamente inaugurar um busto em homenagem a Floriano Peixoto. A memória do massacre de 1893 juntou-se à memória recente da ditadura, culminando em um movimento reprimido violentamente pela polícia (Cf. CHRISTIANO, 2002). Na ocasião, sete pessoas foram presas, e houve, após a Novembrada, manifestações para denunciar e reverter as prisões. À parte desses acontecimentos, é na década de 1970 que Florianópolis passa a se destacar como uma cidade turística e Santa Catarina tem estradas abertas ligando cidades dentro e fora do estado.

O fim do século XX é marcado, ainda, pela abertura política brasileira. Em 1989, o povo vota para presidente pela primeira vez desde 1962 e elege Fernando Collor (PRN, na época) para comandar o país. A corrida eleitoral é mencionada por Harry Laus, ilustre cujas cartas compõem a terceira amostra investigada nesta pesquisa, em missiva que remete a sua tradutora francesa, Claire Cayron. Na mensagem do escritor, é possível avaliar que, embora a abertura política representasse um caminho positivo para o país, a situação econômica, de modo geral, não era favorável e a inflação atingia níveis alarmantes.

(18) Quanto às eleições no Brasil, embora creia que nenhum dos dois possa fazer nada pelo país porque eles não terão maioria no congresso, votarei em Lula, mais à esquerda. O outro está comprometido com toda a situação atual. O Brasil vai de mal a pior, com uma inflação falsa de 40 por cento ao mês, quando na verdade é muito superior a isto. Então, os salários são aumentados em relação a essa mentira e o poder aquisitivo cai mês a mês, para não dizer dia a dia. A situação chegou a tal ponto que os preços sobem sem mais explicações. No último fim de semana fui de ônibus a Porto Belo na tarde de sexta-feira por um preço e voltei domingo com outro. (Harry Laus, 1989)

O novo presidente instaura o Plano Collor, um pacote de medidas para conter a inflação que contava, além do confisco de 80% da caderneta

de poupança de determinada parcela da população – a ser devolvido no prazo de 18 meses –, também com um congelamento dos salários, que seriam reajustados conforme se projetasse a inflação. Harry Laus foi um dos brasileiros que teve suas economias confiscadas pelo governo federal, conforme se vê na passagem seguinte:

(19) A situação do Brasil está mais caótica do que nunca. Só se fala e respira o Plano Collor, do novo presidente, que acabou levando dinheiro de todos, inclusive meu. A promessa é devolver em 18 meses. Ficou retida uma parte de minha poupança e outra de uma tal de conta remunerada. Se for “para o bem do povo e felicidade geral da Nação”, como disse D. Pedro no Dia do Fico, tudo bem! O Plano Collor é tão avançado que se fosse editado pelo Lula, ele já teria sido degolado. (Harry Laus, 1990)

Em 1992, florianopolitanos, seguindo os acontecimentos que se desenrolaram em outras cidades do país, foram às ruas para pedir o impeachment de Fernando Collor, que ocorreu no final do mesmo ano. Interessante notar que as oligarquias catarinenses resistiram, no decorrer do século XX, às inúmeras mudanças políticas que atravessaram o estado e o país. É a essas oligarquias que esteve ligada, durante muito tempo, a classe “letrada” de Florianópolis.

Essa classe, ainda no século XIX, era tímida e relacionada à corte e à matriz europeia, e costumava reler obras que contribuíam para a implementação dos valores burgueses na provinciana Desterro (Cf. SOUTO e DALLABRIDA, 2001). Conforme aponta Brancher (2001, p. 270), “em Santa Catarina, diferentemente de outras províncias brasileiras, falarmos de uma literatura impressa antes do século XIX parece inviável.”. Ainda segundo a autora, em consonância com Souto e Dallabrida (2001),

[e]m Desterro, a produção letrada, ao longo do século XIX, embora “reduzida”, também está intimamente associada à burocracia administrativa da cidade. Poetas, romancistas, dramaturgos, jornalistas, historiadores, são também deputados, presidentes de província, juizes de fora, militares, por vezes exercendo ao mesmo tempo profissões de médico, professores, comerciantes ou agricultores. (BRANCHER, 2001, p. 274).

Essa associação – entre produção literária e participação política – somente se desfaz, ainda que parcialmente, por volta de 1884, quando é

criado o movimento Idéia Nova, que tem como um de seus fundadores o poeta Cruz e Sousa:

A poesia só se desvincula da política partidária e da burocracia com a obra de Cruz e Sousa, Luís Delfino e Virgílio Várzea. Estes autores, juntamente com Araújo Figueiredo, Santos Lostada, Horácio de Carvalho, Carlos de Farias, organizam por volta de 1884 o grupo literário Idéia Nova, que se distancia da política partidária mas é patrocinado, embora curto o período de sua existência, pelo então presidente da província Gama Rosa. (BRANCHER, 2001, p. 279).

Já em 1920, é criada a Sociedade Catarinense de Letras, que, em 1924, passa a se chamar Academia Catarinense de Letras (Cf. NECKEL, 2003), por obra de José Boiteux. Enquanto o país vivia a Semana de Arte Moderna, em 1922, a produção literária de Florianópolis e de Santa Catarina não tinha destaque. De acordo com Mosimann (2010, p. 417) “a ela [a Academia Catarinense de Letras] também pode ser imputado um pouco do marasmo e do imobilismo que imperou no meio intelectual do Estado durante anos”.

Paschoal Apóstolo Pítsica, um dos imortais catarinenses, em entrevista ao Jornal A Notícia, na década de 1990, problematiza a criação de uma Academia de Letras cujos participantes não publicam livros.

Na primeira década do século eram raros os escritores com livros publicados em Santa Catarina. Os homens das letras compunham-se de jornalistas que se destacavam pelo alto saber, pela cultura e pelo vernáculo.

Quando a Academia Catarinense de Letras foi fundada, na década de 20, eram poucos os fundadores com livros publicados. Altino Flores ironizaria, mais tarde, dizendo que era curioso uma Academia de integrantes sem livros.

Apenas na década de 1940, com a criação do Grupo Sul, é que se tem uma “Semana de Arte Moderna catarinense”. O objetivo principal do grupo de artistas era dar alguma identidade à produção cultural de Santa Catarina. Com o término das atividades do Grupo Sul, ganha espaço o Grupo Litoral, que teve sua participação na cultura catarinense finalizada em 1963. O Grupo Litoral é mencionado em carta de Maura de Senna,

ilustre que leva o nome da segunda amostra analisada neste estudo, a Paschoal Apóstolo Pítsica, em que a escritora sugere ao colega que incluía, em uma biografia a ser publicada sobre o autor, sua participação no Grupo Litoral, dada a importância de tal movimento para a literatura catarinense:

(20) *Publica o livro que projetas e não deixa no teu curriculum de mencionar – ou melhor, incluir – a fase do “Litoral”, que marcou uma fase em nossa literatura.* (Maura de Senna, 1984)

Parece mesmo ser por volta de 1960 que a Academia Catarinense de Letras (ACL) dá sinal de mudanças. Maura de Senna, entusiasmada com as transformações que se anunciam, relata aos colegas imortais sua nova motivação em relação aos rumos da Academia. Em (21), vê-se sua manifestação endereçada a Othon Gama d’Eça, em 1958; em (22), a escritora dirige-se a Nereu Corrêa, em carta datada de 1967.

(21) *Renovo as expressões do meu júbilo pela oportunidade de colaborar na fase de renovação que está vivendo a Academia Catarinense de Letras, sob a direção de um dos mais brilhantes espíritos de nossa Terra, e apresento a Vossa Excelência e aos demais confrades os meus muito fraternais cumprimentos.* (Maura de Senna, 1958)

(22) *Tomo posse [na Federação das Academias de Letras] a 2 de dezembro e farei referências, em meu discurso, à bela fase de renovação que ora atravessa a nossa A.C.L.* (Maura de Senna, 1967)

Apesar de registrar seu entusiasmo com a aparente renovação da ACL, em boa parte de sua correspondência, incluindo momentos posteriores à década de 1960, Maura de Senna mostra-se descontente com a estrutura e o funcionamento da Academia – o que dá indícios de que, apesar da força adquirida pela produção cultural do estado com os Grupos Sul e Litoral, a literatura catarinense (ou a forma como procediam os escritores catarinenses engajados na Academia) desagradava à primeira mulher a ocupar uma cadeira de imortal do país. A descrença de Maura de Senna pode ser observada em (23), quando se dirige a Carlos Ronald, em 1977, e em (24), quando escreve a Paschoal Apóstolo Pítsica, em 1984.

(23) *Jogaram cedo, na Academia, esta sua amiga, que não tem jeito nenhum de acadêmica mas o nome Catarinense da Academia vale muito. De qualquer forma, acho a estrutura acadêmica obsoleta.* (Maura de Senna, 1977)

(24) *Eu não gosto de marasmo. Nunca trabalhei pela Ac. porque não gosto de sua estrutura. Imagina que ela segue ou procura ser como a Ac. Francesa, que tem séculos no lombo. Eu sou pela evolução e acho que uma associação de escritores deve ser dinâmica e trabalhar pelo interesse dos escritores.* (Maura de Senna, 1984)

Outros acontecimentos, já na década de 1970, não necessariamente ligados à fundação de grupos artísticos, têm relação com a formação da classe letrada de Florianópolis. De acordo com Dias (2007, p. 34),

Dentre aquilo que se entendia por modernização de uma cidade, o centro urbano foi verticalizado (a partir da derrubada de antigos casarões para dar lugar a edifícios), a ponte Colombo Salles foi construída (inaugurada em 1972), iniciaram-se as obras dos aterros das Baías Norte e Sul. Na cidade, instalaram-se as sedes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), assim como as sedes de empresas públicas como a Eletrosul Centrais Elétricas S.A. e privadas, como a do grupo Rede Brasil Sul (RBS), retransmissora da Rede Globo de Televisão. A instalação dessas empresas e instituições na cidade atraiu um grande número de novos moradores e tem sido apontado por estudos que versam sobre o crescimento da cidade como, por exemplo, pelo Centro de Estudos Cultura e Cidadania (CECCA) como a primeira das sucessivas ondas migratórias que a cidade passou a receber ao longo das últimas décadas do século XX.

É nessa transformação de pacata e provinciana Desterro na turística Florianópolis que se distribuem os ilustres que têm suas cartas aqui analisadas. Espera-se, na medida do possível, correlacionar os acontecimentos históricos entre o final do século XIX e o final do século XX à história de vida desses ilustres – que será apresentada no Capítulo 2, quando da caracterização das amostras – e às mudanças sofridas no português escrito em cartas pessoais de Desterro/Florianópolis, mais especificamente nos pronomes de segunda pessoa do singular que aparecem nas categorias de sujeito e complementos acusativo, dativo e oblíquo. É desses pronomes que trata o próximo capítulo.

Apresentaram-se, no primeiro capítulo desta tese, os pressupostos de ordem teórica e metodológica que orientam as análises aqui propostas. Evidenciou-se a Teoria da Variação e Mudança como a lente através da qual se deve olhar para esta pesquisa, compreendendo-se a língua como um sistema dotado de heterogeneidade ordenada. Foram observados os cinco problemas empíricos postulados por Weinreich, Labov e Herzog na década de 1960 e retomados por Labov ao longo de suas obras, bem como problemas metodológicos envolvidos em pesquisas sociolinguísticas de natureza diacrônica, conforme elencados por Conde Silvestre (2007). Por fim, expôs-se um recorte da sócio-história de Desterro/Florianópolis, com vistas a elucidar o contexto social em que viveram os ilustres cujas cartas são analisadas no Capítulo 3.

A seguir, as discussões se voltam para o objeto desta pesquisa, a alternância entre os pronomes de segunda pessoa tu e você nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativo, dativo e oblíquo. Parte-se de uma delimitação dessas categorias, passa-se por resultados de estudos anteriores sobre a variação nos pronomes de P2 e chega-se, por fim, aos objetivos e às hipóteses que norteiam a análise aqui empreendida.

2 CATEGORIAS EM JOGO: SUJEITO E COMPLEMENTOS VERBAIS DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR

Nesta pesquisa, pretende-se descrever a alternância entre formas pronominais associadas a *tu* e formas pronominais associadas a *você* em quatro categorias morfossintáticas: sujeito, complemento verbal acusativo, complemento verbal dativo e complemento verbal oblíquo. As definições apresentadas nesta seção são essenciais para o entendimento do recorte realizado neste estudo – considerando-se que outras categorias poderiam ser eleitas para revelar instâncias de variação entre *tu* e *você*, como adjuntos adnominais (dentre os quais se incluem os pronomes possessivos *teu* e *seu*) – e são atendidas como critérios para a identificação dessas variáveis quando da categorização dos dados.

Os critérios utilizados para a identificação das categorias morfossintáticas em análise podem partir de perspectivas diversas, normalmente amparadas em preceitos de natureza formal e/ou preceitos de natureza funcional. O objetivo final, ou seja, a identificação da categoria morfossintática a que pertence determinado pronome dentro de uma oração, ao menos no recorte selecionado nesta pesquisa, acaba sendo atingido através da adoção de pressupostos – embora de ordem diversa – complementares entre si.

Na subseção a seguir, são delimitadas as categorias em análise nesta tese. Passa-se, então, a visitar estudos cujo objeto de pesquisa é a variação/mudança na expressão pronominal da segunda pessoa do singular, a fim de iluminar as hipóteses, que aparecem, logo em seguida, acompanhando os objetivos desta análise.

2.1 DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS MORFOSSINTÁTICAS INVESTIGADAS

As categorias de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos são, comumente, contempladas em compêndios gramaticais de variadas abordagens, mas nem sempre atendem pelo mesmo nome, sobretudo no caso dos complementos verbais. As bases para a delimitação dessas categorias, do mesmo modo, apresentam caráter variado. É comum que sejam abarcadas condições sintáticas, semânticas, discursivas e morfológicas (essa última especialmente quando se trata de pronomes) para se rotular determinado elemento no interior de uma oração.

Castilho (2004) elenca uma série de propriedades sintáticas e semânticas que permitem identificar o **sujeito** de uma oração. Quando definido por critérios sintáticos, o sujeito, segundo o autor, apresenta as seguintes propriedades: “(i) é expresso por um sintagma nominal⁴⁰; (ii) figura habitualmente antes do verbo; (iii) determina a concordância com o verbo; (iv) é pronominalizável por ele; e (v) pode ser elidido.”. (CASTILHO, 2004, p. 289). Na definição dada pelo autor, parece haver uma preocupação com os sujeitos nominais, que, via de regra, podem ser substituídos por um pronome reto de terceira pessoa (*ele/eleles*). Esses dois critérios (ser um sintagma nominal e ser substituído por *ele*) não são atendidos neste estudo, que leva em consideração exclusivamente pronomes de segunda pessoa do singular (P2); as demais propriedades elencadas pelo autor permanecem em discussão nesta seção.

Pressupostos semelhantes são utilizados por Mira Mateus et al. (1994) para determinar o sujeito de uma oração. Segundo as autoras, o sujeito ocupa, frequentemente, a primeira posição argumental da frase – ou seja, figura, comumente antes do verbo, conforme também aponta Castilho (2004). Da mesma forma, em convergência com o gramático brasileiro, as autoras observam que o sujeito é o controlador da concordância verbal. Além disso, atentam para o fato de o sujeito ser o controlador preferencial da anáfora, tanto intra como interoracional.

Possivelmente por privilegiar o português europeu (PE) em sua obra, Mira Mateus et al. (1994) asseveram que, quando o sujeito é um pronome não enfático, tem, geralmente, uma realização nula. Para ilustrar essa propriedade, as autoras trazem dois exemplos, e advertem o leitor quanto ao fato de o primeiro ser mais natural do que o segundo: *Soube que passaste no exame. Parabéns!! Soube que tu passaste no exame. Parabéns!* (p. 162).

Tal característica (a realização nula de sujeitos não enfáticos) deve ser considerada em relação ao português brasileiro com ressalvas. O preenchimento do sujeito já é, em grande medida, generalizado no PB – conforme apontam estudos realizados por Duarte (1993, 1995, 2012), entre outros –, para além dos contextos em que há ênfase, apresentando-se como a ocorrência *default* ou *não marcada*. A possibilidade de apagamento do sujeito, no PB, ainda existe, mas os contextos não enfáticos mostram-se mais resistentes a tal apagamento.

A ordem do sujeito em relação ao verbo, apontada tanto por Castilho (2004) quanto por Mira Mateus et al. (1994), também deve ser

40 Por sintagma nominal (SN) está-se entendendo um nome ou um agrupamento de palavras cujo núcleo é um nome, que pode ocupar diferentes posições sintáticas na sentença.

ponderada. Em ambas as obras não há uma afirmação categórica quanto à noção de que o sujeito aparece antes do verbo; nos dois compêndios, há a observação de que a ordem sujeito-verbo é a mais frequente, mas não a ordem obrigatória ou categórica. Trata-se, portanto, de uma questão de *prototipicidade*: o sujeito atende, em maior ou menor grau, aos critérios enumerados pelos autores.

Castilho (2004), considerando os papéis temáticos⁴¹ atribuídos à categoria de sujeito, aponta para o papel de *agente*, isto é, “o constituinte sentencial cujo referente é responsável pela ação expressa pelo verbo” (p. 296), como o mais frequentemente emprestado ao sujeito, embora saliente que os papéis de experienciador (aquele que experiencia, não age), nos casos de orações contendo verbos psicológicos (como *amar* e *sentir*), e mesmo de paciente (que sofre a ação expressada pelo verbo) possam, também, ser associados à categoria em questão.

Castilho (2004) observa, ainda, que, especialmente no que diz respeito aos sujeitos realizados por pronomes, aqueles que se referem às primeira e segunda pessoas (esses últimos, alvo de análise nesta tese) – por definição, pronomes *dêiticos* – são sujeitos que apresentam o traço [+animado]. Já os que se referem à terceira pessoa – considerados *anafóricos* – podem tanto exibir o traço [+animado] quanto o traço [-animado].

Atendendo aos critérios estabelecidos para a identificação da categoria morfossintática de sujeito, nos trechos (25) e (26), a seguir, são destacadas ocorrências de sujeitos de segunda pessoa do singular, encontradas nas amostras de cartas pessoais investigadas nesta pesquisa. Na segunda ocorrência em destaque no excerto (26), vê-se o contexto de ênfase, em que o sujeito é, prioritariamente, preenchido.

(25) *Ø Deve lembrar-se de meu ingresso na Federação das Academias de Letras quando você presidia a Catarinense.* (Maura de Senna, 1971)

(26) *Um beijo em retribuição àquele furtivo que Ø me deste uma noite em que eu estava em minha mesa de trabalho e tu ias dormir.* (Harry Laus, 1989)

A categoria morfossintática de complemento verbal **acusativo** encontra, em grande medida, convergência com o que muitas gramáticas descrevem como objeto direto. Segundo Castilho (2004), o objeto direto

41 Segundo Cançado (2003, p. 95), “[p]apel temático é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a um determinado argumento a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.”.

é proporcional às formas acusativas dos pronomes pessoais. De acordo com Mira Mateus et al. (1994), para identificar o objeto direto de uma sentença, um teste possível é substituir o elemento pela forma pronominal acusativa. Tal estratégia funciona com o exemplo oferecido pelas autoras – *O miúdo comeu (um gelado)_{OD}/O miúdo comeu-(o)_{OD}*⁴² (p. 165) –, mas já não encontra correspondência absoluta no português brasileiro, conforme indicam estudos de Cyrino (1993), entre outros, que apontam para a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa *o* pela forma *zero*, majoritariamente quando o referente apresenta traço [-animado], e pela forma *ele*, preferencialmente quando o referente apresenta traço [+animado].

As observações com relação à substituição de um elemento na sentença pela forma acusativa do pronome, além de funcionarem de forma restrita no que tange à terceira pessoa, são insuficientes para identificar o objeto direto de segunda pessoa. Os dados destacados em (27) e (28), a seguir, foram produzidos por acadêmicas da pós-graduação em Linguística da UFSC – o primeiro deles, um dado de fala, e o segundo, um dado de escrita – e, se submetidos à testagem proposta por Castilho (2004) e Mira Mateus et al. (1994), seriam classificados como objeto direto, embora a categorização como objeto indireto ou adjunto seja mais apropriada. Isso ocorre porque os clíticos acusativos de primeira pessoa (*me*) e de segunda pessoa (*te*) do singular são idênticos aos clíticos dativos⁴³ no que tange a sua forma.

(27) **Me** lê aquela placa?

(28) Acho que [o trabalho] está indo bem, qualquer coisa eu **te** grito, pode deixar!

Além disso, estudos sobre o pronome acusativo (ALMEIDA, 2009; SOUZA, 2014) indicam que a forma *lhe*, antes reservada para a representação do caso dativo, atualmente também aparece como complemento verbal acusativo. A ocorrência (29), a seguir, ilustra esse uso em uma das amostras investigadas nesta pesquisa.

(29) *Do rádio ouço músicas suaves que dão vontade de dançar, por isso pensei em você. Pois estava dançando quando **lhe** vi.* (E, 1965)

42 No português brasileiro: “O menino comeu um sorvete.”.

43 Conforme salienta Coutinho (1972), o pronome *te* que aparece como complemento acusativo e o pronome *te* que aparece como complemento dativo, embora sejam, na sincronia, iguais em forma, têm origens diferentes: o *te* acusativo na língua portuguesa deriva diretamente do *te* acusativo na língua latina; o *te* dativo, no entanto, deriva do complemento dativo latino *tibi*, que assumiu, em etapa posterior, a forma *ti* para, por fim, configurar-se como *te*.

Para Mira Mateus et al. (1994), o objeto direto é aquele que aparece junto a verbos de dois ou três argumentos e que apresenta, comumente, o papel temático de paciente – segundo Cançado (2008), aquele que sofre a ação expressada pelo verbo, havendo mudança de estado – ou tema – aquele que é deslocado por uma ação. No conjunto de regras de interpretação semântica elencado por Perini (2010), no entanto, o objeto direto é interpretado prioritariamente como paciente; de modo semelhante, Castilho (2004) assevera que “o papel temático do objeto direto é /paciente/” (p. 301).

Com relação à ordem, Mira Mateus et al. (1994) salientam que, nas frases básicas, entendidas em sua gramática como sentenças cuja ordem é considerada canônica e que apresentam constituintes fundamentais, o objeto direto ocorre imediatamente à direita do verbo. Além disso, ressaltam que o OD somente ocorre imediatamente à direita de um objeto indireto (OI) se o OI for um clítico ou se o OD for longo, complexo ou uma frase complemento, como nos exemplos que citam: *O João deu-lhe_(OI) um livro_(OD)* – em que o OI é um clítico; *A Ana comprou ao Gonçalo_(OI) o quadro do vencedor da 2ª Bienal de Artes Plásticas de Cerveira_(OD)*, *A Ana contou ao Gonçalo_(OI) o filme que foi ver ontem_(OD)* – em que o objeto direto é longo; e *O jornalista contou aos amigos_(OI) que lhe tinham censurado a reportagem_(OD)* (p. 164) – em que o objeto direto é uma frase complemento.

Em consonância com Castilho (2004), Mira Mateus et al. (1994) observam, ainda, que o OD pode ser nulo, como nos exemplos por elas oferecidos – *João leu (\emptyset)_{OD} toda a noite* e *A Ana está a comer (\emptyset)_{OD}* (p. 163) –, e que tipicamente ocorre sem preposição. Segundo as autoras, há três casos em que o objeto direto aparece preposicionado, para os quais também trazem exemplos: (i) quando o OD é o pronome relativo *quem*, como em *Vi o velhote a quem o Luís ajudou* (p. 164); (ii) quando o OD é um clítico pronominal com redobro, como em *Vi-os_{OD} a eles à saída do cinema* (p. 164); e (iii) em certas expressões cristalizadas, nas quais o OD aparece precedido da preposição *a*, como em *Amar a (Deus)_{OD}* e *Temer a (Deus)_{OD}* (p. 164).

Tanto Castilho (2004) quanto Mira Mateus et al. (1994) indicam que, em uma sentença na voz passiva, o elemento que seria objeto direto na voz ativa torna-se o sujeito. O exemplo oferecido pelo autor, *O livro foi posto por João na estante* (p. 300), ilustra de modo coerente sua observação. O dado a seguir, produzido por um jornalista que apresenta o programa Seleção SPORTV no ano de 2013, no canal pago SPORTV, no entanto, se submetido ao critério estabelecido por Castilho (2004) e Mira

Mateus et al. (1994), geraria uma falsa interpretação de objeto direto a uma ocorrência de objeto indireto.

(30) O jogador foi perguntado sobre a derrota na partida.

Novamente, pode-se concluir que os critérios aventados pelos autores baseiam-se na questão da prototipicidade. Embora deem conta de boa parte dos dados, eventualmente podem ser questionados através da apresentação de contraexemplos e exceções. As generalizações baseadas nos pronomes de terceira pessoa, frequentes nas gramáticas consultadas, também encontram barreiras para serem aplicadas a pronomes de segunda pessoa, que apresentam, comumente, comportamento diverso no diz respeito ao preenchimento, à ordem em relação ao verbo, à animacidade e às testagens para identificação de categorias morfossintáticas.

Nas amostras analisadas neste estudo, podem ser destacadas, a título de ilustração, as seguintes ocorrências de complemento verbal acusativo ou objeto direto:

(31) *Comovidamente o saúdo e espero em breve a sua preciosa colaboração, com uma lista de todos os seus livros.* (Maura de Senna, 1932)

(32) *Se gostar de alguma outra, por favor não me esconda nada. Diga-me logo que então eu tratarei de esquecer-te.* (A, 1964)

(33) *Depois da nossa curtíssima conversa de sexta-feira, a qual minha indisposição apenas serviu para desagradar o, espero que a impressão desta tarde possa ser esquecida.* (E, 1966)

(34) [...] quero fazer com você maior amizade; do que com meus colegas. Pois acho voce de maior valor. (V, 1968)

Por sua vez, o objeto indireto (OI) é caracterizado por, entre outros traços, apresentar usualmente o papel temático de *recipiente* – ou o que Cançado (2008) chama de *beneficiário*, ou seja, a entidade beneficiada pela ação – e de *origem* – ou o que a autora denomina *fonte*, isto é, a entidade de onde se move, literal ou metaforicamente.

Pode-se deduzir da definição apresentada por Mira Mateus et al. (1994) que o objeto indireto é, por natureza, preposicionado, uma vez que, segundo as autoras, o OI é “constituente imediato de um S[intagma] P[reposicionado]”. A representação por um SP não exclui, no entanto, a possibilidade de o OI ser realizado como um clítico. Resultados

apresentados por Gomes et al. (2003) também indicam a alternativa de o objeto indireto ser realizado sem preposição, mesmo não se tratando de um clítico⁴⁴.

Em relação à ordem dos OIs, Mira Mateus et al. (1994) assinalam que, nas frases básicas, o objeto indireto ocorre imediatamente à direita de um objeto direto ou imediatamente à direita do verbo – neste último caso somente se o OI for um clítico ou o OD for longo, complexo ou uma frase complementar, como já especificado quando se tratou da ordem dos objetos diretos.

As autoras destacam, ainda, que o OI apresenta, tipicamente, o traço [+animado]. Ressaltam, contudo, que existem alguns casos em que o objeto indireto é inanimado⁴⁵, os quais ilustram com exemplos: (i) com determinados predicadores de dois argumentos que admitem OIs inanimados, como em *obedecer ao regulamento_(OI)* e *sobreviver ao massacre_(OI)* (p. 165); (ii) com certos predicadores de três argumentos, que podem eventualmente apresentar dois argumentos e incorporar o terceiro a um nome (alternativa esta preferida no português do Brasil atual), como em *cortar as folhas_(OD) às árvores_(OI)* ou *cortar as folhas das árvores_(OD)* (p. 166), e *limpar o pó_(OD) à mesa_(OI)* ou *limpar o pó da mesa_(OD)* (p. 166); (iii) com os verbos *dar* e *fazer* seguidos de um OD que indique “um estado de coisas” (p. 166), como em *dar uma pintura_(OD) às estantes_(OI)* e *fazer uma limpeza_(OD) à casa_(OI)* (p. 166) – construções pouco recorrentes no português brasileiro.

Mira Mateus et al. (1994) pontuam que, quando o objeto indireto é um sintagma nominal ou uma frase, é precedido da preposição *a*, e, quando é um pronome pessoal, apresenta-se na forma dativa. Tais afirmações não encontram plena correspondência com dados da atual língua portuguesa do Brasil. Primeiramente, porque pesquisas apontam para um decréscimo no uso da preposição *a*, que tem em *para* uma variante que desponta em vantagem ao longo do século XX – conforme indicam estudos de Torres Morais e Berlinck (2007), entre outros. Em segundo lugar, porque a flexão casual que o português parcialmente herdou do latim vulgar não se configura em uma correspondência inequívoca entre forma e função – conforme evidenciam alguns autores, dentre eles, Monteiro (1994).

44 Dentre as ocorrências de objeto indireto sem preposição (e que não são clíticos) oferecidas por Gomes et al. (2003), destacam-se: *Não tem um cara lá na Itália querendo dar um presente Ø o Papa?*, em que o OI aparece após o OD; e *Eu vendi Ø ela dois voto*, em que o OI aparece imediatamente após o verbo. Os dados são provenientes da Amostra Censo/PEUL-UFRJ.

45 Importa observar que dados dessa natureza não são analisados nesta pesquisa, uma vez que o objeto de estudo são pronomes de segunda pessoa, cujos referentes são sempre animados.

O autor apresenta um conjunto de formas pronominais oblíquas, distribuídas entre os casos acusativo e dativo, e as problematiza. Aqui, cabe retomar somente as formas que podem ser associadas à segunda pessoa do singular, isto é, aquelas associadas aos pronomes *tu* e *você*. Desse modo, o autor enumera, para o caso acusativo, a forma *te* (associada a *tu*) e as formas *se*, *o(s)*, *a(s)*, *lo(s)* e *la(s)* (associadas pelo autor, inicialmente, ao pronome *ele/ela*, e posteriormente entendidas como associadas também ao pronome *você*). Para o caso dativo, elenca as formas *ti* e *tigo* (associadas a *tu*) e *lhe(s)* (associadas primeiramente à terceira pessoa e posteriormente a *você*).

A essa lista, Monteiro (1994) faz algumas ressalvas, dentre as quais, destacam-se: (i) as formas usadas como objeto direto (ou seja, acusativo) se aplicam também como formas de objeto indireto; e (ii) o clítico *lhe* não é acompanhado por preposição, como ocorre com as demais formas de dativo do paradigma pronominal. Evidencia, ainda, que o pronome *lhe*, antes reservado à categoria de objeto indireto, atualmente também figura como objeto direto – como observado anteriormente, no excerto (29).

As relações entre forma pronominal, caso e posição sintática são desmembradas por Cavalcante e Figueiredo (2009), que explicam que os complementos verbais ou argumentos internos podem ser divididos em dois grandes grupos, a saber, aqueles sem preposição e aqueles com preposição. Essa divisão corresponderia, grosso modo, à divisão proposta por Mira Mateus et al. (1994) entre objeto direto e objeto indireto, respectivamente, mas, segundo Cavalcante e Figueiredo (2009, p. 91), essa última é “uma divisão simplificadora e imprecisa”. Afirmando se tratar a classe dos objetos diretos de um conjunto mais homogêneo de elementos, as ressalvas dos autores recaem mais especificamente sobre os complementos preposicionados – que, segundo eles, podem, na realidade, ser classificados em três grupos, de acordo com traços semânticos e sintáticos: os complementos oblíquos, os complementos circunstanciais e os complementos dativos.

Os complementos **oblíquos** seriam aqueles que se assemelham ao objeto direto no que diz respeito ao papel temático atribuído a eles, a saber, *tema* ou *paciente*. A diferença estaria na impossibilidade de os complementos oblíquos serem substituídos por clíticos acusativos e de serem apassivados. Como exemplos, entre outros, os autores trazem *O pugilista bateu no oponente*, *Os baianos gostam de acarajé* e *João pensou na moça o dia todo* (p. 92).

Já os complementos circunstanciais, segundo Cavalcante e Figueiredo (2009), aproximam-se dos adjuntos adverbiais justamente por

serem realizados por expressões de natureza adverbial. Esses complementos não recebem papel temático de *tema* ou *paciente* – usualmente, aparecem como *locativo*. Exemplos citados pelos autores incluem *Eu fui à praia* e *Eu moro em Salvador* (p. 93).

Por fim, os complementos **dativos** diferem dos demais tipos de complementos por manifestarem três características em conjunto: (i) ocorrerem somente com verbos bitransitivos (isto é, verbos de três argumentos), junto a complementos diretos, estes plenos ou nulos; (ii) não serem substituídos por clíticos acusativos e nem poderem ser apassivados; e (iii) receberem papel temático de *alvolmeta* ou *fontelrecipiente*. Dentre os exemplos oferecidos por Cavalcante e Figueiredo (2009), estão *Maria entregou o assaltante à polícia*, *O policial ofereceu ao acusado uma alternativa* e *A equipe recebeu a taça do presidente da federação* (p. 93). Novamente, observa-se que os critérios, ao privilegiarem as formas de terceira pessoa, não são plenamente coerentes para a identificação de dativos de segunda pessoa – é o que se nota, mais especificamente, no critério (ii), uma vez que, conforme já assinalado, acusativos e dativos de segunda pessoa do singular apresentam formas em comum.

Neste estudo, opta-se por adotar a divisão proposta por Cavalcante e Figueiredo (2009). Dessa forma, os pronomes considerados como objeto indireto são subclassificados como oblíquos e dativos, ficando fora do recorte proposto os complementos circunstanciais, que são mais dificilmente encontrados em associação com a segunda pessoa do singular. Apesar disso, ressalte-se, novamente, que as categorias podem atender aos critérios em maior ou menor grau, operando-se com a noção de prototipicidade. O critério de identificação por meio da presença da preposição *a*, apresentado por Mira Mateus et al. (1994), é desconsiderado, e o tipo de preposição que introduz os pronomes é controlado, a fim de se verificar a distribuição entre *a* e *para*, comum no português brasileiro.

Do *corpus* analisado nesta pesquisa, podem-se destacar ocorrências de complementos verbais oblíquos, em (35), (36) e (37), e de complementos verbais dativos, em (38), (39), (40) e (41):

(35) *Eu por minha parte, quero ser sincera, gosto muito de ti.* (A, 1964)

(36) *Hoje [inint.] que me sinto mais calmo, comquanto espreite ainda os inimigos, esses assassinos cobardes, lobos em rebanho de ovelhas, sem poder ir francamente á cidade desde Abril do ano passado, mes em que metti-me na matta e ahi estive até fins de Setembro, soffrendo as mais duras privações; hoje porem, repito, que me sinto mais calmo, eis-me a*

comunicar contigo, de coração aberto para o teu, de alma aberta para tua. (Araújo Figueiredo, 1895)

(37) *Gostaria muito de conversar com você na sua próxima visita ao Rio.* (Maura de Senna, 1967)

(38) *Peço-te este favor porque tenho dificuldades em me entender em francês por telefone, principalmente, e porque é muito caro telefonar para a França.* (Harry Laus, 1988)

(39) *[...] sua cidade causou tão forte impressão, que não pude deixar de escrever sobre ela. Não chega a ser uma crônica, porém espero que lhe agrade⁴⁶.* (E, 1965)

(40) *Falei com diversos rapazes mas nunca dediquei amor a nenhum como a ti dedico.* (A, 1964)

(41) *[...] eu achei sempre em você uma simpatia a qual o apreciei há muito tempo e que não posso deixar de contar para você.* (V, 1968)

Na próxima subseção, são retomados resultados de estudos anteriores que buscaram verificar as estratégias de realização de sujeitos e complementos verbais de segunda pessoa do singular no português brasileiro. Tais resultados são relevantes não apenas para estabelecer um mapeamento das formas que figuram nas categorias morfossintáticas aqui investigadas – mapeamento para o qual se pretende que esta pesquisa contribua –, mas também para que se fundamentem as hipóteses testadas neste estudo.

2.2 UM PANORAMA DE ESTUDOS SOBRE A VARIAÇÃO ENTRE TU E VOCÊ

Nesta subseção são apresentados resultados de estudos a respeito da variação entre os pronomes *tu* e *você*, enfatizando diferenças diatópicas, correlações morfossintáticas e condicionamentos socioestilísticos envolvidos no fenômeno variável. Os trabalhos visitados são divididos entre aqueles que consideram dados de amostras sincrônicas do final do século XX e início do século XXI, e aqueles que ajudam a

46 A ocorrência (39) ilustra como os critérios para a identificação das categorias morfossintáticas em análise são atendidos em maior ou menor grau: O verbo *agradar*, embora não seja bitransitivo (trata-se, nesse caso, de verbo transitivo indireto), recebe um complemento que aqui é classificado como dativo, por apresentar outras características como (i) não poder ser apassivado e (ii) não poder ser complementado por clítico acusativo.

delinear a trajetória diacrônica da alternância entre os pronomes de P2. Embora o objeto de estudo em questão seja a distribuição desses pronomes nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos, a maior parte dos trabalhos revisados, em especial aqueles que lidam com dados da atualidade, tem como foco a variação entre *tu* e *você* somente como pronome-sujeito.

As pesquisas que trazem resultados sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular no Brasil nos dias de hoje são muitas e são retomadas aqui de modo breve e resumido, partindo da obra de Scherre et al. (2009), com o objetivo de oferecer um retrato da atual distribuição de *tu* e *você* em algumas localidades do Brasil e de justificar o entendimento dos dois pronomes como variantes de uma mesma variável. Os estudos realizados com dados recentes de Santa Catarina são mais bem detalhados, uma vez que se constituem como o ponto de partida desta pesquisa rumo ao passado (e de volta ao presente). Já a revisão dos estudos diacrônicos leva em consideração principalmente pesquisas realizadas por estudiosos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e trabalhos que abarcam amostras catarinenses, com vistas a iluminar as hipóteses que orientam esta pesquisa.

2.2.1 Estudos sobre a variação entre *tu* e *você* na atualidade

Nas últimas décadas, várias pesquisas têm documentado que os pronomes *tu* e *você* se comportam como variantes em diversas localidades do Brasil (RAMOS, 1989; PAREDES SILVA, 1998; MENON; LOREGIAN-PENKAL, 2002; LOREGIAN-PENKAL, 2004; OLIVEIRA, 2004; LUCCA, 2005; MODESTO, 2006; LOPES et al., 2009; SCHERRE et al., 2009; ALVES, 2010; MARTINS, 2010; ROCHA, 2012; entre outros). Dentre essas pesquisas, destaca-se o trabalho de Scherre et al. (2009), que apresenta um apanhado bastante abrangente dos estudos que focalizam a variação entre *tu* e *você* como sujeito da oração. O principal produto da investigação dos autores é um mapa que resume resultados sobre a variação entre *tu* e *você* e evidencia significativas diferenças diatópicas no uso das duas variantes (Cf. Mapa 1) – embora se saiba que diferenças estilísticas também operem com frequência sobre esse fenômeno nas localidades em que os dois pronomes coocorrem.

Mapa 1 – Distribuição das variantes *tu* e *você* no Brasil, segundo Scherre et al. (2009)



Fonte: Scherre et al. (2009) *apud* Martins, 2010, p. 100

Os dados apresentados no Mapa 1 mostram a presença do pronome *tu*, por vezes apontado como suprimido no português do Brasil, em todas as regiões, ao mesmo tempo em que atesta a preponderância numérica de *você* em relação a *tu*. Scherre et al. (2009), além de evidenciarem um retrato da variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular no Brasil, agregam informações com relação à frequência de concordância verbal com o pronome *tu*. Tomando como parâmetro a correlação entre essas duas variáveis (pronomes-sujeito de P2 e concordância com *tu*), os autores distinguem seis subsistemas no português falado no Brasil, que

são detalhados e reordenados⁴⁷ em Lopes e Cavalcante (2011) e aparecem sistematizados no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Seis subsistemas brasileiros relativos à alternância pronominal de P2 como sujeito e à frequência de concordância verbal com o pronome tu, com base em Scherre et al. (2009) e Lopes e Cavalcante (2011)

Subsistema	Pronome-sujeito	Concordância verbal com o pronome tu	Localidades em que vige o subsistema	Trabalhos que atestam os resultados
1) <i>ocê</i>	<i>ocê</i> (e variantes <i>cê</i> , <i>ocê</i>) com frequência entre 97% e 100%	---	Belo Horizonte, Montes Claros, Uberlândia, Arcos (MG), Vitória (ES), Curitiba (PR), Salvador, Helvécia e Rio das Contas (BA)	Ramos (1997), Coelho (1999), Andrade (2004), Loregian-Penkal (2004), Figueiredo (2005), Herênio (2006), Gonçalves (2008) e Calmon (2010)
2) <i>tu</i> (concordância baixa)	<i>tu</i> com frequência superior a 80%	abaixo de 10%	Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Pelotas (RS) e Tefé (AM)	Amaral (2003), Loregian-Penkal (2004) e Martins (2010)
3) <i>tu</i> (concordância média)	<i>tu</i> com frequência entre 76% e 96%	acima de 40%	Florianópolis (SC), São Luís (MA) e Belém (PA)	Soares e Leal (1993), Loregian (1996) e Loregian-

47 O Quadro 2 é organizado de acordo com as informações disponíveis em Lopes e Cavalcante (2011), que, por sua vez, retomam o apanhado de Scherre et al. (2009). Lopes e Cavalcante (2011) reordenam os subsistemas elencados por Scherre et al. (2009): os subsistemas 3 e 4 passam a ser 4 e 3, respectivamente.

				Penkal (2004)
4) <i>você/tu</i> (concordância muito baixa)	<i>você e tu</i> distribuídos equilibradamente (50%-50%)	perto de 1%	Chapecó (SC)	Loregian-Penkal (2004)
5) <i>você/tu</i> (sem concordância)	<i>tu e você</i> , índices maiores de <i>você</i> (30% a 95%) do que de <i>tu</i> (5% a 70%)	sem concordância	Distrito Federal, Grande Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Santos (SP), São João da Ponte (MG), Cinzento, Sapé, poções, Santo Antônio (BA) e áreas bilíngues do Paraná	Leão, Altenhofen e Klassmann (2003), Paredes Silva (2003), Figueiredo (2005), Lucca (2005), Modesto (2006), Dias (2007), Figueiredo (2007), Mota (2008) e Lopes et al. (2009)
6) <i>você/tu</i> (concordância médio-baixa)	emprego variável dos dois pronomes (percentuais não completamente conhecidos)	entre 14 e 38%	Blumenau, Lages (SC), Recife (PE), João Pessoa, Campina Grande (PB), Fortaleza (CE), Teresina (PI) e Imperatriz (MA)	Soares (1980), Bezerra (1994), Loregian (1996), Loregian-Penkal (2004) e Herênio (2006)

Fonte: Adaptado de Scherre et al. (2009) e de Lopes e Cavalcante (2011)

Da descrição oferecida no Mapa 1 e no Quadro 2, destaca-se a situação das cidades de Florianópolis e Lages, particularmente importantes para esta pesquisa. A capital catarinense é enquadrada no subsistema (4) de Scherre et al. (2009) e (3) de Lopes e Cavalcante (2011), isto é, *tu* com concordância média, ao passo que Lages se enquadra no subsistema (6), ou seja, *você/tu* com concordância médio-baixa.

Loregian (1996) é um dos estudos utilizados pelos autores como fonte para o mapeamento da distribuição entre *tu* e *você* em Florianópolis. Nele, a autora investiga dados das 24 entrevistas da Amostra-base do VARSUL⁴⁸ de Florianópolis, de 12 entrevistas da Amostra de jovens (15-24 anos) do VARSUL⁴⁹ de Florianópolis, de 12 entrevistas do Ribeirão da Ilha (bairro florianopolitano) da Amostra Brescancini⁵⁰ e das 24 entrevistas da Amostra-base do VARSUL do Porto Alegre (RS). Resultados relevantes para esta discussão são aqueles que dizem respeito à concordância verbal na capital catarinense: As duas amostras do VARSUL de Florianópolis totalizam 935 ocorrências do pronome *tu* na posição de sujeito, dentre as quais 371 (40%) são com marcação de concordância verbal; na amostra do Ribeirão da Ilha, são computadas 425 ocorrências do pronome, sendo 240 (57%) com marca de concordância no verbo que as acompanha.

48 O VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) é um núcleo de pesquisa que comporta diferentes amostras de dados. Na Amostra-base, constam 288 entrevistas realizadas na Região Sul na década de 1990. Em cada um dos três estados, escolheram-se, além das capitais, outras três cidades, representantes de diferentes etnias e colonizações: no Paraná, as cidades de Curitiba, Iratí, Londrina e Pato Branco; em Santa Catarina, as cidades de Florianópolis, Chapecó, Lages e Blumenau; e no Rio Grande do Sul, as cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha, São Borja e Panambi. Em cada cidade foram realizadas 24 entrevistas, sendo 12 com informantes do sexo masculino e 12 com informantes do sexo feminino; 12 com informantes de 25 a 50 anos e 12 com informantes de mais de 50 anos; e três com informantes de quatro anos de escolarização, três com informantes de oito anos de escolarização e três com informantes de 11 anos de escolarização. Mais informações sobre o VARSUL estão disponíveis na página do núcleo de pesquisa na Internet <www.varsul.org.br>.

49 A Amostra de jovens do VARSUL é um conjunto de 12 entrevistas coletadas pelos acadêmicos matriculados na disciplina Sociolinguística II, oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLg) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em meados da década de 1990. As 12 entrevistas foram realizadas com informantes de idade entre 15 e 24 anos, divididos igualmente por sexo e por escolaridade, nos moldes da Amostra-base do VARSUL.

50 A Amostra Brescancini consiste de 12 entrevistas realizadas pela pesquisadora Cláudia Regina Brescancini na década de 1990, para a realização de sua dissertação de mestrado. Os informantes dessa amostra são moradores do bairro Ribeirão da Ilha – o segundo distrito mais antigo da capital catarinense, bastante afastado do Centro, onde se conservam características culturais (gastronomia, arquitetura, economia) dos colonizadores açorianos – e foram divididos igualmente por sexo e escolaridade, nos moldes da Amostra-base do VARSUL, mas não por faixa etária.

Em uma reanálise, Loregian-Penkal (2004) computa 43% de concordância verbal com *tu* em Florianópolis (251 de 585 dados da Amostra-base do VARSUL de Florianópolis, dessa vez sem incluir a Amostra de jovens) e 60% no Ribeirão da Ilha (268 de 445 ocorrências na Amostra Brescancini), fazendo uma média próxima de 50% de concordância verbal se consideradas as duas amostras. Cabe ressaltar que a distribuição entre os pronomes *tu* e *você* (somente em posição de sujeito, incluindo marcadores discursivos e formas imperativas de P2) em Florianópolis é exposta em números percentuais apenas no trabalho de 2004: nos dados da Amostra-base do VARSUL, dos 767 dados de P2, 585 (76%) são de *tu*; na amostra Brescancini, referente ao bairro Ribeirão da Ilha, das 462 ocorrências, 445 (96%) são de *tu*. Pode-se perceber, pelos resultados de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), que tanto os índices de realização do pronome *tu* em relação ao pronome *você* quanto as taxas de marcação de concordância verbal com *tu* são maiores no bairro Ribeirão da Ilha do que na zona urbana de Florianópolis.

Os números apresentados por Rocha (2012) e Davet (2013), no entanto, sugerem uma possível realocação da cidade de Florianópolis entre os subsistemas propostos por Scherre et al. (2009) e Lopes e Cavalcante (2011). Rocha (2012), ao analisar 28 entrevistas distribuídas entre a Amostra-base do VARSUL, a Amostra Monguilhott⁵¹ e a Amostra Floripa⁵², verifica a variação entre *você*, *tu* e *o senhor*, e controla estatisticamente a concordância verbal. Das 573 ocorrências encontradas pela autora, 99 (17%) são de *você*, 440 (76%) são de *tu* e 34 (5%) são de *o senhor*. Se computados somente os dados de *tu* e *você*, o primeiro pronome soma 81,6% e o segundo 18,36% do total de ocorrências. A taxa de marcação de concordância verbal com *tu* nas amostras analisadas por Rocha (2012) é de 19,4%.

Davet (2013), por sua vez, analisando 31 entrevistas pertencentes à Amostra Monguilhott e à Amostra Floripa, compara seus resultados aos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004), com o objetivo de testar hipóteses referentes à mudança em tempo real. No que diz respeito à distribuição dos pronomes de P2, os resultados obtidos por Davet (2013)

51 A amostra Monguilhott é formada por 32 entrevistas, sendo 16 coletadas em Florianópolis e 16 em Lisboa ao longo dos anos de 2006 e 2007. Na ocasião, a pesquisadora Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott realizou a coleta para a sua tese de doutorado, defendida em 2009, e se preocupou em contemplar áreas mais e menos urbanas em cada uma das cidades, bem como informantes de graus de escolaridade e de faixas etárias distintas, desconsiderando a variável 'sexo'.

52 A amostra Floripa é constituída por entrevistas realizadas por alunos da disciplina Sociolinguística e Dialetolegia, oferecida pelo PPGLg da UFSC, entre os anos de 2009 e 2012, e contempla área menos urbanas da cidade de Florianópolis.

se aproximam muito dos de Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004): dos 959 dados, 812 (85%) são de *tu* e apenas 147 (15%) são de *você*. Com relação aos índices de concordância verbal, no entanto, os resultados mostraram-se diferentes daqueles observados nos estudos de 1996 e 2004: das 812 ocorrências com o pronome *tu*, 700 (86%) foram sem marca de concordância verbal e 112 (14%) foram com marca de concordância verbal. Os 112 dados com marca de concordância no verbo foram divididos pela autora entre aqueles com concordância verbal canônica (*-ste, -es, -s*), que totalizaram 49 (6%), e aqueles com concordância verbal canônica modificada (*-sse*), que somaram 63 (8%) das ocorrências.

Os resultados apresentados por Rocha (2012) e Davet (2013) indicam, portanto, que a taxa de concordância com o pronome *tu* na cidade de Florianópolis registrada por Scherre et al. (2009) e reproduzida por Lopes e Cavalcante (2011) pode ser revista. Utilizando amostras coletadas 20 anos depois daquela pesquisada por Loregian (1996) e Loregian-Penkal (2004) – trabalhos que serviram como fonte para o mapa de Scherre et al. (2009) –, Rocha (2012) e Davet (2013) ainda encontram números altos de uso de *tu* em relação a *você* (81,6% de uso de *tu* no estudo de 2012 e 85% de uso de *tu* no de 2013), mas índices de concordância baixos (19,4% de concordância no estudo de 2012 e 14% de concordância no estudo de 2013).

Os dados de Lages da Amostra-base do VARSUL também são investigados por Loregian-Penkal (2004)⁵³. Em seu estudo, a autora obtém a seguinte distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na posição de sujeito (que, em sua contagem incluem marcadores discursivos e formas imperativas de P2): das 1.225 ocorrências, 1.036 (85%) são de *você* e 189 (15%) são de *tu*. Além disso, 27 (14%) dos 189 dados de *tu* apresentam marca de concordância verbal.

No trabalho de Hausen (2000), em que a autora investiga a concordância verbal com o pronome *tu* nas cidades de Lages, Blumenau e Chapecó (SC) com dados da Amostra-base do VARSUL⁵⁴, são documentadas 1.132 ocorrências de pronomes de P2 em posição de sujeito nas 24 entrevistas lageanas, dentre as quais 947 (83,7%) são de *você* e apenas 185 (16,3%) são de *tu*. Além disso, a autora observa que a concordância com o pronome *tu* é bastante baixa, na faixa de 9% (dez de 114 ocorrências).

53 Loregian-Penkal (2004) investigou ainda todas as cidades gaúchas e catarinenses da Amostra-base do VARSUL.

Oliveira (2004) investiga a hipótese que contrapõe o português de Lages ao português de Florianópolis, confiando no fator ‘colonização’ como um condicionador do uso diverso dos pronomes de P2 nas duas cidades⁵⁵. O autor utiliza oito entrevistas de Florianópolis e oito entrevistas de Lages, provenientes da Amostra-base do VARSUL. Os números encontrados por Oliveira (2004) correlacionam a expressão do pronome de segunda pessoa com o preenchimento do sujeito e com a marca de concordância verbal distintiva do pronome *tu*, resultando em cinco variantes controladas, conforme se vê nos números da Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos pronomes de P2 e da concordância verbal com *tu* nas cidades de Florianópolis e Lages, conforme Oliveira (2004)

Variantes	Florianópolis	Lages
Você fez	44/157 (28%)	237/305 (78%)
Tu fez	59/157 (38%)	35/305 (11%)
Tu fizeste	20/157 (13%)	1/305 (0,5%)
Fez	24/157 (15%)	28/305 (9%)
Fizeste	10/157 (6%)	4/305 (1,5%)
Total	157	305

Fonte: Adaptada de Oliveira (2004)

Os resultados encontrados por Oliveira (2004) corroboram, em parte, aqueles obtidos por Hausen (2000) e Loregian-Penkall (2004): em Lages, há preferência pelo pronome *você*, que aparece majoritariamente pleno⁵⁶, e a taxa de concordância com *tu* é baixa, possivelmente porque são poucas as ocorrências desse pronome; a forma *tu* é preferida em Florianópolis (considerando-se o total das variantes que incluem *tu*), mas, diferentemente do que indica Loregian-Penkall (2004), é usada preponderantemente sem a marca distintiva no verbo.

Ainda no âmbito da variação diatópica, focadas especificamente na variação entre os pronomes de P2 e desconsiderando os índices de concordância verbal com a variante *tu*, Lopes e Cavalcante (2011) resumem os seis subsistemas de Scherre et al. (2009) a três: (i) *você*, em que somente o pronome *você* é encontrado na posição de sujeito; (ii) *tu*, em que apenas o pronome *tu* é encontrado como sujeito; e (iii) *você/tu*, em que os dois pronomes se alternam na posição de sujeito. As autoras

55 Oliveira investiga, ainda, o português falado nas cidades de Porto Alegre e São Borja, no Rio Grande do Sul, testando a hipótese de que as cidades do interior de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul (Lages e São Borja) se oporiam às capitais (Florianópolis e Porto Alegre) no que tange ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular. Tal hipótese não foi corroborada, uma vez que somente a cidade de Lages apresentou altos índices de uso de *você* – nas demais cidades investigadas pelo autor, a preferência geral foi pela forma *tu*.

56 Aqui, está-se considerando a variante *fez* como ocorrência de *você* como sujeito nulo.

correlacionam os três sistemas às cinco regiões geopolíticas brasileiras, como é visto no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Três subsistemas brasileiros relativos à alternância pronominal de P2 na posição de sujeito, com base em Scherre et al. (2009)

Subsistema/Região	Centro-oeste	Sudeste	Sul	Nordeste	Norte
(1) <i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	<i>Você</i>	
(2) <i>Tu</i>			<i>Tu</i>	<i>Tu</i>	<i>Tu</i>
(3) <i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>	<i>Você/Tu</i>

Fonte: Lopes e Cavalcante (2011 p. 39)

O Quadro 3 evidencia que o subsistema *misto* (iii) está presente nas cinco colunas correspondentes às regiões do país, ou seja, que a variação entre *tu* e *você* na posição de sujeito é documentada em todas as regiões brasileiras. As regiões Centro-oeste e Sudeste não apresentam o subsistema (ii) *tu*, o que leva a crer que os informantes dessas regiões, se têm a variante *tu* em sua fala, alternam-na com o pronome-sujeito *você*. Observa-se, ainda, que a Região Norte é a única que não apresenta o subsistema (i) *você*, o que implica que os falantes que usam a variante *você* o fazem alternando-a com *tu* e que não há falantes de uso categórico de pronome-sujeito *você*. Por fim, nota-se que as regiões Sul e Nordeste são as únicas a apresentar os três subsistemas documentados, ou seja, os informantes dessas regiões ou usam categoricamente a forma *você* como sujeito, ou usam categoricamente o pronome-sujeito *tu*, ou alternam as duas variantes na posição de sujeito⁵⁷.

A variação diatópica também é uma preocupação de Nunes de Souza (2011), que faz uma síntese de trabalhos que levaram em conta a variação entre *tu*, *você* e eventualmente *cê*, *o senhor* e *tratamento zero* e a variação entre os pronomes possessivos de P2 (*teu* e *seu*), separando-os entre aqueles realizados com dados da Região Sul e aqueles realizados com dados de localidades fora da Região Sul. Com relação aos resultados da Região Sul, a autora revisa os estudos de Guimarães (1979), Abreu (1987) e Ramos (1989), conduzidos, respectivamente, nas cidades de Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e Florianópolis (SC), dos quais obtém as seguintes tendências de uso:

A ausência do pronome de segunda pessoa TU na cidade de Curitiba (ABREU, 1987);

⁵⁷ Cabe observar que no Quadro 3 não são consideradas motivações estilísticas ou pragmáticas, e que, embora tenha sido desenvolvido com base em estudos científicos, observações não sistemáticas podem eventualmente dar conta de usos que destoam do panorama apresentado.

A alternância entre TU e VOCÊ em Porto Alegre (GUIMARÃES, 1979) [dados de escrita] e em Florianópolis (RAMOS, 1989) [dados de testes de produção e percepção];

A preferência pela forma VOCÊ [na escrita] entre os informantes mais jovens de Porto Alegre (GUIMARÃES, 1979);

A percepção dos informantes de que, em Florianópolis, o TU é usado em situações mais familiares e de menos formalidade e de que VOCÊ é utilizado em situações mais formais (RAMOS, 1989);

A preferência, em Curitiba e em Florianópolis, pelo tratamento zero⁵⁸ (ABREU, 1987 e RAMOS, 1989) [dados de testes de produção]. (NUNES de SOUZA, 2011, p. 51).

No que tange à Região Sul, ainda, a autora resenha as pesquisas de Loregian-Penkhal (2004) e Arduin (2005), realizadas com a Amostra-base do VARSUL. O estudo de 2004 já foi apresentado e será mais bem detalhado adiante, mas, por ora, vale destacar que Nunes de Souza (2011), em sua revisão, sintetiza os seguintes apontamentos:

Dentre os dados do VARSUL, a localidade catarinense onde há mais falantes de VOCÊ como segunda pessoa do singular *exclusivamente* é Lages; as cidades de Blumenau e Chapecó apresentam maior número de informantes que alternam o uso de TU e VOCÊ; Florianópolis apresenta maior número de falantes de TU exclusivamente; e no Ribeirão da Ilha não há falantes que usem VOCÊ com exclusividade (Cf. LOREGIAN-PENKHAL, 2004);

No Banco de dados VARSUL, dentre os 48 entrevistados catarinenses e gaúchos, há 8 informantes que não fazem uso nem de VOCÊ e nem de TU, optando por tratar seu interlocutor pela forma ZERO (Cf. LOREGIAN-PENKHAL, 2004); O uso dos pronomes possessivos TEU e SEU, no Banco de dados VARSUL, é condicionado por fatores de simetria social e proximidade: relações assimétricas de inferior para superior, assim como

58 O *tratamento zero* consiste em um sujeito nulo associado a uma forma verbal não marcada, cujo referente formal não pode ser recuperado no texto (mas somente no contexto situacional).

o discurso de pessoas próximas, apresentam uma tendência ao uso do pronome TEU em relação a SEU (Cf. ARDUIN, 2005) [...]. (NUNES de SOUZA, 2011, p. 62-63).

Dentre os estudos realizados com dados de localidades fora da Região Sul, a autora retoma os de Mendes (1998), Paredes Silva (2003), Modesto (2006) e Lucca (2007), resumindo as seguintes tendências:

Ao contrário do que têm divulgado muitos materiais normativistas (como CUNHA e CINTRA, 2001), e mesmo estudos de base empírica (como PAREDES SILVA, 2003), o pronome TU está presente em todas as regiões do Brasil, como apontam os trabalhos de Soares e Leal (1993, apud LUCCA, 2007), Modesto (2006), Lucca (2005), Lucca (2007) e Paredes Silva (2003) [...].

O pronome VOCÊ parece estar associado a situações de maior monitoramento, maior distanciamento e maior formalidade, ao passo que o pronome TU parece estar relacionado a contextos de menor monitoramento, menor distanciamento, menor formalidade, e em relações simétricas e relações assimétricas de superior para inferior (Cf. SOARES E LEAL (1993, apud LUCCA, 2007); MENDES, 1998; PAREDES SILVA, 2003; LUCCA, 2005; MODESTO, 2006 e LUCCA, 2007);

A forma O(A) SENHOR(A) estaria confinada a contextos de maior formalidade e no tratamento em relações assimétricas de inferior para superior (Cf. SOARES e LEAL, 1993 e MENDES, 1998);

O uso de TU estaria levemente associado à fala masculina (Cf. PAREDES SILVA, 2003 e LUCCA, 2005). (NUNES de SOUZA, 2011, p. 68-69).

Estudos que evidenciem diferenças diatópicas são relevantes para o entendimento da atual distribuição dos pronomes *tu* e *você* e, sobretudo, no escopo desta tese, são importantes porque delimitam e justificam a seleção de determinadas pesquisas para revisão e posterior estabelecimento de hipóteses. A partir dos trabalhos mencionados até o momento, parece plausível pensar que hipóteses com relação aos

pronomes de P2 não são necessariamente extensíveis entre pesquisas realizadas em diferentes localidades. Assim, para apontar tendências em termos de condicionamentos socioestilísticos e de correlações morfosintáticas no uso atual dos pronomes *tu* e *você* com maior detalhamento, são visitados dois estudos: o de Loregian-Penkal (2004) e o de Rocha (2012), que lidam com dados oriundos das localidades investigadas neste projeto.

Na pesquisa de Loregian-Penkal (2004), através do cruzamento das variáveis ‘sexo’, ‘faixa etária’ e ‘escolaridade’ com a variável ‘localidade’, é possível perceber detalhes a respeito da variação entre os pronomes de P2. A Tabela 3, a seguir, sintetiza os resultados da autora referentes ao cruzamento entre ‘sexo’ e ‘localidade’.

Tabela 3 – Frequência do pronome *tu* em relação a *você* em Florianópolis, no Ribeirão da Ilha e em Lages segundo o cruzamento entre as variáveis ‘sexo’ e ‘localidade’, de acordo com Loregian-Penkal (2004)

Localidade	Florianópolis		Ribeirão da Ilha		Lages	
	Aplic.	Freq.	Aplic.	Freq.	Aplic.	Freq.
Sexo						
Masculino	204/344	59%	185/193	96%	75/724	10%
Feminino	387/423	91%	262/269	97%	115/501	23%

Fonte: Adaptada de Loregian-Penkal (2004)

A Tabela 3 mostra diferentes opções de uso dos pronomes de P2 em cada localidade. Em Florianópolis, apesar da preferência geral pelo pronome *tu* em detrimento de *você*, observa-se que a fala dos homens exibe maior variação e que o pronome *você* tem maior frequência na fala dos informantes do sexo masculino do que na das informantes do sexo feminino. No Ribeirão da Ilha, homens e mulheres comportam-se de modo semelhante; o pronome *tu* é a preferência na fala de ambos os sexos, com larga vantagem sobre a forma *você*. Por fim, em Lages, a despeito da preferência geral pelo pronome *você*, as mulheres aparecem com uma tendência um pouco maior do que os homens (ainda que também baixa) a usar *tu* em sua fala.

No cruzamento entre ‘faixa etária’ e ‘localidade’, Loregian-Penkal (2004) obtém os seguintes resultados: (i) em Florianópolis, os informantes da faixa dos 25 aos 49 anos realizam o pronome *tu* em detrimento de *você* em 78% das ocorrências, enquanto aqueles com idade acima de 50 anos o fazem em 75% dos casos; (ii) na localidade do Ribeirão da Ilha, os informantes de 25 a 49 anos usam categoricamente *tu*, ao passo que aqueles com idade superior a 50 anos o fazem em 92% das ocorrências; (iii) por fim, na cidade de Lages, os informantes da faixa dos 25 aos 49 anos preferem o pronome *tu* em 18% dos casos e aqueles

com mais de 50 anos o fazem em apenas 9% das ocorrências. Atesta-se, assim, que: (i) há pouca diferença entre o uso dos pronomes de P2 feito pelos informantes mais novos ou mais velhos na zona urbana de Florianópolis; (ii) no Ribeirão há uma sensível diferença entre as faixas etárias, com os informantes mais novos fazendo uso categórico de *tu* e os mais velhos realizando altas taxas desse pronome; (iii) há em Lages uma tendência geral para o uso de *você*, mas os falantes mais jovens apresentam maior variação com o pronome *tu* em sua fala dos que os mais velhos.

Com relação ao cruzamento entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘localidade’, os resultados obtidos por Loregian-Penkak (2004) encontram-se sintetizados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Frequência do pronome *tu* em relação a *você* em Florianópolis, no Ribeirão da Ilha e em Lages segundo o cruzamento entre as variáveis ‘escolaridade’ e ‘localidade’, de acordo com Loregian-Penkak (2004)

Localidade	Florianópolis	Ribeirão da Ilha	Lages
Escolaridade	Frequência	Frequência	Frequência
1º ciclo Ensino Fundamental	64%	88%	6%
2º ciclo Ensino Fundamental	77%	99%	17%
Ensino Médio	95%	100%	18%

Fonte: Adaptada de Loregian-Penkak (2004)

Resguardadas as preferências gerais de uso em cada localidade (prevalência de *tu* em Florianópolis e no Ribeirão e de *você* em Lages), o que se nota é que, quanto maior a escolaridade, maior o uso do pronome *tu*. As conclusões que podem se tirar dos números constantes na Tabela 4 são de ordem variada. Em geral, variantes associadas a maior escolaridade são também aquelas consideradas prestigiadas; no entanto, não é o que se observa quando se comparam os resultados de Loregian-Penkak (2004) aos dos testes de avaliação aplicados por Ramos (1989) na cidade de Florianópolis, em que os informantes elegem o pronome *você* como aquele mais “bonito”, “educado” e “correto”. É possível pensar, também, que apesar de o uso de *você* ser bem avaliado, o uso de *tu*, especialmente quando acompanhado de concordância verbal padrão, pode ser associado ao ensino escolar porque é na escola que, em geral, aprende-se a conjugar formas verbais menos esperadas na fala informal – embora não se desconsidere que falantes mais velhos possam ter *adquirido*, em sua infância, a forma *tu* com concordância verbal marcada antes de chegar à escola.

O trabalho de Rocha (2012) contempla a análise da distribuição entre *você*, *tu* e *o senhor* em entrevistas e testes de produção e de

percepção realizados na cidade de Florianópolis. Os resultados aqui retomados referem-se às entrevistas, que totalizam 28, sendo que quatro delas são oriundas da Amostra-base do VARSUL, oito da Amostra Floripa e 16 da Amostra Monguilhott. A autora focaliza dados tanto de zonas mais urbanas (bairros Centro e Ingleses) quanto de zonas menos urbanas (bairros Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa e Rationes) da capital catarinense.

Do total de 573 ocorrências, que compreendem formas somente em posição de sujeito, conforme já registrado, 440 (76%) são de *tu*, 99 (17%) de *você* e 34 (5%) de *o senhor*. Se contados somente os dados de *você* e *tu*, as frequências são de 18,36% e 81,6%, respectivamente. A autora computa, ainda, ainda dez ocorrências de forma de tratamento *zero*. Os dados de *tu* e *você* são investigados por Rocha (2012) através de análises multidimensionais que levam em consideração grupos de fatores de ordem externa e interna à língua.

A variável ‘sexo’ foi uma das selecionadas como relevante. Os homens, no *corpus* utilizado pela autora, preferem a variante *tu* em 293 (63%) das 306 ocorrências (P.R. = 0,21) e as mulheres em 147 (95%) dos 233 dados (P.R. = 0,72), corroborando os resultados apresentados por Loregian-Penkal (2004). O grupo de fatores ‘faixa etária’, mais um entre os selecionados, também segue as mesmas tendências apontadas na pesquisa de 2004: informantes mais jovens (15-33 anos) realizam *tu* em 200 (96%) das 207 ocorrências (P.R. = 0,88), ao passo que os mais velhos (39-47 anos) o fazem em 240 (72%) dos 332 dados (P.R. = 0,22).

A ‘escolaridade’, igualmente, mostrou-se uma variável relevante e seguiu a mesma direção dos resultados de Loregian-Penkal (2004). Os informantes mais escolarizados – com Ensino Superior completo ou incompleto – usam o pronome *tu* em 232 (96%) das 240 ocorrências (P.R. = 0,71), enquanto os informantes menos escolarizados – com Ensino Fundamental completo ou incompleto – realizam *tu* em 208 (69%) dos 299 dados (P.R. = 0,32).

Rocha (2012) controla, ainda, uma variável que classifica como *sociodiscursiva*, o ‘tipo de relação entre os interlocutores’, e uma variável geográfica, a ‘diazonalidade’. Ambas as variáveis foram consideradas relevantes. No que tange ao tipo de relação, considerando o escopo do discurso reportado, nas relações assimétricas ascendentes, *tu* é usado em 13 (81%) dos 16 dados (P.R. = 0,39); nas relações assimétricas descendentes, em 76 (96%) das 79 ocorrências (P.R. = 0,87); e nas relações entre entrevistador e entrevistado, em 95 (76%) dos 124 dados (P.R. = 0,23). Com respeito à ‘diazonalidade’, as zonas menos urbanas registram maior uso da variante *tu*, com 215 (91%) das 236 ocorrências

(P.R. = 0,76), e as zonas mais urbanas apresentam uso do pronome *tu* em 225 (74%) dos 303 dados (P.R. = 0,28).

No controle de variáveis linguísticas, duas se mostraram relevantes: o ‘paralelismo sujeito e clítico’ e o ‘paralelismo sujeito e possessivo’. O uso do sujeito *tu* com formas paralelas de clíticos ocorre em 33 (91%) dos 36 dados registrados (P.R. = 0,66), enquanto as formas não paralelas de clíticos (ou seja, formas associadas a *você*) estão correlacionadas ao sujeito *tu* em duas (22%) das nove ocorrências (P.R. = 0,05). As formas paralelas de pronomes possessivos são usadas com a variante *tu* em 35 (85%) das 41 ocorrências (P.R. = 0,57) e as formas não paralelas de possessivos ocorrem com o pronome-sujeito *tu* em 3 (60%) dos 5 dados (P.R. = 0,07).

A ‘concordância verbal’ e o ‘preenchimento do sujeito’ também foram controlados pela autora, mas não foram considerados significativos na análise multivariada. Rocha (2012), porém, apresenta os resultados para essas variáveis, uma vez que os considera relevantes para a discussão a respeito do encaixamento linguístico da variação dos pronomes de P2em Florianópolis. A concordância verbal com o pronome *tu* foi realizada em 85 (19,4%) de 437 ocorrências, uma taxa baixa se comparada aos índices encontrados por Loregian-Penkak (2004). No que diz respeito ao preenchimento do sujeito, 349 (79,3%) das 440 ocorrências de *tu* são de sujeito pleno e os restantes 91 dados (20,6%) são de sujeito nulo.

Em suma, dos resultados retomados podem ser indicadas as seguintes tendências:

- a) em Florianópolis, em especial nos bairros menos urbanos, há prevalência do pronome *tu* e a concordância verbal parece estar em declínio;
- b) em Lages, há predomínio do pronome *você* e as ocorrências de *tu* se dão majoritariamente sem marca verbal de concordância;
- c) independentemente das preferências gerais de uso (*você* em Lages e *tu* em Florianópolis), pode-se dizer que o pronome *tu* está associado aos jovens, às mulheres e aos mais escolarizados.

Passa-se, agora, à revisão de trabalhos que verificam a variação entre *tu* e *você* ao longo do tempo ou em sincronias passadas mais distantes.

2.2.1 Estudos sobre a variação entre *tu* e *você* na diacronia e em sincronias passadas

Os trabalhos revisados nesta seção apresentam objetivos que se aproximam do proposto nesta pesquisa. Alguns deles são realizados com cartas pessoais e gêneros semelhantes, como os bilhetes, e outros têm como *corpora* peças teatrais. Grande parte desses trabalhos leva em consideração a correlação entre os pronomes de P2 na posição de sujeito e na posição de complementos verbais, e também são muitos os que enfatizam motivações socioestilísticas para o uso dos pronomes. Além disso, os estudos retomados neste momento contemplam dados do século XIX e/ou do século XX – outra similaridade com o objetivo desta pesquisa.

Em primeiro lugar, apresentam-se os estudos em que se utilizam cartas ou bilhetes para análise, e em seguida, aqueles em que se investigam peças teatrais. No interior dessa organização, prima-se por apresentar as pesquisas obedecendo à ordem cronológica de seus *corpora* – primeiramente as que contemplam o século XIX, depois as que compreendem a passagem do século XIX para o século XX, e, por fim, aquelas que contemplam dados somente do século XX. Acredita-se que a visita a esses trabalhos possa evidenciar tendências de uso que venham a nortear as hipóteses de pesquisa, bem como os grupos de fatores a serem controlados na análise estatística.

Lopes e Marcotulio (2011) analisam um conjunto de cartas escritas por brasileiros ilustres ao jurista, político e escritor Rui Barbosa entre os anos de 1866 e 1899. Os contextos morfossintáticos investigados, conforme descrevem os autores, são os de pronome reto (sujeito pleno), pronome complemento com preposição, pronomes complemento sem preposição, pronome possessivo, formas verbais imperativas e formas verbais não imperativas (sujeito nulo). O conteúdo das cartas compreende assuntos públicos, como pareceres, e temáticas de cunho pessoal. Os tratamentos encontrados nessas missivas são *Vossa Excelência*, formas verbo-pronominais de segunda pessoa (entendidas pelos autores como aquelas associadas formalmente ao pronome *tu*) e formas verbo-pronominais de terceira pessoa (entendidas como aquelas associadas formalmente a *você*).

As missivas em que *Vossa Excelência* é o título utilizado apresentam os traços [-solidário], [-íntimo] e [+formal], e nelas se encontra uniformidade de tratamento. Há também cartas como as do Barão de Macaúba, que têm caráter pessoal e exibem uso categórico do pronome *tu*. As seis cartas de Carlos Aguiar, escritas entre 1893 e 1895,

apresentam variação entre as formas associadas a *tu* e a *você*, e por isso são submetidas por Lopes e Marcotulio (2011) a uma análise estatística, com vistas a evidenciar os grupos de fatores que operam sobre o fenômeno variável.

Os autores identificam 322 dados, sendo 253 deles (79%) de formas associadas ao pronome *tu* e 69 (21%) de formas associadas ao pronome *você*. Dentre os grupos de fatores selecionados como relevantes, destaca-se o ‘paralelismo de formas’. É observado que, embora haja uma tendência de formas relacionadas à terceira pessoa formal (nesse caso, *você*) precederem o uso de *você*, como se vê em 35 (55%) dos 64 dados (P.R. = 0,87), já se percebe alguma variação, pois esse pronome ocorre também em 37 (15%) dos 251 dados precedidos de formas relacionadas à segunda pessoa formal (*tu*) (P.R. = 0,39).

Também os ‘contextos morfossintáticos’ são significativos na análise de Lopes e Marcotulio (2011). Os resultados para essa variável podem ser visualizados na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Ocorrências de *tu* e *você* em cartas escritas por Carlos Aguiar a Rui Barbosa, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Lopes e Marcotulio (2011)

Contexto morfossintático	<i>Tu</i>	<i>Você</i>	P.R. (apl. = <i>você</i>)
Pronome reto (sujeito pleno)	04/25 16%	21/25 84%	0,97
Formas verbais imperativas	11/35 31%	04/35 69%	0,92
Pronome complemento (com preposição)	21/25 84%	04/25 16%	0,60
Pronome complemento (sem preposição)	57/64 89%	07/64 11%	0,29
Formas verbais não imperativas (sujeito nulo)	74/83 89%	09/83 11%	0,31
Pronome possessivo	86/89 97%	03/89 3%	0,35

Fonte: Adaptada de Lopes e Marcotulio (2011)

Os números da Tabela 5 indicam que os contextos morfossintáticos favorecedores ao pronome *você* são o pronome reto (sujeito pleno), as formas verbais imperativas e o pronome complemento com preposição (se considerado o valor de peso relativo), ao passo que os contextos considerados “de resistência” do pronome *tu* são o pronome complemento sem preposição, as formas verbais não imperativas (sujeito nulo) e o pronome possessivo. Essas tendências são corroboradas parcial ou totalmente em outros estudos que investigam a entrada de *você* no quadro de pronomes do português brasileiro.

Lopes e Marcotulio (2011) evidenciam, ainda, a distribuição de *tu* e *você* como sujeitos nulos e plenos. Eles observam que, dos 78 dados de *tu* como pronome-sujeito, 74 (95%) são nulos e apenas quatro (5%) são plenos, ao passo que, das 30 ocorrências de *você* nessa posição, nove (30%) são nulos e a maioria, 21 (70%), são plenos. Os autores verificam, ainda, que a maior parte dos sujeitos nulos de *você* ocorre em orações coordenadas e completivas⁵⁹ e que 11 dos 21 dados de sujeitos plenos desse pronome se dão em trechos de discurso indireto⁶⁰, o que se configura como uma motivação pragmática.

No trabalho de Lopes e Machado (2005), é investigado um *corpus* conhecido como “Cartas dos avós”, que consiste de 41 missivas escritas por um casal aos seus netos entre os anos de 1879 e 1892. O homem, Christiano Benedicto Ottoni, era engenheiro, professor e senador do Império e da República; sua esposa, Bárbara Balbina de Araújo Maia Ottoni, era dona de casa. O perfil sociocultural do casal reflete-se em sua escrita: as cartas de Christiano apresentam maior uniformidade de tratamento, com preferência pelo pronome-sujeito *tu* (96%) combinado com *te* e *teu* e as ocorrências de *você* como sujeito (4%) são motivadas por trechos de discurso indireto; as cartas de Bárbara exibem variação entre *você* e *tu*, com leve vantagem para *você* na posição de sujeito (57%).

No que tange ao preenchimento do sujeito, observa-se uma distribuição quase que complementar entre os pronomes. Das 96 ocorrências de pronome-sujeito *tu*, 94 (98%) são nulas, e dos 12 dados de *você* na posição de sujeito, 10 (83,3%) são plenos. Em cinco cartas endereçadas pela avó a um dos netos, nota-se ainda que o complemento *te* é frequente, não importando se na carta há pronomes-sujeito exclusivos de *tu*, pronomes-sujeitos exclusivos de *você* ou variação entre os pronomes na posição de sujeito.

Rumeu (2008) investiga cartas pessoais escritas pela família Pedreira Ferraz-Castro Magalhães em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. A autora edita 170 cartas e escolhe 30, datadas de 1877 a 1948, para submeter a uma análise detalhada com relação à

59 Como exemplos, os autores oferecem: (i) Coordenada: “Como vão com o inverno, aqui tem se publicado te- legrammas, dizendo que tem sido rigoroso, como tem se se dado os teus filhos e a senhora, e Você como passa, que resultado Ø tem obtido” (Carlos Aguiar); (ii) Completiva: “não me escreva a ninguém que Ø está doente, eu digo a todos que...” (Carlos Aguiar) (LOPES; MARCOTULIO, 2011, p. 13).

60 Momentos em que o remetente se reporta à fala de outra pessoa. Como exemplo, os autores oferecem: “fostes tratar de reconhecêl-os belligerantes, sí me, dis-se que Você é quem influe para que a revolução continue, enfim altribuem a ti tudo, nunca vi maior injustiça, espero que tudo isto desapareça e que venha a verdade”. (Carlos Aguiar) (LOPES; MARCOTULIO, 2011, p. 13).

distribuição dos pronomes *tu* e *você* em suas diferentes representações pronominais e verbais – pronome pessoal na posição de sujeito (nulo e pleno), pronome complemento direto (obliquos sem preposição), pronome complemento preposicionado, pronome possessivo e desinências verbais imperativas e não imperativas. Rumeu encontra 496 ocorrências, das quais 331 (67%) são de *tu* e 165 (33%) são de *você*.

Dentre as variáveis linguísticas controladas, destacam-se a ‘combinação de formas pronominais’ ou ‘paralelismo discursivo’ e o ‘contexto morfossintático’. Os resultados obtidos por Rumeu (2008) para esses grupos de fatores são expostos na Tabela 6 e na Tabela 7, respectivamente.

Tabela 6 – Ocorrências de formas associadas a *tu* em cartas da família Pedreira Ferraz-Castro Magalhães entre 1877 e 1948, segundo a variável ‘combinação de formas’ ou ‘paralelismo discursivo’, de acordo com Rumeu (2008)

Combinação de formas de P2 (<i>tu</i>) e de P3 (<i>você</i>) nas cartas oitocentistas e novecentistas	Formas de P2 (<i>tu</i>)		
	Oco.	%	P.R.
A 1ª ocorrência na série discursiva	19/30	63%	0,36
Precedida de 2ª pessoa formal	281/313	90%	0,68
Precedida de 3ª pessoa formal	31/153	20%	0,19
Total	331/496	67%	

Fonte: Adaptada de Rumeu (2008)

Tabela 7 – Ocorrências de formas associadas a *tu* em cartas da família Pedreira Ferraz-Castro Magalhães entre 1877 e 1948, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Rumeu (2008)

Subtipos de pronomes/verbos	Formas de P2 (<i>tu</i>)		
	Oco.	%	P.R.
Pronome pessoal do caso reto	02/23	09%	0,01
Pronome possessivo	115/157	73%	0,54
Pronome complemento sem preposição	90/135	67%	0,65
Pronome complemento com preposição	06/19	32%	0,03
Forma verbal imperativa	30/50	60%	0,25
Forma verbal não imperativa	88/112	79%	0,76
Total	331/496	67%	

Fonte: Adaptada de Rumeu (2008)

Os resultados obtidos por Rumeu (2008) vão na mesma direção daqueles verificados por Lopes e Marcotulio (2011): As formas relacionadas a *tu* são mais facilmente encontradas em uma sequência quando precedidas de formas semelhantes e são desfavorecidas quando precedidas por formas associadas a *você*; do mesmo modo, *você* é favorecido como pronome pessoal do caso reto, como pronome complemento sem preposição e como forma verbal imperativa,

encontrando resistência nos contextos de pronome possessivo, pronome complemento sem preposição e forma verbal não imperativa.

A distribuição entre sujeito nulos e plenos verificada por Rumeu (2008), no entanto, difere um pouco daquela encontrada por Lopes e Machado (2005) e Lopes e Marcotulio (2011). Enquanto nos trabalhos que lidaram somente com dados do século XIX são encontrados pronomes-sujeitos *tu* nulos e pronomes-sujeitos *você* plenos, praticamente em distribuição complementar, no estudo de Rumeu, que abrange o fim do século XIX e a primeira metade do século XX, 92 das 93 ocorrências de *tu* (99%) como sujeito são nulas, mas *você* apresenta uma distribuição equilibrada: dos 45 dados, 24 (53%) são nulos e 21 (47%) são plenos.

Com respeito às variáveis extralinguísticas, foram relevantes o ‘gênero (sexo)’ e a ‘faixa etária’ dos missivistas. As mulheres, seguindo a tendência apontada em Lopes e Machado (2005), exibem maior variação em sua escrita. Das 339 ocorrências produzidas por mulheres, 192 (57%) são de *tu* (P.R. = 0,13), enquanto dos 157 dados de remetentes masculinos, 139 (89%) são de *tu* (P.R. = 0,98). Os missivistas mais jovens (14-30 anos) realizam o pronome *tu* em 29 (44%) de 66 ocorrências (P.R. = 0,10), os adultos (31-50 anos) em 80 (58%) de 139 dados (P.R. = 0,33) e os mais velhos em 222 (76%) de 291 ocorrências (P.R. = 0,70), o que evidencia uma abertura maior dos jovens à forma *você*.

Lopes (2009) analisa cartas de período semelhante ao estudado por Rumeu (2008). A autora divide o *corpus* em três conjuntos de cartas: o primeiro, datado de 1870 a 1890, diz respeito à correspondência da família de Antônio Felizardo Cupertino do Amaral, um homem de vida pública importante no fim do Império; o segundo, datado de 1896 a 1926, é parte da documentação escrita da família Affonso Penna dirigida a Affonso Penna Júnior, que foi deputado estadual por Minas Gerais em 1902; o terceiro conjunto, datado de 1936 a 1937, é referente a cartas trocadas entre um casal de namorados do Rio de Janeiro.

O comportamento linguístico dos remetentes dos dois primeiros conjuntos de cartas é bastante semelhante. Nas cartas do primeiro conjunto, 67% dos dados de sujeito são de *tu* e no segundo conjunto as ocorrências dessa variante somam 68%. Em ambas as amostras, *tu* é nulo em 100% dos casos e é favorecido nas cartas masculinas, ao passo que nas cartas escritas por mulheres prevalece o pronome-sujeito *você*. Nas missivas escritas por homens a variante *você* é escassa e, em geral, é usada com algum propósito comunicativo diferenciado.

Nas cartas da família Cupertino, há oito dados de *você*, sendo que quatro (produzidos por um mesmo remetente) podem ser entendidos

como parte de fórmulas fixas do gênero para captar benevolência. Os outros casos correspondem a discursos reportados e a estratégias de atenuação de pedido. Segundo Lopes (2009), não se pode afirmar, portanto, que *você* seja variante de *tu* no primeiro conjunto de cartas. No segundo conjunto de cartas, há 19 dados de *você* como sujeito pleno, sendo 17 de mulheres e dois de homens. Nos dois dados de remetentes masculinos, o pronome é usado como tratamento atenuador, fazendo uma ordem soar como um pedido. Nas cartas femininas, *você* é considerado por Lopes uma variante de *tu*, pois não apresenta motivações pragmáticas de uso.

Essas duas amostras apresentam, no entanto, uma diferença no uso de *você*. No primeiro conjunto de cartas, o pronome apresenta uma distribuição equilibrada entre sujeitos nulos e plenos: 43% dos dados são nulos e 57% são plenos. Já nas cartas do segundo conjunto, 27% das ocorrências do pronome-sujeito *você* são nulas e 73% são plenas.

Nas cartas dos namorados, datadas da década de 1930, não há diferença significativa no que diz respeito aos números gerais da variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular. *Tu* corresponde a 69% dos dados e *você* a 31%. Observa-se, todavia, uma distinção com relação aos dois primeiros conjuntos de cartas no que diz tange ao preenchimento do sujeito. Enquanto nas primeira e segunda amostras *tu* é 100% nulo, na terceira há 40% de sujeito pleno de 60% de nulo. O uso de *você* na posição de sujeito também apresenta alteração, sendo 64% das ocorrências plenas e 36% nulas.

O namorado, Jaime, exibe preferência pelo sujeito *tu*, tanto nulo quanto pleno, e os poucos usos que faz de *você* também não apresentam desequilíbrio quanto ao preenchimento do sujeito. Seis dados chamam a atenção nas missivas masculinas, a saber, os que associam o sujeito *tu* a uma forma verbal não marcada, ou seja, sem concordância verbal padrão. Já a remetente do gênero feminino, Maria, seguindo a direção apontada por Lopes e Machado (2005) e Rumeu (2008), prefere o pronome-sujeito *você*, predominantemente pleno. Quando usa *tu*, opta pelo pronome nulo.

Lopes (2009) conclui que, em fins do século XIX e começo do século XX, o uso de *tu* era mais frequente que o de *você* nas relações simétricas de maior intimidade, mas os contextos em que o pronome *você* primeiro se implementaria já aparecem bem delineados: certa neutralidade na relação com o interlocutor, caráter menos invasivo como estratégia de tratamento e contexto indeterminado.

A pesquisa de Lopes e Cavalcante (2011) leva em conta 124 cartas produzidas por famílias brasileiras ilustres e não ilustres escritas entre 1870 e 1937. Além da documentação da família Cupertino, da família

Affonso Penna e do casal Jaime e Maria, já investigada preliminarmente por Lopes (2009), as autoras analisam também cartas da família Land Avelar.

No que diz respeito ao preenchimento do sujeito, das 177 ocorrências de sujeito pleno, 49 (28%) são com o pronome *tu* e 128 (72%) são de *você*; e dos 313 dados de sujeito nulo, 248 (79%) são com *tu* e 65 (21%) de *você*, o que evidencia, novamente, a associação entre *tu* e sujeito nulo e *você* e sujeito pleno.

As autoras verificam, ainda, a ocorrência de formas pronominais de complemento verbal, indicando as seguintes tendências:

- A forma clítica *te* é a mais produtiva nos casos acusativo e dativo nos períodos controlados, mas perde espaço para as outras estratégias dativas, em particular o *zero*, entre 1910-20, quando *você* na posição de sujeito aumenta seus índices de frequência;
- O complemento *lhe* mostrou-se mais frequente nas cartas mais antigas de 1870.
- Os dados de dativo-zero apresentam índices consideráveis em cartas com “mescla de tratamento” e quando há o aumento de frequência de *você* como sujeito;
- O complemento *a você* perde espaço para a estratégia mais inovadora *para você* na década de 1930. (LOPES; CAVALCANTE, 2011, p. 60-61).

Entre os trabalhos que analisam corpora somente do século XX, destacam-se o de Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011) e o de Moura (2013). Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011) buscam investigar os contextos morfossintáticos de ocorrência de formas relacionadas a *tu* e *você* e a relação entre formas de tratamento e papéis sociais, e para isso analisam 13 bilhetes amorosos escritos no Rio de Janeiro em 1908 por Robertina de Souza (Chininha), sendo 11 endereçados a seu amante e dois a seu companheiro.

Como resultado, os autores encontram 113 dados, 87 (77%) de formas associadas a *tu* e 26 (23%) de formas associadas a *você*. Na análise estatística, os grupos de fatores ‘contexto morfossintático’ e ‘destinatário do bilhete’ foram considerados relevantes. Os resultados para a primeira dessas variáveis podem ser conferidos na Tabela 8, a seguir.

Tabela 8 – Ocorrências de formas associadas a *tu* em 13 bilhetes amorosos cariocas de 1908, segundo a variável ‘contexto morfossintático’, de acordo com Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011)

Categoria gramatical	N/T	%	P.R.
Pronome complemento (sem preposição)	12/14	86%	0,68
Imperativo	8/11	73%	0,59
Formas verbais não imperativas	16/22	73%	0,56
Pronome reto	11/18	61%	0,38
Pronome complemento (com preposição)	9/17	53%	0,32
Pronome possessivo	31/31	100%	----

Fonte: Adaptada de Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011)

Segundo Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011), os contextos de resistência do pronome *tu* nos bilhetes amorosos de 1908 são pronome complemento sem preposição, verbo imperativo-indicativo, formas verbais não imperativas (sujeito nulo com marca desinencial) e pronomes possessivos; já os contextos de maior frequência do pronome *você* são a presença do pronome reto e o pronome complemento com preposição. Esses resultados corroboram em grande parte aqueles verificados por Rumeu (2008) em cartas do fim do século XIX e início do século XX; a diferença é que, no trabalho anterior, os contextos de verbos no modo indicativo desfavorecem ocorrências de *tu* (apesar de Rumeu ter encontrado 60% de uso desse pronome nesse contexto, o peso relativo é de 0,25).

Os autores relatam que as 12 ocorrências do clítico *te* na amostra de bilhetes são todas proclíticas ao verbo e se dividem em seis dados de complemento acusativo e seis de complemento dativo, esses últimos em sua maioria associados a verbos benefactivos⁶¹. Os casos de *você* como complemento correspondem a duas ocorrências como acusativo e três como dativo, sendo essas últimas associadas aos verbos *dizer* e *mandar* e divididas em duas ocorrências de *a você* e uma de *para você*.

Com relação ao preenchimento do sujeito, das 27 ocorrências de *tu* nessa posição, 11 (40%) são plenas e 16 (60%) são nulas, e dos dez dados de *você* como sujeito, sete (70%) são plenos e três (30%) são nulos. Esses resultados apontam direções semelhantes àquelas indicadas por Lopes (2009) na análise das cartas trocadas entre os namorados Jaime e Maria na década de 1930, mas destoam das tendências observadas por Rumeu (2008) em cartas do fim do século XIX e início do século XX, em que o pronome-sujeito *tu* é fortemente associado a ocorrências nulas e *você* se divide equilibradamente entre sujeitos nulos e plenos.

61 Verbos benefactivos expressam posse ou transferência (ganho/perda) de propriedade.

Quanto ao grupo de fatores ‘destinatário do bilhete’, Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011) pontuam que, quando os bilhetes de Robertina são dirigidos a seu amante, existe maior probabilidade de o pronome *tu* ser usado. Em 79 (84%) das 94 ocorrências de pronome de P2 nos bilhetes destinados ao amante, *tu* é a estratégia preferida (P.R. = 0,58), ao passo que dos 19 dados de P2 dirigidos ao companheiro, 8 (42%) são de *tu* (P.R. = 0,16). Os autores observam que essa diferença no tratamento pode se dever não apenas ao destinatário, mas também aos assuntos tratados com cada um dos interlocutores: quando endereçados ao amante, em geral os bilhetes tratam de assuntos afetivos, ao passo que, quando dirigidos ao companheiro, expressam preocupação com os filhos e pedidos de perdão.

Moura (2013) analisa 146 cartas pessoais escritas em diferentes períodos do século XX no estado do Rio Grande do Norte. A autora divide o *corpus* em três diferentes conjuntos: (i) 65 cartas trocadas entre os irmãos Paiva entre 1916 e 1925; (ii) 51 cartas trocadas entre o casal Rocha e Dantas entre os anos de 1946 e 1972; e (iii) 30 cartas de Walter Oliveira para sua namorada escritas entre 1992 e 1994.

Juntas, as cartas somam 1.412 ocorrências de P2, sendo 972 (69%) de *você* e 436 (31%) de *tu*, mostrando um comportamento linguístico diferenciado daquele observado nas demais análises revisadas até aqui. Dentre as variáveis consideradas significativas no controle estatístico do total das cartas, destacam-se as seguintes: ‘contexto morfossintático’, ‘formas verbo-pronominais antecedentes ao dado coletado’ e ‘universo discursivo das cartas’. Os resultados para a primeira dessas variáveis podem ser visualizados na Tabela 9, a seguir.

Tabela 9 – Ocorrências de formas associadas a *você* em 146 cartas norte-riograndenses do século XX segundo a variável ‘contexto morfossintático, de acordo com Moura (2013)

Contexto morfossintático	Você		P.R.
	N/T	%	
Sujeito pleno (imperativo e não imperativo)	283/286	98%	0,95
Sujeito nulo (imperativo)	69/75	92%	0,93
Oblíquo preposicionado	195/206	94%	0,81
Pronomes possessivos	100/319	62%	0,28
Sujeito nulo (não imperativo)	54/136	39%	0,28
Dativo (não preposicionado)	106/169	62%	0,16
Acusativo (não preposicionado)	69/221	31%	0,06
Total	976/1.412	69%	

Fonte: Adaptada de Moura (2013)

Na Tabela 9 não constam os números de sujeito pleno no modo imperativo, que foram categoricamente realizados por *você*. Apesar da

preferência geral pelo uso de formas associadas ao pronome *você*, nota-se que os contextos morfossintáticos que favorecem a ocorrência do pronome e aqueles que resistem à sua entrada são, em boa medida, os mesmos observados por Rumeu (2008), Lopes e Marcotulio (2011) e Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011) em amostras cujo maior índice de uso se refere a formas associadas ao pronome *tu*.

A Tabela 10, a seguir, evidencia os resultados para a variável ‘formas verbo-pronominais antecedentes ao dado coletado’.

Tabela 10 – Ocorrências de formas associadas a *você* em 146 cartas norte-riograndenses do século XX, segundo a variável ‘formas verbo-pronominais antecedentes ao dado coletado’, de acordo com Moura (2013)

Formas verbo-pronominais antecedentes	<i>Você</i>		
	N/T	%	P.R.
Precedidas por formas de <i>você</i>	546/642	85%	0,65
Precedidas por formas de <i>tu</i>	43/217	19%	0,14
1ª ocorrência	387/553	69%	0,50
Total	976/1.412	69%	

Fonte: Adaptada de Moura (2013)

Os resultados de Moura (2013), novamente, seguem as tendências apresentadas em outros estudos. Rumeu (2008), analisando dados dos séculos XIX e XX, já havia evidenciado certo paralelismo no uso das formas de segunda pessoa do singular.

A análise do ‘universo discursivo das cartas’ revela que os contextos menos íntimos, com menor recorrência de assuntos amorosos, são aqueles que mais favorecem as formas associadas a *você*. Dos 301 dados encontrados nesse tipo de contexto, 256 (85%) são referentes a esse pronome (P.R. = 0,92). Já nas cartas mais íntimas, com maior recorrência de assuntos amorosos, são encontradas 1.111 ocorrências, das quais 720 (64%) são de *você* (P.R. = 0,33).

Souza (2013) verifica as ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular como complemento verbal acusativo em cartas pessoais do estado do Rio de Janeiro. Dos 181 dados investigados pela autora, 160 (81%) são correspondentes ao clítico *te*, produtivo em cartas cujo sujeito é realizado categoricamente por *tu* ou por *tu* e *você* de modo alternado. Apenas em cartas cujo sujeito é realizado exclusivamente por *você*, a variante *te* não é encontrada. As demais variantes observadas nas amostras pela autora são a forma *zero*, o clítico *lhe*, o clítico *o/a* (e suas variações) e a própria forma *você*.

Oliveira (2014) analisa a variação entre formas associadas a *tu* e formas associadas a *você* como complemento verbal dativo em dez conjuntos de cartas cariocas de 1880 a 1980, que totalizam 318 missivas.

Como principais resultados, o autor ressalta que: (i) o clítico *te* é a variante de dativo mais utilizada na amostra, considerando-se todo o período analisado, independentemente de que pronome ocupa a posição de sujeito (*tu/você/tu~você*); (ii) o clítico *lhe* está relacionado à formalidade e à pouca intimidade entre os interlocutores; e (iii) as formas preposicionadas de complemento dativo têm baixa frequência, e os sintagmas *a ti* e *para ti* foram sendo substituídos por *a você* e *para você*, respectivamente, ao longo do tempo.

Utilizando amostras de cartas pessoais de florianopolitanos – que correspondem parcialmente às amostras investigadas nesta pesquisa –, Nunes de Souza e Coelho (2013) buscam evidenciar a correlação entre os pronomes de segunda pessoa do singular utilizados como sujeito e os pronomes de P2 que aparecem como complementos verbais. As autoras investigam 20 cartas das duas últimas décadas do século XIX e 37 cartas da segunda metade do século XX, essas últimas divididas em dois grupos, um concentrado na década de 1960 e outro na de 1980. Ao observarem o uso dos pronomes como sujeito em suas formas nula e plena, encontram a distribuição retratada na Tabela 11, a seguir.

Tabela 11 – Pronomes encontrados na posição de sujeito (nulos e plenos) em cartas pessoais catarinenses dos séculos XIX e XX, divididas por década

Sujeito	DÉCADAS							
	1880		1890		1960		1980	
	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>
Nulo	(38) 82%	-----	(29) 69%	-----	(39) 88%	(33) 59%	(59) 93%	-----
Pleno	(8) 18%	-----	(13) 31%	-----	(5) 12%	(23) 41%	(4) 7%	(4) 100%
Total	46	-----	42	-----	44	56	63	4

Fonte: Nunes de Souza e Coelho (2013)

Os resultados evidenciados na Tabela 11 revelam que, nas amostras investigadas por Nunes de Souza e Coelho (2013), quando o sujeito é realizado exclusivamente por *tu*, há predominância de sujeitos nulos em detrimento de sujeitos plenos. Na década de 1960, já no século XX, há mais dados de sujeito *você* do que de sujeito *tu*, ambos realizados mais como nulos do que como plenos, embora a diferença entre realizações nulas e realizações plenas seja menor para o pronome *você*. Dentre os dados da década de 1980, os números de sujeito *tu* são maiores do que os de sujeito *você*, sendo que os sujeitos *tu* são em maioria nulos e os sujeitos *você* são todos plenos – cabe assinalar, contudo, que os dados de *você* são em pequeno número e foram produzidos pelo mesmo missivista.

Ao verificar que a amostra do século XIX não apresenta variação entre formas de *tu* e formas de *você*, as autoras focam nos dados do século XX, buscando evidenciar correlações entre pronomes-sujeito e pronomes-complemento, conforme exposto na Tabela 12.

Tabela 12 – Formas variantes em função de complemento verbal ocorridas com sujeitos *tu* e *você* em cartas pessoais catarinenses do século XX

Sujeito usado pelo remetente	SÉCULO XX									
	Sujeito Pleno		Sujeito Nulo		Dativo		Acusativo		Compl. Oblíquo	
	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>	<i>tu</i>	<i>você</i>
Exclusivo <i>tu</i>	(2) 100%	----	(14) 100%	----	(5) 100%	----	(2) 100%	----	----	----
Exclusivo <i>você</i>	----	(14) 100%	----	(21) 100%	----	(15) 100%	----	(8) 100%	----	(8) 100%
Misto	(7) 35%	(13) 65%	(84) 88%	(12) 12%	(34) 87%	(5) 13%	(14) 61%	(9) 39%	(14) 78%	(4) 22%
Total	(9) 25%	(27) 75%	(98) 75%	(33) 25%	(39) 66%	(20) 34%	(16) 48%	(17) 52%	(14) 54%	(12) 46%
TOTAL: 176 ocorrências de formas do paradigma de <i>tu</i> 109 ocorrências de formas do paradigma de <i>você</i>										

Fonte: Nunes de Souza e Coelho (2013)

Dos números constantes na Tabela 12, destaca-se que a missivista de uso exclusivo de sujeito *tu* realiza categoricamente complementos associados a *tu*. Do mesmo modo, as duas remetentes de uso categórico de sujeito *você* produzem exclusivamente formas de complemento do paradigma de *você*. Já dentre os quatro missivistas que fazem uso tanto de sujeito *tu* como de sujeito *você*, há larga preferência pelas formas do paradigma de *tu* – mais especificamente pela forma *te*, produtiva tanto como complemento verbal acusativo quanto como complemento verbal dativo, conforme destacam as autoras (Cf. NUNES DE SOUZA; COELHO, 2013).

Até aqui, os trabalhos de perspectiva diacrônica ou que retratam sincronias passadas retomados têm como *corpora* cartas ou bilhetes. A partir de agora, são revisados alguns estudos em que foram analisadas peças teatrais.

Machado (2011) realiza uma análise comparativa entre o português brasileiro e o português europeu em 29 peças teatrais dos séculos XIX, XX e XXI. A amostra brasileira é constituída por 14 peças ambientadas no Rio de Janeiro, datadas entre os anos de 1846 e 2003. A autora exclui de sua análise dados de vocativos, de expressões cristalizadas (*sim*, *senhor*; *veja lá*), de discurso hipotético ou relatado, de interlocutor indeterminado e usos de *você* ou *tu* com valor indeterminado. Os dados coletados dizem respeito a estratégias de referência ao interlocutor

concretizadas como: (i) formas explícitas ou ocultas exercendo a função de sujeito, incluindo formas pronominais (*tu*, *vós* e *você*), formas nominais (*o senhor*, *Vossa Mercê*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria*, *Maria*, *o pai*, e *o doutor*) e formas verbais no modo indicativo e no modo subjuntivo; (ii) formas pronominais exercendo funções sintáticas distintas da função de sujeito (estratégias de P2 (*tu*), P3 (*você*) e P5 (*vós*)); e (iii) formas verbais imperativas. Os resultados aqui apresentados focalizam a distribuição de *tu* e *você* na amostra brasileira.

Nessa amostra, são encontradas 7.826 ocorrências, sendo 4.070 de sujeito, 2.030 de pronomes em outros contextos que não sujeito e 1.726 de formas verbais imperativas. No que tange aos dados de sujeito, observa-se que em 1846 o índice de uso de *tu* é de 70% (comparando-se com todas as outras estratégias pesquisadas por Machado), em 1918 é de 15% e entre 1937 e 2003 é praticamente inexistente. Os usos de *você* nessa posição obedecem a uma trajetória contrária: entre 1846 e 1908 o pronome apresenta índices abaixo de 10% e de 1918 (quando atinge 42% de uso) em diante apresenta taxas crescentes.

Com relação ao preenchimento do sujeito, o trabalho de Machado (2011) evidencia que, a partir de 1952, nas raras vezes em que o pronome-sujeito *tu* aparece na amostra brasileira, é majoritariamente preenchido. Antes disso, entre 1846 e 1918, é preferencialmente nulo. Já *você*, até 1908, ainda apresenta, de modo geral, taxas expressivas de sujeito nulo. A partir de 1918, seu uso é predominantemente pleno.

As formas pronominais oblíquas (átonas e tônicas) e possessivas, de modo geral, acompanham o decréscimo de *tu* e o aumento de *você* como sujeito, à exceção do que ocorre na peça de 2003, que exhibe uma distribuição equilibrada. *Te* como objeto direto é, entretanto, uma estratégia bastante usual ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, e mesmo quando *tu* deixa de ser produtivo como sujeito, *te* continua tendo uso considerável. *Ti* já não se mostra tão produtivo, e entre 1937 e 1995 perde seu lugar para estruturas que envolvem *preposição+você*, voltando a aparecer na obra de 2003. O uso do pronome possessivo *seu* é preponderante sobre *teu* à medida que *você* passa a sobrepujar *tu* na posição de sujeito. As formas de imperativo associadas ao pronome *tu* resistem à entrada de *você*, apresentando números entre 36% e 63% entre 1937 e 1995, e voltando a dominar, com 93% de uso, na peça de 2003.

A pesquisa de Machado (2011) traz, ainda, resultados com relação à simetria e à solidariedade envolvidas nas relações sociais em que aparecem as estratégias de tratamento. Nas relações simétricas solidárias, a partir de 1937, há aumento do uso de *você* e decréscimo de *tu*. Nas

relações simétricas não solidárias, em boa parte da amostra, *o senhor* é a forma preferida, mas a partir de 1962, *você* passa a competir por esse contexto. As relações assimétricas, em que um dos participantes exerce poder sobre o outro, são divididas em *relações assimétricas descendentes* e *relações assimétricas ascendentes*. No primeiro caso, a partir de 1918 a preferência é por *você*; antes disso, predominava o pronome *tu*. No segundo caso, de 1972 a 2003, há entre 34% e 62% de ocorrências de *você*, mas a preferência ao longo de todo o *corpus* é pela forma *o senhor*. Chama a atenção também o índice de uso de 14% de *tu* nesse contexto na obra de 2003.

Coelho e Görski (2011) investigam a distribuição entre *tu* e *você* em sete peças escritas por autores catarinenses ao longo dos séculos XIX e XX. Os resultados obtidos pelas autoras, divididos por século e contemplando apenas os pronomes em posição de sujeito, encontram-se na Tabela 13, a seguir.

Tabela 13 – Ocorrências de *tu* e *você* (sujeito) em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, segundo a variável ‘século’, de acordo com Coelho e Görski (2011)

Formas de tratamento segundo a variável ‘século’	<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	Apl/Total	%	Apl/Total	%
Século XIX	100/112	89%	12/112	11%
Século XX	17/265	06%	248/265	94%
Total	7/377	31%	260/377	69%

Fonte: Coelho e Görski (2011)

Os resultados por século apontam para uma espécie de “inversão” no uso: no século XIX, a grande maioria dos dados de pronome de segunda pessoa do singular são de *tu* (89%), enquanto no século XX a preferência é pelo pronome *você* (94%). Outro controle de grande relevância para esta pesquisa é o que as autoras fazem com relação à variável ‘relação entre os interlocutores’. Os resultados para essa variável fazem mais sentido quando cruzados com a variável ‘século’, conforme mostra a Tabela 14, a seguir.

Tabela 14 – Ocorrências de *tu* e *você* (sujeito) em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX segundo o cruzamento entre as variáveis ‘século’ e ‘relações entre os interlocutores’, de acordo com Coelho e Görski (2011)

Formas de tratamento segundo a variável relações entre os interlocutores	<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	XIX	XX	XIX	XX
Relações assimétricas (de superior para inferior e de velho para jovem)	18/100 18%	10/17 58%	7/12 58%	75/248 30%
Relações simétricas (entre iguais)	76/100 76%	3/17 18%	0/12 0%	117/248 47%
Relações assimétricas (de inferior para superior e de jovem para velho)	6/100 6%	4/17 24%	5/12 42%	56/248 23%

Fonte: Coelho e Görski (2011)

Nota-se que o pronome *tu*, usado no século XIX preferencialmente nas relações simétricas (76%), muda de *status* no século XX e passa a figurar com maior frequência nas relações assimétricas descendentes. Já o pronome *você*, que atingiu maiores índices nas relações assimétricas descendentes no século XIX, no século XX passa a ser usado preferencialmente nas relações simétricas. Esse cruzamento entre variáveis revela, além de uma inversão no *uso*, também uma inversão no *valor social e estilístico* desses pronomes.

As autoras ainda controlam a relação entre *tu* e *você* na posição de sujeito e os pronomes *teu/seu*, *te/lhe*. Os números indicam que esses pronomes praticamente acompanham o crescimento de uso de *você* e o decréscimo de *tu* como sujeito. Além disso, Coelho e Görski (2011) constatam que a ordem sujeito-verbo predomina ao longo de toda a amostra, e trazem também resultados referentes ao preenchimento do sujeito, que podem ser conferidos na Tabela 15, a seguir.

Tabela 15 – Ocorrências de *tu* e *você* em sete peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, segundo o cruzamento entre as variáveis ‘século’ e ‘preenchimento do sujeito’, de acordo com Coelho e Görski (2011)

Cruzamento entre preenchimento do sujeito e século	<i>Tu</i>		<i>Você</i>	
	XIX	XX	XIX	XX
Sujeito nulo	91/100 91%	15/17 88%	8/12 66%	82/248 33%
Sujeito preenchido	9/100 9%	2/17 12%	4/12 34%	166/248 67%

Fonte: Coelho e Görski (2011)

Os números da Tabela 15 indicam que os índices percentuais de sujeito nulo de *tu*, embora permaneçam altos, sofrem leve decréscimo no século XX. Já *você* tem seu comportamento invertido: enquanto no século XIX tem 66% de sujeitos nulos e 34% de sujeitos plenos, no século XX apresenta 33% de sujeitos nulos e 67% de sujeitos plenos.

Nunes de Souza (2011) analisa 12 peças de teatro escritas por autores florianopolitanos ao longo dos séculos XIX e XX, distribuídas em quatro períodos de 50 anos. Na análise dos resultados gerais, a autora aponta para as seguintes tendências:

Na distribuição das formas de tratamento por períodos de 50 anos, chama a atenção a ascensão no uso da forma VOCÊ, que parte de zero na primeira metade do século XIX e chega a 60% de uso na segunda metade do século XX, passando por um pico de 65% na primeira metade do mesmo século; e o declínio no uso da forma TU, que parte de um índice de uso de 49% na primeira metade do século XIX, atinge seu ápice com 56% na segunda metade desse século e chega à frequência de 11% na segunda metade do século XX. O tratamento ZERO persiste em uso em todos os intervalos de tempo, sempre com porcentagens baixas, nunca ultrapassando o índice de 6%. A forma O SENHOR também acompanha todo o período em análise, mas com taxas de uso mais altas, entre 23 e 31%, mostrando um leve declínio na primeira metade do século XX, quando atinge 12%. (NUNES DE SOUZA, 2011, p. 163).

Dentre os resultados mais relevantes obtidos pela autora, destacam-se a baixíssima quantidade de dados de *você* no século XIX e o movimento que se opera nos dois períodos de 50 anos do século XX: Enquanto, na primeira metade do século, *você* parece competir pelos contextos ocupados tanto por *tu* quanto por *o senhor* – em ambientes públicos e informais, nas relações profissionais descendentes e entre iguais, na fala masculina, nas relações simétricas da classe alta, da classe média e nas relações descendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens), nas relações simétricas entre jovens e entre personagens de meia-idade, nas relações entre personagens sem parentesco, entre não íntimos e na presença de audiência –, na segunda metade do século XX, passa a competir especialmente pelos contextos ocupados por *tu* –

preferida nas relações entre casal, entre personagens sem parentesco, em ambientes privados e informais, em ambientes públicos e formais, em ambientes públicos e informais, nas relações de mais velho para mais jovem, entre jovens, entre personagens de meia-idade, entre personagens de sexo/gênero diferente, entre íntimos, na ausência de audiência, entre personagens da classe baixa e nas relações sociais descendentes (no que diz respeito à classe social dos personagens da díade).

O panorama apresentado permite apontar direções tanto no que diz respeito às correlações morfossintáticas de *tu* e *você* quanto aos condicionamentos socioestilísticos associados à ocorrência dos pronomes. Cabe observar que as considerações a seguir dizem respeito tão somente às pesquisas aqui revisadas, que consideram amostras escritas, em geral associadas a determinado grupo de informantes. Quanto às correlações morfossintáticas, os resultados retomados atestam parcial ou totalmente que:

- a) os contextos morfossintáticos favoráveis à entrada do pronome *você* no português brasileiro são: pronome-sujeito pleno, pronome-complemento com preposição⁶² e formas verbais imperativas;
- b) os contextos morfossintáticos de resistência à entrada do pronome *você* no português brasileiro são: pronome-sujeito nulo em formas não imperativas e pronome possessivo;
- c) por volta das décadas de 1930 e 1940, o pronome *você* apresenta índices mais altos do que o pronome *tu* na posição de sujeito, mas nem por isso o clítico *te* deixa de ser produtivo;
- d) mais ou menos no mesmo período, *você* passa a ser associado ao sujeito pleno e *tu*, que tinha suas ocorrências quase que categoricamente registradas como sujeito nulo passa a apresentar cerca de 60% de sujeito nulo e 40% de sujeito pleno;
- e) apesar da produtividade da combinação do clítico *te* com o pronome-sujeito *você*, pode-se dizer que o paralelismo de formas ainda tem força, pois formas associadas ao pronome *tu* normalmente aparecem juntas e o mesmo ocorre com as formas associadas ao pronome *você*.

No que diz respeito ao condicionamento socioestilístico, observa-se que:

62 Observe-se que os autores que tratam da variação/mudanças nos pronomes de segunda pessoa lidam de modos diversos com as categorias morfossintáticas. Alguns dividem os complementos entre “com preposição” e “sem preposição” e outros consideram uma divisão por casos (acusativo, dativo e oblíquo) – divisão esta adotada nesta pesquisa.

- a) no início do século XX, *você* não tem seu estatuto bem definido e é usado em relações simétricas e assimétricas; na metade final do século XX, consolida-se nas relações simétricas e assimétricas descendentes, concorrendo, em Florianópolis e no Rio Grande do Norte, com o pronome *tu*, e suplantando o pronome *tu* na Região Sudeste e no restante do estado de Santa Catarina;
- b) em geral, trabalhos realizados com dados do Sudeste evidenciam que a entrada do pronome *você* se deu em grande parte na fala das mulheres, diferentemente do que se constata em Florianópolis.

Essas tendências dão suporte às hipóteses aventadas nesta pesquisa, que aparecem na seção a seguir, acompanhando os objetivos geral e específicos deste estudo.

2.3 OBJETIVOS E HIPÓTESES

Estabelecidos os pressupostos teóricos, as condições históricas e sociais da localidade a qual as três amostras investigadas estão relacionadas e as categorias morfossintáticas em exame, nesta seção são apresentados os objetivos e as hipóteses que norteiam a análise relatada no capítulo subsequente.

O **objetivo geral** desta pesquisa é descrever a alternância entre *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas de sujeito, complemento verbal acusativo, complemento verbal dativo e complemento verbal oblíquo em três amostras de cartas pessoais de escritores ilustres de Florianópolis entre os anos de 1882 e 1992, considerando-se questões de ordem interna e externa à língua.

Como **objetivos específicos**, têm-se:

- (i) Identificar que formas pronominais competem pela realização da segunda pessoa do singular nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos em cada uma das amostras;
- (ii) Investigar a correlação entre as formas pronominais de complemento verbal (acusativo, dativo e oblíquo) e as formas pronominais de sujeito, considerando as diversas possibilidades de combinação entre pronomes associados à forma *tu* e pronomes associados à forma *você* em cada uma das amostras;

- (iii) Analisar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular à luz da sócio-história de Florianópolis e de particularidades socioestilísticas pertinentes a cada uma das três amostras investigadas;
- (iv) Problematizar a representatividade da constituição das amostras e dos resultados que elas revelam no que tange à expressão pronominal da segunda pessoa do singular, realizando análises complementares com amostras de cartas pessoais de natureza diversa;
- (v) Discutir o total das análises realizadas sob a perspectiva dos problemas empíricos de transição e de encaixamento da Teoria da Variação e Mudança.

Relacionadas a esses objetivos, as seguintes **hipóteses** são testadas:

- (i) Quanto às formas que competem pela expressão pronominal de P2 nas diferentes categorias morfossintáticas, com base nos trabalhos de Lopes e Machado (2005), Rumeu (2008), Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011), Lopes e Marcotulio (2011), Coelho e Görski (2011), Nunes de Souza (2011) e Nunes de Souza e Coelho (2013):

a) No que diz respeito à categoria de sujeito:

- Na Amostra Cruz e Sousa (1882-1897), espera-se encontrar uso absoluto da forma *tu*, preferencialmente nula e acompanhada de verbo com marca desinencial associada a esse pronome;
- Na Amostra Maura de Senna (1932-1991) e na Amostra Harry Laus (1984-1992), a expectativa é de que o sujeito seja realizado tanto pelo pronome *tu* quanto pelo pronome *você*, havendo preferência pelo primeiro em sua forma nula e pelo segundo em sua forma expressa;

b) Com relação às categorias de complementos verbais:

- Como acusativo, aparecerá preferencialmente o complemento *te* na Amostra Cruz e Sousa, e as formas *te* e *o/a* (com suas variações *no/na*, *lo/la*) nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus;
- Como dativo, aparecerão preferencialmente as formas *te* e *a ti* na Amostra Cruz e Sousa, e nas demais amostras devem ocorrer formas variadas, que incluem *te*, *lhe*, *a ti*, *a você*, *para ti* e *para você*;

- Como oblíquo, devem aparecer as demais formas preposicionadas associadas a *tu* (*de ti, em ti, contigo*) na Amostra Cruz e Sousa, e nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus devem ocorrer, além dessas formas, também aquelas associadas a *você* (*de você, em você, com você*).

- (ii) Conforme resultados encontrados por Nunes de Souza e Coelho (2013), acredita-se que, na Amostra Cruz e Sousa, tanto pronomes sujeito quanto pronomes complemento sejam predominantemente realizados por formas associadas a *tu*, enquanto nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus, *tu* e *você* passem a concorrer na posição de sujeito, mas ainda se relacionem preponderantemente com formas associadas a *tu* como complemento verbal.
- (iii) A respeito da correlação entre as formas pronominais encontradas e a sócio-história florianopolitana e as particularidades socioestilísticas de cada amostra (Cf. COELHO; GÖRSKI, 2011; NUNES DE SOUZA, 2011; NUNES DE SOUZA; COELHO, 2013):

a) Quanto à sócio-história da cidade:

- Na Amostra Cruz e Sousa, o uso categórico de formas associadas a *tu* pode ser relacionado à colonização açoriana e ao caráter provinciano de Florianópolis no fim do século XIX, momento em que a localidade se encontrava ainda fechada a outras cidades do estado e a outros estados (Cf. Seção 1.2), enquanto nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus, posteriores à abertura da cidade, a alternância entre formas associadas a *tu* e formas associadas a *você* pode ser explicada pelo contato com outros dialetos, associados a colonizações e movimentos migratórios que ocorreram no século XX;

b) Quanto às particularidades de cada amostra:

- Na Amostra Cruz e Sousa, o uso categórico de formas relacionadas a *tu* pode ser atribuído ao próprio sistema de pronomes de segunda pessoa em vigência na época, de modo que, nas relações de amor e de amizade de uma pessoa letrada, a possibilidade de se encontrarem outras formas pronominais (*vossa mercê, vassuncê, vancê, você*, entre outras) é mínima.

- Nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus, a expectativa é de que a distribuição de formas pronominais reflita as relações

estabelecidas entre remetente e destinatário, a temática da carta, e o trecho da carta em que se encontra o pronome, de modo que as formas associadas ao pronome *tu* devem ocorrer com maior frequência nas relações mais íntimas, nas temáticas mais informais (cotidianas e de amizade) e nos trechos considerados mais flexíveis das missivas, como o *núcleo da carta* e o *P.S. (post scriptum)*, ao passo que as formas associadas ao pronome *ocê* devem aparecer com maior frequência nas relações menos íntimas, nas temáticas mais formais (profissionais) e nos trechos considerados menos flexíveis das missivas, como o *contato inicial (ou saudação)* e a *despedida*.

(iv) Com respeito à representatividade das amostras e dos resultados que elas revelam quanto ao uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa do singular:

a) Acredita-se que, por meio da comparação dos resultados obtidos na análise de cartas pessoais das Amostras Maura de Senna e Harry Laus com resultados de uma análise de cartas pessoais de florianopolitanos não ilustres da segunda metade do século XX (Amostra Vale/FLN), possa-se problematizar a representatividade dos resultados obtidos na análise das cartas de ilustres em relação ao português escrito na cidade de Florianópolis na segunda metade do século XX;

b) A contraposição de cartas escritas por florianopolitanos não ilustres (Amostra Vale/FLN) a cartas escritas por lageanos não ilustres na segunda metade do século XX (Amostras de Sena-Medeiros/LGS) deve contribuir para o questionamento da representatividade das amostras escolhidas para a análise central desta pesquisa em relação ao português escrito no estado de Santa Catarina na segunda metade do século XX;

(v) Por fim, espera-se discutir os resultados obtidos:

a) Sob a perspectiva do problema de transição, correlacionando a distribuição de pronomes encontrada no total das amostras investigadas à transição através do tempo (do século XIX ao século XX), à transição através do espaço (entre Florianópolis e Lages), e à transição através de contextos morfossintáticos (as categorias de sujeito e complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos);

b) Sob a perspectiva do problema de encaixamento, correlacionando a distribuição de pronomes encontrada no total das amostras investigadas à matriz de concomitantes linguísticos, como o preenchimento do sujeito e a alternância entre as preposições *a* e *para* (encaixamento linguístico), e à matriz de concomitantes sociais, a saber, a sócio-história de Florianópolis e as relações pessoais e temáticas particulares de cada amostra (encaixamento social).

Neste capítulo, foi evidenciado o objeto de estudo desta pesquisa, a alternância entre os pronomes de segunda pessoa do singular nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos. Foram delimitados os critérios para a identificação dessas categorias, tendo como base gramáticas de perspectivas diferentes, a fim de garantir o entendimento acerca do recorte aqui proposto (que poderia se estender a outras categorias, como os pronomes possessivos e as formas imperativas, por exemplo).

Resultados de estudos anteriores sobre o mesmo objeto de análise foram retomados, com vistas a orientar as hipóteses desta pesquisa, apresentadas por último, junto aos objetivos. As análises das Amostras Cruz e Sousa, Maura de Senna e Harry Laus, nessa ordem, no que tange ao uso dos pronomes de P2 nas categorias morfossintáticas aqui consideradas, são o foco do próximo capítulo.

3 A ALTERNÂNCIA ENTRE *TU* E *VOCÊ* EM CARTAS DE FLORIANOPOLITANOS ILUSTRES

Neste capítulo, resultados referentes à distribuição dos pronomes *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos nas três amostras de cartas pessoais de florianopolitanos ilustres são apresentados e discutidos. Cada amostra tem suas particularidades em termos de temática abordada nas missivas e quantidade de remetentes e destinatários, o que permitiu que determinados fatores fossem controlados, em detrimento de outros, em cada conjunto de cartas. Por conta disso, antes do relato da análise propriamente dita, cada amostra é caracterizada e são evidenciados os fatores controlados na exploração de cada um dos três conjuntos de missivas.

A apresentação dos resultados por amostra obedece à ordem cronológica. A distribuição dos pronomes de P2 nas cartas da Amostra Cruz e Sousa, que datam de 1882 a 1897 é a primeira a ser evidenciada. Em seguida, passa-se a relatar o produto da investigação das cartas da Amostra Maura de Senna, datada de 1932 a 1990. A Amostra Harry Laus, cujas missivas datam de 1984 a 1992, é a última a ser explorada individualmente.

3.1 AMOSTRA CRUZ E SOUSA

As subseções a seguir dão conta de uma caracterização da Amostra Cruz e Sousa, evidenciando o perfil social dos informantes nela envolvidos e os fatores controlados em sua análise, bem como os resultados encontrados na investigação das cartas no que se refere à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular.

3.1.1 Caracterização da Amostra Cruz e Sousa

Cruz e Sousa é um dos maiores nomes da literatura brasileira. Nascido João da Cruz, em Desterro, no ano de 1861 – e falecido em Curral Novo (MG), em 1898 –, o poeta, filho de escravizados alforriados, teve sua educação formal fomentada pelo antigo “senhor” de seus pais, Guilherme Xavier de Sousa, de quem herdou o sobrenome. Cruz e Sousa participou ativamente da vida política da Desterro da década de 1880, envolvendo-se em agremiações de movimentos abolicionistas. Em 1885, fundou o jornal *O Moleque*, uma publicação de teor crítico que

problematizava as relações e os interesses das classes dominantes de Desterro (Cf. PORTAL CATARINA).

Seus poemas o fizeram famoso, no entanto, apenas na década de 1920, postumamente, quando passou a ser reconhecido como o maior representante da escola simbolista no Brasil. Dentre suas obras mais conhecidas, estão *Missal e Broquéis*, ambas publicadas em 1893. Gavita Rosa Gonçalves⁶³, que veio a se casar com o poeta em 1893, teve origem semelhante; era negra, costureira, e havia sido criada na casa de um médico. Os colegas de Cruz, Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo, embora não tão celebrados quanto aquele que ficou conhecido como Cisne Negro, também participaram do cenário artístico e político da capital catarinense. Virgílio Várzea (1865-1941) era escritor e jornalista, e Araújo Figueiredo (1864-1927) foi, além de escritor, também promotor e funcionário público (Cf. PORTAL CATARINA).

Boa parte das missivas que compõem a Amostra Cruz e Sousa data de quando o poeta já morava na cidade do Rio de Janeiro, para onde foi, posteriormente, Virgílio Várzea. As cartas anteriores a esse período são trocadas enquanto Cruz e Sousa excursiona pelo país. Araújo Figueiredo, o único dos três a ingressar na Academia Catarinense de Letras, embora tenha ocupado cargos em cidades diversas, volta a Florianópolis, onde termina sua vida.

A Amostra Cruz e Sousa é formada por um recorte de 20 missivas, escritas entre 1882 e 1897, sendo quatro delas escritas por Cruz e Sousa endereçadas a sua noiva, Gavita, oito delas enviadas por Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, e outras oito remetidas por Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Essas missivas, na verdade, fazem parte de um conjunto maior de cartas, ainda em fase de transcrição e edição pelo corpo de pesquisadores do PHPB-SC, no qual se inclui a autora. Os fac-símiles das missivas têm sido, aos poucos, disponibilizados pelo Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) em sua página na Internet⁶⁴, de modo que a Amostra Cruz e Sousa está, ainda, em formação, sem um número definido de documentos.

A temática das cartas escritas pelo poeta é romântica, enquanto as cartas trocadas entre os colegas escritores tratam tanto de assuntos pessoais relacionados à amizade entre eles quanto de assuntos profissionais. Os excertos (42), (43) e (44), a seguir, dão mostras do teor das missivas que compõem a Amostra Cruz e Sousa.

63 Não foi possível obter informações sobre as datas de nascimento e de falecimento de Gavita Rosa Gonçalves.

64 nupill.ufsc.br

(42) *Minha estremecida Vivi. A'hora em que te escrêvo tenho diante de mim teu retrato, que trago sempre comigo, que é o meu melhor companheiro e amigo. Adorada do meu coração, não calculas a saudade que sinto de ti, como desejo agora estar ao pé de ti, na alegria e na felicidade da tua presença querida, flôr da minha vida, consolo do meu coração.* (Cruz e Sousa, 1892)

(43) *No entanto nostálgico não vivo, nem desolado, porque ainda, segundo posso afirmar, continuo a ter a alma cheia de affectos para com todos, principalmente para contigo que, comquanto passassemos tanto tempo sem nos communicar por meio da escripta, continúa a ser meu maior amigo, o mais altamente sincero e dedicado; porque vive junto de mim, habitando o mesmo castello de esperanças, a doce Eleita dos meus sonhos, achada entre as mais procuradas.* (Araújo Figueiredo, 1895)

(44) *Alegra-me festivamente isso, porque era uma justiça que te fazia a digna imprensa de Bagé, publicando os teus soberaníssimos versos nas folhas diarias e concorrendo eficazmente em seguida para que eles sáias tambem em volume. Isto é uma prova de sympathia do povo rio-grandense pela mentalidade moderna que tu tão caracteristicamente representas nessa excursão artistica na provincia dos pampas.* (Virgílio Várzea, 1886)

A temática variada das missivas permitiu que esse critério fosse controlado, de forma que as ocorrências foram categorizadas entre aquelas que ocorriam em trechos cuja temática era *amor, amizade e assuntos profissionais*. Nas cartas trocadas entre os colegas literatos, por vezes é difícil separar a temática pessoal da temática profissional, porque eventualmente os escritores fazem elogios aos trabalhos uns dos outros, estendendo a exaltação das obras à exaltação da própria figura do autor. Em casos como esses, optou-se por categorizar os dados como pertencentes ao campo dos assuntos profissionais.

Um controle realizado em todas as amostras investigadas foi aquele que diz respeito à parte da carta em que ocorre o dado de P2, a fim de se testar a possibilidade de que partes mais “flexíveis” das missivas, a saber, *núcleo* e *P.S.*, pudessem estar mais fortemente relacionadas às formas de *tu* – usualmente entendidas como mais íntimas e informais, conforme apontaram os estudos visitados na Seção 2.2 – e de que partes mais “rígidas” ou “formulaicas”, o *contato inicial* e a *despedida*, pudessem ser correlacionadas às formas de *você* – normalmente compreendidas como menos íntimas e mais formais. O Quadro 4, a seguir, oferece um modelo de como foi feito o controle das partes das cartas.

Quadro 4 – Controle das partes das cartas

Parte da carta	Forma/conteúdo
Contato inicial	Meu adorado Cruz É com a maior alegria que te escrevo esta pequena carta.
Núcleo	No dia 16 do corrente fui nomeado promotor de Tubarão, para cuja comarca devo partir no dia 5 dom mês que entra. Vou só, porém mais tarde, isto é, depois de um mes cá voltarei, licenciado, afim de casar-me. Aproveito a ocasião para dizer-te que é hoje minha noiva a Concepta Remzethi, que deves conhecer. É ella uma bella [<i>inint.</i>] que me anda a encher de alegrias a alma e em cujas mãos brancas de junquillo o meu rubro coração repousa triumphante de gloria. Espero que o seu amôr continue a cantar-me na vida, eternamente, como me cantaram os canarios no beiral da casa onde nasci. O meu pequeno nome litterario é para ella como que um palio aberto sobre a sua cabeça de velludo negro glorificai-a, enche-a de uma resplandencia astral. Mais tarde, meu querido, te fallarei della e responderte-hei então todas as cartas que me tens mandado, mas para isso espero de socego n'um canto aromado de rosas, junta da minha doce Amada. Os homens daqui, os [<i>inint.</i>], andam damnados commigo, ameaçando-me de cacete. Tenho-lhes passado cada [<i>inint.</i>] medonho, de fazer chorar. O Villela do Rego, esse chegou até a envenenar-me e a ficar idiota. Disse aos amigos que era por causa de seus [<i>inint.</i>] que eu lhe tinha lascado. É um horror! Junto á esta envio-te dois magnificos. Mostra-os ao Varzea, ao Ataliba, ao Jubim e a outros rapazes de espirito.
Despedida	E adeus, meu adorado, abraça-me fortemente, com emoção. A minha tia e todos de minha casa mandan-ti saudades. Lembranças a tua [...] [...]. Adeus! O teu amigo Araujo Figueredo
P.S.	Não me escreva para Tubarão sem eu te mandar dizer. A. F.

Fonte: A autora

A Amostra Cruz e Sousa é a única, dentre as amostras de ilustres, a permitir o controle do remetente, uma vez que as cartas da Amostra Maura de Senna e da Amostra Harry Laus são, todas, remetidas por aqueles que dão nome ao conjunto de cartas – ou seja, todas as cartas da Amostra Maura de Senna foram escritas pela literata, e todas as missivas da Amostra Harry Laus foram, do mesmo modo, assinadas pelo próprio escritor.

3.1.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Cruz e Sousa

Foram relacionadas 213 ocorrências de segunda pessoa do singular na Amostra Cruz e Sousa. Os dados encontrados correspondem todos a formas associadas ao pronome *tu* (212 ocorrências), além de uma forma nominal. O pronome *você*, em nenhuma categoria morfossintática controlada nesta pesquisa, foi registrado na amostra⁶⁵. O excerto (45), a seguir, evidencia o único dado de forma nominal associada à segunda pessoa do singular verificada no total das 20 missivas, que ocorre na categoria de sujeito.

(45) *Por minha honra te juro que sempre serei teu, que podes viver descansada, sem desconfiança, porque o teu Cruz nunca será de outra e só a Vivi fará carinhos, dedicará extremos, amizade eterna.* (Cruz e Sousa, 1892)

Interessa notar que, a despeito de ainda não ter sido alvo de análises sistemáticas, formas nominais diferentes de *o senhor/a senhora* – como *o amigo, a moça, o pai, o professor* etc. – para tratar a segunda pessoa são comuns no português florianopolitano falado na atualidade (o que, para algumas pessoas, conforme relato de avaliações não sistemáticas, remete a recursos linguísticos característicos do português europeu).

Não obstante o comportamento linguístico categórico apresentado pelos missivistas da Amostra Cruz e Sousa em relação ao uso de formas pronominais associadas a *tu*, optou-se por mostrar a distribuição dessas formas nas categorias morfossintáticas investigadas, usando essa primeira amostra como um ponto de partida para as análises posteriores. Como um dos objetivos desta pesquisa é correlacionar os resultados encontrados aos problemas de transição e de encaixamento, é importante que sejam expostos não apenas números acerca da distribuição dos pronomes relacionados a *tu* e dos pronomes associados a *você*, mas também a “forma em si” por eles apresentada. São pertinentes questões como o preenchimento do sujeito pronominal e o uso das preposições *a* e *para* concorrendo com o clítico *te* na categoria morfossintática de complemento verbal dativo, por exemplo. Somente com um retrato dos usos do século XIX, ainda que categóricos em relação ao uso de *tu* em

65 Cabe a ressalva de que a invariabilidade encontrada na Amostra Cruz e Sousa é assegurada apenas nos contextos morfossintáticos controlados nesta pesquisa. O dado a seguir, por exemplo, evidencia um uso de forma verbal imperativa (contexto de variação entre formas de P2, portanto, não investigado neste trabalho) não associada ao pronome *tu*: “**Não me escreva** para Tubarão sem eu te mandar dizer.” (Araújo Figueiredo, 1982).

detrimento de *você*, é que os resultados referentes ao século XX poderão ser entendidos como parte de um percurso de mudança linguística.

A Tabela 16, a seguir, mostra a distribuição de formas pronominais que ocorrem nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos na Amostra Cruz e Sousa.

Tabela 16 – Distribuição das formas pronominais de P2 na Amostra Cruz e Sousa

	Formas associadas a <i>tu</i>					Total
	tu	Ø	te	a tí	SP tu ⁶⁶	
Sujeito	17	57	- ⁶⁷	-	-	74
Acusativo	-	-	42	-	-	42
Dativo	-	2	72	3	2	79
Oblíquo	-	5	-	1	9	15
Total	17	64	114	4	11	210
	210					

Fonte: A autora

Embora tenham sido encontradas 212 ocorrências de forma *tu*, na Tabela 16 constam apenas 210 dados porque há ocorrências que não se enquadram nas variantes previstas. Tais ocorrências se configuram como “redobro” (Cf. MIRA MATEUS et al., 1994) e são destacadas nos excertos (46) e (47), a seguir.

(46) *Só, no meu quarto, eu só possuo, para consolar-me o teu retrato. Mas é muito pouco. Eu te queria a tí, em pessoa, para te apertar de abraços, pedindo a Deus para abençoar o nosso amor.* (Cruz e Sousa, 1892)

(47) *Estar junto de tí, eu, que nunca dei o meu coração assim a ninguém, tão apaixonadamente, como te dei a tí, é para mim ser muito felis.* (Cruz e Sousa, 189-)

Novamente, veem-se nas cartas da Amostra Cruz e Sousa usos linguísticos que remetem a marcas próprias do português florianopolitano da atualidade. Tais usos são registrados no *Dicionário da Ilha* (ALEXANDRE, 1994), que, na página 122, traz uma ilustração com os

⁶⁶ Está-se denominando *sintagmas preposicionados de tu* (SP tu) aquelas formas preposicionadas diferentes de *a tí* e *para tí* – que são controladas para se verificar se as amostras aqui investigadas corroboram os resultados encontrados por Torres Morais e Berlinck (2007), os quais evidenciam que a preferência pela preposição *a* é substituída pela preferência pela preposição *para* no decorrer do tempo. O mesmo controle é realizado com os *sintagmas preposicionados de você* (SP você), que aparecem nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus, separando-os das formas *a você* e *para você*.

⁶⁷ Nesta e em todas as tabelas que seguem, o traço “-” significa a ausência de dados em uma dada célula.

dizeres “Vou te dizer-te uma coisinha prá ti!”. Não é incomum encontrar, nos dias de hoje, complementos verbais pronominais com redobro também na fala de figuras conhecidas da sociedade ilhoa, inclusive daquelas que atuam na mídia televisiva e radiofônica da capital catarinense, como em *Eu te disse pra ti*.

Dentre os números observados na Tabela 16, podem ser destacados aqueles que dizem respeito ao preenchimento do sujeito pronominal. É possível perceber que as cartas dessa primeira amostra, que datam do século XIX, mostram um comportamento em relação ao sujeito que corroboram o descrito por Duarte (1993, 1995, 2012) para o PB da época em questão: sujeitos pronominais realizados mais como nulos do que como plenos.

Nos excertos (48) e (49), a seguir, são destacadas, respectivamente, ocorrências de sujeito nulo e pleno, provenientes da Amostra Cruz e Sousa.

(48) *No tempo em que recebi um convite teu para a publicação dos meus versos não estava eu preparado, não estava disposto; porem agora, sim. Se Ø arranjares isso ahi com algum, principalmente com os que editoraram os teus livros, escreve-me logo, porque irei ahi levar os meus sonetos e combinamos, na mesma communhão de ideias, como sempre, o titulo sob o qual elles possam [inint.] em publico. (Araújo Figueiredo, 1897)*

(49) *Vê lá que orgulho tu não deves ter! Adeus! Adeus! Estou morto para que chêguesabbado e ter o prazer, maior de todos os prazeres, de estar contigo. Aceita beijos e abraços do teu Cruz e Sousa. (Cruz e Sousa, 1892)*

É possível encontrar, nos poucos dados referentes a sujeitos plenos, alguns contextos de ênfase, em que dificilmente figuraria um sujeito nulo, conforme se vê nos trechos (50) e (51). Tais contextos favoreceriam um sujeito pleno mesmo em línguas assinaladas positivamente para o parâmetro *pro-drop*, nos termos do modelo formal de Princípios e Parâmetros (Cf. CHOMSKY, 1981).

(50) *Só tu, és a Rainha do meu amor, só tu meréces os meus beijos e os meus abraços, a honra do meu o nome, a distincção da minha Intelligencia, os segredos da minh'alma. (Cruz e Sousa, 1892)*

(51) *Só tu és merecedôra de que eu te ame muito, como te amo, muito, muito, muito, e cada vez mais, com mais firmeza, sempre fiél, sempre teu escravo bom e agradecido, fazendo de ti, minha estrella, a esposa santa, a adorada companheira dos meus dias. (Cruz e Sousa, 1892)*

Dentre as formas pronominais que aparecem na categoria de complemento verbal acusativo, destaca-se o clítico *te*, que não encontra variantes nesse contexto. A ocorrência grifada em (52) ilustra um uso dessa forma.

(52) *Feliz estou [com] “Miudezas”, essas interessantes e vaidosas filhinhas do teu amigo que eu julgo condemnadas pelas circunstancias a não habitar tão cedo o luminosissimo palacio do volume como os teus “Colleiros e Gaturamos”. Emfim paciencia, consolo amargo dos cegos! Abraço-te saudosissimo Virgilio Varzea (Virgílio Várzea, 1886)*

O clítico *te* também é muito produtivo como estratégia de complemento verbal dativo, embora encontre, nesse contexto, algumas variantes, como a forma *zero*, a forma *a ti* e os *sintagmas preposicionados de tu*. Ocorrências dessas variantes estão em destaque nos excertos (53), (54), (55)⁶⁸ e (56).

(53) *P.S. Tencionava escrever-te uma carta bem litteraria, mas não posso; ficará para outra vez. A vida pésa-me muito ultimamente. Ando amallado. (Virgílio Várzea, 1886)*

(54) *Dei, por ti, pesame Sá familia [inint.]? Desvaneseram-se muito com essa tua gentileza, e agradezem Ø. (Virgílio Várzea, 1889)*

(55) *Fico sempre alegre, contente, cheio de orgulho, quando te pôsso dizer que sou e serei sempre teu, que hei de amar-te até á morte, enchendo-te dos carinhos, das amabilidades, dos extremos, das distincções que só a ti eu quero dar, idolatrada Gavita, adorável creatura dos meus sonhos, dos meus cuidados e pensamentos. (Cruz e Sousa, 1892)*

(56) *Quando estou ao teu lado, Gavita, esqueço-me de tudo, das ingratidões, das maldades, e só sinto que os teus olhos me fazem morrer de prazer. Adeus! Aceita um beijo muito grande na bocca e vem que eu espero por ti no sabbado, como um louco. Teu – Cruz (Cruz e Sousa, 1892)*

Observe-se que as variantes de *te* têm baixo número de ocorrências, e que a variante *a ti* somente ocorre em contexto de ênfase, no qual dificilmente a variante mais produtiva, *te*, apareceria. O trecho (55) oferece evidências desse uso, bem como o excerto (57), a seguir.

68 Observe-se que, no contexto em que ocorre a forma *a ti*, no excerto (55), o clítico *te* e a forma *zero* não seriam potenciais variantes das formas preposicionadas.

(57) *E como tens sido para mim o meu maior amigo e a mais alta individualidade intellectual e moral que conheço, só a ti submeterei o meu segundo livro, como o fiz espontaneamente com o primeiro. Falla sobre isso com algué, e escreve-me logo. Tira-me assim, pela alma abençoada do teu pae, que hoje está pairando na luz branca dos astros, desta tristeza medonha, desta tristeza de carcere, desta fria tristeza de mente, rude, por uma manhã de Março, [inint.]o meu livro com o [inint.] e [inint.] [inint.] titulo de - Lyrios do Valle. Abraços. (Araújo Figueiredo, 1897)*

Duas das formas categorizadas como *te* na categoria de complemento verbal dativo são, na realidade, casos de contração de clíticos, uso incomum no português brasileiro atual. A contração de clíticos é destacada nos trechos (58) e (59).

(58) *A Tribuna hoje não presta: está offíal [sic]. D'aqui por diante não t'a enviarei mais. (Virgílio Várzea, 1888)*

(59) *Tencionava enviar-te Gazetas de Noticias por este cor-reio, mas esqueci-as em casa, e por isso só t'as remetterei pelo vapor de 12 do decorrente. (Virgílio Várzea, 1890)*

No que tange às formas pronominais de complemento verbal oblíquo, é possível observar a variação de *zero*, *a ti* e *sintagmas preposicionados de tu*, com preponderância da última dessas variantes. Os excertos (60), (61) e (62) ilustram o uso dessas formas na Amostra Cruz e Sousa.

(60) *Recebi Ø duas cartas tuas e retalhos de impressos um deles accentuando ainda uma vez o brilhantissimo talento de Raul Pompeia, outros glorificando amplamente o teu [inint.]e [inint.] espirito de poeta merional americano. (Virgílio Várzea, 1886)*

(61) *Amo-te, amo-te muito, com todo o meu sangue e com todo o meu orgulho e o meu desejo poderoso é unir-me a ti, viver nos teus braços, protegido pela tua bondade pura, pelas tuas graças que eu adóro, pelos teus olhos que eu beijo. (Cruz e Sousa, 1892)*

(62) *O sabbado, esse sabbado que eu tanto amo, como custa tanto a vir! Ah! como se demóra o sabbado! E tu, minha boa flôr da minh'alma, que és o meu cuidado, a minha felicidade, o meu orgulho, a minha vida, não sabes como eu penso em ti, como eu te quero bem e te desejo felis. (Cruz e Sousa, 1892)*

A forma *zero* como complemento verbal oblíquo ocorreu, na Amostra Cruz e Sousa, exclusivamente associada ao verbo “receber”. Interessante notar, também em relação aos complementos oblíquos, que o dado (61) não é, de fato, um contexto de variação entre algumas outras formas – veja-se que *zero* e *te* não caberiam no lugar de *a ti* no excerto anterior –, embora a forma *contigo* pudesse ocorrer no mesmo espaço.

A temática do trecho, bem como a parte da carta que comporta a ocorrência de P2 e a distribuição das formas pronominais por remetentes foram controles descartados, uma vez que tinham como único objetivo mostrar a alternância entre *tu* e *você*. Contudo, ressaltou-se, novamente, que se escolheu manter a análise das cartas da Amostra Cruz e Sousa no corpo da tese, a despeito da ausência de variação entre formas de *tu* e de *você*, pois tais missivas permitem vislumbrar resultados relevantes para a discussão dos problemas de transição e de encaixamento – a saber, o preenchimento do sujeito pronominal e as formas propriamente ditas que ocorrem como variantes na categoria de complemento verbal, sobretudo a de complemento dativo, que possibilita a observação da distribuição do clítico *te* em coocorrência com formas introduzidas pela preposição *a* e pela preposição *para* (que aparecem nas amostras analisadas nas próximas seções).

Do mesmo modo, os resultados encontrados nesta primeira amostra de cartas de florianopolitanos ilustres permitem discutir problemas relacionados à representatividade do *corpus* escolhido para a investigação. Embora o pronome *você* não apareça em nenhuma categoria morfossintática controlada nas missivas examinadas, não se pode dizer que não havia, na escrita desterrense/florianopolitana de fins do século XIX, ocorrências de *você*. Conforme já evidenciado no excerto (9), o pronome, em pequeno número e em boa medida associado a relações assimétricas descendentes, ocorre em peças teatrais da mesma época, conforme documentado por Nunes de Souza (2011).

(9) *O' sua serigaita, você demora-se tanto tempo para abrir uma porta!*
(Brinquedos de Cupido – Antero Reis Dutra, 1898)

A Amostra Cruz e Sousa se estabelece, portanto, como ponto de partida para a análise das demais amostras. Oferece indicativos de um sistema pronominal de segunda pessoa categoricamente associado à forma *tu*, com predileção pelo sujeito nulo e expressão dos complementos verbais acusativos e dativos através da forma *te* e dos complementos verbais oblíquos através de *sintagmas preposicionados de tu* – sistema que difere, portanto, do descrito por Rumeu (2008) e Lopes e Marcotulio

(2011) em relação ao português escrito carioca, que, em período semelhante, já mostrava variação entre *tu* e *você*. As mudanças sociais operadas na capital catarinense na virada do século XIX para o século XX parecem não ter reflexo no sistema pronominal verificado no material em análise.

A seguir, são discutidos os resultados referentes à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na Amostra Maura de Senna, que revelam uma configuração diferente da observada na única amostra do século XIX.

3.2 AMOSTRA MAURA DE SENNA

As próximas subseções dão conta da caracterização da Amostra Maura de Senna, bem como das possibilidades que a configuração desse conjunto de cartas oferece para a análise dos pronomes de P2, e evidenciam os resultados obtidos em relação à distribuição desses pronomes nas missivas assinadas pela escritora.

3.2.1 Caracterização da Amostra Maura de Senna

Maura de Senna Pereira, diferentemente de Cruz e Sousa, nasceu em uma família considerada “letrada”. Seu pai, José de Senna Pereira, foi professor, jornalista e contador; sua mãe, Amélia Régis de Senna Pereira, estudou na Escola Normal Catarinense e foi a responsável por ensinar francês a Maura. A escritora, jornalista e professora nasceu em 1904, em Florianópolis, e faleceu em 1991, no Rio de Janeiro.

Desde muito jovem, Maura de Senna figurava nos eventos sociais da capital catarinense, recitando versos e homenageando personalidades de destaque na sociedade. Tal qual sua mãe, frequentou a Escola Normal Catarinense, para onde costumavam ir as mulheres pertencentes à burguesia – enquanto aquelas que advinham de classes trabalhadoras buscavam, usualmente, formação profissional.

Maura escreveu em variados jornais nas cidades de Florianópolis, Porto Alegre e Rio de Janeiro, dentre os quais se destaca o *Gazeta de Notícias*, em que trabalhou por maior tempo. No jornal *O Elegante*, escrevia uma coluna quinzenal chamada *Feminismo*. Em Florianópolis, envolveu-se em diversas causas que podem ser consideradas feministas: lutou pela anulação de uma lei que removia para escolas isoladas as professoras de grupos escolares que contraíam matrimônio, denunciou a violência contra a mulher, reivindicou igualdade na divisão de tarefas

domésticas e batalhou pela equiparação de salário entre professores e professoras. Apesar disso, Maura de Senna era uma figura conciliadora, que buscava não entrar em enfrentamento direto com nenhum grupo ou pessoa de poder (Cf. SCHROEDER, 1997).

A Academia Catarinense de Letras (ACL), conforme observado na Seção 1.2, passou por momentos de maior conservadorismo e momentos de maior abertura. Em um desses momentos de abertura, em 1927, buscando fazer frente ao Centro Catarinense de Letras, que se destacava no cenário cultural do estado e convidava Maura de Senna com frequência para participar de suas atividades, a ACL chama a jovem escritora para se tornar a primeira mulher a ocupar uma cadeira de “imortal” numa academia de Letras no país. Em 1930, Maura de Senna toma posse da cadeira número 38. Dentre suas publicações, destacam-se *Cântaro de ternura* (1931, primeiro livro publicado pela autora), *País de Rosamor* (1962) e *Nós e o mundo* (1976) (Cf. BERTOLINO, 1993).

Na vida pessoal, a escritora foi igualmente inovadora. Descrita por Schroeder (1997) como “uma mulher além de seu tempo”, casou-se em 1931 e partiu para Porto Alegre para acompanhar o marido. Infeliz com a cidade e com o matrimônio, aproveita a ausência do cônjuge para retornar em fuga para Florianópolis. Em 1941, parte para o Rio de Janeiro, onde conhece pessoalmente o professor e poeta mineiro Almeida Cousin, com quem passa a viver sem se casar no âmbito civil ou religioso. Boa parte das cartas remetidas por Maura de Senna pertence ao período em que viveu no Rio de Janeiro, de onde participava das votações da ACL e de outros compromissos através da representação presencial de seus colegas em Florianópolis.

A Amostra Maura de Senna é, na realidade, composta por 104 documentos, sendo que apenas 94 apresentam formas de P2. Desses 94 documentos, 93 têm identificação do destinatário, e é a esse recorte que se refere a amostra aqui analisada. O conjunto de 104 cartas e bilhetes, já transcrito e editado (edição conservadora), foi organizado por Valéria Isoppo. Atualmente, o grupo de pesquisadores do PHPB-SC está buscando os fac-símiles desses documentos para transcrevê-los e editá-los de acordo com as normas do Projeto.

O conteúdo das 93 cartas escritas por Maura de Senna refere-se tanto a assuntos relacionados à Academia quanto a questões pessoais, o que possibilitou o controle da temática de suas cartas entre *assuntos profissionais* e *assuntos pessoais*. Os excertos (63) e (64) evidenciam, respectivamente, essas temáticas.

(63) *Gratíssima por me ter distinguido com uma fotocópia do teu bravo, lúcido e magnífico artigo. Eu estou de inteiro acordo com você. Não inteiro, pois não posso admitir a omissão de seu nome entre os membros da comissão julgadora do Prêmio Cruz e Sousa. Não creio também que ter publicado algo sobre nosso poeta maior – dê crédito ao convidado para julgar. Acho que o que é necessário para tal – é ser crítico. E você, L. e Sc. não poderiam faltar. E você – além de ser um crítico em toda a expressão e significado de tal mister – é o autor do magnífico ensaio sobre o Poeta Negro.* (Maura de Senna, 1980)

(64) *Vejo, caro N., que ignora o profundo golpe que sofri em abril do ano passado, aí em Fpolis: perdi minha adorada mãe. Ela residia aqui e gozava esplêndida saúde. Em Fpolis, passando uma temporada com minhas irmãs, foi atacada de broncopneumonia e não souberam salvá-la. Logo que tive notícia, voei para aí, permaneci à sua cabeceira dez dias e tive esperança até o fim. Mas aí! – perdi minha Rainha. Eu a adorava, N., e fiquei arrasada, só conseguindo sobreviver graças ao amor de tôdas as horas e à dedicação extraordinária de meu marido.* (Maura de Senna, 1963)

Da mesma forma que ocorre nas cartas da Amostra Cruz e Sousa, nas missivas assinadas por Maura de Senna, por vezes, assuntos profissionais e pessoais se mesclam. Quando a escritora elogia os colegas por conta de suas obras, os dados são categorizados como contidos em trechos sobre assuntos profissionais. O trecho (65), a seguir, ilustra o conteúdo “misto” das cartas da Amostra Maura de Senna.

(65) *Não leve a mal a demora em responder à sua carta, que já está figurando em nosso album último – como página preciosa que é. A sua opinião sobre as “memórias”, que eu endosso completamente, me deu muita alegria, nos deu muita alegria. Cousin começa a readquirir a seiva perdida no grave traumatismo crânio-encefálico que sofreu e tem recebido muitas manifestações de louvor ao seu livro. Você soube apontar os pontos altos, alguns pontos altos da “Memórias” – com sua capacidade de descobrir e analisar. Entretanto, só agora venho dizer-lhe estas pobres palavras e transmitir-lhe o agradecimento e o abraço de Cousin.* (Maura de Senna, 1980)

Os destinatários das cartas são nove colegas, todos pertencentes ao universo das Letras. Os homens, todos, ocupam ou ocuparam uma cadeira na ACL: NC, PAP, TCJ, AS, OGD, CR, WP e SS. S, a única mulher a receber cartas nesta amostra, cuida da “pasta” de Maura de Senna na Academia. A variedade de destinatários permitiu que esse fosse um aspecto a ser controlado na análise desse conjunto de cartas.

Como a literata enviou cartas durante um longo tempo de sua vida, foi possível estabelecer três períodos distintos e usar o tempo como um fator a ser controlado na análise das missivas, assim distribuídas: cartas remetidas entre 1930 e 1958; cartas remetidas entre 1960 e 1979, e cartas remetidas entre 1980 e 1990. Também a parte da carta em que se encontra o dado foi controlada, seguindo o modelo apresentado no Quadro 4, na Seção 3.1.

3.2.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Maura de Senna

Diferentemente do que ocorre nas cartas da Amostra Cruz e Sousa, a Amostra Maura de Senna apresenta variação entre *tu* e *você* nas categorias investigadas. Foram computadas 541 ocorrências, sendo 136 (25%) de formas associadas a *tu* e 310 (57%) de formas associadas a *você*. Além disso, constam, nas missivas da escritora, 95 usos de formas nominais (18%). Algumas dessas formas são evidenciadas nos excertos (66), (67) e (68).

(66) *Muito e eternamente agradecida lhe ficaria si, com o seu grande coração confraternizador e com o enorme prestígio que goza em S. Francisco, conseguiu para meu querido mano uma colocação nessa cidade, embora de pequena remuneração. Ou onde o meu amigo achar uma vaga conveniente?* (Maura de Senna, 1933)

(67) *Si lhe expuz este caso familiar com tanta expansão é porque confio na sua boa e santa alma verdadeiramente cristã e tenho certeza de que o ilustre amigo e colega atenderá o meu ansioso e reiterado pedido.* (Maura de Senna, 1933)

(68) *Quero, agora, comunicar ao presidente da Academia que, apesar de membro da delegação catarinense, oficialmente nunca ingressei na Federação das Academias de Letras.* (Maura de Senna, 1965)

As formas nominais foram apartadas das análises que seguem, que abarcam somente ocorrências de formas pronominais associadas a *tu* e de formas pronominais associadas a *você* – ficam na pesquisa daqui em diante, portanto, 446 ocorrências de formas pronominais de P2. Desse modo, alguns controles foram refeitos. Como somente nas cartas escritas a partir de 1960 aparecem pronomes de P2 (muito embora a escritora continue fazendo uso de formas nominais após essa data, mas em variação com formas pronominais), as missivas anteriores a esse período ficaram de fora das investigações descritas a seguir. As cartas remetidas a AS,

OGD e WP também foram descartadas, uma vez que somente apresentavam formas nominais para referir a segunda pessoa.

As formas pronominais de P2 encontradas nas cartas de Maura de Senna são as que constam na Tabela 17, a seguir.

Tabela 17 – Formas pronominais de P2 na Amostra Maura de Senna

Categorias morfosintáticas	Formas associadas a <i>tu</i>					Formas associadas a <i>você</i>						Total	
	zero	<i>tu</i>	<i>te</i>	a <i>ti</i>	SP <i>tu</i>	zero	<i>você</i>	<i>o/a</i>	<i>lhe</i>	a <i>você</i>	para <i>você</i>		SP <i>você</i>
Sujeito	66	3	-	-	-	66	102	-	-	-	-	-	237
Acusativo	1	-	1	-	-	1	-	11	-	-	-	-	14
Dativo	21	-	39	1	-	48	-	-	58	5	1	-	173
Oblíquo	2	-	-	-	2	10	-	-	-	1	-	7	22
Total	90	3	40	1	2	125	102	11	58	6	1	7	446
	136/446 (30%)					310/446 (70%)							

Fonte: A autora

Pelos resultados expostos na Tabela 17, é possível perceber que há, na Amostra Maura de Senna, muito mais dados de formas associadas a *você* do que de formas associadas a *tu*. Igualmente, é possível perceber a alta produtividade de algumas formas, como *você*, *zero* (como sujeito e como dativo), além dos clíticos *te* e *lhe*. Na correlação estabelecida entre complementos verbais e sujeitos, a distribuição dos pronomes de P2 nessa amostra apontará para algumas tendências no que tange ao contexto morfosintático em que aparecem essas formas e aos fatores extralinguísticos que ajudam a hipotetizar determinadas escolhas da missivista.

A Tabela 18 apresenta os resultados relativos à categoria de sujeito, divididos entre nulos e plenos.

Tabela 18 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito	<i>tu</i>	<i>você</i>	Total
Nulo	66/69 (96%)	66/168 (39%)	132/237 (56%)
Pleno	3/69 (4%)	102/168 (61%)	105/237 (44%)
Total	69/237 (29%)	168/237 (71%)	

Fonte: A autora

Nas cartas de Maura de Senna, o sujeito apresenta-se, independentemente do pronome a que se encontra associado, mais como nulo (56%) do que como pleno (44%). A categoria é realizada majoritariamente (71%) pelo pronome *você*, que conta com 168

ocorrências distribuídas entre 66 nulas (39%) e 102 plenas (61%). O pronome *tu*, por sua vez, apresenta-se em menor número na Amostra (69 dados – 29%), sendo a maioria deles (66-96%) realizada pela forma nula. Parece haver, portanto, uma tendência de os sujeitos de *tu* serem nulos e os de *você* serem plenos, conforme já indicaram Lopes e Machado (2005), Rumeu (2008) Lopes e Marcotulio (2011), Lopes e Cavalcante (2011) e Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011), entre outros. Os dados (69) e (70), a seguir, ilustram esses usos, respectivamente.

(69) Não sei se tu já escreveste ao FC, mas espero que tu o faças em breve, como tu prometeste. (Maura de Senna, 1987)

(70) Recebi sua carta – explicando também seu silêncio grande. Depois seu livro. Eu o li imediatamente e quero dizer-lhe que me surpreendeu totalmente (o tema) pois nada, nada sabia sobre o fascinante viver de PJ em nossa terra. Como você soube situá-lo numa Lages que eu desconhecia – tão próspera e simpática. Você foi mais uma vez magistral. (Maura de Senna, 1978)

Dentre as missivas que compõem a Amostra Maura de Senna, há aquelas que apresentam categoricamente sujeito *tu*, aquelas que apresentam categoricamente sujeito *você* e há cartas que apresentam as duas formas de modo alternado como sujeito. Os complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos são evidenciados, aqui, em sua correlação com o sujeito utilizado nas cartas, conforme se observa na Tabela 19.

Tabela 19 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito da carta	Formas pronominais de P2	Acusativo	Dativo	Oblíquo	Total
Tu	Formas <i>tu</i>	2/2 (100%)	59/61 (97%)	4/4 (100%)	65/67 (97%)
	Formas <i>você</i>	0/2 (0%)	2/61 (3%)	0/4 (0%)	2/67 (3%)
Você	Formas <i>tu</i>	0/12 (0%)	0/106 (0%)	0/18 (0%)	0/136 (0%)
	Formas <i>você</i>	12/12 (100%)	106/106 (100%)	18/18 (100%)	136/136 (100%)
Misto	Formas <i>tu</i>	-	2/6 (33%)	-	2/6 (33%)
	Formas <i>você</i>	-	4/6 (67%)	-	4/6 (67%)
Total	Formas <i>tu</i>	2/14 (14%)	61/173 (35%)	4/22 (18%)	67/209 (32%)
	Formas <i>você</i>	12/14 (86%)	112/173 (65%)	18/22 (82%)	145/214 (68%)

Fonte: A autora

A correlação entre complementos verbais e sujeito evidencia que há uma preferência pelos complementos associados a *tu* quando a carta apresenta o pronome *tu* como sujeito exclusivo, uma preferência pelos complementos associados a *você* quando a carta apresenta o pronome *você* como sujeito exclusivo, e uma preferência – não tão acentuada quanto as demais – de aparecerem complementos associados a *você* em cartas de sujeito misto. Tal distribuição não permite o apontamento de tendências que se assemelhem às encontradas em amostras cariocas, nas quais, por vezes, cartas de sujeito *você* e de sujeito misto apresentam complementos verbais associados a *tu* (Cf. LOPES; MARCOTULIO, 2011; SOUZA, 2013; OLIVEIRA, 2014; entre outros).

Na Tabela 20, a seguir, constam os resultados que correlacionam as formas pronominais encontradas como complemento verbal acusativo de segunda pessoa do singular aos pronomes-sujeito que aparecem nas cartas da Amostra Maura de Senna.

Tabela 20 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito da carta	Formas associadas a <i>tu</i>		Formas associadas a <i>você</i>		Total
	zero	<i>te</i>	zero	<i>o/a</i>	
Tu	1/2 (50%)	1/2 (50%)	0/2 (0%)	0/2 (0%)	2/14 (14%)
Você	0/12 (0%)	0/12 (0%)	1/12 (8%)	11/12 (92%)	12/14 (86%)
Total	1/14 (7%)	1/14 (13%)	1/14 (7%)	11/14 (73%)	
	3/14 (21%)		12/14 (89%)		

Fonte: A autora

Em geral, trabalhos que buscam correlacionar complementos verbais e sujeitos de P2 apontam para certa dificuldade em coletar dados de pronomes acusativos, que aparecem, via de regra, em menor quantidade. A pequena quantidade de acusativos associados a *tu* apresentada na Tabela 20, entretanto, permite vislumbrar um retrato diferente daquele encontrado na Amostra Cruz e Sousa: a ocorrência de *te* variando com a forma *zero*.

Na amostra aqui investigada, percebe-se – uma vez mais –, o *paralelismo* entre pronome-sujeito e pronome-complemento, nesse caso, acusativo (sujeito *tu* combinado com complemento acusativo associado a *tu* e sujeito *você* combinado com complemento acusativo associado a *você*). Chama a atenção, sobretudo, a alta quantidade da variante *o/a* (11 das 14 ocorrências de formas acusativas), evidenciada no excerto (71), a seguir.

(71) *Ia escrever-lhe para felicita-lo pela página inteira com que você enriqueceu o supl. “Cultura”, de SP (18-01-84), dando-nos o estudo magnífico “Paralelo entre “Os Sertões” e “Casa Grande & Senzala”.* (Maura de Senna, 1984)

Já as formas de complemento verbal dativo, exibidas na Tabela 21, mostram maior variação.

Tabela 21 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito da carta	Formas associadas a <i>tu</i>			Formas associadas a <i>ocê</i>				Total
	<i>te</i>	zero	a ti	<i>lhe</i>	zero	a <i>ocê</i>	para <i>ocê</i>	
Tu	37/61 (61%)	21/61 (34%)	1/61 (2%)	2/61 (3%)	0/61 (0%)	0/61 (0%)	0/61 (0%)	61/173 (35%)
Você	0/106 (0%)	0/106 (0%)	0/106 (0%)	55/106 (52%)	45/106 (42%)	5/106 (5%)	1/106 (1%)	106/173 (61%)
Misto	2/6 (33%)	0/6 (0%)	0/6 (0%)	1/6 (17%)	3/6 (50%)	0/6 (0%)	0/6 (0%)	6/173 (4%)
Total	39/173 (23%)	21/173 (12%)	1/173 (<1%)	58/173 (33%)	48/173 (27%)	5/173 (4%)	1/173 (<1%)	
	61/173 (35%)			112/173 (65%)				

Fonte: A autora

Novamente, é possível observar a tendência de complementos verbais, nesse caso, dativos, realizarem-se como formas paralelas àquelas que figuram na categoria de sujeito. Ressalte-se, ainda, a alta produtividade dos clíticos *te* e *lhe* e das formas *zero*, essas últimas tanto associadas a *tu* quanto a *ocê* – uma novidade em relação aos resultados da Amostra Cruz e Sousa, que apresentava, além de complementos realizados categoricamente por formas associadas a *tu*, também um baixo número de complementos dativos com forma *zero*. As formas preposicionadas não concentram grande número de ocorrências, e é possível observar que a mudança esperada – uma maior preferência por *para* em vez de *a* – não encontra indícios nos dados investigados. Os excertos a seguir põem em destaque as variantes que concorrem para a expressão do complemento verbal dativo de P2 nas cartas da Amostra Maura de Senna.

(72) *Aqui também te estou pedindo que me representes na homenagem ao escritor Bento Silvério, dia 9, na Fundação.* (Maura de Senna, 1983)

(73) *Peço o que me mandes uma xérox das que fizeste – para mim.* (Maura de Senna, 1984)

(74) *Meu voto para a vaga da ACL – confiei-o a ti.* (Maura de Senna, 1980)

(75) *Quando lhe agradei as belas palavras que escreveu sobre “Circulo Sexto”, mandei-lhe um convite para a minha tarde de autógrafos na Livraria São José (9-12).* (Maura de Senna, 1960)

(76) *Querido NC, recebi sua esperada carta, agradeço o que nela você diz de generoso e bom, dei ainda notícia dela a nossa querida Lausimar.* (Maura de Senna, 1979)

(77) [...] *Recebi sua esperada carta [...] Si estava longe de pensar que, ao acusá-la enviasse a você, chorando (porque estou chorando) nosso sentido abraço de pesar pelo súbito desaparecimento de nossa grande e brilhantíssima amiga.* (Maura de Senna, 1979)

(78) *PD vai mandar 10 convites para mim + 20 para você, aqui no Rio [...]* (Maura de Senna, 1977)

Cabe assinalar que a única ocorrência de *a ti* não se apresenta em um contexto que permita a variação com todas as demais formas de dativo. Provavelmente não haveria como substituir o dado grifado em (74) por um clítico, mas somente por um outro complemento preposicionado, como *para ti*⁶⁹. A mesma situação parece ser a da ocorrência destacada em (78): a forma *para você*, aparentemente, apenas poderia competir, naquele contexto, com outra forma preposicionada, e não com um clítico⁷⁰.

Ainda com relação à Tabela 21, cabe destacar dois dados que se constituem como uma exceção ao *paralelismo* observado nas caras da literata: o uso de *lhe*, uma forma associada ao pronome *você*, em cartas de sujeito categórico *tu*. O excerto (79), a seguir, evidencia esse uso.

(79) *Peço agora ligue à S que lhe mandará esta semana, [ilegível] e sob registro, a que falta para o meu livro sair, inclusive o [ilegível] que saiu em GN se... do Cousin, que é meu... retrato.* (Maura de Senna, 1988)

O clítico *te*, uma variante que figura tanto como complemento verbal acusativo quanto complemento verbal dativo, mostra-se bastante produtivo, mas somente nas cartas cujo sujeito é exclusivamente realizado por *tu*; nas cartas cujo sujeito é categoricamente realizado por *você*, o clítico não aparece, e nas cartas mistas, ocorre em pouca quantidade. Sua distribuição entre complementos acusativos e dativos, em função do sujeito da carta, é verificada na Tabela 22, a seguir.

69 A construção em (74) poderia, também, ser substituída por uma contração (“*confiei-to*”); contudo, essa não parece ser uma estratégia própria das cartas de Maura de Senna – diferentemente do que ocorre nas cartas da Amostra Cruz e Sousa.

70 Haveria a possibilidade de a construção *para você* ser substituída por um clítico, em (78), se houvesse repetição do verbo “mandar”.

Tabela 22 – Distribuição do clítico *te* na correlação com o sujeito pronominal de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito da carta	Categoria morfosintática de <i>te</i>		Total
	Acusativo	Dativo	
Tu	1/38 (3%)	37/38 (97%)	38/40 (95%)
Misto	0/2 (0%)	2/2 (100%)	2/40 (5%)
Total	1/40 (2%)	39/40 (98%)	

Fonte: A autora

É possível perceber, pelos resultados expostos na Tabela 22, que a forma *te* ocorre majoritariamente como complemento verbal dativo. Esse resultado, entretanto, precisa ser relativizado: Como não foi feita uma análise multivariada – dadas as limitações das amostras controladas nesta pesquisa, que não apresentam células “fechadas” e não dão garantia de sua representatividade e nem de uma desejada ortogonalidade⁷¹ –, não foi gerado peso relativo, e as análises em termos percentuais podem refletir não necessariamente uma maior produtividade de *te* como dativo, mas sim uma maior produtividade dos complementos dativos em comparação com os complementos acusativos, o que criaria mais possibilidades de o clítico figurar em uma categoria do que em outra.

Os resultados encontrados na correlação entre os complementos verbais oblíquos e os sujeitos são evidenciados na Tabela 23.

Tabela 23 – Correlação entre sujeito e complemento verbal oblíquo de P2 na Amostra Maura de Senna

Sujeito das cartas	Formas associadas a <i>tu</i>		Formas associadas a <i>você</i>			Total
	zero	SP tu	zero	a você	SP você	
Tu	2/4 (50%)	2/4 (50%)	0/4 (0%)	0/4 (0%)	0/4 (0%)	4/22 (18%)
Você	0/18 (0%)	0/18 (0%)	10/18 (55%)	1/18 (6%)	7/18 (39%)	18/22 (82%)
Total	2/22 (9%)	2/22 (9%)	10/22 (43%)	1/22 (4%)	7/22 (35%)	
	4/22 (18%)		18/22 (82%)			

Fonte: A autora

Uma vez mais, encontra-se paralelismo entre a forma do complemento verbal – nesse caso, oblíquo – e a forma do sujeito. Chama a atenção, também, o alto número de formas *zero* associadas a *você*, bem como o de *sintagmas preposicionados de você*. Ressalte-se, no entanto, que o número de oblíquos *zero* está relacionado ao verbo ‘receber’, via de

71 Por *ortogonalidade* entende-se a possibilidade de todos os fatores de um grupo se cruzarem com todos os fatores de outros grupos em uma análise estatística multivariada (Cf. GUY e ZILLES, 2007).

regra realizado com complemento nulo. As variantes mais produtivas são destacadas nos excertos (80) e (81), a seguir.

(80) *Depois que recebi Ø o recorte do teu (belo e bravo artigo, como eu disse em carta ao J) nunca mais tive uma notícia vinda de NC.* (Maura de Senna, 1981)

(81) *Gostaria muito de conversar com você na sua próxima visita ao Rio. Será mesmo em princípios de maio?* (Maura de Senna, 1967)

Alguns aspectos extralinguísticos puderam ser investigados nas cartas da Amostra Maura de Senna, dadas as suas particularidades: a temática do trecho da carta e a parte da carta em que se encontram as ocorrências, o destinatário das missivas e o período em que foram produzidas. A Tabela 24, a seguir, traz resultados referentes à temática do trecho da carta em que se encontram as ocorrências de P2.

Tabela 24 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Maura de Senna

Temática	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
Profissional	84/305 (18%)	221/305 (72%)	305/446 (68%)
Pessoal	52/141 (37%)	89/141 (63%)	141/446 (32%)
Total	136/446 (31%)	310/446 (69%)	

Fonte: A autora

Embora sempre seja evidenciada, no total dos dados encontrados na Amostra Maura de Senna, uma preferência por formas associadas a *você*, é possível perceber que a diferença que separa os números referentes às formas de *tu* dos números referentes às formas de *você* é maior quando se trata de assuntos profissionais (18% *tu* e 72% *você*), do que quando se trata de assuntos pessoais (37% *tu* e 63% *você*). Os dados (82) e (83), a seguir, dão mostras de uma associação entre *você* e assuntos profissionais e entre *tu* e assuntos pessoais, respectivamente.

(82) *Eu estou de inteiro acordo com você. Não inteiro, pois não posso admitir a omissão de seu nome entre os membros da comissão julgadora do Prêmio Cruz e Sousa. Não creio também que ter publicado algo sobre nosso poeta maior – dê crédito ao convidado para julgar. Acho que o que é necessário para tal – é ser crítico. E você, L e Sc não poderiam faltar. E você – além de ser um crítico em toda a expressão e significado de tal mister – é o autor do magnífico ensaio sobre o Poeta Negro.* (Maura de Senna, 1980)

(83) *Meu Poeta Maior, ao preparar rabanadas queimei a mão e bem Ø vês pela letra quanto uma mulher sofre.* (Maura de Senna, 1988)

Já a divisão realizada de acordo com a parte da carta parece não oferecer resultados que apontem para tendências de uso com relação aos pronomes pessoais de P2 nas cartas de Maura de Senna. A distribuição desses pronomes em função da parte da carta é apresentada, de todo modo, na Tabela 25, a seguir.

Tabela 25 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a parte da carta em que se encontram as ocorrências na Amostra Maura de Senna

Parte da carta	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
Contato inicial	13/45 (29%)	31/45 (71%)	45/446 (10%)
Núcleo	119/383 (31%)	264/383 (69%)	383/446 (86%)
Despedida	2/11 (18%)	9/11 (82%)	11/446 (3%)
P.S.	2/8 (25%)	6/8 (75%)	8/446 (2%)
Total	136/446 (31%)	310/446 (69%)	

Fonte: A autora

Como a literata escreveu a inúmeros colegas no decorrer de sua vida, foi possível controlar o destinatário de suas cartas. A distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular em virtude do destinatário da carta é observada na Tabela 26.

Tabela 26 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o destinatário das cartas na Amostra Maura de Senna

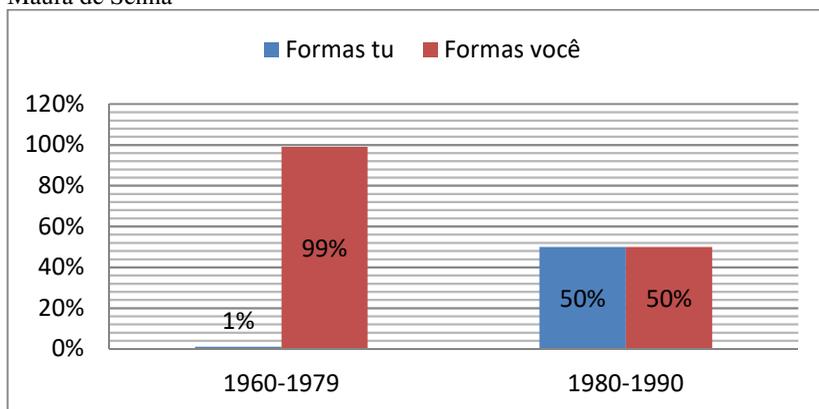
Remetente	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
NC	19/290 (6%)	272/290 (94%)	290/446 (65%)
CR	51/78 (65%)	28/78 (35%)	78/446 (17%)
PAP	31/33 (94%)	2/33 (6%)	33/446 (7%)
S	6/13 (46%)	7/13 (54%)	13/446 (3%)
SS	26/26 (100%)	0/26 (0%)	26/446 (6%)
TCJ	0/2 (0%)	2/2 (100%)	2/446 (<1%)
Total	136/446 (31%)	310/446 (69%)	

Fonte: A autora

Os resultados de acordo com o destinatário das missivas permitem perceber que, para NC (a quem se endereça boa parte das cartas da Amostra Maura de Senna), S e TCJ, a escritora prefere usar formas associadas a *você*, e quando as missivas são destinadas a CR, PAP e SS, há predomínio de formas associadas a *tu*. Observando mais atentamente o conteúdo das cartas, não foi possível deduzir quais detalhes da relação de Maura de Senna com os destinatários e dos assuntos contemplados nas

missivas poderiam influenciar as preferências da remetente. Entretanto, o controle do período em que as cartas foram produzidas, ilustrado no Gráfico 2, a seguir, deu pistas sobre critérios de distribuição das formas pronominais de P2 na Amostra Maura de Senna.

Gráfico 2 – Distribuição das formas pronominais de P2 por período na Amostra Maura de Senna



Fonte: A autora

O Gráfico 2 parece indicar uma prevalência de formas associadas a *você* (99%) nas missivas produzidas entre os anos de 1960 e 1979 e uma competição acirrada entre formas associadas a *tu* (50%) e formas associadas a *você* (50%) nas cartas datadas entre os anos de 1980 e 1990. A direção seguida pela maior parte dos trabalhos dedicados à alternância de pronomes de P2 na diacronia, no entanto, normalmente indica o percurso inverso: Com o passar do tempo, os números de *tu* caem enquanto os números de *você* aumentam. A princípio, pensou-se na possibilidade de que a escritora tivesse trocado cartas com pessoas mais íntimas no segundo período, mas a Tabela 27, que mostra o cruzamento entre ‘período’ e ‘destinatário’, dá conta de que Maura de Senna, ao se dirigir aos mesmos colegas no primeiro e no segundo período controlados, opta predominantemente por formas associadas a *você* entre 1960 e 1979, e divide sua preferência entre formas associadas a *tu* e formas associadas a *você* entre 1980 e 1990.

Tabela 27 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o cruzamento entre ‘período’ e ‘destinatário’

Data	Formas pronominais de P2	Destinatários						Total
		NC	CR	PAP	S	SS	TCJ	
1960-1979	Formas <i>tu</i>	1/161 (<1%)	0/7 (0%)	-	0/7 (0%)	-	0/1 (0%)	1/176 (<1%)
	Formas <i>você</i>	160/161 (99%)	7/7 (100%)	-	7/7 (100%)	-	1/1 (100%)	175/176 (99%)
1980-1990	Formas <i>tu</i>	18/128 (14%)	50/71 (70%)	35/37 (95%)	6/6 (100%)	26/26 (100%)	0/1 (0%)	135/269 (50%)
	Formas <i>você</i>	110/128 (86%)	21/71 (30%)	2/37 (5%)	0/6 (0%)	0/26 (0%)	1/1 (100%)	134/269 (50%)
Total	Formas <i>tu</i>	19/289 (7%)	50/78 (64%)	35/37 (95%)	6/13 (46%)	26/26 (100%)	0/2 (0%)	136/446 (31%)
	Formas <i>você</i>	270/289 (93%)	28/78 (36%)	2/37 (5%)	7/13 (54%)	0/26 (0%)	2/2 (0%)	310/446 (69%)

Fonte: A autora

Voltando o olhar especificamente para os dados referentes às cartas endereçadas a NC, CR e S, é possível perceber que a taxa de ocorrência de formas associadas a *tu* é praticamente nula no primeiro período, enquanto formas associadas a *você* são altamente produtivas. Em relação aos mesmos três destinatários, no segundo período, nota-se um aumento no uso de formas associadas a *tu*, sem que formas associadas a *você* deixem de ser usadas. Em uma leitura horizontal, o controle do total das missivas mostra que, dos 176 dados de P2 produzidos entre 1960 e 1979, apenas um era associado a *tu* (<1%) e 175 (99%) eram associados a *você*. De modo mais equilibrado, das 269 ocorrências de P2 produzidas nas cartas datadas entre 1980 e 1990, 135 (50%) eram associadas a *tu* e 134 (50%) eram associadas a *você*. No total dos dados de P2 da Amostra Maura de Senna organizados em função do tempo, chama a atenção, mais do que o pequeno decréscimo nos usos de *você* no decorrer dos períodos considerados, o acentuado aumento nos usos de *tu* ao longo das décadas.

Algumas hipóteses podem ser aventadas para dar conta do comportamento linguístico no que tange aos pronomes de P2 observado na Amostra que leva o nome da escritora catarinense. Maura de Senna foi descrita por pesquisadores como feminista, mas também como “conciliadora” (Cf. SCHROEDER, 1997), e carregava consigo a responsabilidade de ser a primeira mulher a ocupar uma cadeira em uma Academia de Letras em todo o território brasileiro. Nas primeiras cartas da Amostra Maura de Senna, datadas entre 1933 e 1959, eram usadas com maior frequência formas nominais, conforme já observado; após esse período, a escritora prefere a forma *você* para tratar seus destinatários; por fim, na última década de sua vida, ela divide suas preferências entre *tu* e *você* de modo equilibrado. É possível que, com o passar dos anos, as

relações da literata com os colegas de Academia tenham passado a ser mais simétricas e mais informais. Outros indícios, documentados nas próprias cartas da escritora, dão conta de seu comportamento mais “relaxado”. Em alguns momentos, Maura de Senna pede que os colegas desconsiderem sua caligrafia, afetada pela idade e por problemas de saúde que, volta e meia, são reportados pela artista. Os excertos (84) e (85), a seguir, evidenciam essas circunstâncias.

(84) *Piorei muito da gripe forte – e por isso não te telefonei nem te escrevi. Melhorei um pouco e aqui te mando estes garranchos, que peço que rasgues. Se eu morrer, peço que sejas muito amigo de Cousin. Ele está aflito.* (Maura de Senna, 1988)

(85) *Meu querido e grande (desculpa o desalinho deste bilhete) SS. Uma alegria sua carta de 25, com notícias tão boas e uma oferta tão linda: a do catálogo arpoema. Um trabalho de alto valor, uma vitória. Espero que mandes os livros.* (Maura de Senna, 1990)

O exame da distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular na Amostra Maura de Senna permite vislumbrar o estabelecimento de algumas tendências, levando em conta o universo restrito da amostra em questão – cartas escritas por uma única remetente, considerada ilustre, a destinatários com um perfil particular (acadêmicos):

- i) É possível perceber um maior uso de formas associadas a *você* do que de formas associadas a *tu* no total das missivas;
- ii) A taxa de uso de *você*, no entanto, decai no decorrer dos períodos de tempo controlados, ao passo que a taxa de uso de *tu* mostra acentuado aumento;
- iii) Há evidências de certa preferência pelo pronome *tu* ao se tratar de assuntos pessoais e pelo pronome *você* ao se tratar de assuntos profissionais;
- iv) Nota-se uma tendência de os sujeitos *tu* serem nulos e de os sujeitos *você* serem plenos;
- v) Na correlação entre sujeitos e complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos, percebe-se que as cartas de sujeito categórico *tu* apresentam como complementos verbais exclusivamente formas associadas a *tu*, que as cartas de sujeito categórico *você* apresentam como complementos verbais exclusivamente formas associadas a *você*, e que as cartas de sujeito misto apresentam como complementos verbais majoritariamente formas associadas a *você*.

- vi) O complemento acusativo é realizado majoritariamente como *o/a*, mas também se observam, em pouca quantidade, ocorrências de *te* e *zero* (esse último, tanto associado a *tu* quanto associado a *você*);
- vii) O complemento verbal dativo é realizado predominantemente pelas formas *te* e *lhe*, além da forma *zero*, novamente associada a ambos os pronomes, restando às formas preposicionadas poucas ocorrências, principalmente em contextos em que haveria pouca possibilidade de ocorrer um clítico. Além disso, não se observa, na Amostra Maura de Senna, uma substituição da preposição *a* pela preposição *para*.
- viii) O complemento verbal oblíquo é realizado preferencialmente pelas formas *zero*, sobretudo associadas a *você*, bem como por *sintagmas preposicionados de você*.

Na próxima seção, caracteriza-se a Amostra Harry Laus, atentando-se para as particularidades socioestilísticas das cartas que a compõem, bem como se discutem os resultados encontrados nas missivas do escritor com relação à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular.

3.3 AMOSTRA HARRY LAUS

A última das amostras de cartas produzidas por florianopolitanos ilustres é caracterizada e analisada nas próximas duas subseções. Na primeira delas, evidencia-se uma pequena biografia de Harry Laus e salientam-se particularidades socioestilísticas acerca das missivas remetidas pelo escritor a sua tradutora, Claire Cayron. Em seguida, passa-se a apresentar e discutir a distribuição dos pronomes de P2 nas cartas assinadas por Harry Laus.

3.3.1 Caracterização da Amostra Harry Laus

Harry Laus nasceu em Tijucas, na Grande Florianópolis, em 1922, onde veio a falecer, em 1992, aos 70 anos. Antes de se sagrar como escritor, serviu o exército e morou em diversos estados brasileiros, incluindo Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Minas Gerais e Mato Grosso. Em 1964, ano do golpe militar, o catarinense, na época com 42 anos, entra para a reserva. Foi, além de escritor, jornalista e crítico de arte, tendo trabalhado no Jornal do Brasil, no Correio da Manhã, no Diário de São Paulo e no A Notícia, entre outros jornais. Comandou o Museu de Arte de Joinville e o Museu de Arte de Santa

Catarina (Cf. MELO, 2001; VIEIRA, 2009). O artista tijucano dedicou-se especialmente a escrever contos, mas também publicou um romance, *Os papéis do coronel*. Toda sua obra foi publicada, ainda, na França, traduzida por Claire Cayron.

A Amostra Harry Laus com que atualmente conta o PHPB-SC é maior do que a aqui analisada, contendo 93 cartas do autor remetidas pelo escritor a Claire Cayron. À época em que foram conduzidas as análises, o conjunto de cartas a que se teve acesso abarcava 37 cartas datadas entre 1984 e 1992, transcritas e editadas por Maria Albertina de Freitas Melo, e disponibilizadas em sua dissertação de mestrado, intitulada *Contrapontos: As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa*, defendida em 2001.

Nos primeiros contatos estabelecidos pelo escritor com sua tradutora, predominam assuntos de cunho mais profissional. Nota-se, pelas formas de tratamento usadas como vocativo, que ainda há certa distância entre Harry Laus e Claire Cayron, conforme ilustram os excertos (86) e (87).

(86) *Prezada Mme. Claire Cayron:*

Fiquei muito feliz por ter gostado de minhas novelas e sobretudo pelo interesse em traduzir “As Horas de Zenão das Chagas”. (Harry Laus, 1984)

(87) *Muito prezada Senhora Claire Cayron:*

Fiquei muito alegre com sua carta de 12 do corrente, apesar da negativa de ARLEA, porque já sentia saudades de suas palavras, sempre tão alentadoras a respeito de meus trabalhos literários. (Harry Laus, 1986)

Com o passar do tempo, os assuntos voltam-se não apenas a questões profissionais, mas também a temáticas mais pessoais, conforme se vê no excerto (88). Nota-se que o vocativo, antes indicando formalidade e distância, agora parece indicar maior formalidade e intimidade.

(88) *Querida Claire:*

Felicíssimo com o nascimento de teu neto Yannick John. Mil congratulações para ti, Alice e Ben. Deve ser maravilhoso a gente ver alguém nascer da gente. Espero conhecer o menino e os pais um dia, talvez em Bordeaux. (Harry Laus, 1991)

As cartas de Harry Laus, nesta pesquisa, foram controladas de acordo com a temática que abarcavam, se assuntos profissionais ou

assuntos pessoais. As partes das cartas também foram verificadas, conforme o modelo apresentado no Quadro 4 da Seção 3.1.

3.3.2 Distribuição dos pronomes de P2 na Amostra Harry Laus

Na Amostra Harry Laus, foram encontradas 264 ocorrências de segunda pessoa do singular. A maioria, 216, são formas associadas ao pronome *tu*. Há somente 11 formas associadas ao pronome *você*, além de 21 ocorrências da forma nominal *a senhora*, 12 dados de forma zero sem um antecedente nominal ou pronominal que indique a escolha de uma forma expressa específica e um dado da forma *o/a* (como complemento acusativo) sem um precedente nominal ou pronominal a que pudesse ser associada. O excerto (89), a seguir, ilustra o uso de *a senhora* feito por Harry Laus, em uma das primeiras cartas que escreve a Claire Cayron.

(89) *E saiba que se chegar ao Rio ou São Paulo tem meu convite especial para Ø chegar a Santa Catarina. O tempo melhor é o verão entre dezembro e março, se é que a senhora gosta de mar e calor. Vou mandar-lhe uns cartões postais para ver que não minto.* (Harry Laus, 1986)

Excluídas as formas nominais, ficam em investigação 227 ocorrências de pronomes de P2, sendo 216 (95%) associadas a *tu* e 11 (5%) associadas a *você*. Nota-se, num primeiro momento, a grande diferença na distribuição das formas pronominais entre a amostra Harry Laus e a Amostra Maura de Senna: Enquanto a escritora utiliza-se majoritariamente de formas pronominais associadas a *você*, o artista prefere formas associadas a *tu*. A Tabela 28, a seguir, evidencia a distribuição dessas formas entre as categorias morfossintáticas.

Tabela 28 – Distribuição das formas pronominais de P2 na Amostra Harry Laus

Categorias morfossintáticas	Formas associadas a <i>tu</i>						Formas associadas a <i>você</i>				Total
	zero	<i>tu</i>	<i>te</i>	<i>a ti</i>	<i>para ti</i>	SP <i>tu</i>	zero	<i>você</i>	<i>lhe</i>	SP <i>você</i>	
	Sujeito	116	11	-	-	-	-	-	8	-	
Acusativo	-	-	9	-	-	-	-	-	-	-	9
Dativo	16	-	48	-	3	-	1	-	2	-	70
Oblíquo	5	-	-	1	1	5	-	-	-	1	13
Total	137	11	57	1	4	5	3	8	1	1	227
	216/227 (95%)						11/227 (5%)				

Fonte: A autora

Os números que mais chamam a atenção na amostra investigada certamente são aqueles que dizem respeito ao uso da forma *zero* (associada a *tu*), na categoria de sujeito, e da forma *te*, única a figurar na categoria de complemento verbal acusativo e a mais produtiva entre as variantes de complemento verbal dativo. A relação entre cada tipo de complemento e o sujeito usado nas cartas poderá apontar tendências de uso na Amostra Harry Laus. Como ponto de partida, a Tabela 29 mostra a distribuição dos pronomes-sujeito, divididos entre nulos e plenos.

Tabela 29 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Harry Laus

Sujeito	<i>tu</i>	<i>você</i>	Total
Nulo	116/127 (91%)	0/8 (0%)	116/135 (86%)
Pleno	11/127 (9%)	8/8 (100%)	19/135 (14%)
Total	127/135 (94%)	8/135 (6%)	

Fonte: A autora

A leitura da Tabela 29 permite que se perceba que os sujeitos nulos são maioria (86%) em relação aos plenos (14%). Ainda mais relevante é notar que, dos 127 dados de *tu*, 116 (91%) são nulos, ao passo que, das oito ocorrências de *você*, todas são plenas. De acordo com a distribuição apresentada na Tabela 29, é possível, portanto, associar os sujeitos nulos a *tu* e os sujeitos plenos a *você*, tal como foi observado nos resultados referentes à Amostra Maura de Senna. Os excertos (90) e (91), a seguir, ilustram essa tendência.

(90) *Ø* *Deves ter falado bastante português de Portugal. Espero que um dia Ø possas vir até aqui falar nosso português. Por falar nisso, Ø não me disseste qual o período melhor para Ø vires.* (Harry Laus, 1987)

(91) *Fiquei muito comovido e aí então **você** tomou conta do apartamento inteiro e os homenzinhos de Yves Klein, no selo do correio, começaram a dançar de alegria. É surpreendente como **você**, numa estada tão curta, aprendeu tanto sobre nós: o sul e sua literatura, as referências históricas, a imagem de Ilha do Desterro [...].* (Harry Laus, 1989)

Na Tabela 30, podem ser conferidos os resultados referentes à distribuição de formas associadas a *tu* e formas associadas a *você* nas diferentes categorias morfossintáticas, em função do sujeito usado na carta.

Tabela 30 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Harry Laus

Sujeito da carta	Formas pronominais de P2	Acusativo	Dativo	Oblíquo	Total
Tu	Formas <i>tu</i>	6/6 (100%)	58/58 (100%)	12/13 (92%)	76/77 (99%)
	Formas <i>você</i>	0/6 (0%)	0/58 (0%)	1/13 (8%)	1/7 (1%)
Você	Formas <i>tu</i>	1/1 (100%)	0/3 (0%)	-	¼ (25%)
	Formas <i>você</i>	0/1 (0%)	3/3 (100%)	-	3/4 (75%)
Misto	Formas <i>tu</i>	2/2 (100%)	9/9 (100%)	-	11/11 (100%)
	Formas <i>você</i>	0/2 (0%)	0/9 (0%)	-	0/11 (0%)
Total	Formas <i>tu</i>	9/9 (100%)	68/7 (97%)	12/13 (92%)	89/92 (97%)
	Formas <i>você</i>	0/9 (0%)	2/70 (3%)	1/13 (8%)	3/92 (3%)

Fonte: A autora

Diferentemente do que ocorre na Amostra Maura de Senna, na Amostra Harry Laus, os complementos verbais de *tu* se distribuem em cartas de sujeito categoricamente realizado por *tu*, em cartas de sujeito categoricamente realizado por *você* e em cartas de sujeito misto. As formas associadas a *você* encontram maiores restrições: Figuram predominantemente em cartas de sujeito categórico *você* e de sujeito misto, apresentando apenas um dado de complemento oblíquo em uma carta de sujeito categórico *tu* – conforme se vê no excerto (92), a seguir.

(92) *Recebi tua carta de 11 que Celeste acha parecida com um eletrocardiograma, tua carta-eleto ou carta-lombriga com esta frase ótima: Je n aime les fictions que s il s agit de les traduire.*

*No outro, além dos erros de grafia de nomes de escritores, a omissão da parte em que eu falo mais **sobre você**, no final.*

Espero que não te aborreças. Conseguirei e te mando breve. (Harry Laus, 1988)

Ainda de acordo com a Tabela 30, é possível perceber que o complemento verbal acusativo nunca é realizado por formas associadas a *você*. Um exame mais minucioso possibilita que se observe que é a forma *te* a única a figurar como complemento acusativo, aparecendo tanto em cartas de sujeito categórico *tu* (seis dados, correspondentes a 67% das ocorrências de *te* como acusativo), quanto em cartas de sujeito categórico *você* (um dado, correspondente a 11% das ocorrências de *te* como acusativo), como também em cartas de sujeito misto (dois dados,

correspondentes a 22% das ocorrências de *te* como complemento acusativo). Cabe ressaltar que, também na Amostra Cruz e Sousa, o clítico *te* não apresenta concorrentes como complemento verbal acusativo. No excerto (93), a seguir, é destacada uma ocorrência do clítico *te* como complemento verbal acusativo em uma carta de sujeito categórico *você*.

(93) *Quero agradecer Ø especialmente a menção a meu nome na contracapa do livro.*

Mas, naturalmente, você pode sugerir outro.

Agora estou pensando que acho que já lhe falei no título do livro em outra carta.

*Desculpa se **te** envolvo com meus problemas, mas, como se diz no Brasil, amigo é *presta* coisas (*presta* = para estas). (Harry Laus, 1987)*

Já o complemento verbal dativo, embora seja realizado majoritariamente pelo clítico *te*, apresenta outras variantes, sendo elas formas tanto associadas a *tu* quanto associadas a *você*. A Tabela 31 permite verificar a distribuição das variantes de dativo em função do sujeito da carta.

Tabela 31 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Harry Laus

Sujeito da carta	Formas associadas a <i>tu</i>			Formas associadas a <i>você</i>		Total
	zero	<i>te</i>	<i>para ti</i>	zero	<i>lhe</i>	
Tu	14/59 (24%)	42/59 (71%)	3/59 (5%)	0/59 (0%)	0/59 (0%)	59/70 (84%)
Você	0/3 (0%)	0/3 (0%)	0/3 (0%)	1/3 (33%)	2/3 (66%)	3/70 (4%)
Misto	2/8 (25%)	6/8 (75%)	0/8 (0%)	0/8 (0%)	0/8 (0%)	8/70 (12%)
Total	16/70 (23%)	49/70 (70%)	3/70 (4%)	1/70 (1,5%)	1/70 (1,5%)	
	68/70 (97%)			2/70 (3%)		

Fonte: A autora

Nota-se que o clítico *te* aparece em cartas de sujeito categórico *tu* e de sujeito misto. Também a forma *zero* associada a *tu* mostra um número considerável de ocorrências (16), ficando, do mesmo modo, restrita a cartas cujo sujeito é realizado exclusivamente por *tu*, em maior número, e a cartas de sujeito misto, em número menor, não ocorrendo em cartas de sujeito categórico *você*. Os excertos a seguir evidenciam ocorrências das formas *zero* associadas a *tu* (94), *te* (95), *para ti* (96), formas *zero* associadas a *você* e *lhe* (97). Assinale-se que, diferentemente do que ocorre na Amostra Maura de Senna, as formas preposicionadas,

na Amostra Harry Laus, podem concorrer com clíticos, conforme ilustra o excerto (94).

(94) *Não vou mandar Ø esta carta enquanto não chegar a outra de ti, com respostas, para se evitar correspondência cruzada que, afinal, serviu para mostrar que nossa empatia está funcionando às mil maravilhas.* (Harry Laus, 1987)

(95) *Além do mais, embora continue ganhando dinheiro aqui, do exército como aposentado, não se pode mandar dinheiro para o exterior e por isto tenho que levar comigo o máximo que puder - para três meses! Para teres uma idéia do problema basta te dizer que o dólar no mercado negro está hoje a 98 cruzados por 1 dólar! Em setembro, quando viajei, estava a 60. Mas darei um jeito.* (Harry Laus, 1988)

(96) *Mandei ontem para ti “Os Papéis do Coronel”. A situação do Brasil está mais caótica do que nunca. Só se fala e respira o Plano Collor, do novo presidente, que acabou levando dinheiro de todos, inclusive meu.* (Harry Laus, 1990)

(97) *Quero agradecer Ø especialmente a menção a meu nome na contracapa do livro. [...] Mas antes disso também descobri que Jandira é um nome tupi-guarani e quer dizer “abelha do mel”. Não é lindo? Eis um belo título para o futuro livro, pois acredito que a palavra é bastante sonora em francês e que talvez não exista na língua francesa. Mas, naturalmente, você pode sugerir outro. Agora estou pensando que acho que já lhe falei no título do livro em outra carta.* (Harry Laus, 1987)

Dada a alta produtividade do clítico *te* na Amostra Harry Laus, cabe evidenciar como se distribuem os dados referentes a essa forma pronominal entre as categorias morfossintáticas de complemento verbal acusativo e de complemento verbal dativo – conforme é retratado na Tabela 32.

Tabela 32 – Distribuição do clítico *te* na correlação com o sujeito pronominal de P2 na Amostra Harry Laus

Sujeito da carta	Categoria morfossintática de <i>te</i>		Total
	Acusativo	Dativo	
Tu	6/48 (12%)	42/48 (88%)	48/58 (84%)
Você	1/1 (100%)	0/1 (0%)	1/57 (2%)
Misto	2/8 (25%)	6/8 (75%)	8/58 (14%)
Total	9/57 (16%)	48/57 (84%)	

Fonte: A autora

É possível notar que, assim como ocorre na Amostra Cruz e Sousa e na Amostra Maura de Senna, o clítico *te* aparece em maior número como

complemento verbal dativo do que como complemento verbal acusativo na Amostra Harry Laus. Deve-se considerar, contudo, que os complementos dativos são mais frequentes do que os acusativos, e oferecem maior possibilidade para a ocorrência do clítico. Percebe-se, também, que as cartas de sujeito categórico *você* são as que apresentam taxas menores de ocorrência da forma *te* (e somente como complemento acusativo, conforme já ilustrado no excerto (93)), seguidas das cartas de sujeito misto – nas quais aparecem mais dados do clítico como dativo do que como acusativo. Nos trechos (98) e (99), a seguir, a forma *te* é destacada como complemento verbal acusativo e como complemento verbal dativo, respectivamente.

(98) *Sabes como é a natureza humana... Não culpes o gato por tua própria infidelidade. Cansou de esperar-te e a fome deve tê-lo dominado, mas voltará um dia, como se tivesse apenas dito à tout à l heure.* (Harry Laus, 1987)

(99) *Outra coisa: nada falei a Joca sobre a passagem, pois não sei se é praxe ou se meu caso foi uma exceção. Poderias ver também isto? Peço-te este favor porque tenho dificuldades em me entender em francês por telefone, principalmente, e porque é muito caro telefonar para a França.* (Harry Laus, 1988)

Os complementos verbais oblíquos, na Amostra Harry Laus, ocorrem somente em cartas de sujeito categórico *tu*. A distribuição das variantes que aparecem nessa categoria morfossintática pode ser conferida na Tabela 33.

Tabela 33 – Correlação entre sujeito e complemento verbal oblíquo de P2 na Amostra Harry Laus

Sujeito da carta	Formas associadas a <i>tu</i>				Forma associada a <i>você</i>
	zero	a ti	para ti	SP tu	SP você
Tu	5/13 (38%)	1/13 (8%)	1/13 (8%)	5/13 (38%)	1/13 (8%)
Total	11/13 (92%)				1/13 (8%)

Fonte: A autora

Observa-se que a forma *zero* associada a *tu* e os *sintagmas preposicionados de tu* são as variantes mais frequentes na categoria morfossintática de complemento verbal oblíquo. O verbo *receber* apresenta categoricamente a forma *zero* como complemento oblíquo, o que pode elevar os números referentes a essa variante. O único *sintagma preposicionado de você* encontrado em cartas de sujeito categórico *tu* já

foi apresentado no excerto (92). Os excertos (100) e (101) ilustram as formas de maior produtividade nessa categoria morfossintática.

(100) *Bouthemy falou-me nos mesmos termos que tua carta (que não comentei com ele) sobre a reorganização de Arcane 17. Prometeu-me mandar o contrato sobre “Jandira” e te pagar o que te deve dessa tradução. Dei-lhe teu endereço na Austrália e ele ficou de se comunicar contigo.* (Harry Laus, 1990)

(101) *Muito dificilmente esta carta chegará antes de tua partida. Mas foi tal a surpresa em receber Ø a tradução de viagem das águas, que vou arriscar.* (Harry Laus, 1989)

Em relação aos controles de ordem extralinguística, a configuração da Amostra Harry Laus permitiu que se observasse a temática do trecho e a parte da carta em que se encontram os dados e sua relação com as formas pronominais de P2 em análise. A Tabela 34, a seguir, evidencia o primeiro desses controles.

Tabela 34 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Harry Laus

Temática	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
Profissional	131/140 (94%)	9/140 (6%)	140/227 (62%)
Pessoal	85/87 (98%)	2/87 (2%)	87/227 (38%)
Total	216/227 (95%)	11/227 (5%)	

Fonte: A autora

A leitura horizontal da Tabela 34 talvez não permita que se observe uma distribuição sistemática de dados associados a *tu* e a *você* de acordo com a temática do trecho onde se situam as ocorrências de pronomes de P2, já que há mais dados de *tu* do que de *você* tanto nos trechos cuja temática é profissional quanto nos trechos em que a temática é pessoal. Uma leitura vertical, no entanto, possibilita que se note que os dados de *você* estão distribuídos de maneira desequilibrada, figurando mais nos trechos de temática profissional do que nos de temática pessoal. Tal desequilíbrio também é verificado quando se consideram as ocorrências de *tu*, mas a discrepância é maior no universo dos dados associados a *você*. No excerto (102), observa-se como, em uma mesma carta, Harry Laus usa a forma *tu* ao tratar de assuntos pessoais e passa a optar por *você* quando se volta a assuntos profissionais.

(102) *Quelação é um tratamento à base de soro com aplicação duas vezes por semana, no início, depois uma vez por semana, com acompanhamento*

*de diversos medicamentos de sustentação (minerais, vitaminas, etc). (...) Há um material impresso que vou conseguir para **Ø te informares** a respeito. A medicina tradicional condena porque, se tudo der certo pelo novo método, cai por terra, por exemplo, a necessidade de várias operações, como as chamadas “pontes de safena. Sobre “Teias”, o que eu disse para a moça é que **você**, geralmente, não traduz os nomes dos personagens mas que, no caso do Zenão, há o caso do filósofo, etc. (Harry Laus, 1992)*

Já o controle da parte da carta em que se encontram os dados de P2 parece, novamente, não evidenciar tendências na escolha por um ou outro pronome. De todo modo, os resultados referentes a esse controle são reportados na Tabela 35.

Tabela 35 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a parte da carta em que se encontram as ocorrências na Amostra Harry Laus

Parte da carta	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
Contato inicial	25/26 (96%)	1/26 (4%)	26/227 (11%)
Núcleo	172/182 (95%)	10/182 (5%)	182/227 (80%)
Despedida	16/16 (100%)	0/16 (0%)	16/227 (7%)
P.S.	3/3 (100%)	0/3 (0%)	3/227 (2%)
Total	216/227 (95%)	11/227 (5%)	

Fonte: A autora

Considerando-se o limitado universo das cartas que compõem a Amostra Harry Laus, todas remetidas pelo escritor a uma mesma destinatária, sua tradutora, Claire Cayron – ambos considerados ilustres –, é possível que se deduzam algumas tendências de uso dos pronomes *tu* e *você* nas categorias morfossintáticas examinadas nesta pesquisa:

- i) Nota-se maior uso de formas associadas a *tu* do que de formas associadas a *você* no total das cartas investigadas;
- ii) Há evidências de certa preferência pelo pronome *tu* ao se tratar de assuntos pessoais e pelo pronome *você* ao se tratar de assuntos profissionais;
- iii) Assim como ocorre na Amostra Maura de Senna, observa-se certa relação entre os sujeitos nulos e o pronome *tu* e entre os sujeitos plenos e o pronome *você*;
- iv) Na correlação entre sujeitos e complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos, observa-se que as cartas de sujeito categórico *tu* apresentam complementos verbais associados a *tu* em sua grande maioria, que as cartas de sujeito categórico *você* mostram variação entre complementos verbais associados a *tu* e complementos verbais

associados a *você*, com prevalência desses últimos, e que as cartas mistas, por fim, apresentam majoritariamente complementos associados a *tu*;

- v) O complemento verbal acusativo é realizado exclusivamente pelo clítico *te*, do mesmo modo que na Amostra Cruz e Sousa;
- vi) O complemento verbal dativo é realizado, em grande medida, pela forma *te*, que aparece competindo com a forma *zero* associada a *tu*, enquanto as formas preposicionadas ocorrem em baixo número – de modo semelhante ao que se verifica na amostra Maura de Senna, em que figura também a forma *lhe* como variante de dativo. Ademais, embora haja quatro ocorrências de *para ti* (três de dativo e uma de oblíquo) e uma de *a ti* (oblíquo), não se considera que essa seja uma evidência forte de uma substituição da preposição *a* pela preposição *para*, considerando-se as cartas da amostra em questão;
- vii) O complemento verbal oblíquo é realizado majoritariamente por formas *zero* associadas a *tu* e por *sintagmas preposicionados de tu*.

As três amostras de cartas de florianopolitanos ilustres analisadas neste capítulo, apesar de apresentarem particularidades, permitem, em conjunto, que algumas tendências sejam apontadas, no que tange ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos.

Em termos de correlações internas à língua, é possível perceber: (i) que há certa relação entre os sujeitos nulos e o pronome *tu* e entre os sujeitos plenos e o pronome *você*; (ii) que missivistas que usam mais *tu* do que *você* realizam a forma *te* como acusativo – sem outras variantes, no século XIX, e variando com a forma *zero*, no século XX – e que missivistas que usam mais *você* preferem realizar o complemento acusativo como *o/a*; (iii) que há preferência por formas clíticas na expressão do complemento dativo, em detrimento de formas preposicionadas; e (iv) que os complementos verbais oblíquos são normalmente realizados através de formas *zero* e de *sintagmas preposicionados*. Em termos de correlações externas à língua, nota-se que o pronome *tu* está relacionado a assuntos mais pessoais e o pronome *você* a assuntos mais profissionais.

No próximo capítulo, visa-se a discutir a *representatividade* das Amostras Cruz e Sousa, Maura de Senna e Harry Laus e dos resultados

que elas revelam com respeito às formas pronominais de segunda pessoa do singular examinadas nesta pesquisa, considerando-se o português escrito na cidade de Florianópolis e no estado de Santa Catarina. Após um balanço dos resultados encontrados na análise das três amostras de ilustres, amostras complementares, que incluem cartas de missivistas florianopolitanas não ilustres, bem como cartas de lageanos não ilustres, produzidas na segunda metade do século XX, são investigadas com essa finalidade.

4 O QUE FAZER COM ESSES NÚMEROS?

Neste capítulo, pretende-se refletir sobre os resultados encontrados com relação à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativo, dativo e oblíquo nas três amostras de cartas de florianopolitanos ilustres examinadas no capítulo anterior. Para tanto, num primeiro momento, são evidenciados números relativos às Amostras Cruz e Sousa, Maura de Senna e Harry Laus, em conjunto, apontando para convergências e divergências no que tange à distribuição dos pronomes de P2. Em seguida, passa-se a apresentar e discutir resultados referentes a duas amostras complementares – uma produzida por informantes florianopolitanas não ilustres na década de 1960 (Amostra Vale/FLN), e outra produzida por lageanos não ilustres entre as décadas de 1950 e 1980 (Amostras de Sena-Medeiros/LGS) –, com vistas a *problematizar* e *relativizar* as tendências de uso dos pronomes de P2 observadas nas amostras de ilustres. Por fim, buscam-se discutir os resultados obtidos no total das amostras investigadas em toda a pesquisa à luz dos problemas de transição e de encaixamento (Cf. WLH, 2006 [1968]; LABOV, 1982) e dos problemas metodológicos envolvidos em estudos sociolinguísticos diacrônicos (Cf. CONDE SILVESTRE, 2007).

4.1 UM BALANÇO DAS TRÊS AMOSTRAS DE CARTAS DE ILUSTRES

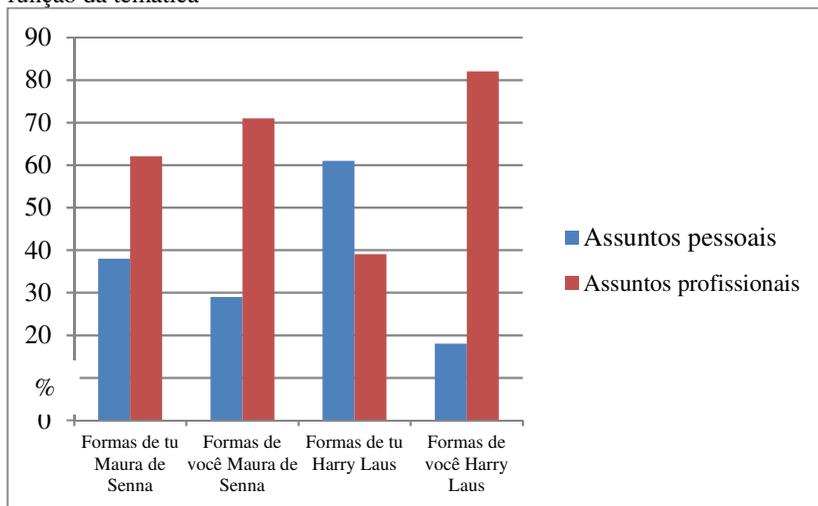
As Amostras Cruz e Sousa, Maura de Senna e Harry Laus apresentam semelhanças e diferenças no que diz respeito a sua configuração e aos resultados que revelam em relação à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular, *tu* e *você*, nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos.

As cartas que constituem as três amostras são remetidas por escritores, e se assume que os remetentes dominam a norma culta escrita (ou as normas cultas escritas) do português referente à época em que produziram suas missivas. Excetuando-se as cartas enviadas por Cruz e Sousa a sua noiva, Gavita, as demais cartas da amostra Cruz e Sousa, bem como as missivas que integram as amostras Maura de Senna e Harry Laus, exibem configurações muito semelhantes: São correspondências entre escritores, em que o remetente e o destinatário são amigos e colegas de profissão. Essa característica se reflete nas temáticas que permeiam o

conteúdo das cartas. Normalmente, os missivistas mostram-se preocupados em, além de dar notícias sobre sua vida pessoal e sua vida profissional, incluindo informações sobre produções e publicações literárias, também discutir a conjuntura artística e política em âmbito estadual e nacional.

O Gráfico 3, a seguir, evidencia os usos de *tu* e de *você* nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus em função da temática do trecho em que se encontram os dados de P2. Resultados referentes à Amostra Cruz e Sousa não são exibidos, uma vez que não ocorre variação entre *tu* e *você* nas cartas do século XIX investigadas nesta pesquisa.

Gráfico 3 – Distribuição de formas pronominais associadas a *tu* e formas pronominais associadas a *você* nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus em função da temática



Fonte: A autora

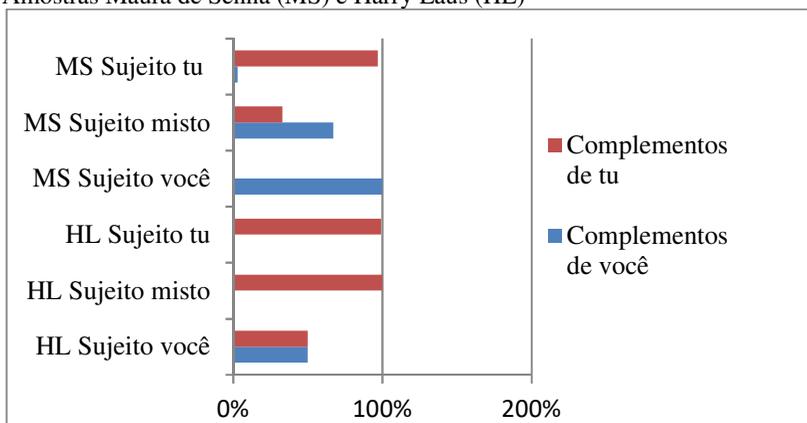
O Gráfico 3 dá indícios de que, a despeito das preferências gerais de uso de cada remetente – Maura de Senna optando predominantemente por *você* e Harry Laus escolhendo preponderantemente *tu* –, há certa tendência de o pronome *você* estar associado, em maior grau, a assuntos profissionais e de o pronome *tu* estar vinculado a assuntos pessoais.

Apesar das temáticas abordadas em cada conjunto de cartas serem semelhantes, o uso dos pronomes de P2 não mostra convergência absoluta entre as três amostras, conforme já observado. As cartas do século XIX apresentam um sistema dominado pelo pronome *tu*, sem variação com a

forma *você*. A primeira amostra do século XX, Maura de Senna, exibe um uso majoritário de *você*, mas o controle do período em que as cartas foram produzidas – possível apenas no interior dessa amostra, especificamente – permite que se observe um aumento nas taxas de uso de *tu* e um decréscimo nos índices de uso de *você*, de modo que no segundo período as duas formas encontram-se em uma distribuição muito equilibrada. Na Amostra Harry Laus, novamente é o pronome *tu* que prevalece, mas, diferentemente do que ocorre nas cartas do século XIX, no século XX, agora em variação com o pronome *você*.

A distribuição dos complementos verbais em função do sujeito da carta – verificada somente nas amostras do século XX – possibilita a leitura de que sujeitos realizados categoricamente por *tu* se combinam a complementos associados a *tu*. Já os sujeitos realizados exclusivamente por *você*, nas cartas de Maura de Senna, se combinam a complementos associados a *você*, enquanto nas cartas de Harry Laus, sujeitos categóricos de *você* mostram-se correlacionados tanto a formas de *tu* quanto a formas de *você*. As cartas de sujeito misto, por fim, tendem a apresentar complementos associados tanto a *tu* quanto a *você*, mas se observa, nas cartas de Maura de Senna, uma tendência maior ao uso de complementos associados a *você* em cartas dessa natureza, ao passo que, nas cartas de Harry Laus, a tendência em cartas desse tipo é de que os complementos verbais sejam realizados majoritariamente por formas pronominais associadas a *tu* – conforme se pode verificar no Gráfico 4, a seguir.

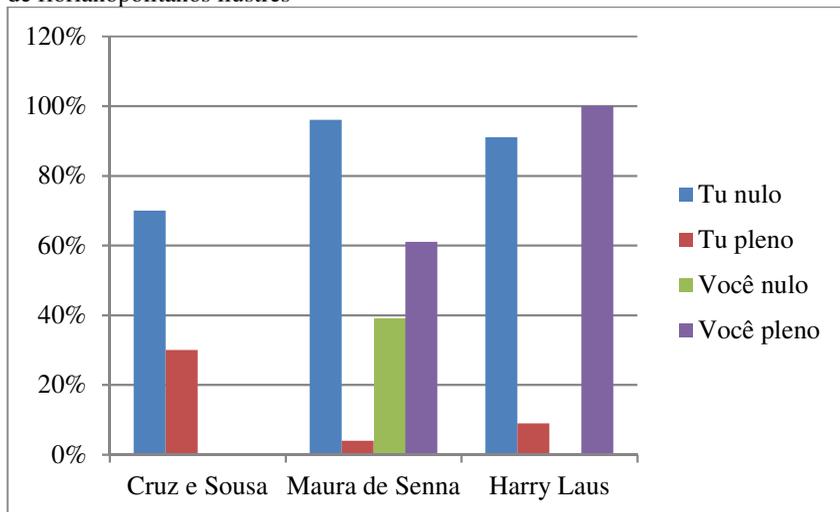
Gráfico 4 – Complementos verbais de P2 em função do sujeito da carta nas Amostras Maura de Senna (MS) e Harry Laus (HL)



Fonte: A autora

No total das três amostras de ilustres, foi possível notar, ainda, uma tendência com relação ao preenchimento do sujeito pronominal. Nas cartas da Amostra Cruz e Sousa, *você* ainda não figura como sujeito, e *tu* apresenta-se mais como sujeito nulo do que como pleno. Nas missivas que compõem a Amostra Maura de Senna, *tu* continua prevalecendo como sujeito nulo, e *você* se apresenta mais como sujeito pleno do que como nulo, embora a diferença entre nulos e plenos, no que diz respeito a esse pronome, não seja muito acentuada. Já na Amostra Harry Laus, a distribuição entre sujeitos nulos e plenos de *tu* persiste, mas *você*, figurando como sujeito, exibe 100% de formas plenas. O Gráfico 5 ilustra a distribuição de sujeitos de P2 nulos e plenos nas três amostras de cartas de florianopolitanos ilustres.

Gráfico 5 – Distribuição de sujeitos nulos e plenos nas três amostras de cartas de florianopolitanos ilustres



Fonte: A autora

A fim de problematizar e relativizar os resultados mostrados na análise das cartas de florianopolitanos ilustres, as próximas duas seções são dedicadas a análises complementares, uma realizada com missivas produzidas por florianopolitanas não ilustres na década de 1960, e outra com missivas produzidas por lageanos não ilustres nas décadas de 1950, 1970 e 1980.

4.2 CONTRAPONTO 1: AMOSTRA VALE/FLN

Nesta seção, são apresentados resultados referentes à distribuição dos pronomes pessoais de P2 em uma amostra formada por 17 cartas remetidas por oito moças da Grande Florianópolis⁷² a um mesmo destinatário, N, na década de 1960. A maior parte do conteúdo dessas missivas é de ordem pessoal, e é possível, ainda, fazer uma divisão entre aquelas em que N é tratado como amigo (embora se note, via de regra, o interesse das garotas em ter um relacionamento amoroso com o destinatário) e aquelas em que N é tratado mais explicitamente como namorado. N é um jovem, músico e professor de Língua Portuguesa, originário da cidade de Nova Trento, na Grande Florianópolis. Ao fazer shows em cidades de Santa Catarina, conhece as garotas que a ele escrevem cartas. Por conta disso, alguns dados foram categorizados com a temática ‘trabalho’, que aparece nas missivas quando as jovens falam da repercussão dos shows e dos convites que são feitos para o conjunto musical de N voltar a se apresentar nas suas localidades.

Os excertos (103), (104) e (105), a seguir, evidenciam as temáticas de ‘amor’, ‘amizade’ e ‘trabalho’, respectivamente.

(103) *Para mim, você representa algo diferente que surge em minha vida, é mais que a própria existência, é um Amor... Além do Amor, além dos Aléns. Minha maior consideração sobre uma pessoa é que se ela que ser confiante a mim... seja, mas sem desconfiar, sem [ter receio] de quem a pouco julgava confiar. N, seus pensamentos são lógicos, concordo contigo, em não confiar em qualquer pessoa, na época atual, mas não porque exijo sua confiança em minha pessoa, no entanto se eu te dei uma palavra e esta foi de confiança “a espera”, para um dia sermos felizes. Não precisa ter receio, como tu dizeste... eu [sei] permanece firme, tá? (O, 1969)*

(104) *Apesar da distância quilométrica que nos separa, espero que a nossa amizade, que ora começa se torne cada vez mais sólida e duradoura. Gostaria demais, que me mandasses uma foto tua, se possível em tamanho grande. (Z, 1969)*

72 A Amostra Vale/FLN é parte da Amostra Vale, que, no total, conta com 26 cartas enviadas por garotas a um mesmo destinatário na década de 1960. Aqui, fez-se um recorte apenas das 17 cartas remetidas por moças da Grande Florianópolis; as demais nove missivas, enviadas por moças do Vale do Itajaí, foram descartadas, para que se pudessem opor cartas de ilustres a cartas de não ilustres de uma mesma localidade (Grande Florianópolis).

(105) *A um mês atrás, falei com o Presidente da sociedade da Banda M. sobre uma promoção da mesma, e indiquei o seu conjunto, tudo parecia se realizado, mais infelizmente não deu certo. Inclusive ia te escrever em se tratando no referido assunto. Quando a pouco fiquei ciente da promoção da S. 14 de julho. Novamente indiquei seu conjunto. Foi no ensejo de a diretoria ter vindo até minha casa, convocar-me a apresentar em desfile, no respectivo baile, e então falei em vocês. Tudo se acertou! Indiquei a Sr^a que contigo falou, a esclarecer-te o assunto, que seria de contratar-lhes, e assim o fez. Certo? (O, 1969)*

Não se vai, neste momento, explorar os mesmos controles que foram realizados com as amostras de ilustres. A proposta desta seção é mostrar alguns resultados que evidenciem semelhanças e diferenças entre uma amostra de cartas produzidas por florianopolitanos ilustres e uma amostra de cartas produzidas por florianopolitanas não ilustres, considerando-se a segunda metade do século XX – já que não há coletadas pelo PHPB-SC, até o momento, missivas de não ilustres anteriores a esse período.

No total das 17 cartas da Amostra Vale/FLN, foram computadas 271 ocorrências de pronomes de P2, sendo 170 (63%) delas associadas a *tu* e as demais 101 (37%) associadas a *ocê*. A distribuição entre sujeitos nulos e plenos pode ser conferida na Tabela 36, a seguir.

Tabela 36 – Sujeitos pronominais de P2 na Amostra Vale/FLN

Sujeito	<i>tu</i>	<i>ocê</i>	Total
Nulo	77/109 (71%)	32/109 (29%)	109/140 (78%)
Pleno	9/31 (29%)	22/31 (71%)	31/140 (22%)
Total	86/140 (61%)	54/140 (39%)	140

Fonte: A autora

Os resultados referentes à distribuição de sujeitos nulos e plenos apontam para tendências semelhantes àquelas encontradas nas cartas de florianopolitanos ilustres do século XX: parece haver uma correlação entre os sujeitos nulos e o pronome *tu* e entre os sujeitos plenos e o pronome *ocê*. É possível notar, contudo, que há uma alta taxa de sujeitos nulos de *ocê*, se comparados aos sujeitos plenos associados ao mesmo pronome. Em outras palavras, percebe-se que tanto sujeitos *tu* quanto sujeitos *ocê* apresentam-se mais nulos do que plenos, mas a diferença entre nulos e plenos é maior para o pronome *tu* e menor para o pronome *ocê*.

Enquanto nas cartas de ilustres não foram localizados casos de ausência de marca verbal distintiva de segunda pessoa do singular, nas

missivas de não ilustres já há uma ocorrência de sujeito *tu* acompanhado de verbo sem tal marca, conforme evidencia o trecho (106).

(106) *Tudo era triste...! E eis que derepente **tu surge**, em uma tarde inesquecível, talvez ao encontro de um alguém - que por simples motivo te desprezou, não completamente, e que não merêço teu perdão, embora já o tenho recebido.* (O, 1969)

Na correlação entre o sujeito presente nas cartas e os complementos verbais, evidenciada na Tabela 37, observam-se, novamente, direções semelhantes às indicadas na análise das Amostras Maura de Senna e Harry Laus: cartas de sujeito *tu* apresentam complementos predominantemente associados a *tu*; cartas de sujeito *você* apresentam complementos predominantemente associados a *você* e cartas de sujeitos misto mostram a alternância de formas associadas aos dois pronomes. Nas cartas da literata, no entanto, as missivas de sujeito misto apresentavam maior número de complementos associados a *você*, ao passo que nas missivas da Amostra Vale/FLN a preferência, assim como na Amostra Harry Laus, em cartas de sujeito misto, é por complementos associados a *tu*.

Tabela 37 – Correlação entre sujeito e complementos verbais de P2 na Amostra Vale/FLN

Sujeito da carta	Formas pronominais de P2	Acusativo	Dativo	Oblíquo	Total
Tu	Formas <i>tu</i>	13/13 (100%)	22/23 (96%)	6/6 (100%)	41/42 (98%)
	Formas <i>você</i>	0/13 (0%)	1/23 (4%)	0/6 (0%)	2/42 (5%)
Você	Formas <i>tu</i>	0/4 (0%)	0/10 (0%)	0/21 (0%)	0/35 (0%)
	Formas <i>você</i>	4/4 (100%)	10/10 (100%)	21/21 (100%)	35/35 (100%)
Misto	Formas <i>tu</i>	7/19 (37%)	26/40 (65%)	8/10 (80%)	41/69 (59%)
	Formas <i>você</i>	12/19 (63%)	14/40 (35%)	2/10 (20%)	28/69 (41%)
Total	Formas <i>tu</i>	20/36 (56%)	48/73 (66%)	13/22 (59%)	170/271 (63%)
	Formas <i>você</i>	16/36 (44%)	25/73 (34%)	9/22 (41%)	101/271 (37%)

Fonte: A autora

Também algumas diferenças podem ser ressaltadas: Na comparação com as amostras de ilustres, o conjunto de cartas remetidas por florianopolitanas não ilustres apresenta, proporcionalmente, um

número maior de missivas com sujeito misto. Tais missivas mostram, igualmente, um nível de alternância maior entre formas de complemento verbal de *tu* e de *você* se comparadas às cartas de sujeito misto escritas por florianopolitanos ilustres.

Ainda da Tabela 37, destaca-se a única ocorrência de uma forma de complemento associada a *você* em uma missiva com sujeito categórico *tu*, conforme se vê no excerto (107).

(107) *Como vais de aulas?*

Imagino Ø seres um ótimo professor, quisera ser sua aluna. Acho a carreira mais sublime. Professor. Mais infelizmente não pude continuar meus estudos. N, se todos tivessem um certo apoio, um certo carinho, no lar, poderíamos se “mais” alguém na vida! ou ao menos viver tranquilo. A vida é assim! Sufoca-se lágrimas com sorrisos! Cada um tem sua cruz não é mesmo, não gosto de me queixar a ninguém, mas somente contigo posso e me sinto mais tranquila. N, há três meses que deixei meus estudos, como te falei, a situação não mo permitiu. Felismente consegui com a ajuda dos professores da Escola Técnica de Tijucas, e com meus grandes esforços, prestar um exame de adaptação para a matrícula da 2ª do contador, ano de 1970. Se Deus assim o Permitir. E, meus estudos de músicas estou como sempre. O mestre adoeceu, e então pego algumas lições com o Dr. P, inclusive de Bandolim. Bem já falei demais de mim. N, Desejo que todo feito em tua vida seja posto no lado do êxito! Em meu nome, agradeça a turma do conjunto, e principalmente a você! (O, 1969)

No que diz respeito especificamente aos complementos verbais acusativos, na Amostra Vale/FLN é possível destacar uma novidade: *lhe*, um clítico que figurava exclusivamente como complemento verbal dativo na Amostra Maura de Senna e na Amostra Harry Laus, aqui aparece também como complemento acusativo. A única ocorrência do clítico *lhe* como acusativo é evidenciada no excerto (29), já mencionado na Seção 2.1.

(29) *Chove torrencialmente (lá fora é claro) Do rádio ouço músicas suaves que dão vontade de dançar, por isso pensei em você. Pois estava dançando quando lhe vi. Mas... deixemos os sentimentalismos para o Altamar Dutra, que é “sentimental demais”. (E, 1965)*

A Tabela 38, a seguir, oferece um panorama das formas encontradas na categoria morfossintática de complemento verbal acusativo.

Tabela 38 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 na Amostra Vale/FLN

Sujeito da carta	Forma associada a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>		Total
	<i>te</i>	<i>o</i>	<i>lhe</i>	
Tu	13/13 (100%)	0/13 (0%)	0/13 (0%)	13/36 (36%)
Você	0/4 (0%)	3/4 (75%)	1/4 (25%)	4/36 (11%)
Misto	7/19 (37%)	12/19 (63%)	0/19 (0%)	19/36 (53%)
Total	20/36 (55%)	15/36 (42%)	1/36 (3%)	36

Fonte: A autora

Chama a atenção, além do uso do clítico *lhe* nessa categoria, também a alta produtividade de *o/a*, do mesmo modo que se observou na Amostra Maura de Senna. *Te*, um clítico produtivo em todas as amostras de ilustres, aqui também se mostra frequente, sobretudo nas cartas cujo sujeito é realizado categoricamente por *tu* e nas cartas de sujeito misto, não figurando nas cartas de sujeito categórico *você*. É possível destacar, também, ausência de *zero* como complemento acusativo, também verificada na Amostra Cruz e Sousa. O trecho (108) traz, em destaque, uma ocorrência do clítico *o/a*, a mais produtiva dentre as variantes de complemento acusativo encontradas nas cartas de sujeito categórico *você* da Amostra Vale/FLN.

(108) *Sabe que me dei conta da situação em que o deixei, depois de examinar bem os ônibus que estavam na rodoviária. Parecia-me impossível que o ônibus já não estava. Sinto muito ter sido a causa do seu atraso e talvez até de atritos com seu irmão.* (E, 1966)

Os complementos verbais dativos são realizados, da mesma maneira que nas amostras de ilustres, majoritariamente por clíticos e pela forma *zero*, e não é possível observar, nos dados da Amostra Vale/FLN, a esperada mudança no uso das preposições *a* e *para*. A distribuição das formas que figuram como complemento verbal dativo nessa amostra pode ser verificada na Tabela 39, a seguir.

Tabela 39 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 na Amostra Vale/FLN

Sujeito da carta	Formas associadas a tu			Formas associadas a você				Total
	zero	te	a ti	zero	lhe	a você	o	
Tu	6/23 (26%)	15/23 (65%)	1/23 (4,5%)	0/23 (0%)	0/23 (0%)	1/23 (4,5%)	0/23 (0%)	23/73 (31,5%)
Você	0/10 (0%)	0/10 (0%)	0/10 (0%)	5/10 (50%)	5/10 (50%)	0/10 (0%)	0/10 (0%)	10/73 (1%)
Misto	4/40 (10%)	21/40 (52,5%)	1/40 (2,5%)	6/40 (15%)	6/40 (15%)	1/40 (2,5%)	1/40 (2,5%)	40/73 (5,5%)
Total	10/73 (14%)	36/73 (49%)	2/73 (3%)	11/73 (15%)	11/73 (15%)	2/73 (3%)	1/73 (1%)	73

Fonte: A autora

Além dos resultados já apontados, certamente se destaca, dentre os números constantes na Tabela 39, a ocorrência de *o/a* como complemento dativo – algo até então inédito, enquanto se consideravam somente as amostras de cartas produzidas por ilustres. A única ocorrência de *o/a* como complemento dativo é destacada no excerto (109).

(109) *Por intermédio de minha prima, vim a conhece-lo por fotografia, e como o achei muito simpático, resolvi escrevê-lo.* (Z, 1969)

A temática do trecho em que se encontram os dados também foi controlada na Amostra Vale/FLN e pode ser observada nos números da Tabela 40.

Tabela 40 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com a temática do trecho em que se encontram as ocorrências na Amostra Vale/FLN

Temática	Formas associadas a tu	Formas associadas a você	Total
Amor	106/137 (77%)	31/137 (23%)	137/271 (51%)
Amizade	54/123 (44%)	69/123 (56%)	123/271 (45%)
Trabalho	10/11 (91%)	1/11 (9%)	11/271 (4%)
Total	170/271 (63%)	101/271 (37%)	271

Fonte: A autora

No que diz respeito à temática do trecho da carta em que se encontram os dados de P2, é possível verificar que, embora as formas associadas a *tu* sejam preferidas nos trechos que tratam de amor e de trabalho e as formas associadas a *você* prevaleçam nos trechos cujo assunto é a amizade entre os interlocutores, em uma leitura vertical, os

dados de *tu* encontram maior concentração nas cartas de amor (106 dados em cartas de amor totais 170 dados de *tu*) enquanto *você* concentra seus dados majoritariamente nos trechos de temática ‘amizade’ (69 dados dos totais 101 dados de *você*).

A configuração da Amostra Vale/FLN permitiu, ainda, que se controlasse a remetente das cartas, o que evidenciou diferenças pessoais com relação à escolha dos pronomes de segunda pessoa do singular. A distribuição dos dados de P2 por remetente é verificada na Tabela 41, a seguir.

Tabela 41 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com as remetentes da Amostra Vale/FLN

Remetente	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	Total
C	9/9 (100%)	0/9 (0%)	9/271 (3%)
A	24/24 (100%)	0/24 (0%)	24/271 (9%)
B	7/8 (88%)	1/8 (12%)	8/271 (3%)
O	121/151 (80%)	30/151 (20%)	151/271 (56%)
E	0/41 (0%)	41/41 (100%)	41/271 (15%)
T	3/12 (25%)	9/12 (75%)	12/271 (4%)
L	3/19 (16%)	16/19 (84%)	19/271 (7%)
Z	3/7 (43%)	4/7 (57%)	7/271 (3%)
Total	170/271 (63%)	101/271 (37%)	271

Fonte: A autora

Nota-se que há remetentes que preferem as formas associadas a *tu* e remetentes que privilegiam as formas associadas a *você*. Com comportamento categórico em relação ao uso dos pronomes de P2, destacam-se as remetentes C e A – que usam *tu* em 100% das vezes em que produzem pronomes de segunda pessoa – e a remetente E – que faz uso de *você* em todas as ocorrências de P2 que realiza. De modo geral, não foi possível observar, no exame das cartas da Amostra Vale/FLN, o que levou as remetentes a apresentarem comportamentos linguísticos diversos no que tange ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular – a exceção fica por conta de E, que explica ao destinatário suas escolhas linguísticas com relação aos pronomes de P2 – conforme já evidenciado no excerto (10), na Subseção 1.1.1, aqui retomado:

(10) *Você também deve ter notado a diferença de tratamento que lhe dispensei. Vou explicar-lhe: considero o tratamento você muito impessoal por isso prefiro-o para cartas ou para pessoas totalmente desconhecidas. O mais costume usar tu. Como vê, a gramática e eu não nos damos.* (E, 1965)

O depoimento de E corrobora algumas das tendências apontadas na análise das amostras anteriores: *tu* é o pronome mais relacionado à intimidade, enquanto *você* é o pronome mais comumente usado em relações menos pessoais ou em contextos mais formais – como uma carta, que, sendo um texto escrito, e não falado, apresenta maior tendência à formalidade (embora se saiba que a fala pode ser formal e a escrita informal, não se tratando, portanto, de instâncias dicotômicas, mas de um *continuum* de possibilidades de uso da língua).

Considerando-se o universo das cartas da Amostra Vale/FLN, é possível apontar para algumas direções em relação à distribuição dos pronomes *tu* e *você*:

- i) Na amostra em questão, há maior número de ocorrências de *tu* do que de ocorrências de *você*;
- ii) Os dados de formas associadas a *tu* apresentam maior concentração nos trechos das cartas cuja temática é amorosa, ao passo que os dados de formas associadas a *você* apresentam maior concentração nos trechos das cartas cuja temática é a amizade entre os interlocutores;
- iii) É possível estabelecer certa correlação entre os sujeitos nulos e o pronome *tu* e entre os sujeitos plenos e o pronome *você*;
- iv) Na relação entre o sujeito usado na carta e os complementos verbais, nota-se que cartas de sujeito realizado categoricamente por *tu* apresentam maior número de complementos associados a *tu*, que cartas cujo sujeito é realizado categoricamente por *você* apresentam complementos associados exclusivamente a *você*, e que cartas de sujeito misto apresentam complementos associados aos dois pronomes, com predomínio das formas associadas a *tu*;
- v) O complemento verbal acusativo é realizado majoritariamente pelos clíticos *o/a* e *te*, mas há um dado de *lhe* figurando nessa categoria morfossintática;
- vi) O complemento verbal dativo é realizado sobretudo por clíticos e por formas *zero*, e as formas preposicionadas, quando aparecem, são introduzidas por *a*, e não por *para*;
- vii) As remetentes mostram preferências individuais, e é possível deduzir, pelo depoimento de E, que as formas associadas a *tu* remetem a contextos mais informais e íntimos, enquanto as formas associadas a *você* remetem a contextos mais formais e impessoais.

Na seção seguinte, são apresentados e discutidos resultados referentes a cartas produzidas na cidade de Lages na segunda metade do

século XX, com o objetivo de problematizar os números referentes à distribuição dos pronomes de P2 nas amostras de ilustres e não ilustres da capital catarinense. A apresentação e a discussão são precedidas de uma breve contextualização histórica acerca da localidade de onde advêm as cartas examinadas.

4.3 CONTRAPONTO 2: AMOSTRAS DE SENA-MEDEIROS/LGS

A proposta de contrapor Florianópolis a Lages em estudos sociolinguísticos não é uma novidade. Pesquisas já foram conduzidas considerando-se que as duas cidades, dadas as singularidades da colonização efetuada em cada uma, poderiam apresentar comportamentos linguísticos diferentes. Essa hipótese foi corroborada no que diz respeito à variação nos pronomes de P2 na sincronia (LOREGIAN-PENKAL, 2004; OLIVEIRA, 2004); à variação na expressão do modo imperativo na sincronia (CARDOSO, 2012) e à expressão do modo subjuntivo na diacronia (PIMPÃO, 2012).

Nesta seção, objetiva-se verificar a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular em dois conjuntos de cartas lageanas, aqui unidas sob o rótulo ‘Amostras de Sena-Medeiros/LGS’. Antes de evidenciar a configuração dessas amostras, cabe assinalar algumas questões acerca da sócio-história de Lages, a fim de se elucidar por que interessa mapear os usos de pronomes de P2 em Santa Catarina na oposição entre a capital e a cidade do planalto.

4.3.1 Uma nota sobre a sócio-história de Lages

De acordo com Santos (2004), enquanto o litoral catarinense foi colonizado em função da política expansionista portuguesa, no interior do estado, foram os paulistas os responsáveis por fundar fazendas e vilas, por conta do comércio de gado. Machado (2001), no entanto, observa que, antes desses comerciantes, conhecidos como *tropeiros*, houve uma primeira leva de paulistas ocupando o território de Lages – os bandeirantes, que aprisionavam indígenas e os vendiam em São Paulo.

De todo modo, cabe observar que, embora muitos associem o lageano ao gaúcho (sul-rio-grandense), por conta de determinados hábitos cultivados no planalto, é em São Paulo que se encontram as raízes dos colonizadores de Lages, conforme explicita Santos (2004) na seguinte passagem: “As bombachas, o barbicacho, as botas, o poncho, o chimarrão, o churrasco são alguns itens do vestuário e da alimentação que

caracterizam a gente de Lages, aproximando-a da população gaúcha. Mas as origens dessa gente estão em São Paulo, e não no Rio Grande.” (p. 46).

Ressalte-se que o território de Lages pertencia, inicialmente, à capitania de São Paulo. Em 1766, Corrêa Pinto, por ordem do governador da capitania de São Paulo, instala-se numa localidade chamada Taipas, e somente em 1771 funda a Vila de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages, dando início ao povoamento do planalto catarinense, que, até então, era apenas ponto de passagem. “As primeiras fazendas que se instalaram em suas vizinhanças pertenciam a paulistas, que tinham acompanhado Corrêa Pinto.” (SANTOS, 2004, p. 45). Somente em 1820, no entanto, a mando do rei de Portugal, é que Lages se desvincula da capitania de São Paulo e passa a pertencer a Santa Catarina.

Durante o Ciclo do Ouro, no século XVIII, surgiu a necessidade de abastecer cidades que viviam da exploração de minerais preciosos com produtos da agricultura e da pecuária, ausentes nessas localidades. Assim, estabeleceu-se uma rede de transporte de mercadorias conhecida como *Caminho dos tropeiros*. “O tropeiro vendia e comprava tudo que pudesse ter valor de comércio e, paralelamente, levava e trazia notícias.” (SANTOS, 2004, p. 43). Sabe-se que havia tropeiros advindos tanto do Sudeste quanto do Sul, mas, uma vez mais, historiadores dão conta de que o paulista era o povo privilegiado em Lages, em detrimento do gaúcho, conforme evidencia a passagem a seguir.

A apropriação privada das terras teve início com o estabelecimento das primeiras fazendas, em meados do século XVIII, quando muitos fazendeiros já possuíam títulos de sesmaria expedido pelo governador de São Paulo. [...] Desde cedo, muitos campos naturais foram ocupados em condomínio por alguns grandes fazendeiros de Lages e Curitiba. [...] Nestas terras, os tropeiros que provinham do sul tinham que pagar aluguel pelo pouso do gado em trânsito. (MACHADO, 2001, p. 21).

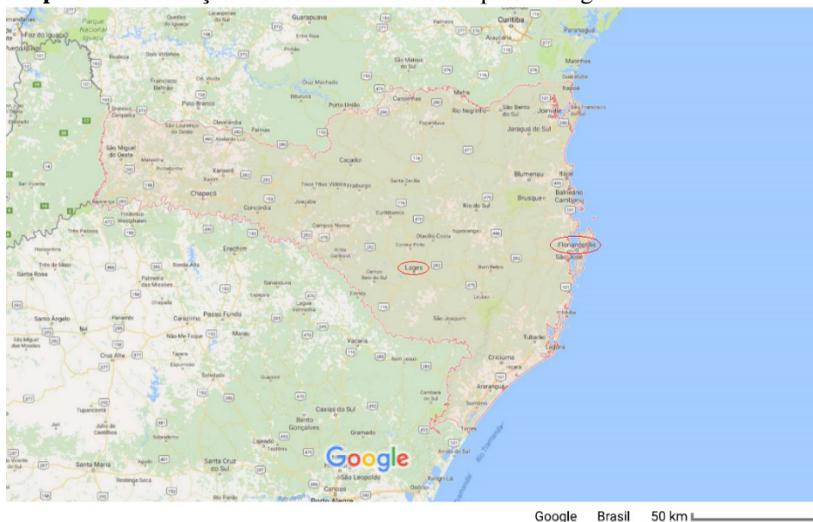
Lages torna-se, então, ponto de parada de tropas cujo objetivo inicial era a extração e o transporte do couro de gado. No século XIX, passa-se a produzir carne seca (charque) e cresce, também, o comércio de gado em pé para o litoral e para os estados do Paraná e de São Paulo. Machado (2001) salienta que, embora emancipada de São Paulo, a localidade continua mantendo relações econômicas e culturais com sua antiga jurisdição. Além disso, permanece, em grande medida, isolada de

relações com o litoral de Santa Catarina. Em 1788, foi aberta uma picada ligando Lages a Desterro, mas essa via foi pouco aproveitada porque a capital não era um grande centro consumidor.

A partir de 1820, por decisão de D. João VI, o município de Lages desligou-se da província de São Paulo e passou à jurisdição de Santa Catarina. Porém, por um longo período, as ligações econômicas, culturais e demográficas do planalto serrano serão muito mais intensas com os paulistas e com os gaúchos do que com as populações litorâneas catarinenses. O isolamento imposto pela barreira física da Serra Geral contribuiu bastante para isso, embora tenha existido um pequeno comércio entre o planalto e o litoral desde o século XVIII. (MACHADO, 2001, p. 17).

O Mapa 2, a seguir, evidencia a localização das cidades de Florianópolis e Lages no estado de Santa Catarina.

Mapa 2 – Localização das cidades de Florianópolis e Lages



Fonte: Adaptado de GoogleMaps®

A história de Lages é marcada, também, pela Guerra do Contestado, uma disputa por terras travada, em grande parte, pelos estados do Paraná e de Santa Catarina, agravada pelo descontentamento

de posseiros desalojados por conta da construção de uma ferrovia que ligaria São Paulo ao Rio Grande do Sul. Além disso, trabalhadores que iam sendo dispensados das obras da ferrovia mostravam-se insatisfeitos com a falta de perspectivas. A guerra começa efetivamente em 1912 e dura cerca de quatro anos. Durante esse período, o Governo Federal enviou 13 expedições militares à região contestada. Pela primeira vez, um avião foi usado numa guerra no território brasileiro.

É com base na sócio-história de Lages – que contrasta com a sócio-história de Desterro, colonizada por açorianos – e nos resultados já encontrados com respeito à distribuição de pronomes de segunda pessoa do singular na fala dessas duas localidades (Cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004; OLIVEIRA, 2004) que se buscam evidenciar diferenças entre a análise das Amostras de Sena-Medeiros/LGS e a análise das amostras florianopolitanas.

4.3.2 As Amostras de Sena-Medeiros/LGS

O conjunto de cartas lageanas analisado nesta tese é composto por duas amostras, aqui reunidas sob a denominação ‘de Sena-Medeiros/LGS’. A Amostra de Sena é composta por sete cartas de amor escritas por homens para mulheres: seis delas são enviadas por W, na década de 1950, e uma por A, na década de 1970. Já a Amostra Medeiros, conta, originalmente, também com missivas remetidas de Florianópolis – ainda em fase de transcrição e edição –, além das cartas de Lages. O recorte aqui realizado compreende 16 cartas, todas endereçadas a uma única destinatária, J, nascida em Urubici – município cujo território já pertenceu a Lages e cuja colonização se assemelha à lageana. A destinatária, embora urubiciense, viveu na cidade de Lages até ir para Florianópolis cursar o Ensino Superior. Foi basicamente no período em que a destinatária estava morando na capital que as cartas da Amostra Medeiros foram escritas: seis delas por sua mãe, S, que dá notícias da família e orientações sobre pagamento de aluguel, compra de livros etc.; outras seis por F, sua amiga, que dá notícias sobre seu relacionamento amoroso e seus estudos; três por B, sua prima, que informa sobre sua vida social e pergunta sobre a vida de J; e uma por R, também sua prima, que parece ter as mesmas preocupações de R ao escrever para J.

Os trechos (110), (111), (112), (113), (114) e (115), a seguir, dão mostras do conteúdo das missivas das Amostras de Sena-Medeiros/LGS.

(110) *Não podendo ocultar o segredo de um amor puro e sincero e que obriga-me a escrever-te ésta cartinha dando-te provas de amor, emboras*

(sic) reconheço que não sou merecedor de teu amor, mais assim mesmo amo-te imensamente. (W, 1957)

(111) *T pra mim vai ate parecer uma mentira o dia do noso casamento se Deus quiser iremos ser felizes de minha ves ja esta tudo decidido falta só nos noivar e se casar por minha ves só Deus pode nos separar voce eu acho que seja a mesma coisa ja deu pra voce pençar bastante deu pra ver se gosta de mim quero que voce me ame sinceramente. (A, 1976)*

(112) *J. Somente ontem, recebi sua carta. Fiquei contente que as coisas por aí vão bem. Os problemas com o apartamento são superáveis, portanto não se preocupem muito. Aqui as coisas são todas sem novidades. A casa vai em marcha lenta, estão fazendo a cobertura, creio que esta semana a cobertura ficará pronta. Creio, que se continuar neste ritmo você ainda irá ajudar na mudança. (S, 1981)*

(113) *J! São 8:30 da manhã, o dia esta (sic) nublado. Parece que a chuva não quer mais deixar a cidade. Comecei a estudar ontem, não sei aonde eu arranjo tanta paciência! Acho que é a vontade de vencer e a felicidade que estou sentindo. O I almoçou aqui em casa domingo. Parece mentira eu ver ele sentado ao lado de meu pai conversando. Acho que ele já conquistou a família. Mas, já estou sozinha, porém feliz. Esta semana que passou nós nos viamos todos os dias. Andamos de bicicleta, passeamos brincamos. Tudo isso aproximou novamente a gente. Só, sinto medo de tudo isso acabar. A distancia é algo que não podemos evitar e ela sempre deixa marcas. Mas, eu vou lutar contra ela. E você? estou morrendo de curiosidade para saber como vai indo a universidade? Esta gostando? (F, 1980)*

(114) *J Como vão as coisas por aí? E o Z? Espero que esteja tudo bem. Aqui vamos indo bem só com saudades de você e de muitos outros. O teu pai e a tua mãe vão indo bem. estou estudando bastante, pois quero chegar onde você já chegou. Ontem a noite fomos na casa da G (amiga), ela fez um ponchê com pipoca e pinhão estava muito gostoso, tomei ponchê, com pipoca e pinhão por todos (você e o Z também). Hoje tem o baile da fantasia, é aniversário do Helius cabelereiro. (B, 1980)*

(115) *Neste fim de semana tem simulado de matemática básica. Na apostila eu consegui resolver quase todos os exercícios. Parece que de 219 eu não consegui 4, está bom né? Vamos ver no simulado, lá é que vale. O C como está? Muita mulher? Dê um abraço nas que eu conheço, certo? E o H como está? Soube que você foi almoçar na sogra outro dia. (R, 1980)*

No total das 22 cartas das Amostras de Sena-Medeiros/LGS aqui consideradas, foram encontradas 168 ocorrências, sendo 40 (24%) de

formas associadas a *tu* e 127 (76%) de formas associadas a *você*, além uma forma nominal, evidenciada no excerto (116), a seguir.

(116) *Amiguinha Pela presente hora que reflito o assunto para escrever-te estas frases para tu veres que não esqueço **da boa amiguinha** a qual muito considero; sim também falamos em alguns assuntos de nossa mo[ç]idade... (W, 1951)*

A distribuição entre sujeitos nulos e plenos nas amostras em questão pode ser verificada na Tabela 42.

Tabela 42 – Sujeitos pronominais de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Sujeito	<i>tu</i>	<i>você</i>	Total
Nulo	11/15 (73%)	41/91 (45%)	52/106 (49%)
Pleno	4/15 (27%)	50/91 (55%)	54/106 (51%)
Total	15/106 (14%)	91/106 (86%)	106

Fonte: A autora

Na leitura da Tabela 42, é possível perceber que tanto sujeitos nulos quanto sujeitos plenos são realizados majoritariamente por *você*, que é o pronome preferido no total das ocorrências de P2 encontradas nas amostras de cartas lageanas. Observa-se, também, que *tu* é realizado preponderantemente como sujeito nulo, ao passo que *você* é produzido, na maioria dos casos, como sujeito pleno. Nota-se, ainda, que a diferença entre sujeitos nulos e plenos associados a *você* não se mostra tão acentuada quanto a diferença entre sujeitos nulos e plenos associados a *tu*.

Dentre as ocorrências com o sujeito *tu* pleno, chama a atenção um dado em que o pronome aparece associado a um verbo sem marca morfológica distintiva. O dado é apresentado no excerto (117), a seguir.

(117) *ti juro meu bem ti amo sinceramente **se tu também mi ama** então não se preocupe que o casamento saíra logo (A, 1976)*

A correlação entre o sujeito usado nas cartas e os complementos verbais pode ser observada na Tabela 43.

Tabela 43 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Sujeito da carta	Formas pronominais	Categorias morfossintáticas			Total
		Acusativo	Dativo	Oblíquo	
Você	Formas <i>tu</i>	0/3 (0%)	0/14 (0%)	0/4 (0%)	0/21 (0%)
	Formas <i>você</i>	3/3 (100%)	14/14 (100%)	4/4 (100%)	21/21 (100%)
Misto	Formas <i>tu</i>	13/15 (87%)	10/18 (53%)	2/7 (19%)	25/40 (62,5%)
	Formas <i>você</i>	2/15 (13%)	8/18 (42%)	5/7 (71%)	15/40 (37,5%)
Total	Formas <i>tu</i>	13/18 (72%)	10/32 (31%)	2/11 (18%)	25/61 (41%)
	Formas <i>você</i>	5/18 (28%)	22/32 (69%)	9/11 (82%)	36/61 (59%)

Fonte: A autora

Num primeiro momento, é possível notar a ausência de cartas em que o sujeito seja realizado categoricamente como *tu*. Tal distribuição não foi verificada em nenhuma das demais amostras – todas florianopolitanas – investigadas nesta pesquisa. Também chama a atenção o fato de não haver formas de complemento associadas a *tu* nas cartas em que o sujeito é realizado categoricamente como *você*. Nas cartas mistas, as categorias de complemento verbal, à exceção do oblíquo, são realizadas majoritariamente como formas de *tu* – resultado que corrobora tendências apontadas por Rumeu (2008), Lopes e Marcotulio (2011) e Lopes, Marcotulio e Rumeu (2011), os quais indicam que a forma *você* entra no sistema de pronomes do português brasileiro a partir da posição de sujeito.

Na Tabela 44, a seguir, podem ser conferidos os resultados referentes à correlação entre sujeitos e complementos verbais acusativos.

Tabela 44 – Correlação entre sujeito e complemento verbal acusativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Sujeito carta	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>	
	<i>te</i>	<i>você</i>	<i>o</i>
Você	0/3 (0%)	2/3 (67%)	1/3 (33%)
Misto	13/15 (87%)	2/15 (13%)	0/15 (0%)
Total	13/18 (72%)	4/18 (22%)	1/18 (6%)

Fonte: A autora

Dentre os números constantes na Tabela 44, destacam-se aqueles referentes ao clítico *te*, a forma de complemento acusativo mais produtiva nas cartas de Lages – mas que somente figura em cartas de sujeito misto. Observa-se, também, que a forma *você*, que até então não havia sido relatada como uma variante de complemento verbal acusativo, nas amostras lageanas aparece nessa categoria, acompanhada por uma

ocorrência de *o/a*. O excerto (1189) ilustra o uso de *você* como complemento acusativo.

(118) *passa dias passa semanas e eu [não] vejo **você** só a tua fotografia e que eu olho toda a hora que eu entro no meu quarto que tristeza pra mim lembrando daqueles tempo que a gente estava ai tão pertinho* (A, 1976)

A correlação entre sujeitos e complementos verbais dativos nos dados de Lages é evidenciada na Tabela 45, a seguir.

Tabela 45 – Correlação entre sujeito e complemento verbal dativo de P2 nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Sujeito carta	Formas associadas a <i>tu</i>		Formas associadas a <i>você</i>			
	<i>te</i>	Ø	<i>lhe</i>	Ø	a <i>você</i>	para <i>você</i>
Você	0/14 (0%)	0/14 (0%)	5/14 (38%)	6/14 (41%)	0/14 (0%)	3/14 (21%)
Misto	7/18 (39%)	3/18 (17%)	1/18 (6%)	3/18 (17%)	2/18 (11%)	2/18 (11%)
Total	7/32 (22%)	3/32 (8%)	6/32 (19%)	9/32 (29%)	2/32 (6%)	5/32 (16%)

Fonte: A autora

Pode-se perceber, com base na Tabela 44 e na Tabela 45, que o clítico *te* é produtivo tanto como complemento acusativo quanto como complemento dativo. Concorre com a forma *zero*, entretanto, quando se consideram apenas os complementos dativos associados a *tu*. As formas de dativo associadas a *você* são mais diversificadas: a maioria é realizada por *zero*, mas aparecem também *lhe* – que, nas amostras lageanas, diferentemente do que ocorreu na Amostra Vale/FLN, figura somente como complemento dativo –, *a você* e *para você* nessa categoria. Observe-se, ademais, que a forma preposicionada *para você* tem mais ocorrências do que a forma *a você*.

O complemento oblíquo, por sua vez, apresenta-se, assim como em outras amostras, realizado por formas preposicionadas (nas cartas lageanas, apenas por *sintagmas preposicionados de você*, e não de *tu*) e pela forma *zero*. Um dado, no entanto, chama a atenção: na Amostra Medeiros/LGS, S, mãe de J, uma missivista que usa categoricamente formas associadas a *você*, faz uso da forma *consigo* para se referir à segunda pessoa. O dado produzido por S pode ser verificado em (119).

(119) *Obs. O SV telefonou outro dia se queixando que não tinha mais se comunicado **consigo**.* (S, 1980)

As Amostras de Sena-Medeiros/LGS permitiram o controle do período em que as missivas foram produzidas, já que as cartas que compõem tais amostras contemplam, ainda que numa divisão pouco equilibrada, as décadas de 1950, de 1970 e de 1980. A distribuição dos pronomes de P2 por período nas cartas de Lages pode ser vista na Tabela 46.

Tabela 46 – Distribuição das formas pronominais de P2 por período nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Década	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>
1950	30/39 (75%)	9/39 (23%)
1970	9/49 (18%)	40/49 (82%)
1980	1/79 (1%)	78/79 (99%)
Total	40/167 (24%)	127/167 (76%)

Fonte: A autora

Uma primeira leitura poderia conduzir à conclusão que as formas associadas a *você* aumentaram em número no decorrer da década de 1950 à década de 1980. Essa seria uma análise coerente, mas desconsideraria diferenças individuais, que, como mostra a Tabela 47, a seguir, parecem ser a explicação mais apropriada para a distribuição entre formas associadas a *tu* e formas associadas a *você* nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS.

Tabela 47 – Formas pronominais de P2 distribuídas de acordo com o remetente das cartas nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS

Remetente	Formas associadas a <i>tu</i>	Formas associadas a <i>você</i>
S	0/48 (0%)	48/48 (100%)
F	1/19 (5%)	18/19 (95%)
R	0/8 (0%)	8/8 (100%)
B	0/4 (0%)	4/4 (100%)
W	30/39 (75%)	9/39 (23%)
A	9/49 (18%)	40/49 (82%)
Total	40/168 (24%)	127/168 (76%)

Fonte: A autora

A análise por indivíduo permite perceber que as missivistas S, F, R e B, cujas cartas estão concentradas na década de 1980, apresentam comportamento semelhante, preferindo, quando não categoricamente (no caso de S, R e B), ao menos majoritariamente (caso de F), formas associadas ao pronome *você*. Interessa notar que as três informantes de comportamento categórico pertencem à mesma família. Como já assinalado, S é mãe da destinatária J, e R, bem como B, são primas de J; apenas F é uma amiga, sem relação de parentesco com J. Ressalte-se, ainda, que F é a única, dentre as remetentes da década de 1980, que havia

transitado, até o período em que escreve as cartas pertencentes à Amostra Medeiros/LGS, entre o planalto e o litoral.

Já os remetentes W e A, que escrevem cartas de amor nas décadas de 1950 e de 1970, respectivamente, usam tanto formas associadas a *tu* quanto formas associadas a *você*. O informante A, especificamente, é o único a preferir formas de *tu* a formas de *você* dentre todos os missivistas de Lages controlados nesta análise. Não há, relacionadas a W e a A, informações de natureza social que permitam aventar hipóteses quanto a seu comportamento linguístico (excetuando-se o fato de escreverem cartas de amor, o que poderia ser a explicação para as taxas de uso de *tu*). As cartas de W, no entanto, revelam pouco domínio da norma culta escrita (ou das normas cultas escritas) do português, como pode ser observado no trecho (120). Também os excertos (121) e (122) oferecem evidências de que o próprio missivista se mostra inseguro com relação a seu desempenho linguístico.

(120) *Bem deves saber que intereecei que vosse se acertasse com o J novamente muinto conselho dei a ele não sei se viz – bem ou mal o outro rapaz tambem não éra mau mais estava muito errado em debochar o outro por isto e eu era comtra, fiquei satisfeito quando sube que vosse estava bem com o J (...)* (W, 195-)

(121) *Nesta pesso desculpar as faltas pois a minha inteligeicia não é igual a tua muito falta-me para comparar por isso não mantenho legível. Aceite um forte adeusinho que sera sempre por [ilegível]* (W, 1952)

(122) *Sempre lembrada Minhas saudades Hoje neste feliz momento e que dirijo- me a indereçar-te estas mal escritas...* (W, 195-)

É possível questionar, ainda, qual é a relação entre o nível de letramento do Remetente W – o único nas amostras de cartas lageanas a privilegiar formas pronominais associadas a *tu* – e as suas escolhas com respeito ao uso dos pronomes de segunda pessoa.

Através da análise de cartas produzidas em Lages na segunda metade do século XX (décadas de 1950, de 1970 e de 1980), podem ser apontadas algumas tendências com relação ao uso dos pronomes de segunda pessoa do singular nas categorias morfossintáticas de sujeito e de complementos verbais acusativos, dativos e oblíquos:

- i) Há, na distribuição de formas pronominais associadas a *tu* e formas pronominais associadas a *você* nas cartas lageanas, uma maior taxa de usos de *você*;

- ii) Nota-se uma acentuada diferença numérica entre os sujeitos de *tu* nulos (em maior quantidade) e os sujeitos de *tu* plenos (em menor quantidade), enquanto, considerando-se a mesma categoria morfossintática, a diferença entre nulos (em menor quantidade) e plenos (em maior quantidade) com relação ao pronome *você* é menos saliente;
- iii) Entre os dados de sujeito *tu* pleno, há uma ocorrência sem a marca de concordância no verbo que acompanha o pronome;
- iv) Não há cartas de sujeito categórico *tu*, e não há formas de complemento associadas a *tu* nas cartas cujo sujeito é realizado categoricamente como *você*. Nas cartas mistas, as posições de complemento, à exceção do oblíquo, são realizadas majoritariamente como formas associadas a *tu*;
- v) Os complementos verbais acusativos realizam-se como *te*, *você* e *o/a*;
- vi) A forma *te* é produtiva tanto como dativo quanto acusativo, mas como complemento dativo, concorre com a forma *zero* nas cartas de sujeito misto. As formas de dativo associadas a *você* são mais diversificadas: *zero* aparece em maior quantidade, e há também dados de *lhe*, *a você* e *para você*. Dentre as formas preposicionadas, *para você* é mais frequente do que *a você*.
- vii) Como complementos oblíquos, além das formas *zero* e *sintagmas preposicionados de você*, há, também, uma ocorrência de *consigo*.

Na próxima seção, os resultados com respeito à distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular no total das cinco amostras de cartas aqui examinadas são correlacionados aos problemas empíricos de transição e de encaixamento (Cf. WLH, 2006 [1968], LABOV, 1982), bem como aos problemas metodológicos envolvidos na condução de pesquisas sociolinguísticas diacrônicas, conforme elencados por Conde Silvestre (2007).

4.4 REVENDO PROBLEMAS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nas primeiras seções desta tese, foram apresentados ao leitor dois tipos de problemas: os problemas empíricos, conforme postulados por WLH (2006 [1968]), e os problemas metodológicos com os quais se deparam pesquisadores que investigam a língua na diacronia, conforme apontados por Conde Silvestre (2007). Neste momento, são retomados dois dos problemas empíricos, o de transição e o de encaixamento, com o

objetivo de enquadrar teoricamente os resultados aqui encontrados. Do mesmo modo, os obstáculos que se colocam à investigação diacrônica são revistos, visando a evidenciar em que medida as opções metodológicas adotadas neste estudo contribuíram para superá-los.

O problema de transição, como já referido no Capítulo 1, está relacionado à expansão de uma variante através de contextos em que antes ela não figurava. O total das amostras investigadas permitiu que se apontassem algumas tendências com relação a três tipos de expansão: através do tempo, através do espaço e através das categorias morfossintáticas.

A transição através do tempo é, possivelmente, a mais evidente quando se observa a distribuição dos pronomes de P2 no total das cartas. Nota-se que as cartas da Amostra Cruz e Sousa, datadas de fins do século XIX, não mostram variação em relação à expressão pronominal de segunda pessoa do singular, ao passo que as amostras do século XX, a despeito das preferências gerais de uso – *tu* é preferido nas Amostras Harry Laus e Vale/FLN e *você* é privilegiado nas Amostras Maura de Senna e de Sena-Medeiros/LGS –, exibem os dois pronomes em variação.

No que diz respeito ao espaço, na oposição das amostras de não ilustres de Florianópolis e Lages, observa-se que as cartas florianopolitanas apresentam maior número de ocorrências de *tu*, ao passo que as lageanas evidenciam mais ocorrências de *você*. Tais preferências podem ser explicadas pelo fator ‘colonização’, como outros autores já hipotetizaram (Cf. LOREGIAN-PENKAL, 2004; OLIVEIRA, 2004; COELHO, 2011). Além disso, ainda se considerando a transição através do espaço, pode-se pensar que a entrada de *você* em Florianópolis se deu posteriormente à abertura da cidade para outras localidades de dentro e de fora do estado de Santa Catarina – o que somente ocorre na década de 1920 e, mais efetivamente, a partir da década de 1970.

A observação da transição através de contextos morfossintáticos era muito esperada, uma vez que resultados de estudos realizados com amostras cariocas têm evidenciado que há contextos mais favorecedores à entrada do pronome *você* e contextos mais resistentes a essa entrada. Autores desses trabalhos (Cf. LOPES; MACHADO, 2005; RUMEU, 2008; LOPES; MARCOTULIO; RUMEU, 2011; LOPES; MARCOTULIO, 2011) pontuam, de modo geral, que um dos contextos morfossintáticos que privilegiam a introdução de *você* no sistema pronominal é o sujeito, preferencialmente preenchido. Tal tendência pode ser observada no total das amostras, sobretudo no que diz respeito ao preenchimento do sujeito; mas não se observou em grande número cartas que apresentassem *você* como sujeito categórico correlacionado a

complementos verbais associados a *tu*, o que compromete a corroboração das hipóteses derivadas de resultados encontrados para a cidade do Rio de Janeiro.

O problema de encaixamento permite, também, que se explorem algumas frentes de investigação. Encaixar o fenômeno na matriz de concomitantes linguísticos e sociais significa, entre outras coisas, evidenciar outros fenômenos em variação/mudança que ocorrem no mesmo tempo/espaço que o objeto investigado – seja em uma relação de condicionamento, seja em uma relação de simples coocorrência –, assim como apontar para acontecimentos na sociedade que possam estar, de algum modo, correlacionados à variação/mudança que se verifica na língua.

Nesta pesquisa, acompanhando a entrada do pronome *você* no sistema florianopolitano, pode-se perceber que o sujeito, predominantemente nulo no século XIX, passa a ocorrer mais vezes como pleno. Há certo paralelo entre o uso de *tu* como sujeito nulo e de *você* como sujeito pleno, embora se encontrem ocorrências, em menor quantidade, que não se enquadram nessa tendência.

Com respeito a aspectos sociais, algumas questões podem ser levantadas. Primeiramente, a já observada abertura de Florianópolis a outras cidades, que pode ter facilitado o contato com outros dialetos e estabelecido as condições para a introdução de *você*. Ademais, a própria diferença que se observa nos usos de pronomes de P2 nas cidades de Florianópolis e de Lages pode ser considerada uma instância em que se percebe o encaixamento social da variação desses pronomes.

O contraste entre as amostras de florianopolitanos ilustres e de florianopolitanas não ilustres, no século XX, também permite que se verifiquem diferenças de uso que podem ser atribuídas a fatores sociais. Nas cartas da Amostra Vale/FLN, por exemplo, encontram-se ocorrências não verificadas nas Amostras Maura de Senna e Harry Laus: *lhe* sendo usado como complemento verbal acusativo; *o/a* sendo usado como complemento verbal dativo; e *tu* sujeito acompanhado de verbo sem marca de concordância verbal. Interessa notar que a forma *lhe* aparece como acusativo em outros estudos (Cf. ALMEIDA, 2009; SOUZA, 2013), mas, aparentemente, o uso de *o/a* como dativo não se configura como uma tendência em outras pesquisas. Do mesmo modo, nas Amostras de Sena-Medeiros/LGS, há dados inéditos nas outras amostras, a saber, aqueles que apresentam a forma *você* como complemento acusativo.

Na tentativa de neutralizar alguns dos problemas colocados por Conde Silvestre (2007) com relação às investigações sociolinguísticas no

âmbito da diacronia, nesta pesquisa foram feitas algumas opções metodológicas. A primeira delas consiste no gênero textual examinado. As cartas pessoais, embora escritas, têm conteúdo relativamente informal e favorecem, *grosso modo*, o uso de variantes próprias do vernáculo. Apesar disso, sabe-se que existem grandes diferenças entre a fala e a escrita, e essas diferenças certamente afetam o uso de pronomes pessoais, como foi verificado no depoimento da missivista da amostra Vale/FLN, que reconhecia conscientemente sua opção por *você* ao escrever, reservando o pronome *tu* para a fala.

Ainda com respeito ao material escolhido para este estudo, cabe ressaltar que se primou por certa “homogeneidade” na constituição das amostras, ao se optar por cartas escritas somente por florianopolitanos ilustres para a análise principal, apresentada no Capítulo 3. Não há disponíveis até o momento, no banco de dados do PHPB-SC, cartas produzidas por não ilustres antes da segunda metade do século XX, o que não permitiu que se realizassem análises comparativas que explorassem as diferenças entre a escrita de ilustres e a escrita de não ilustres em outros períodos, à exceção da segunda metade do século XX. Do mesmo modo, também não há amostras de cartas pessoais de outras cidades de Santa Catarina anteriores a esse período. Por isso, as análises complementares apresentadas nas Seções 4.2 e 4.3, cujo objetivo foi relativizar a representatividade das amostras de ilustres em relação ao português escrito florianopolitano e a representatividade de amostras de Florianópolis em relação ao português escrito no estado de Santa Catarina, foram conduzidas somente se levando em conta cartas produzidas na segunda metade do século XX.

A reconstrução do contexto histórico também foi uma preocupação nesta pesquisa. Espera-se que a correlação entre a mudança operada no paradigma de pronomes e a mudança na sociedade florianopolitana tenha ficado evidente no decorrer das análises. Também a colonização das cidades de Florianópolis (açoriana) e Lages (paulista) foi levada em consideração ao se elegerem essas duas localidades para terem seus usos dos pronomes de P2 contrastados.

Por fim, através do controle da temática dos trechos das cartas de que foram extraídos os dados e dos remetentes e destinatários (na medida do possível), objetivou-se projetar para o passado o *continuum* socioestilístico proposto por Labov (1972). Assim, considerando as duas amostras de ilustres do século XX, Maura de Senna e Harry Laus, observou-se certa tendência de o pronome *tu* ser correlacionado a assuntos pessoais e o pronome *você* a assuntos profissionais. Além disso, na Amostra Maura de Senna, há indícios de que a escritora, com o passar

do tempo, tenha ficado mais despreocupada em relação à escrita de suas cartas, do mesmo modo que suas relações, possivelmente, tornaram-se mais simétricas no decorrer dos períodos de tempo controlados.

Já nas cartas da Amostra Vale/FLN, *tu* tem ocorrências concentradas em cartas de temática amorosa, enquanto os dados de *você* concentram-se preponderantemente em cartas de temática amistosa. As únicas amostras do século XX que não evidenciam uma tendência em relação à distribuição estilística dos pronomes são as de Lages – embora se observe que *tu* é mais presente em cartas de amor, não é possível atribuir a esse único fator a escolha por um ou outro pronome.

Projetando-se essas escolhas de ordem estilística para o âmbito social, seria possível aventar que o pronome *você* tem mais prestígio do que o pronome *tu*, uma vez que aquele foi associado a maior formalidade e esse a menor formalidade nas cartas examinadas. No entanto, conforme adverte Conde Silvestre (2007), a projeção do *continuum* estilístico-social laboviano deve ser feita com cuidado. Em Florianópolis, além de ser o pronome da informalidade, *tu* é também uma marca valorizada como parte da identidade ilhoa. Ademais, diferenças dentro da própria cidade podem ser encontradas: Conforme evidenciou Loregian (1996), no bairro do Ribeirão da Ilha, a maioria dos informantes usa somente *tu* para referir à segunda pessoa. Desse modo, não se pode concluir que haja, de fato, diferenças de ordem social na distribuição dos pronomes *tu* e *você*, considerando-se como *social* as variáveis clássicas labovianas ‘sexo’, ‘escolaridade/classe social’ e ‘idade’. A regra que orienta a variação desses pronomes parece ser muito mais de ordem identitária e estilística (Cf. DAVET, 2013; SEVERO; NUNES DE SOUZA, 2015).

Neste capítulo, foi apresentada uma síntese de alguns resultados encontrados na análise das cartas de florianopolitanos ilustres, conduzida no capítulo anterior. Em seguida, partiu-se para o exame de dois conjuntos de cartas, um produzido por florianopolitanas não ilustres na década de 1960 e outro produzido por lageanos não ilustres nas décadas de 1950, 1970 e 1980. A partir dessas investigações, foi possível retomar pontos teóricos apontados no primeiro capítulo e correlacionar os resultados obtidos aos pressupostos teórico-metodológicos que orientaram este estudo, em especial aos problemas empíricos de transição e de

encaixamento, postulados por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), e aos problemas enfrentados pelos pesquisadores que se dedicam a pesquisas sociolinguísticas na perspectiva diacrônica (Cf. CONDE SILVESTRE, 2007).

A seguir, tecem-se algumas considerações sobre este estudo, assinalando o atendimento ou não às hipóteses aventadas, as limitações da análise conduzida e as potencialidades em termos de desdobramentos futuros desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central desta pesquisa foi descrever a distribuição dos pronomes de segunda pessoa do singular em três amostras de cartas produzidas por florianopolitanos ilustres entre fins do século XIX e fins do século XX. Foram realizadas, além disso, análises complementares com amostras de cartas produzidas por não ilustres na segunda metade do século XX, nas cidades de Florianópolis e Lages. Esta tese partiu dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança, que concebe a língua como um sistema dotado de heterogeneidade ordenada e comporta, portanto, regras variáveis, além de regras categóricas. Levaram-se em conta, também, problemas de ordem metodológica que se apresentam aos pesquisadores que investigam a língua em uma perspectiva diacrônica. Os resultados evidenciados no decorrer das análises permitiram a testagem de algumas hipóteses, expostas na Seção 2.3 e aqui retomadas.

A expectativa geral era de que fossem encontradas somente formas associadas a *tu* no século XIX e que, nas amostras do século XX, formas associadas a *tu* aparecessem em variação com formas associadas a *você*. Com relação ao sujeito usado nas cartas especificamente, esperava-se que houvesse uma correlação entre o pronome *tu* e sujeitos nulos e entre *você* e sujeitos plenos – essas duas hipóteses foram corroboradas.

Acreditava-se que, no século XIX, o complemento verbal acusativo de segunda pessoa do singular fosse realizado majoritariamente pelo clítico *te*, e que, no século XX *te* variasse com *o/a*. Essa hipótese foi parcialmente corroborada: nas cartas da Amostra Cruz e Sousa, datadas do século XIX, *te* é a forma de complemento acusativa preferida; na Amostra Maura de Senna, já no século XX, há alta quantidade de clíticos *o/a* – também verificada na Amostra Vale/FLN, onde consta, além disso, um dado de *lhe* na categoria morfossintática em questão; nas cartas escritas por Harry Laus, *te* permaneceu produtivo; e nas amostras lageanas, destacou-se a forma *você* como complemento acusativo.

Com relação ao complemento verbal dativo, esperava-se encontrar, nas cartas do século XIX, o clítico *te* e a forma preposicionada *a ti*; no século XX, a expectativa era de que o complemento dativo fosse expresso por formas variadas – o que foi, de fato, verificado. Observou-se, no século XX, uma prevalência das formas clíticas em detrimento das formas preposicionadas, além da alta produtividade da forma *zero*. Não se pôde concluir, considerando o universo das amostras investigadas, que a preposição *a* estaria sendo substituída por *para* – dado o baixo número de ocorrências de formas preposicionadas como complemento dativo.

Supôs-se que os complementos verbais oblíquos não apresentariam grande variação em sua forma – zero e sintagmas preposicionados. A diferença esperada era de que figurassem, no século XIX, somente formas *zero* e *sintagmas preposicionados* associados a *tu*, e que, no século XX, além dessas, também formas *zero* e *sintagmas preposicionados de você*, o que se confirmou nas análises conduzidas.

Na correlação entre sujeitos e complementos verbais, esperava-se que em cartas de sujeito categórico *tu* fossem realizadas como complemento verbal preponderantemente formas pronominais associadas a *tu*, em cartas de sujeito categórico *você* também apresentassem alto índice de complementos associados a *tu*, o que corroboraria os resultados concernentes à escrita epistolar do Rio de Janeiro e evidenciaria que um dos contextos de entrada de *você* no paradigma pronominal é o de sujeito. Os resultados, contudo, mostraram outras direções: cartas de sujeito categórico *tu* apresentaram preponderantemente complementos associados a *tu*; cartas de sujeito categórico *você* apresentaram preponderantemente complementos associados a *você* (à exceção das cartas da Amostra Harry Laus); e os complementos verbais de cartas de sujeito misto evidenciaram as preferências gerais observadas em cada amostra – por exemplo, na Amostra Maura de Senna, em que a preferência geral era por formas de *você*, cartas de sujeito misto apresentaram majoritariamente complementos associados a *você*, e na Amostra Harry Laus, em que a preferência geral era por formas de *tu*, cartas desse tipo apresentaram majoritariamente complementos associados a *tu*.

Esperava-se que a sócio-história da cidade de Florianópolis – e da cidade de Lages, considerando a análise exibida na Seção 4.3 – oferecesse indícios que ajudassem a elucidar a distribuição dos pronomes de P2. De fato, parece que a chegada do pronome *você* em Florianópolis coincide com as mudanças por que passou a cidade entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Também a colonização pode ser um fator considerado no que tange à preferência por um ou outro pronome na cidade de Florianópolis (colonização açoriana, preferência por *tu*) e Lages (colonização paulista, preferência por *você*).

Também se acreditava que as particularidades socioestilísticas de cada amostra pudessem dar pistas sobre o uso dos pronomes de segunda pessoa do singular, o que foi confirmado nas análises. Depoimentos de missivistas e o controle das temáticas contempladas nas cartas e dos remetentes e destinatário (quando possível) evidenciaram uma predileção pelo pronome *tu* no trato de assuntos mais pessoais e pelo pronome *você* no trato de assunto profissionais.

Discutir a representatividade das amostras foi uma preocupação constante nesta pesquisa. No contraste entre cartas de florianopolitanos ilustres e cartas de florianopolitanas não ilustres, observaram-se alguns usos nas cartas do segundo grupo, ausentes nas missivas do primeiro: o uso de *lhe* como complemento acusativo, de *o/a* como complemento dativo, e de sujeito *tu* acompanhado de verbo sem marca de concordância. As amostras lageanas evidenciaram que, enquanto em Florianópolis, não ilustres preferiam o pronome *tu*, em Lages, não ilustres preferiam o pronome *você*. Além disso, nessas cartas, verificou-se, além de um dado de sujeito *tu* acompanhado de verbo sem marca de concordância, também o alto uso da forma *você* como complemento acusativo.

Apesar da gama de resultados abarcados pelas análises aqui apresentadas, esta pesquisa exhibe algumas limitações: embora tenha se discutido a representatividade das amostras, parece não ser coerente deduzir que as cartas aqui investigadas *representam* a escrita epistolar florianopolitana e/ou catarinense, uma vez que ainda são necessárias outras pesquisas, de preferência com ampliação do *corpus*, para se apontar para tendências mais exatas; o recorte do objeto aqui proposto também pode ser expandido, pois a variação entre os pronomes de segunda pessoa pode ser observada também ao se examinarem pronomes possessivos e outros adjuntos, além das formas de imperativo; outros fenômenos podem ser investigados em concomitância aos pronomes de P2, como a ordem dos clíticos e a ordem do sujeito, com vistas a elucidar o encaixamento da variação entre *tu* e *você* no português florianopolitano e/ou catarinense.

Acredita-se, no entanto, que os resultados aqui expostos contribuem para a descrição do português florianopolitano e/ou catarinense, e, sobretudo, para o estabelecimento de um quadro que leve em conta resultados diacrônicos referentes à cidade e ao estado. Além disso, espera-se que os números aqui evidenciados auxiliem no mapeamento dos usos dos pronomes de segunda pessoa no português brasileiro, em consonância com o que vem sendo feito por inúmeros pesquisadores de outras localidades do país.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria Teresa dos Santos. **Formas de tratamento no dialeto oral urbano de Curitiba**. 1987. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

ALEXANDRE, Fernando. **Dicionário da Ilha: Falar & falares da Ilha de Santa Catarina**. Ilustração de Andréa Ramos. 27. ed. Florianópolis: Cobra Coralina, 1994.

ALMEIDA, Gilce de Souza. **Quem te viu quem lhe vê: ALMEIDA, G. de S. Quem te viu quem lhe vê: A expressão do objeto acusativo de referência à segunda pessoa na fala de Salvador**. 2009. 195 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. **O uso do tu e do você no português falado no Maranhão**. 2010. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ARDUIN, Joana. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na região sul do Brasil**. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BERTOLINO, Pedro. **Viagens com Maura**. Florianópolis: ACL, 1993.

BRANCHER, Ana Lice. A classe letrada em Desterro: Entre a história e a literatura. In: BRANCHER, Ana Lice; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 269-295.

CANÇADO, Márcia. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MÜLLER, Ana Lúcia; NEGRÃO, Esmeralda Vailatti; FOLTRAN, Maria José (Org.). **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 95-124.

_____. Os papéis temáticos. In: _____. **Manual de Semântica: Noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. p. 109-123.

CARDOSO, Bruno. **Um estudo variacionista das formas imperativas nas cidades de Florianópolis e Lages: Uma questão de encaixamento?**. 2012. 144 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2004.

CAVALCANTE, Rerisson; FIGUEIREDO, Cristina. Complementos verbais diretos e dativos. In: LOBO, Tania.; OLIVEIRA, Klebson. (Org.). **África à vista: Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 90-137.

CHEREM, Rosangela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana Lize; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 297-344.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHRISTIANO, Luiz. **Novembrada: A contribuição catarinense para o fim da ditadura**. 2002. Sonoro. Trabalho de conclusão de curso de Radiojornalismo – Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2002.

COELHO, Izete Lehmkuhl. **A ordem V DP em construções monoargumentais: Uma restrição sintático-semântica**. 2000. 259 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

_____. Natureza e extensão do encaixamento do pronome você no português de Santa Catarina. In: BATTISTI, Elisa; COLLISCHONN, Gisela (Org.) **Língua e linguagem**: perspectivas de investigação. Pelotas: Educat, 2011. p. 271-292.

_____.; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. Uma proposta metodológica para o tratamento da variação estilística em textos escritos. In: GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria (Org.). **Variação estilística**: Reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 163-199. (Coleção Linguística).

_____.; GÖRSKI, Edair Maria. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; REBOLLO, Letícia Rebollo. (Org.). **Formas de tratamento em Português e Espanhol**: Variação, mudança e funções conversacionais. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.

_____.; GÖRSKI, Edair Maria; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria; MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. (Série Para Conhecer).

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

DAVET, Julie Cristiane Teixeira. **Estudo da concordância verbal de segunda pessoa do singular em Florianópolis-SC**: Algumas implicações identitárias. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DIAS, Rafael Damaceno. Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: A cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX. **Espaço Plural**, Cascavel, v. 8, n. 17, p.33-38, jul-dez, 2007.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian;

KATO, Mary. (Org.). **Português brasileiro: Uma viagem diacrônica.** Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1993, p. 107-128.

_____. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro.** 1995. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

_____. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: _____. (Org.). **O sujeito em peças de teatro (1833-1992):** Estudos diacrônicos. São Paulo: Parábola, 2012, p. 21-44.

FALCÃO, Luiz Felipe. Dos corretos enganos e de outros desacertos: a presença portuguesa no sul da América. In: BRANCHER, Ana Lize; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina** Séculos XVI a XIX. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. p. 175-187.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta**, Curitiba, Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

FILGUEIRA, Bianca Melyna. Uma guerra longe do front: reflexos da política de nacionalização em Florianópolis durante a Segunda Guerra Mundial. **Santa Catarina em História.** Florianópolis, v.1, n.1, 2007. p. 59-69.

FURLAN, Oswaldo Antônio. **Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina.** Florianópolis, EdUFSC, 1989. (Série Didática).

GARCIA, Murilo dos Santos. Santa Catarina no palco das torturas: a Operação Barriga Verde. **Santa Catarina em História.** Florianópolis, v.5, n.2, 2011. p. 20-30.

GOMES, Cristina Abreu et al. Pressões estruturais e discursivas no condicionamento da variação: a ordem dos complementos verbais no português brasileiro. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 199-205.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. **A ocorrência de 2ª pessoa:** estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita. 1979.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

GUY, Gregory. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **Abralin**. 2001. Disponível em <http://sw.npd.ufc.br/abralin/anais_con2int_conf02.pdf>. (mimeo)

_____.; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística Quantitativa: Instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HAUSEN, Telma Acacia Pacheco. **Concordância verbal do pronome “tu” no interior do estado de Santa Catarina**. 2000. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. In: **Sociolinguistics Working Papers**. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, n. 44, 1978. p. 43-88.

_____. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, Winfred P.; MALKIEL, Yakov. (Ed.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982. p.17-92.

_____. **Principles of linguistic change: Internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of linguistic change: Social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard. (Ed.). **Sociolinguistics: The essential readings**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.

_____. [1966]. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

_____. **Principles of linguistic change:** Cognitive and cultural factors. Oxford: Blackwell, 2010.

LEÃO, Paula Biegelmeier; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMANN, Mario Silfredo. **Variação de “tu” e “você” no português falado no Sul do Brasil.** 2003. Disponível em: <file:///O|Homepage/livro2/artigo_paula.htm

LOPES, Célia Regina dos Santos. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **Ensino de gramática:** Descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007, p. 103-119.

_____. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX”. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes da. (Org.). **Sujeito e Linguagem:** Séries Trilhas Linguísticas. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.

_____.; CAVALCANTE, Sílvia R. de O. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. **Linguística,** Madri, v. 25, jun. 2011, p. 30-65.

_____.; COUTO, Letícia Rebollo. (Org.). **As formas de tratamento em português e em espanhol:** Variação, mudança e funções conversacionais. 1 ed. Niterói: Editora da UFF, 2011.

_____.; MACHADO, Ana Carolina Morito. Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre a segunda e a terceira pessoas nas cartas dos avós. In.: LOPES, Célia Regina dos Santos. (Org.) **A Norma Brasileira em Construção:** Fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 45-66.

_____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. O tratamento a Rui Barbosa. In: BARBOSA, Afrânio; CALLOU, Dinah. **A norma brasileira em construção:** Cartas a Rui Barbosa (1866 a 1899). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. p. 265-291.

_____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz.; SANTOS, Viviane Maia.; SILVA, Aline Santos. Quem está do outro lado do túnel? Tu ou

você na cena urbana carioca. **Neue Romania des Instituts für Romanische Philologie der FU**. Berlin, v.39, p.49 - 66, 2009.

_____.; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz; RUMEU, Márcia Cristina de Brito. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX: do condicionamento estrutural ao sociopragmático. In: LOPES, Célia Regina dos Santos; REBOLLO, Letícia Rebollo. (Org.). **Formas de tratamento em Português e Espanhol: Variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011. p. 315-348.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil**. 1996. 134 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 261 f. Tese (Doutorado) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCCA, Nívea Naves Garcia. **A variação tu/você na fala brasiliense**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

_____. **O estatuto do tu no português do Brasil**. Comunicação apresentada no 5º Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Belo Horizonte, 2007.

MACHADO, Ana Carolina Morito. **As formas de Tratamento nos teatros brasileiro e português dos séculos XIX e XX**. 2011. 237 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. Bugres, tropeiros e birivas: Aspectos do povoamento do planalto serrano. In: BRANCHER, Ana Lize; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 11-29.

MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância tu/você/senhor no município de Tefé – Estado do Amazonas**. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MELO, Maria Albertina Freitas de. **Contrapontos:** As cartas de Harry Laus e de sua tradutora francesa. 2001. 496 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Você, o senhor, ou o quê? In: **Linguagem & Ensino**, v. 1, n. 1, 1998. p. 135-150.

MENON, Odete Pereira da Silva; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: Tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (Ed.). **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-188.

MIRA MATEUS, Maria Helena.; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub. **Gramática da Língua Portuguesa**. 4. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 1994. (Série Lingüística).

MODESTO, Artarxerxes Tiago Tacito. **Formas de Tratamento no Português Brasileiro:** A alternância tu/você na cidade de Santos – SP. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MONTEIRO, José Lemos. **Pronomes pessoais**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MOSIMANN, João Carlos. **Catarinenses:** Gênese e história. Florianópolis: Edição do autor, 2010.

MOURA, Kássia Kamila. **A implementação do você em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX**. 2013. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NECKEL, Roselane. **A república em Santa Catarina:** Modernidade e exclusão (1889-1920). Florianópolis: EdUFSC, 2003.

NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. **Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX:** Uma análise sociolinguística das formas de tratamento. 2011. 282 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de

Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

_____.; COELHO, Izete Lehmkuhl. O sistema de tratamento em Santa Catarina: uma análise de cartas pessoais dos séculos XIX e XX. **Revista do GELNE**, v. 15, n. 1/2, p. 213-243, 2013.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Política linguística, Política Historiográfica**: Epistemologia e escrita da História da(s) Língua(s) a propósito da língua portuguesa no Brasil Meridional (1754-1830). 2004. 230 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

OLIVEIRA, Tiago Laurentino de. **Entre o linguístico e o social**: Complementos Dativos de 2ª pessoa em Cartas Cariocas (1880-1980). 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras Vernáculas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa no plural. In: SILVA, Gisele Machilne de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Org.). **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 311-323.

OSTHOFF, Hermann; BRUGMANN, Karl. **Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprache**. Leipzig: Hirzel, 1881.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e(é) Identidade**. Maceió: ED/UFAL e EDUFBA, 2004.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Variação e funcionalidade no uso de pronomes de 2ª pessoa do singular no português carioca. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 121-138, jul./dez. 1998.

_____. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). **Português Brasileiro**: Contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p. 160-169.

PAUL, Hermann. **Prinzipien der Sprachgeschichte**. Halle: Niemeyer, 1880.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Uso variável do presente no modo subjuntivo**: Uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. 2012. 350 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

PORTAL CATARINA. Disponível em:
<http://www.portalcatarina.ufsc.br/>. Acesso em maio 2015.

RAMOS, Myriam Pereira Botelho. **Formas de tratamento no falar de Florianópolis**. 1989. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

ROCHA, Patrícia Graciela. **O sistema de tratamento do português de Florianópolis**: Um estudo sincrônico. 2012. 336 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **A implementação do ‘você’ no português brasileiro oitocentista e novecentista**: Um estudo de painel. 2008. 2 vol. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, Sílvio Coelho. **Nova história de Santa Catarina**. 5. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand. [1916]. **Curso de lingüística geral**. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; LUCCA, Nívea Naves Garcia; DIAS, Edilene Patrícia; ANDRADE, Carolina Queiroz.; MARTINS, Germano

Ferreira. 2009. **Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro**, Comunicação apresentada no II SIMELP, Universidade de Évora.

SCHLEICHER, August. **Die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen**. Weimar: H. Böhlau, 1865.

SCHROEDER, Rosa Maria Steiner. **Uma mulher além de seu tempo**: Maura de Senna Pereira. 1997. 204 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SEVERO, Cristine Gorski. A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões. **Revista Voz das Letras**. Concórdia, Santa Catarina, Universidade do Contestado, n. 9, 2º sem., 2008.

_____.; NUNES DE SOUZA, Christiane Maria. Identidade e língua na Ilha de Santa Catarina: Sobre a relação entre o manezinho e o manezês. In: SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães; MARTINS, Marco Antonio; HORA, Dermeval da. (Org.). **Identidade social e contato linguístico no português brasileiro**. Rio de Janeiro: FAPERJ/EdUERJ, 2015. p. 13-36.

SOUTO, Américo Augusto da Costa; DALLABRIDA, Norberto. Prefácio. In: BRANCHER, Ana Lize; AREND, Sílvia Maria Fávero (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001. p. 7-10.

SOUZA, Camila Duarte. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você**: A variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). 2014. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; BERLINCK, Rosane de Andrade. ‘Eu disse pra ele’ ou ‘Disse-lhe a ele’: A expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth E. Vasconcellos; CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. (Org.) **Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro** – Estudos dedicados a Mary Aizawa Kato. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 61-83.

VIEIRA, Maria Aparecida Borges. **Os papéis de Harry Laus: um perfil do crítico de arte no jornalismo brasileiro.** 2009. 374 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

WAGNER, Ana Paula. Uma vida em comum: Africanos libertos e seus arranjos familiares em Desterro (1900-1819). In: BRANCHER, Ana Lice; AREND, Silvia Maria Fávero. (Org.) **História de Santa Catarina: Séculos XVI a XIX.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2004. p. 149-173.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. Revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.